
Alice Kellen
AUTORA BESTSELLER #1
EM PORTUGAL
O mapa dos desejos
MAIS DE DOIS MILHÕES
DE EXEMPLARES VENDIDOS
PRESENÇA

Alice Kellen

O mapa dos desejos

TRADUÇÃO DE
ANA RITA SINTRA

PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título: *O Mapa dos Desejos*
Título original: *El Mapa de los Anhelos*
Autora: *Alice Kellen*
Copyright © Editorial Planeta, S.A., 2022
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2024
Tradução: *Ana Rita Sintra*
Revisão: *Maria João Fonseca/Editorial Presença*
Imagem da capa: *Shutterstock*
Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
1.ª edição em papel, Lisboa, março, 2024

Reservados todos os direitos
para Portugal à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

Para o Juan,
que não escreveu este romance,
mas que tornou possível que eu o acabasse.

«Mais ou menos a cada dez anos, dou uma vista de olhos ao passado e consigo ver o mapa da minha viagem, se é que se pode chamar um mapa; mais parece um prato de esparguete. Se vivermos o suficiente e olharmos para trás, é óbvio que não fazemos outra coisa a não ser andar em círculos.»

ISABEL ALLENDE

A HISTÓRIA DA GRACE

1

O meu nome é Grace

Às vezes, deito-me na cama, fecho os olhos e imagino o início da minha vida. Vejo um espermatozoide mais rápido do que os restantes a mover-se com genica até chegar às trompas de Falópio. Abre caminho a dar à cauda e consegue conquistar o óvulo que todos almejavam, atravessando a membrana plasmática. Então, após a fecundação, eu entro em cena. Ainda não tenho olhos nem boca nem extremidades, mas existo.

Uma existência com um propósito.

A maioria das pessoas que conheço reflete com frequência sobre o motivo para ter chegado a este mundo, qual é o seu propósito ou se a sua vida tem uma razão de ser. Não lhes posso dar uma resposta, mas o meu destino foi claro desde o início, como a erva que cresce para alimentar o gado ou as abelhas que trabalham para polonizar tudo. Por isso, desde pequena, de cada vez que, na escola, pediam para me apresentar, pondo-me de pé, ou para escrever uma redação sobre a minha família, começava sempre por dizer:

«O meu nome é Grace Peterson e nasci para salvar a minha irmã.»

O avô costuma dizer que cheguei ao mundo com uma capa de super-heroína. Uma capa roxa, claro. Ondulava às minhas costas, embora mais ninguém a conseguisse ver, nem sequer a parteira que me pegou ao colo pela primeira vez. De certeza que, apesar de ter chorado escandalosamente ao nascer, estavam todos mais interessados noutra coisa: o valioso cordão umbilical cheio de sangue, cujas células estaminais conseguiram transferir para a Lucy a fim de erradicar a leucemia mieloblástica que lhe tinham diagnosticado com um ano e meio de vida.

Ao crescer, nunca pensei muito nisso, mas acho que resultou numa união profunda entre nós as duas, embora não pudéssemos ter sido mais diferentes. A minha irmã era doce e toda a gente dizia que o seu sorriso era genuíno e contagioso; os médicos adoravam-na, a mãe chamava-lhe «meu sol» e, quando o seu estado de saúde lhe permitia ir às aulas, todas as suas colegas lhe dedicavam a sua total atenção e carinho. «Tu brilhas, Lucy», assegurava-lhe o pai. «És como uma estrela cintilante.»

E quem não quer que a comparem com as estrelas, a Lua, os astros, as constelações ou as galáxias fascinantes e infinitas?

Eu, claro.

Eu, que sempre fui mais como um buraco negro: ninguém me entende lá muito bem, por mais que faça sentido na teoria, e continuo a ser um mistério até para mim mesma, com o meu campo gravitacional a impedir que alguma partícula se escape.

Assim sendo, longe da luminosidade da Lucy, tenho de me esforçar constantemente para sorrir. «É como se os meus lábios fossem feitos de papelão duro», confessei certa vez ao meu avô. E ele, após aconchegar-me na cama, respondeu: «Sabias que o papelão amolece quando lhe deitas um pouco de água? Devias experimentar para ver o que acontece, Grace.» Envergonha-me admitir que nunca me esforcei muito para o fazer. Mas tenho as minhas razões: o mundo é um lugar hostil. Não consigo ver a vida como um presente, mas como um caminho pedregoso e repleto de dor, injustiças, doenças e diversas penúrias.

Disse isto mesmo à Lucy numa noite de insónia, em pleno inverno, quando os flocos de neve flutuavam do outro lado do vidro e ela se levantou de madrugada para ir buscar um copo de água. Os nossos quartos ficavam um à frente do outro, pelo que o contraste era bastante evidente: a sua colcha era cor-de-rosa, a minha, roxa; ela ainda tinha peluches de quando era criança, eu já os tinha relegado todos para o sótão; ela tinha imagens em tons pastel emolduradas nas paredes, já as minhas estavam cheias de postais ilustrados de Vivian Maier ou papelinhos com palavras soltas com as quais andava obcecada.

— Lucy, não compreendo a vida.

— Como assim?

— É sobrevalorizada.

A Lucy deixou o copo na minha mesa de cabeceira e eu dei-lhe espaço na cama. Ela tinha as mãos frias. Mal distinguia a sua silhueta na escuridão, mas conseguia vislumbrar o seu cabelo louro espalhado pela almofada, a pele pálida, as olheiras e o rosto inchado devido à medicação, em contraste com as pernas magras como as de um flamingo.

— Talvez o problema seja tentares «compreender» a vida. Não é nenhum quebra-cabeças, Grace. Acredita em mim, já dei muitas voltas ao assunto. Pensei muitas vezes nela como se fosse um jogo, mas é uma porcaria, porque não há manual de instruções nem tática que funcione. Consiste só em lançar um dado e ver que números é que calham.

Não havia nada de que a Lucy mais gostasse do que os jogos de tabuleiro. Tem a sua explicação: o hospital era a sua segunda casa e, para se entreter, passava o tempo

com um baralho de cartas ou o último jogo que lhe tivessem oferecido. Na minha família, somos todos jogadores experientes, mas ela nunca teve um rival à altura.

«Tenho uma memória muito boa e demasiado tempo para pensar», costumava ela dizer quando lhe perguntava como era possível que adivinhasse todos os meus movimentos quando nos enfrentávamos perante um tabuleiro qualquer. Em vez de responder, limitava-me a voltar a distribuir as peças.

Separar a Lucy da sua doença era como pegar em várias tintas de guache, misturá-las e depois tentar restaurar as cores originais. As duas formavam uma trepadeira, com as suas flores e os seus espinhos: às vezes, a primavera ganhava a batalha e a Lucy resplandecia durante uma temporada, mas o inverno regressava mais tarde ou mais cedo.

«Já devia estar curada», dizia o pai.

Para sermos precisos, tecnicamente já estava. Ficou curada. Mas, alguns meses depois, diagnosticaram-na com DECH, a doença do enxerto contra o hospedeiro. Ou, por outras palavras: uma complicação grave após o transplante alógeno que se resumia numa luta incansável das minhas células contra o sistema imunitário da Lucy. Começaram a dar-lhe corticoides e imunodepressores para evitar que rejeitasse o transplante, mas, por outro lado, as suas defesas tornaram-se tão debilitadas que ficava sempre à mercê de qualquer infeção oportunista, desde pneumonias a múltiplas infeções urinárias.

Quando falavam disso, só era capaz de imaginar um punhado de minhocas a contorcer-se.

Fascinante era o facto de a Lucy, apesar de tudo, não estar zangada com o mundo pelo que lhe estava a acontecer. Quanto mais ela aceitava a sua doença, mais me incomodava que o fizesse. A grande pergunta andava sempre a flutuar em meu redor: «Porquê?» O meu avô diz que, já em pequena, dava para perceber que aquilo se ia transformar num problema, porque vivi com intensidade aquela etapa em que as crianças questionam tudo. «Porque não podem existir novas cores?», «Porque é que as vacas têm manchas pretas e não violeta?», «Porque é que todos os meninos da escola têm cabelo curto?», «Porque é que os picles se chamam picles?», «Porque é que a água do mar é salgada?».

Atualmente, continua colado na parede do meu quarto o primeiro papelinho que escrevi, em que se pode ler «PORQUÊ?». Todos os outros foram mudando com o passar dos anos: houve uma época em que andei obcecada com a palavra «pispirreta» e outra em que não conseguia parar de pensar na beleza contida em «azálea», «escaravelho» ou «buganvília». A minha parede é uma serpente que vai mudando de pele.

Porém, a grande pergunta permanece. Não importa quanto tempo passe, sobrevive sob a chuva e não é afetada pelo frio nem pelas altas temperaturas. É inamovível.

«Porque é que a Lucy teve de ficar doente?»

Qualquer um diria: «Ora, porque sim, porque a vida é assim, porque o mundo é um lugar aleatório e caótico, não há regras nem estatísticas que nos sirvam de muito. Por isso, para de dar voltas ao miolo, arranca o maldito papel da maldita parede e aceita-o de uma vez por todas.»

Mas, como não sou qualquer uma, continuo obstinada.

Estava escrito? Haverá um código secreto para cada um de nós no Universo imenso, tão complexo como o próprio ADN? Poderíamos alterar o nosso destino se conseguíssemos adivinhar o que vai acontecer no futuro? Será possível que algum ser superior e divino decida que uma menina de dois anos mereça enfrentar o cancro, uma inundação, morrer de fome ou qualquer outra desgraça do mesmo género?

A mãe contou-me, certa vez, como é que tudo começou: foi por causa de umas petéquias. A pequena barriga da Lucy encheu-se de pontinhos avermelhados e, depois, surgiram os hematomas. «Caíste?» «Não», respondia ela. «Algum menino te bateu no parque?» E ela voltava a negar com a cabeça. Após uma consulta de rotina no pediatra, acabou internada no hospital e foi então que começaram os exames.

O diagnóstico foi rápido. Assim como a quimioterapia. E a minha chegada triunfal ao mundo, com todas aquelas esperanças depositadas numas quantas células.

A felicidade durou pouco.

Olhando para trás, acho que cresci no interior de um palácio abandonado que se desmoronou até se transformar num monte de ruínas.

Os meus pais tinham-se conhecido numa festa da empresa para a qual trabalhavam e, nessa altura, imagino que o salão do palácio imaginário estivesse no seu esplendor, com candelabros e paredes revestidas com papel colorido enquanto eles dançavam no centro: ele sempre foi um homem muito atraente (como diziam constantemente as vizinhas e as amigas da mãe) e ela era muito inteligente. Juntos, formavam a equipa perfeita: depois de consolidarem a sua união, faziam churrascos no jardim e eram considerados «um casal interessante». A mim não me ocorrem muitos elogios mais maravilhosos do que esse: ser interessante.

Eram ambos agentes imobiliários.

O pai deslumbrava os compradores com a sua simpatia, o seu sorriso branco e perfeito, os seus gestos seguros e aquela sedução ao estilo dos anos cinquenta que emanava sem esforço.

Mas ela era muito melhor. A mãe era conhecida como «Rosie, o tubarão». Os clientes tornavam-se as suas presas assim que lhe iam parar às mãos. Conseguia

juntar cada casa aos seus potenciais compradores. Vendera vivendas em ruínas, outras com fama de estarem amaldiçoadas e até algumas em que tinham sido cometidos assassínios. Foi nomeada duas vezes consecutivas a melhor agente imobiliária do estado e deslumbrava sempre nas galas natalícias que se celebravam na cidade.

Com a chegada da Lucy ao mundo, os Petersons transformaram-se no casamento perfeito. Até a palavra «cancro» escavar um buraco nas suas vidas e aparecerem as primeiras rachas. Quando eu cheguei ao mundo, o dano ainda era reparável. Mas, conforme a saúde da minha irmã se foi deteriorando, a fenda tornou-se mais profunda e a mãe passou de ser uma estrela na empresa a conformar-se em jogar Monopólio no hospital quando a Lucy tinha um bom dia. Deixou o trabalho. Deixou de cantar de manhã enquanto preparava o café. Deixou de sair com as suas amigas. Deixou de se olhar ao espelho. Deixou tudo.

Como comecei por dizer, na escola pediam-nos às vezes para escrevermos uma redação sobre a nossa família, falando de algum dia especial ou fazendo um desenho. A figura que mais se destacava na minha obra de arte era sempre a do meu avô: a sua representação era maior do que a dos meus pais, pois o mesmo se podia dizer do papel que ele desempenhava na minha vida. Costumava desenhar a Lucy com um sol na cabeça, deitada inerte sobre uma cama. E, ao seu lado, estava eu: pequenina, quase risível, um borrão de tinta que poderia passar despercebido.

Quando temos uma irmã doente, aprendemos a desenrascar-nos sozinhos, forçosamente. Não esperamos que os nossos pais nos leiam contos antes de ir dormir ou que venham ver-nos na próxima competição de patinagem no gelo, porque, provavelmente, estarão ocupados a tentar que a sua outra filha não morra por causa de uma infeção.

Não me lembro do momento em que se deram conta de que fingir uma certa normalidade familiar era uma utopia ridícula. Por vezes, havia temporadas boas, daquelas em que a Lucy até podia ir às aulas e todos nos sentíamos como se estivéssemos congelados dentro de um quadro perfeito de Edward Hopper, no qual estava retratado um momento absurdamente quotidiano, mas nunca durava muito. A recaída chegava sempre e o hospital tornava-se o quartel-general da batalha, com a minha mãe ao pé do canhão e o meu pai a trabalhar cada vez mais horas para conseguir cobrir os gastos médicos e evadir-se da dor.

E onde é que eu encaixava nessa equação?

Bem, em casa do meu avô, que vivia a alguns quarteirões de distância. Ao pensar na minha infância, vejo o escuro telhado de duas águas, os ninhos que os pássaros construíam na árvore que se via da janela da sala e cujas folhas caíam de um dia para o outro aquando da chegada do outono: sei-o porque adorava saltar para cima delas e

ouvi-las a estalar. *Crac, crac, crac.* Um pouco mais afastado, o Henry Tallon, como todos no bairro conheciam o meu avô, observava-me em silêncio enquanto bebia café, sentado nos degraus do alpendre. Nunca foi um homem falador; tem a crença firme de que o «sim» e o «não» são suficientes para responder a qualquer coisa e não gosta da ideia de esbanjar palavras. Possui aquela praticidade que a minha geração perdeu de todo; ou seja, só sai para comprar um par de sapatos quando aquele que usa se estraga ou, ao chegar a época da abóbora, rende-se a ela porque sente a obrigação de nunca rejeitar o que lhe oferecem os seus generosos vizinhos, pelo que comemos creme de abóbora, bolos e bolachas de abóbora, cerveja de abóbora, rolo de carne com abóbora, panquecas de abóbora com mel e até esparguete de abóbora.

Mas, quando penso nele, também o vejo a levar-me ao rinque de patinagem no gelo ou a acompanhar-me até à paragem do autocarro escolar. E a oferecer-me a minha primeira câmara fotográfica ou a ensinar-me a andar de bicicleta. Foi algo deste género:

— Ponho os pés nos dois pedais?

— Sim.

E assim fiz. Consegui avançar um metro antes de cair, no final da rua. O meu avô agarrou-me o cotovelo para me ajudar a levantar.

— Correu bem?

— Não.

— Vou tentar outra vez.

— Sim.

— Isto é para travar?

— Sim.

— Está bem.

E, com mais alguns sins e nãos, aprendi a equilibrar-me. Desde então, desloco-me de bicicleta por Ink Lake, não importa se é inverno ou verão. Devo-o a ele, assim como muitas outras coisas. Não era por os meus pais não desejarem fazer parte daquele momento, mas por terem sempre coisas mais transcendentes para fazer. Imagina que tens de decidir entre passar a tarde com a tua filha moribunda, que acabaram de intubar devido a uma nova complicação, ou pedalar um pouco com a outra. A balança já estava inclinada antes mesmo de escreverem o meu nome na certidão de nascimento.

Portanto, habituei-me a viver entre as sombras, nos bastidores.

Se não fizermos barulho, se aprendermos a caminhar em bicos dos pés, chega um momento em que nos tornamos invisíveis até quando nos olhamos ao espelho. «Quem és tu?», perguntava-me às vezes, contemplando o reflexo do meu eu de vinte

e dois anos. A resposta repetia-se na minha cabeça quando regressava alguma noite a casa de madrugada e a encontrava vazia; o pai estava lá, mas nem sequer se dava ao trabalho de me pregar um sermão. Nunca ia sozinha: acompanhavam-me dois copos a mais e uma solidão asfixiante.

Ao deixar-me cair na cama, aquela certeza dava voltas em meu redor. «O meu nome é Grace Peterson e nasci…» Caçava as palavras que esvoaçavam como libelinhas. «Nasci para…» Escrevia-as em papelinhos, procurava pioneses, espetava-as na parede para que não se escapassem. «… salvar a minha irmã.» E, por fim, o sono abraçava-me conforme amanhecia do outro lado da janela. Dormia tranquilamente. Conseguia fazê-lo porque os meus vazios diminuíam de tamanho ao recordar que, apesar deles, era a rapariga que tinha sido capaz de mudar uma vida, de desafiar o destino, de ser a heroína da história.

No mundo dos sonhos, encontrava-me em cima de um palco cheio de focos de luz, o público aplaudia entusiasmado e a Lucy fitava-me com um sorriso exultante enquanto estendia o braço para me pegar na mão; mas, precisamente quando os seus dedos roçavam a ponta dos meus, a fantasia transformava-se num pesadelo e ela começava a desvanecer-se como se fosse feita de fumo: volutas púrpura ondeavam até desaparecerem de repente.

«O meu nome é Grace Peterson e nasci para salvar a minha irmã.»

Então, o que é que acontece quando a razão da nossa existência acaba debaixo da terra, com uma lápide de granito cinzento de mais de cem quilos em cima?

Acontece que damos por nós à deriva no meio do oceano. Acontece que é como flutuar e, ao mesmo tempo, levar uma mochila cheia de pedras. Acontece que o mundo se distorce em nosso redor como as ondas de calor no verão. Acontece que o medo ganha a batalha contra a razão. Acontece que tudo fica paralisado.

Agora, a Lucy está morta.

E eu já não sei quem sou.

2

O jogo da Lucy

Dois factos importantes sobre o dia de hoje: já passaram quatro meses desde que a Lucy deixou este mundo e o avô faz setenta e oito anos.

É quase uma ironia, como se ambos estivessem de cada lado de uma balança e o azar se tivesse encarregado de brincar com eles para passar um bom bocado. O avô já viveu mais cinquenta e quatro primaveras do que a sua neta mais velha, embora eu saiba que lhe teria oferecido todos esses anos de bom grado se isto fosse uma distopia e pudéssemos comercializar o tempo; claro que, nesse caso, talvez a Lucy nunca tivesse chegado a existir.

Continuo a matutar no assunto enquanto o Tayler me beija.

— Terra chama Grace. Em que estás a pensar?

No azar e na morte, mas sei que o Tayler não quer ouvir isso. Para ser mais exata, a única coisa que deseja, na verdade, é simplesmente despir-se e despir-me. Não faço a mínima ideia da razão por que continuo a encontrar-me com ele nem tão-pouco seria capaz de explicar de forma coerente o motivo por que comecei a ir para a cama com ele. «Por aborrecimento.», «Para mitigar este sentimento de solidão que nunca me abandona.», «Para parar de pensar na Lucy.», «Porque a linha que separa o sexo do amor é fina e mantenho sempre a esperança de conseguir saltar de um lado para o outro.» Qualquer uma das opções anteriores poderia ser válida. Mas que diferença faz? Por acaso alguém se importa?

— Estou a pensar no quanto gosto de ti — minto.

O Tayler sorri, satisfeito, e apaga o cigarro no cinzeiro antes de se inclinar e enfiar as mãos por baixo da minha *T-shirt*. Tento deixar-me levar pelas suas carícias quando ele se coloca em cima de mim, mas volto a distrair-me com a palavra que anda a rodopiar-me pela mente há semanas. «Nefelibata: pessoa sonhadora que anda com a cabeça nas nuvens.» Adorava ser mesmo assim e saltar entre as nuvens de algodão, alheia a tudo.

Cravo os olhos no teto do quarto enquanto o Tayler se afunda dentro de mim. A sensação não é nova, andamos a encontrar-nos de maneira intermitente há bastante

tempo. Na escola, ele estava três anos à minha frente e era o típico rebelde: andava de mota, andava metido nas drogas e terminava todas as noites com uma rapariga diferente. Oito anos mais tarde, aos vinte e seis, continua exatamente igual. Nunca tive uma conversa interessante com ele e duvido que, no fundo, ele saiba alguma coisa sobre mim além do tamanho das minhas mamas, mas une-nos algo essencial: tanto a sua vida como a minha estão estagnadas. E estamos encalhados no meio do nada.

Ele afasta-se depois de terminar. Nem sequer me vim.

— Ouve, Grace.

— Diz.

— Levas o lixo quando saíres?

— Vai-te lixar.

Mas não fico chateada. É impossível ficarmos chateados com alguém que não nos importa. O Tayler tenta reter-me abraçando-me pela cintura, mas eu livro-me dele e visto-me à pressa. Ele pergunta se voltarei amanhã. Limito-me a mostrar-lhe o dedo do meio, embora ambos saibamos que, provavelmente, voltaremos a falar dentro de alguns dias.

Deixei a bicicleta presa ao poste de luz junto à casa que o Tayler divide com outros dois amigos. Monto-a e pedalo com energia pelas ruas largas ladeadas de árvores em todo o seu esplendor primaveril, embora sempre me tenha sentido mais atraída pelas paisagens outonais, quando as folhas douradas e castanhas cobrem os passeios. É uma cidade pequena, mas não tanto que não nos sintamos entre um mar de desconhecidos. Exceto pela zona residencial onde vivemos, claro, aí toda a gente sabe que somos a família da rapariga morta. Muitos vizinhos foram ao enterro e o frigorífico lá de casa, que costuma estar vazio, ficou recheado com os pratos que traziam e que acabaram por apodrecer. É possível que Ink Lake seja só mais uma cidade perdida no meio do Nebrasca, mas a simpatia das pessoas faz parte do seu encanto.

Vista de cima, tem uma forma arredondada, embora apresente um ligeiro desvio numa das extremidades, pelo que, na realidade, parece um caracol. No centro há lojas, vários cafés, restaurantes e bares, negócios familiares e uma farmácia que subsistiu até ao seu encerramento graças à medicação que encomendávamos para a Lucy. Também há um cinema, mas é pequeno e tão antigo que, se nos sentarmos num dos lugares, corremos o risco de não nos voltarmos a levantar; é melhor não saber porque estarão tão pegajosos. Quase nos limites da cidade, fica a zona mais precária, ocupada por caravanas e também pela minha hamburgueria preferida: é impossível resistir à especialidade da casa.

Quando andava na escola, quase todos os meus colegas sonhavam ir para outro lugar melhor. Apesar de ter sido testemunha dessa fantasia durante toda a minha vida, nunca a levei a sério. Nunca saí do estado. Devido à doença da Lucy, viajávamos assiduamente para Omaha, até a encaminharem para outro especialista no hospital de Lincoln, que ficava mais perto. Dessa maneira, quando ela ficava internada e eu a queria ver, podia apanhar o autocarro da linha nove e ouvir música durante a hora e um quarto de trajeto, já que sempre tive pânico de conduzir.

Então, ao chegar à cama dela, a minha existência voltava a ter sentido. Ali estava. A heroína invisível. A salvadora silenciosa. A portadora de células indestrutíveis.

— Já imaginaste como seria ir para a universidade, Grace? — perguntou-me a Lucy numa tarde chuvosa de primavera. — Estudar algo que te apaixone num lugar onde podes começar do zero sem que ninguém pressuponha nada em relação a ti.

— Não parece nada de mais.

— Tu podias fazer isso. Ir para Nova Iorque, vestir-te de maneira extravagante e comer um cachorro-quente à frente de alguma montra decorada. E quem sabe? Talvez acabes por te tornar uma patinadora famosa, e eu iria visitar-te no verão, ficava no quarto de hóspedes do teu sofisticado apartamento minimalista.

— Vês demasiados filmes, Lucy.

— Sonhar é de graça — ripostou ela.

Peguei na caixa do jogo que estava na mesa de cabeceira, abri-a e distribuí as peças. A tarde passou-se entre lançamentos de dados até ela adormecer e uma das enfermeiras entrar para lhe dar outra dose da medicação. Depois, o silêncio foi a nossa única companhia. A mãe tinha aproveitado a minha visita para ir a casa tomar banho, mas não tardaria a regressar. Contemplei o rosto da minha irmã e tentei vislumbrar aquela parte dela que parecia alheia à doença. Como teria sido a sua vida com saúde? Ainda mais complexo: como teriam sido as vidas da família Peterson?

Em dada ocasião, em criança, enquanto observava o tronco da árvore que crescia no lote da casa do avô, compreendi que era a metáfora perfeita da existência. Em primeiro lugar: necessita de água e nutrientes para sobreviver. Em segundo lugar: o caminho inicial é direito, mas, mais tarde ou mais cedo, ela divide-se, crescem vários ramos e temos de começar a tomar decisões. A vida deixa de ser linear e passa a parecer-se mais com um labirinto. Cada caminho que escolhemos implica deixar outros para trás, e isso é aterrador.

Por isso, sim, noutra vida tenho amigas e falo com elas sobre ir para bem longe de Ink Lake. Cumpro os meus sonhos, alcanço o sucesso, conheço homens interessantes, apaixono-me, parto algum coração e como gelado com as minhas companheiras de apartamento quando me partem o meu. Viajo para a Europa, celebro o Ano Novo em

grande, chorar torna-me mais forte, provo pratos exóticos e bebo vinho branco em copos de cristal. Durante as férias, regresso a casa para visitar os meus pais e abraço a minha irmã assim que entro pela porta. É uma irmã de bochechas rosadas, olhos brilhantes, cabelo sedoso e células intactas. Apresenta-me o seu namorado e, após o jantar em família, ficamos a rir e a falar no telhado da casa até às tantas, quando a mãe espreita pela claraboia para pedir que falemos mais baixo.

É tão ridiculamente perfeito que fico com náuseas enquanto pedalo cada vez mais rápido, com as mãos a apertar o guiador como se o desejasse estrangular.

De qualquer forma, rebobinemos.

O caminho percorrido foi outro. Por isso é que me encontro aprisionada numa pequena cidade da qual nunca imaginei escapar. A estagnação tem algo atrativo que é difícil de explicar. Imagina um poço escuro: a água não se mexe, não flui, tudo se mantém silencioso e imóvel, tranquilo. E, se taparmos o nariz, nem nos damos conta do cheiro putrefacto que emana. Assim sendo, aqui estou eu, ancorada a um presente cinzento, com a palavra «nefelibata» a flutuar em meu redor. Há anos que não faço patinagem no gelo, não tenho a certeza se tenho sequer uma única amiga verdadeira, acho que o meu pai tem segredos e daqui a um minuto vou virar à esquerda para entrar em casa do meu avô, celebrar o seu aniversário e fingir que a vida continua e que, mais precisamente, a minha ainda tem algum sentido.

A mesa já está posta na sala e cheira a bolo de limão, o preferido do avô. Parece-me um milagre a minha mãe ter-se dado ao trabalho de o fazer; suponho que se deve ao facto de ser uma ocasião especial. Quando nos sentamos à volta do rolo de carne de frango recheado, reparo que os talheres estão alinhados sobre os guardanapos azuis. Em teoria, tudo parece perfeito, mas o silêncio na divisão é denso. A mãe trata de cortar e servir a comida, o pai parece concentrado num fiozinho solto da toalha e o avô mantém-se tão sério e calado como de costume.

Adorava poder gritar. Ou pôr-me a dançar. Ou fazer algo completamente inesperado, como o pino contra a parede ou imitar os movimentos de um orangotango zangado.

— Está delicioso, Rosie — comenta o meu pai. — Mesmo no ponto.

— Obrigada, Jacob. — Ela nem sequer faz menção de olhar para ele.

Os dois podiam ser atores que se acabam de conhecer e que estão a ler algumas frases do guião à mesa para que a equipa de filmagens consiga decidir se há química entre eles.

O veredicto: é inexistente.

A refeição decorre com conversas triviais e pausas demasiado longas após cada frase,

como se nos custasse imenso pronunciar cada palavra. Ninguém me pergunta onde passei a noite; aliás, o mais provável é que nem sequer se tenham apercebido da minha ausência. O único que me tentou impor limites há anos foi o avô e tornou-se impossível continuar a fazê-lo quando eu atingi a maioridade.

— Vou buscar o bolo. — A mãe levanta-se.

Ponho-me de pé e ajudo a levantar a mesa com o resto da família. Parecemos quatro fantasmas enquanto andamos da sala para a cozinha e vice-versa. Minutos mais tarde, a minha mãe pousa o bolo com uma cobertura amarelada de limão no centro da mesa e coloca as velas. Será que mais alguém está a pensar agora mesmo que a Lucy nunca vai celebrar os trinta, os quarenta ou os cinquenta? Será eternamente jovem na nossa memória e pergunto-me se, quando eu tiver a idade do avô, me parecerá estranho pensar na minha irmã mais velha como aquela rapariga loura que morreu poucos dias antes de fazer os vinte e cinco.

Ele sopra com força e apaga as velas.

— Pediste um desejo, avô?

— Claro que sim. — Ele pega no prato que a sua filha lhe estende e enterra a colher no bolo gelatinoso. Depois, leva o pedaço à boca e parece pensativo antes de acrescentar: — Na verdade, tenho uma coisa para vos dizer sobre este desejo. Vou para a Florida.

— O quê? — A mãe fita-o com incredulidade.

Pode parecer algo trivial, mas, se a memória não me falha, não me lembro de o avô ter dormido fora de casa nem uma só vez. Também não sei o que é que ele tem para fazer na Florida.

— Um amigo convidou-me para passar uma temporada na cidade. Acho que me vai fazer bem uma mudança de ares. Além disso, vamos à pesca. Sempre quis aprender a pescar.

— Mas que amigo, pai?

— O McGregor. Éramos da mesma divisão.

— Com tudo o que se passou, não acho que este seja o melhor momento para ires viver uma aventura. O médico disse que o teu coração está fraco e tens o colesterol elevado…

O avô mete a colherada de bolo na boca e engole com tanta força que qualquer pessoa diria que acabou de devorar um punhado de parafusos. Ele respira fundo e, prosseguindo, diz a maior série de frases que o ouvi pronunciar em toda a minha vida.

— Rosie, filha, se não for agora, será quando? Olha para mim. Tenho quase oitenta anos e há décadas que não me acontece nada de interessante. Passei metade da vida a

chorar a perda da tua mãe e o resto a sofrer pela doença da Lucy. Tentei ser um pilar firme para esta família, mas abre os olhos: ela já não está cá e a melhor forma de honrar a sua memória é seguir em frente.

O avô engole uma nova colherada. Os olhos da mãe enchem-se de lágrimas e ela levanta-se da mesa com brusquidão. O pai pede desculpa com um murmúrio quase inaudível e segue-a pouco depois. Ouvem-se vozes ao longe e, em seguida, uma porta a bater. Eu e o aniversariante acomodamo-nos num silêncio cúmplice.

— Parece que ficámos a sós.

— Vais comer a tua fatia de bolo?

— Sim — respondo. — E, já agora, acho que é um bom plano ires para a Florida, embora não te imagine a pescar. Sabias que as minhocas continuam vivas quando as espetas com o anzol? Vi num documentário.

O avô sorri ao de leve e depois solta um suspiro. Parece cansado enquanto me observa em silêncio a comer uma colherada de bolo atrás de outra. Considero-me uma cirurgiã emocional brilhante e, com frequência, pego num bisturi mental para abrir o coração dos que me rodeiam e ver o que têm lá dentro, mas o avô Henry é um osso duro de roer. *Talvez tenha o coração feito de pedra e seja preciso a porcaria de um berbequim para chegar até ao fundo*, pensei certa vez. Não é fácil saber o que está a sentir quando o seu olhar obscurece e ele se mostra ausente, a quilómetros de distância. Teve uma vida difícil e a alma foi-se-lhe enrugando enquanto passava o tempo na oficina, antes de se reformar, a esculpir móveis ou bugigangas de madeira. O dia em que a Lucy nos deixou foi como se uma lápide acabasse de cair sobre ele. O meu avô sempre fora a ilha para a qual remar quando nos sentíamos à deriva; mas, subitamente, vi-o envelhecido e mais taciturno do que o costume.

Até ao dia de hoje.

Fazemos companhia um ao outro e, passado um bocado, apercebo-me de que está nervoso. Não é algo habitual nele, graças à sua atitude reservada, mas ele tamborila sobre a mesa e desvia o olhar quando os meus olhos procuram os seus.

— O que é que se passa? Estás preocupado com a viagem?

— Não.

— Já sabias que a mãe reagiria assim — insisto, porque não é segredo nenhum que a Rosie passou os últimos quatro meses enfiada na cama ou diante da televisão, sem saber o que fazer após a morte da sua filha; não consegue conceber que o mundo continue a girar, alheio à sua dor. — Mas andas a cuidar de todos nós há anos e acho que chegou o momento de fazeres o que te apetece.

— Grace…

— Devias comprar uns calções de banho.

— Tenho uma coisa para te dar.

— Não estás a pensar dividir a herança antes de ir para a Florida, pois não? Porque eu sei que estas semanas têm sido complicadas, mas em breve vou arranjar um trabalho que dure mais do que alguns dias…

— É da Lucy — interrompeu-me ele, com a voz rouca.

Não me movo. O avô sai da sala enquanto eu o sigo com o olhar e regressa uns minutos mais tarde com uma caixa nas mãos, embrulhada com um suave papel dourado e um laço pomposo que parece ter preso um envelope roxo com alguma coisa lá escrita, mas não o chego a ler, pois ele estende-me outro, lilás, em que se pode ler «Grace» e, antes de ter consciência do que isto significa, já estou a rasgar o papel com as mãos a tremer e o coração acelerado.

— Vou deixar-te sozinha — diz o avô.

Tenho a boca tão seca que não consigo responder antes de ele abandonar a divisão. E ali, ao pé dos restos de bolo de limão e do cheiro a velas de aniversário, reencontro-me com a minha irmã. Não é mesmo ela. Não em carne e osso, pelo menos. Mas não há dúvida de que a caligrafia alongada é a sua, dolorosamente sua, e tenho de me esforçar para ler porque vejo tudo desfocado por causa das lágrimas.

Não existe uma maneira correta de começar esta carta. Já experimentei desde o típico «Se estás a ler isto, significa que estou morta» até tentar ser engraçada ou estupidamente profunda, mas tudo me soa forçado. Por isso, vais ter de te conformar com isto, pequena Grace.

Sempre gostei de te chamar assim. Acho que se deve a uma fantasia em que desempenho o papel de irmã mais velha e tu vens ter comigo para falar da minha experiência com rapazes ou amizades, estudos ou inquietações. Consegues imaginar? Podia ter usado frases como «Empresto-te esse lápis de olhos quando fizeres quinze anos» ou outras coisas do estilo, mas ambas sabemos que isso nunca aconteceu. Na prática, tu ias um passo à frente, independentemente da idade.

Pelo menos resta-me esta alcunha carinhosa. E suponho que isso também explica que tenhas esta carta nas mãos. Acontece que estou pronta para me despedir do mundo, mas não de ti. Ainda há muitas coisas que gostava de te dizer ou viver ao teu lado. Quem me dera que pudéssemos continuar a crescer juntas, mas não sou tão ingénua ao ponto de não me dar conta de que o fim se aproxima. É curioso o facto de, conforme se me acaba o tempo, os dias me parecerem mais longos e monótonos, presa a esta cama. E penso muito. Penso demasiado, porque não tenho mais nada para fazer, além de ganhar sem esforço sempre que alguém decide fazer-me companhia e pegar num baralho de cartas ou abrir um tabuleiro. Então, um dia tive uma ideia brilhante: «Porque não criar o meu próprio jogo?» Um jogo que fosse único, diferente e em que pudesse continuar a viver de alguma forma quando já cá não estiver.

E assim fiz. Fi-lo para ti.

«O Mapa dos Desejos.»

Tive a imensa sorte de contar com a ajuda do avô. Se te entregou o embrulho, significa que finalmente pensa que é o momento certo e que decidiu fazer aquela viagem à Florida que anda a adiar há anos. Por favor, dá-lhe um beijo da minha parte e diz-lhe que o amo e que espero que desfrute de cada instante.

Pequena Grace, tu salvaste-me uma vez, há muito tempo. Agora é a minha vez de fazer alguma coisa por ti. Não vale infringir as regras, que eu já te conheço. Segue todas as instruções do jogo.

E dá ouvidos ao Will.

Com amor, Lucy.

Pestanejo várias vezes. Ainda estou comovida. Volto ao início para a reler mais devagar, saboreando cada palavra e parando nos pontos e nas vírgulas. Mas, quando chego ao final, continuo igualmente confusa.

Porque, para começar, quem raio é o Will?

3

Will Tucker

A situação é esta: estou sentada diante de uma caixa que, em teoria, esconde «O Mapa dos Desejos» e não a posso abrir. O mesmo se passa com o envelope roxo que tenho na mão e que não paro de examinar de todos os ângulos, desejando ter o superpoder de ver através da matéria para poder ler a carta que está no seu interior.

Em letras grandes e maiúsculas, lê-se «Will Tucker».

E, um pouco mais abaixo, há uma morada. A rua não me soa estranha, sei que fica para o centro de Ink Lake, apenas demoraria vinte minutos a chegar lá de bicicleta se decidisse levantar-me e pôr-me a mexer, mas isso não parece provável.

Estou paralisada.

Tenho a estranha sensação de que a Lucy está e não está aqui ao mesmo tempo. É bastante inquietante, sobretudo tendo em conta o quanto me esforcei durante estes últimos meses para não pensar nela, para não a recordar, para não chorar todos os dias.

— Não compreendo — repito.

— Talvez seja essa a chave, Grace.

— Mas, vamos lá ver, porque é que ela não me disse nada? Nós contávamos tudo uma à outra. Ou quase tudo. Quero dizer, pelo menos ela sim.

— Ah, então tu podias ter segredos, mas a Lucy não. — O avô ergue uma sobrancelha e depois suspira. — Vou fazer café.

— O meu pode ser duplo, por favor.

Sei o que ele insinuou antes de sair da sala, mas é claro que ele não percebe que, por vezes, me parecia uma crueldade contar à Lucy que nessa mesma noite ia a uma festa ou que tinha algo combinado com algum rapaz, por isso tinha os meus segredos, sim. Fazia-o por ela. Por ela e por mim, porque odiava a culpa que sentia quando me ia embora e ela tinha de ficar no hospital com todas as suas células, as suas e as minhas, numa batalha esgotante em conjunto com o exército de corticoides que lhe davam aquela cor de pele olivácea, o inchaço no rosto, a comichão na pele e a descamação.

Mas pensava que sabia tudo sobre a Lucy.

Porque «tudo» não era muito, na verdade.

No verão, durante as férias, encontrava-se com algumas colegas que conhecera na escola quando elas regressavam à cidade. E, de vez em quando, ia visitar a sua amiga Marge ao café em que ela trabalhava. O último rapaz com quem tinha andado chamava-se Tom, isto há mais de três anos. Embora agora já não tenha tanta certeza disso, claro. Porque tenho nas mãos o envelope com o nome deste desconhecido.

Will.

Will Tucker.

Sussurro-o em voz alta, com a esperança de que me venha alguma coisa à memória, mas não, tenho a certeza de que nunca o tinha ouvido antes.

Tenho tanta vontade de o abrir que mal me consigo conter e agradeço o facto de o avô aparecer com duas chávenas de café, pois, de outra forma, acho que teria infringido as regras da Lucy mesmo antes de começar a jogar.

— Continuo sem perceber — insisto.

O avô solta um longo suspiro.

— Grace, só tens de seguir as regras.

— Sabes que não me dou lá muito bem com regras. — Queimo a língua com o café, mas não me importo. Estou entorpecida. — Desde quando é que estavas a par desta loucura?

— Uns meses antes…

«Uns meses antes da sua morte» seria a frase completa, mas não preciso que o diga para o saber. Custa-me imaginá-los a planear isto tudo nas minhas costas, sobretudo tratando-se dele, embora compreenda porque a minha irmã o escolheu e também porque o avô concordou, como é óbvio. Como poderia recusar-se a cumprir as últimas vontades da sua querida neta?

— A sério que não conheces o Will?

— Já te disse que não — retruca ele, prestes a perder a paciência. — Vais ter com ele?

Assinto com a cabeça, ainda pensativa, e volto a colocar o envelope por baixo do laço pomposo da caixa. Olho para as horas no telemóvel: são cinco da tarde. Antes de me pôr a caminho da misteriosa morada, tenho de ir a casa ver como está a mãe e tomar banho, por isso despeço-me do avô com um beijo na bochecha e prometo-lhe que o manterei a par de tudo e que jantarei com ele na noite anterior à sua viagem.

Algo peculiar que me chamava a atenção na infância era o cheiro característico de cada lar. Vai mais além do perfume ou do amaciador que essa família usa, e eu, antes de cruzar a soleira de cada porta, era capaz de distinguir na perfeição o aroma da casa

da Olivia, que era a minha melhor amiga, do da casa dos vizinhos ou do avô. Portanto, é ainda mais estranho o facto de a minha não me cheirar a nada. É assética, como um museu ou a sala de espera de um advogado. Sempre tive a sensação de que qualquer pessoa a poderia ocupar e fazer dela sua em menos de cinco minutos, pois, apesar das fotografias dispostas na sala, a verdade é que nunca chegou a ser um lar acolhedor. Não sei se tal se deve à indiferença palpável entre os meus pais, ao facto de ter sido uma residência dividida com quartos de hospital ou por termos o costume de celebrar os grandes acontecimentos, como o Natal ou os aniversários, em casa do avô.

Quando chego, encontro apenas o silêncio.

As chaves do carro do meu pai não estão à entrada, por isso deduzo que tenha saído. A mãe está no sofá, com o olhar cravado na televisão, e parece uma criança desamparada. Hesitante, observo-a durante alguns segundos a partir da porta, mas decido que é melhor não lhe contar nada sobre «O Mapa dos Desejos», pelo menos por agora. Não sei como reagiria e tenho a certeza de que, apesar das instruções da Lucy, abriria a caixa que levo nas mãos a toda a brida, desesperada por encontrar no seu interior algum resquício da filha que perdeu.

Subo para o meu quarto e dirijo-me ao armário para ir buscar roupa limpa. A cama já não é feita há dois dias, a secretária que já não uso para estudar está cheia de bugigangas inúteis e, na parede, está destacada uma fotografia a preto-e-branco de um braço arrepiado com pelos eriçados, ao lado de um artigo sobre tornados e tempestades elétricas que recortei de uma revista, um postal de *O Beijo*, de Gustav Klimt, e alguns papelinhos com palavras soltas. Ao lado de «PORQUÊ?» identifico o pedaço de papel onde se lê «Nefelibata». Puxo-o com força para o arrancar da parede e amachuco-o entre os dedos até o transformar numa bolinha que encesto no caixote.

Penso na carta da Lucy enquanto a água quente me cai sobre o rosto e reprimo a vontade de chorar ao recordar a sua voz doce e tranquila quando me chamava «pequena Grace». Eu também gostava quando ela me chamava assim. Gostava muito. Saio do duche, penteio o cabelo aos puxões e ignoro a rapariga morena e de pele pálida que encontro no espelho. Um segredo: às vezes não gosto dela. Respiro fundo e decido que, sejam quais forem as regras da Lucy, vou cumpri-las à risca. Afinal, não tenho nada melhor para fazer. Literalmente. Ando à procura de trabalho há semanas, depois de me despedirem da PizzaK, e a ideia de encontrar alguma coisa que não deteste torna-se cada vez mais remota.

Visto umas calças de ganga preta, ténis desportivos e uma suéter.

Estou prestes a sair de casa com o embrulho dourado enfiado na mochila quando a minha mãe me interceta no corredor e me sorri sem vontade.

— Onde vais? Combinaste alguma coisa com a Olivia?

— Sim. Não sei a que horas volto.

— Dá-lhe um beijinho meu.

Monto-me em cima da bicicleta e pedalo para o centro da cidade. Já passaram quase oito meses desde que a Olivia deixou de falar comigo, mas a minha mãe nem sequer se deu conta de que ela nunca mais apareceu lá por casa. Tanto melhor. Assim não lhe tenho de mentir quando me perguntar o que aconteceu entre nós as duas.

Dirijo-me à rua que está escrita no envelope e prendo a bicicleta a um poste quando já estou suficientemente próxima. A maior parte dos estabelecimentos da zona já fecharam. Procuro o número e, então, ao chegar a uma porta negra, descubro que não se trata de uma vivenda particular, mas sim de um *pub* chamado Zinrock, que acaba de abrir as suas portas aos clientes. Entro. O empregado é um homem de cerca de trinta anos com os braços cheios de tatuagens. O Will? Talvez. Nunca o vi antes, com toda a certeza. Ele levanta o queixo quando me vê aproximar-me do balcão e ergue as sobrancelhas. Suponho que os clientes costumam aparecer quando a noite cai e que ele terá ficado surpreendido com a minha atitude cautelosa à medida que o estudo tanto a ele como ao espaço, embora o sítio não tenha nada de especial: parece o típico bar onde os jovens vão tomar algumas cervejas ao fim do dia.

— Will Tucker?

— Quem é que quer saber? — Ele observa-me de cima a baixo. — Não sabia que o Will se relacionava com outros seres humanos. Que surpresa mais inesperada.

Ele ri-se da sua própria piada, embora seja óbvio que eu não percebi patavina.

— Sabe onde é que o posso encontrar? Tenho de falar com ele.

O seu olhar abandona o meu rosto e pousa sobre algo atrás de mim.

— Olha, aí está ele — diz o empregado do bar, dirigindo-se ao aludido em seguida: — Chegaste atrasado outra vez.

A resposta não é um «Desculpa» ou «Não vai voltar a acontecer», mas sim uma espécie de grunhido mal-humorado, enquanto eu dou meia-volta para me deparar com um completo desconhecido.

Se tivesse de o descrever como faria qualquer pessoa normal, diria: cabelo escuro, traços duros, demasiado alto para o meu gosto, olheiras sob uns olhos verdes chamativos, cenho franzido, ombros tensos cobertos por um blusão preto que me fazem lembrar os de uma estrela da equipa de futebol de alguma universidade. A sua beleza parece um pouco frívola, como a casca vazia de um bonito e colorido ovo da Páscoa.

Mas, se tivesse de descrever o que a sua presença evoca, diria: grãos de milho sobre uma frigideira a transformarem-se em pipocas, uma borboleta azulada prestes a

morrer, água fresca a cair pela cascata de uma montanha, gelado de menta e cirros no céu. E o mais importante: quase consigo ver a sua aura púrpura e melancólica a flutuar atrás dele.

Passa ao longe como se eu fosse invisível.

— Havia trânsito — diz ele.

— Vá lá, Will. — As tatuagens parecem ganhar vida quando o empregado do bar ergue os braços para colocar algumas garrafas na prateleira. — Tens uma visita.

Então, sim, olha para mim.

E parece muito deslocado, como se o colega lhe tivesse dito que aterrou um óvni à porta.

— Quem raio és tu?

E olha que simpático.

Inspiro ar. Ou coragem. Vai dar ao mesmo.

— Chamo-me Grace. Venho da parte da Lucy Peterson.

— A Lucy… — Ele passa a mão pelo cabelo, inquieto. — Como é que ela está?

Pelos vistos, não sabe.

Quem poderia ser tão importante para a minha irmã ao ponto de participar no seu jogo apesar de, como é evidente, não falar frequentemente com ele?

Procuro as palavras adequadas com a esperança de encontrar a maneira mais suave de lhe contar, mas quem é que quero enganar? É uma batalha perdida.

— Morreu há quatro meses.

O Will pestaneja, primeiro incrédulo e depois pesaroso. Engole em seco e aperta os dentes. Já não olha para mim.

— Merda — murmura.

E depois sai do bar.

Cessa o tilintar dos copos que o homem das tatuagens estava a arrumar e o silêncio apodera-se do espaço. Ele atira o pano que tem na mão sobre o ombro e observa-me com cautela.

— Quem é que disseste que eras?

— Não é da tua conta.

— Ouve, espera…

Mas não lhe dou ouvidos. Ao fim e ao cabo, isto é entre mim e o Will. Abro a porta de supetão e saio. O frio morde-me a pele. Não há rasto do rapaz de olhos verdes. Esfumou-se. Deambulando pela rua com o embrulho junto ao peito, cruzo-me com alguns transeuntes: um homem com um ramo de flores, uma mulher a passear um cão de patas curtas e um par de adolescentes. Nenhum deles é ele. Estou prestes a desistir quando, subitamente, ao atravessar a estrada num semáforo, vejo-o

sentado nos degraus de uma vivenda geminada que se encontra num beco sem saída.

Não está a chorar. Apenas olha, ensimesmado, para a parede à sua frente. Por um momento, faz-me lembrar um daqueles bustos de pedra que estudava nas aulas de História da Arte quando ia à escola. Ele também tem o cabelo ligeiramente ondulado na zona das têmporas e da nuca. E parece feito de mármore, granito ou outro material duro.

— Pode-se saber o que é que se passa contigo? — Avanço para o interior do beco sem saída, irritada, e ele ergue o olhar com uma lentidão pasmosa. — Tenho coisas melhores para fazer do que andar a perseguir-te. — É mentira, claro, mas uma pessoa tem o seu orgulho.

Ele nem sequer se digna a responder. Suspira profundamente ao mesmo tempo que se põe de pé. Tenho de levantar a cabeça para o poder olhar nos olhos.

— Toma. — Espeto-lhe o envelope no peito.

— O que é isto?

— Uma carta.

— Isso é óbvio.

— Uma carta da Lucy.

— Para mim?

— Sim, para ti.

Não sei se será por continuar abalado ou por não bater bem da bola. Mudo o peso de um pé para o outro até que ele decide abrir o envelope de uma vez por todas. Tira lá de dentro uma única folha de papel e eu olho para o telemóvel para lhe dar privacidade, embora, na realidade, deseje tirar-lha e lê-la.

Ele passa uma mão pelo cabelo.

Depois, dobra a folha ao meio com delicadeza e enfia-a no envelope. Tento conter-me, mas, como ele não reage, pergunto:

— Então?

Finalmente, ele encara-me.

Há algo diferente nos seus olhos. Será possível que pareça confuso e sereno em simultâneo? A expressão de alguém que acaba de tomar uma decisão, mas que ainda se está a debater com ela.

— Grace, não é? Dá-me o teu número de telefone — exige ele, e falta-me pouco para brincar, dizendo-lhe que devia convidar-me para beber um copo primeiro. No entanto, dada a situação, reprimo o meu lado sarcástico e limito-me a ditá-lo. — Que fazes na quinta-feira?

— Nada.

A verdade é que nunca tenho nada de interessante para fazer, além de me encontrar

com o Tayler, procurar trabalho ou ir a alguma festa na qual me sinto sempre deslocada, como uma vespa numa colmeia de abelhas.

— Mando-te uma mensagem para me enviares a tua morada. Vou buscar-te às quatro da tarde. Já agora, a caixa é para mim.

Tira-ma das mãos sem vacilar e uma sensação estranha aperta-me a garganta, como se ele acabasse de me tirar uma parte da Lucy, a única coisa que me resta dela.

— Mas… espera… — Tenho a boca seca. — De que é que isto se trata? Ao menos podes dizer-me o que estava escrito na carta? Nem sequer sei como é que tu e a Lucy se conheceram…

— Desculpa, mas tenho de voltar ao trabalho.

E assim, sem mais nem menos, afasta-se a passo rápido. Não se incomoda em olhar para os dois lados da estrada antes de a atravessar. Fico a observar o Will até ele desaparecer juntamente com o círculo de tristeza que o envolve. Na minha cabeça, é da cor das glicínias. E esse pensamento, a visão das flores a derramarem-se em cascatas, faz-me estremecer.

4

Encrespadura

«Encrespadura.»

Deitada na cama, contemplo a palavra que escrevi ontem num papelinho. Não me lembro exatamente onde a encontrei, mas gostei de um dos seus significados: «Agitação do mar causada por pequenas ondas que se cruzam em diversos sentidos.» Cheguei à conclusão de que me encontro precisamente aí. E é extenuante tentar manter-me à tona entre tantas sacudidelas.

Há uma voz na minha cabeça que, por vezes, me grita coisas sem sentido: «Dorme oito horas por dia, Grace.», «Segue em frente.», «Bebe água.», «Faz algo de útil com a tua vida.», «Come mais vegetais.», «Estás a pensar continuar a comportar-te como uma eterna adolescente?».

A outra usa um tom mais baixo. «E então, qual é o sentido de nos levantarmos da cama, procurar trabalho, rir, dançar e sonhar se vamos todos morrer em algum momento?»

A verdade é que não sinto que alguma dessas duas vozes seja minha.

A que me pertence verdadeiramente está adormecida há muito tempo. Sempre tive a incómoda sensação de que, se a deixasse sair, se realmente dissesse em voz alta as coisas que penso diariamente, não só confirmaria as suspeitas dos outros em relação às minhas esquisitices, mas também continuariam sem me compreender.

E será que existe uma solidão maior do que a de nos sentirmos profundamente incompreendidos?

Abro os olhos.

Fito o teto esbranquiçado.

Passei os últimos quatro dias a pensar no Will Tucker. Viro-me e pego num papel para rabiscar «O que estará ele a fazer?» e, em seguida, espeto-o na parede com um pionés. Esta é a pergunta que me tem assaltado. Já o imaginei a abrir o frigorífico, a coçar as costas, a dormir, a tomar banho, a passear pela rua e a servir bebidas. Em todos os cenários, ele tem a minha caixa dourada. Porque sinto que é minha, muito minha, embora seja óbvio que a Lucy não pensava o mesmo. Não saber o que guarda

no seu interior é angustiante. Só tenho uma certeza a esse respeito: a minha irmã conhecia-me suficientemente bem para prever que seria incapaz de seguir as regras se «O Mapa dos Desejos» dependesse somente de mim e da minha capacidade de me controlar.

O autocontrolo, como é evidente, é uma qualidade que possuo com parcimónia. E não é como se isso me tirasse o sono, na verdade. Quero dizer, refrear os sentimentos, impulsos ou paixões é inútil a longo prazo, embora seja inteligente em certos momentos para, como já disse, não parecer de outro planeta. Contudo, não tenho a certeza se é possível manter esse disfarce. Tão-pouco sei se conseguirei cumprir as regras, porque, até à data, fracassei em tudo aquilo que me propus fazer.

Mas, ao longo da semana, não só pensei na Lucy, no Will e no jogo, mas também continuei à procura de trabalho. Fui a duas entrevistas e não recebi resposta de nenhuma. A primeira foi num restaurante de comida indiana da cidade vizinha, que é muito maior do que Ink Lake e fica a poucos quilómetros de distância. A segunda, na estação de serviço que fica nos arredores.

No decorrer do último ano, tive três trabalhos. Num deles, fui despedida por chegar às sete da manhã sem ter ido dormir e a cheirar a álcool e cigarros. No segundo, deixei de ir porque não suportava ver os frangos amontoados. E, no último, gosto de pensar que foi uma espécie de acordo: eu e o meu chefe não nos dávamos muito bem.

Então, a certa altura, obrigo-me a parar de olhar para a parede e de pensar em metáforas que incluam a palavra «encrespadura». Pego no portátil e volto a dar uma vista de olhos rápida às ofertas de trabalho mais recentes na zona. Como devo ser a única pessoa da cidade com mais de dezassete anos que não conduz, tenho algumas limitações no que toca às distâncias e isso leva-me a descartar quase metade das ofertas que encontro. Mas, de repente, encontro um particular em busca de alguém que cuide do seu cão. Nem penso duas vezes antes de me levantar e marcar o número de telefone.

— Sim?

— Estou a ligar por causa do anúncio.

— Tem experiência com animais?

— Não. — Quando era pequena, tive um peixe colorido que morreu tragicamente, por isso prefiro nem o referir. — Mas dou-me bem com cães e vivo a dez minutos da zona que aparece na oferta de emprego.

— Podemos encontrar-nos para discutir o assunto?

Digo-lhe que sim e combinamos encontrar-nos dali a uma hora. Visto a primeira coisa que apanho antes de sair.

A casa em questão é enorme e tem uma grande janela circular. Mesmo antes de tocar à porta, ouço os latidos do cão. Quando a dona abre, sorrio-lhe. Ela apresenta-se como Anne Rogers e é uma daquelas senhoras encantadoras que me fazem lembrar o tipo de pessoa que a minha mãe poderia ter sido. Vá, já se sabe que é tudo uma fantasia minha. Mas, se a vida não tivesse passado uma rasteira à Rosie Peterson, tenho a certeza de que teria sido uma empresária de sucesso, habituada a vestir indumentárias impecáveis que lhe evidenciariam a silhueta invejável aos recentemente celebrados cinquenta e três anos.

A Anne explica-me que o *Mr. Flu* (assim se chama o cão) precisa de um passeio diário quando ela está fora por motivos de trabalho. «Ele gosta de andar pela avenida principal e passear pelo parque.» Presto atenção enquanto ela detalha a quantidade exata de comida que ele deve ingerir para evitar que, passo a citar, «fique balofo».

Não se pode dizer que esteja especialmente orgulhosa de mim mesma ao conseguir este trabalho. Quero dizer, dá-me jeito ir fazendo alguma coisa até encontrar outra melhor, mas não consigo afastar a sensação de que possuo a vida de uma estudante do secundário. Mas sem a parte de ir à escola, com vinte e dois anos e sem nenhuma perspetiva de futuro.

É quinta-feira. Sento-me na beira do passeio em frente da minha casa quando ainda são três e meia. E espero. Espero, espero, espero…

Às quatro e dez, começo a ficar nervosa.

Onde se terá metido o Will Tucker?

Tenho a certeza de que combinámos que ele me vinha buscar às quatro em ponto. Andei a semana toda à espera deste momento e mal consegui pregar olho.

Mordisco as unhas. Levanto-me. Ando para cima e para baixo. Volto a sentar-me. Tento manter-me serena e, a muito custo, lá sou capaz.

O Will dá o ar da sua graça com vinte minutos de atraso.

Aparece ao volante de um *Audi* preto e reluzente que me chama a atenção porque não é um carro comum. Abre a janela quando trava ao meu lado, sem desligar o motor, e faz-me um gesto vago com a mão direita.

— Anda, entra, que vamos chegar tarde.

— Já estou quase há meia hora à espera!

Mas ele ignora os meus protestos, porque está ocupado a tirar do porta-luvas os óculos de sol de marca que coloca instantes depois. Mal consigo fechar a porta antes de ele arrancar. Olho em meu redor. Retiro o que disse quando descrevi o carro como «reluzente»: por fora é impressionante, por dentro já ninguém se dá ao trabalho de o limpar há muito tempo. E há coisas, demasiadas coisas. Quero dizer, o assento de trás

está cheio de livros e vários sacos e geringonças.

— Posso saber onde vamos?

— Não, desculpa. Ordens da Lucy.

Dirijo-lhe um olhar com o qual pretendo deixar claro o quanto me incomoda a sua atitude em geral, mas ele nem se apercebe e mantém o olhar fixo na estrada.

— Como é que conheceste a minha irmã?

Ele presta-me atenção dois míseros segundos.

— A vida aconteceu.

E pronto. Não diz mais nada. Continua a conduzir como se a explicação que me acaba de dar fosse suficiente. À medida que deixamos Ink Lake para trás, examino-o. Após uma vista de olhos rápida, poderia parecer normal, com as calças de ganga e aquela *T-shirt* tão preta como o seu cabelo. Mas não é difícil dar conta de que algo não bate certo no Will. É um limão entre toranjas, uma amêndoa num pacote de nozes, um lobo disfarçado num rebanho de ovelhas. Sei disto porque é assim que me sinto praticamente a toda a hora. Consigo reconhecê-lo na tensão que emana do seu corpo: é muito complicado relaxar quando não somos capazes de nos sentir confortáveis na nossa própria pele.

— A sério que não estás a pensar dizer-me?

Ele olha-me de relance e solta um suspiro.

— Não.

— Mas…

— Não.

Mantenho-me calada perto de cinco minutos antes de voltar à carga. A necessidade de saber é mais forte do que a minha vontade de o ignorar.

— Foi na escola?

— Não.

— Tens um vocabulário bastante limitado, Will Tucker.

Acho que ele murmura alguma coisa baixinho, mas não o ouço bem. Viro a cabeça para ver através da janela os traços verdes que deixamos para trás. A paisagem característica de colinas onduladas e escarpas de arenito do Nebrasca acompanha-nos durante toda a viagem, mas, principalmente, os infinitos campos de milho que se estendem como tapetes imensamente amplos além das fazendas de bovinos.

Quando alguém se perde, é fácil orientar-se procurando os silos ou os moinhos de cereais que costumam erguer-se em redor da maioria das povoações. Neste estado, todos crescemos a falar de três coisas: o gado, a colheita e o *Kool-Aid*, uma bebida doce em pó com sabor a fruta que foi inventada no Nebrasca.

Quem é que precisa de mais do que isto?

A certa altura, o Will aumenta o volume do rádio quando começa a dar uma música antiga: *Ghost Ship*, de Blur. Suponho que goste dela, mas é difícil deduzi-lo, tendo em conta que está a usar óculos de sol, mesmo estando nublado, e a sua expressão é pétrea.

Não tardamos a chegar ao nosso destino.

O Will estaciona em frente de um edifício no qual está pendurado um cartaz maltratado onde se pode ler «Centro Social». Fico tensa num instante. Ele tira os óculos de sol e observa a minha reação.

— O que vem a ser isto?

— Não faço ideia — diz ele, sério. — Mas, em teoria, é suposto saíres do carro e entrares ali. É melhor não demorares, já chegámos com dez minutos de atraso.

— Olha, preciso de respostas. Não percebo o que é que estou aqui a fazer e também não sei quem tu és e isto é tudo uma loucura. Não tenho a certeza se vale a pena.

Ele levanta uma sobrancelha e franze o sobrolho. Talvez estivesse à espera de que eu fosse um cãozinho obediente que faz o que lhe mandam sem nunca receber qualquer tipo de explicação. Amo a minha irmã. Amava. Não, não no passado. Amo-a, no presente, apesar de ela já não existir, mas isto tudo… Isto tudo não faz sentido nenhum e deixa-me demasiado alterada.

— Eu acho que é um presente.

— O que é que queres dizer com isso?

— A Lucy deixou-te isto antes de partir. — Ele passa a mão pelo cabelo, tal como fez no beco ao ler a carta. Sente-se desconfortável. É óbvio que as palavras não são a sua cena. — Não sei porque é que criou «O Mapa dos Desejos» nem o que a levou a pedir-me para fazer parte dele, mas devias desfrutar disto porque, se pensares bem, é a última coisa que te resta dela.

Engulo em seco com força e assinto.

— O que é que tenho de fazer?

— Não sei. Eu só sigo ordens concretas. Vou estar aqui à tua espera daqui a quarenta e cinco minutos. Parece-te bem?

O seu olhar tornou-se mais cauteloso, talvez até caloroso, embora continuasse a predominar aquela distância que não convida a transpor as fronteiras que impõe. Pergunto-me se terá consciência de que a única coisa que consegue ao mostrar-se tão enigmático é dar-me vontade de desvendar aquilo que se esforça por proteger e ocultar.

— Parece-me bem — respondo.

Saio do carro e entro no edifício à minha frente. Um corredor escassamente

iluminado conduz a uma sala de onde provém uma voz suave. Quando ali chego, fico paralisada junto à porta e vários pares de olhos pousam em mim. Há umas sete ou oito pessoas sentadas em círculo e, um pouco mais à frente, uma mesa com uma máquina de café e alguns bolos.

Sorrio com nervosismo, pois, se isto é o que acho que é, parece-me que a Lucy deve ter tomado demasiados calmantes no dia em que pensou em tal coisa.

— Olá, em que te posso ajudar? — pergunta uma mulher de meia-idade com uma cabeleira curta e ruiva que emoldura o rosto mais doce que alguma vez vi.

— Desculpe… acho que me enganei…

— Tens a certeza? — insiste ela.

— Eu… bem…

É muito desconfortável debater-me perante todas estas pessoas que estudam com extraordinária atenção cada um dos meus movimentos. A mulher põe-se de pé passados alguns segundos e, com um gesto da mão, convida-me a aproximar-me.

— Não é preciso participares de forma ativa. Se te apetecer, podes simplesmente sentar-te e ouvir o que os outros têm para dizer.

Gostava de recusar, mas há três razões pelas quais acabo por caminhar sem pensar e sentar o traseiro numa cadeira livre: propus-me seguir as regras do jogo da Lucy, é difícil contrariar esta senhora encantadora e o Will Tucker está à minha espera lá fora.

Por isso, faço-o.

Ouço.

Um homem corpulento chamado Adrien conta, por entre soluços, o longo caminho que percorreu com a sua mulher e a palavra «cancro» antes de ela perder a batalha. E uma rapariga jovem desabafa contando sobre como tem sido difícil criar o seu filho pequeno sozinha após a perda do marido. Por fim, outra mulher comenta que conseguiu ir ao ginásio após meses de apatia, e todos aplaudem.

A senhora ruiva é a moderadora.

Não sei como é que pôde passar pela cabeça da minha irmã que eu, logo eu, seria capaz de me abrir perante um montão de desconhecidos cuja única coisa que parecem ter em comum é a morte lhes ter arrebatado um dos seus entes queridos.

Mas aguento. E não digo nada. Quase nem respiro.

Quando dizem que o tempo é relativo é uma grande verdade. Os minutos conseguem tornar-se eternos quando desejamos que avancem mais depressa. Ou completamente o oposto, correndo desesperadamente nos momentos em que pararíamos o mundo se fosse possível. Oxalá existisse um botão mágico com o qual o pudesse controlar, mas, como não existe, limito-me a deixar que passem os quarenta

e cinco minutos da sessão até todos se levantarem.

A moderadora aproxima-se de mim antes de me conseguir escapulir.

— Chamo-me Faith. — É impossível ignorar a simpatia dos seus olhos, pelo que adio a fuga. — Sou psicoterapeuta e a fundadora deste grupo, por isso, se houver alguma coisa que possa fazer por ti, terei todo o gosto em ajudar-te.

— Não, desculpe, é que acho que…

— Isto não é para ti — adivinha ela.

— Sim, isso mesmo. Só vim porque tinha de o fazer. — Engulo em seco com desconforto. — Tinha de o fazer por alguém — clarifico.

— Compreendo. De qualquer maneira, as portas continuarão abertas se mudares de ideias. Reunimo-nos sempre às quintas-feiras à mesma hora.

Anuo e solto o ar que estive a conter. Finalmente, posso ir-me embora sem olhar para trás. Mas, precisamente quando estou prestes a atravessar a porta pela qual o resto dos participantes já saíram, sou sacudida por uma dúvida e dou meia-volta.

— Diz-lhe alguma coisa o nome Lucy Peterson?

O olhar da Faith ilumina-se antes de mostrar compaixão. É então que me apercebo de que não só a conhece, como também sabe que está morta.

— És a Grace? — Assinto com os lábios apertados. — Lamento a tua perda.

Mantenho uma luta bastante razoável com o uso impreciso do verbo «perder», mas não é o momento certo para refletir sobre isso.

— A Lucy esteve aqui?

— Sim, veio várias vezes ao longo do ano passado, quando o seu estado de saúde o permitia. Ao princípio, não tinha a certeza de que era uma boa ideia, mas deixei-a ficar como ouvinte. Como me poderia negar? Era um encanto.

— Mas não estou a perceber…

— A Lucy preocupava-se muito com o que seria da sua família quando ela já não estivesse aqui. Acho que precisava de compreender o processo do luto. Por isso, vinha, escutava e vivia através dos outros aquilo que nunca poderia presenciar.

— Ah. — Inspiro ar bruscamente. — Desculpe, tenho de ir.

Não sou capaz de me despedir em condições antes de dar meia-volta e sair dali. Para cúmulo, assim que o faço, descubro que o carro do Will desapareceu.

5

Ser invisível

Encontro o Will duas ruas mais abaixo. Avisto-o através do vidro de um café com uma decoração tão insignificante que me faz lembrar outras dezenas de estabelecimentos. Ele encontra-se diante de uma chávena vazia a ler placidamente um livro velho e amarelado.

Abro a porta com força e faço barulho, mas o Will nem sequer reage.

Só quando me planto à sua frente, apenas a meio metro de distância, é que ele ergue os olhos e me observa, para logo a seguir dar uma vista de olhos rápida ao relógio que tem no pulso e que, claramente, não usa como devia. É evidente que a pontualidade não é um dos seus pontos fortes, como já tinha dado a entender o homem das tatuagens com quem trabalha quando chegou atrasado.

— Qual é o teu problema?

— Estava prestes a ir.

Reviro os olhos e acomodo-me no assento desgastado à frente dele. O Will levanta uma sobrancelha, como se não estivesse de acordo com a situação, mas eu lanço-lhe um olhar de advertência que o parece silenciar. Uma empregada de mesa aproxima-se para tomar nota do meu pedido e eu peço uma fatia de bolo de cenoura e um descafeinado.

— Que tal correu?

— Sabias que era um grupo de terapia ou algo do género?

— Não fazia ideia. — Eu cravo os olhos nele. — Juro, Grace.

Acredito que esteja a dizer a verdade, mas, como continua a ser um completo desconhecido, apesar do que nos une, não sei se posso confiar totalmente na sua palavra. A empregada traz o pedido e mergulho a colher no bolo. Está delicioso, sem ser demasiado doce.

— O que está dentro da caixa?

— «O Mapa dos Desejos.»

— Pois. E como é que é? Diz-me alguma coisa que me possas contar, pelo menos. Imagina como isto tudo está a ser tão estranho. Quero dizer, pensava que sabia tudo

sobre a minha irmã e, afinal, não só não te conheço, como, além disso, estou a descobrir que tinha outros segredos.

— E isso é mau por acaso?

Observo-o com atenção. Está ligeiramente recostado no reservado grená que ocupámos, com um braço por cima das costas do assento e o outro sobre a mesa, perto do livro que estava a ler há minutos. Diviso o título: *O Eudemonismo*.

Há algo no Will que me chamou a atenção desde a noite em que o conheci e agora apercebo-me finalmente do que se trata: ele desloca-se pelo mundo como o fazem as pessoas que viveram com uma rede de segurança por baixo dos pés, aquelas que tiveram durante toda a vida serviço doméstico e uma certa liberdade que acaba por se traduzir em olhares ligeiramente condescendentes.

— Ter segredos? Não sei, diz-me tu, Will. O que é preciso fazer para trabalhar num *pub* em *part-time* e conseguir um ordenado que permita ter o teu carro?

Sei que acertei na muche quando ele me trespassa com o olhar.

— Isso não é da tua conta. Relembro-te de que estou a fazer-te um favor e só o faço porque simpatizo com… — ele morde a língua — simpatizava com a tua irmã.

Ele tem razão, mas todo este assunto do jogo, os segredos e a presença constante da Lucy em meu redor quando já achava que me tinha despedido dela fazem com que fique mais alterada do que o normal e sinto-me… um pouco confusa, como se tivesse um enxame de abelhões na cabeça que não param de zumbir dia e noite, noite e dia.

Decido abrandar e fazer marcha-atrás.

— Conheceram-se no hospital porque tinhas algum familiar doente no mesmo andar que ela? — Engulo mais um pedaço do bolo.

Então, para minha surpresa, vejo o Will a sorrir pela primeira vez. É um gesto quase impercetível, a comissura direita da sua boca ergue-se devagar para logo a seguir recuperar a forma habitual, como se nunca tivesse acontecido. Mas aconteceu. E foi eletrizante.

— Não.

— Houve alguma coisa entre vocês…?

— Não. E para já com isso. O como não é tão importante, se calhar devias era começar a pensar no porquê — grunhe ele; em seguida, aproxima-se do balcão para pagar e dá a conversa por terminada.

Não falamos durante o caminho de regresso até ele travar diante da minha casa. E, precisamente aí, em cima da sua mota, a fumar um cigarro, está o Tayler à minha espera. Ele levanta os olhos para nós e enruga a testa antes de dar uma última passa.

— Então, quando é que nos voltamos a ver?

— Eu mando-te uma mensagem — diz o Will.

— Está bem. Suponho que… obrigada.

Ele mostra-se tão inexpressivo como de costume enquanto saio do veículo e fecho a porta. Uns metros mais à frente, o Tayler desce da mota, aproxima-se com passos decididos e rodeia-me a cintura antes de me dar um beijo. O seu cheiro, à água de Colónia que todos os rapazes da escola usavam quando ficou na berra há uns anos, reconforta-me. É o efeito anestesiante daquilo que me parece familiar.

Quando me separo do Tayler, o carro do Will já se está a afastar rua abaixo.

— Quem era aquele?

— Um amigo — digo-lhe.

O Tayler assente e pergunta:

— Vamos para minha casa?

Aceito o capacete que ele me oferece para ir atrás dele na mota. Considero entrar em casa e avisar os meus pais de que vou chegar tarde, mas depois penso: será realmente necessário? A mãe deve estar diante da televisão e o pai deve ter ficado no escritório a fazer sabe-se lá o quê e com quem. Nem sequer se vão aperceber de que tenho a mesma roupa quando regressar de manhã e, provavelmente, vão presumir que dormi em casa do avô.

A vida é muito mais simples quando és invisível.

Duas da madrugada.

Está tudo às escuras, mas consigo encontrar a minha *T-shirt* aos pés da cama. Tropeço num móvel e mordo a língua para não gritar. A luz do poste na rua infiltra-se no quarto e distingo o corpo do Tayler estendido de barriga para cima. Invejo o seu cérebro: imagino-o repleto de pregas ocas e sinuosas. Gostava de ser capaz de deixar a mente em branco para dormir tão profundamente como ele.

Saio para a rua. Não tenho a bicicleta porque vim de mota, por isso caminho a sós a meio da noite. Os meus passos ressoam no silêncio, interrompidos somente por algum carro esporádico ou os latidos dos cães da vizinhança que pensam que sou uma intrusa.

Talvez tenham razão.

E se eu for uma intrusa na minha própria vida?

6

Não há bússola que valha

No sábado à noite é a despedida do avô. A mãe junta-se ao plano e vamos jantar a casa dele cedo. Daqui a meras horas, na manhã seguinte, apanhará um avião que o levará diretamente à Florida e, pela primeira vez na sua vida, não terá responsabilidades. Só se deverá preocupar com a sua felicidade. Pergunto-me há quanto tempo o andará a desejar. Talvez seja mesmo verdade que todos temos segredos.

— Estás nervoso, avô?

— Só espero habituar-me ao clima.

— O bom tempo nunca é um problema.

— Levas a medicação para o coração? — intervém a minha mãe enquanto tira os talheres da gaveta. — E roupa para te agasalhares também; por muito calor que faça por lá, de certeza que arrefece à noite. E não te esqueças de telefonar assim que chegares…

— Rosie, não te preocupes.

Sentamo-nos em redor da mesa da cozinha, que é mais pequena que a da sala e perfeita para nós os três. Para esta despedida, embora seja uma viagem temporária, o avô preparou o prato mais típico do Nebrasca, por isso comemos sanduíches Reuben com molho russo e pepinos de conserva enquanto bebemos gasosa.

— Onde está o pai? — pergunto.

— Não sei — murmura a minha mãe.

Depois, o avô começa a falar sobre algo da atualidade que apareceu nas notícias e eu distraio-me quando ouço o telemóvel tocar.

Will: Vou buscar-te amanhã às dez.

Grace: Quando dizes dez queres dizer dez e vinte? E não me podias ter avisado antes? Faltam poucas horas.

A minha mãe pergunta-me se quero repetir, mas eu nego com a cabeça. Levanto-me para deixar o prato no lava-louça e, ao regressar à mesa, vejo que recebi outra

mensagem.

Will: Leva os teus patins.

Grace: Não sabia que tinhas sentido de humor. Porque imagino que isto seja uma brincadeira, não é?

Will: Não.

Engulo em seco com força, ainda com o telemóvel na mão, a pensar no que hei de responder. O avô apercebe-se da minha inquietude.

— Estás bem?

— Sim, sim, estou ótima.

Grace: Bem, lamento, mas não tenho patins. De certeza que podemos fazer outra coisa qualquer.

Will: A tua irmã escreveu uma nota a comentar que dirias exatamente isso. Passo a citar as palavras dela: «Os patins estão no baú verde no fundo do sótão.» De nada.

Apetece-me responder-lhe que é um idiota, mas obrigo-me a recordar que ele é apenas o mensageiro. Um mensageiro pouco compassivo. Se soubesse o que me está a pedir… Se me conhecesse minimamente…

— Grace? — insiste a minha mãe.

— Desculpa. O que é que estavas a dizer?

— Queres um copo de leite?

— Sim, obrigada.

Tenho a estranha sensação de que o resto do serão decorre como que aos tropeções: o avô grunhe por entre dentes um par de vezes perante a desmesurada preocupação que a sua filha demonstra, e eu tento prestar atenção à conversa, mas faço-o parcialmente pois tenho a cabeça noutro lugar. Finalmente, quando nos levantamos para ir embora, a mãe vai buscar o seu casaco e eu fico a sós com o avô.

— Anda cá, Grace. — Os seus braços envolvem-me como fazia quando era pequena e caía ou voltava da escola a chorar. — Porta-te bem na minha ausência. E segue as instruções: era importante para a tua irmã.

— Pois, bem, vou tentar…

— De certeza que não é difícil.

— Se tu soubesses… — Olho por cima do ombro, em direção às escadas que conduzem ao primeiro andar, para me certificar de que a mãe não nos ouve. — Tive de ir a um daqueles grupos de autoajuda que parecem saídos dos anos oitenta.

O avô não se mostra impressionado e diz:

— Eu sei. Quem é que achas que levou a Lucy quando teimou em ir a esse sítio? Mas, se me permites dar-te um conselho, devias parar de olhar tanto para trás em busca de respostas e concentrar-te naquilo que realmente podes fazer. E, por falar nisso, tenho uma coisa para ti. Toma.

Tira do bolso um pequeno círculo de madeira que, visto mais de perto, já na minha mão, parece ser uma bússola entalhada com todos os pormenores.

— Obrigada, embora não saiba se será muito precisa. — Afundo a unha numa zona com relevo. — Estou a brincar. Adoro, a sério.

— Simboliza precisamente isso, Grace.

— O quê?

— Que não há bússola que valha na vida e já chegou a altura de começares a guiar-te pelo teu instinto. O problema é que não te sabes escutar.

Abro a boca, já com uma réplica a postos, mas eis que os degraus rangem anunciando o regresso da mãe. Despedimo-nos do avô. Tento não pensar no quanto vou sentir a falta dele, porque, sob a fachada de indiferença, noto que os olhos me ardem.

Voltamos de carro, embora haja apenas alguns quarteirões a separar ambas as casas. Quando a mãe estaciona diante da nossa, permanecemos em silêncio e sem sair do veículo.

— Estás bem? — pergunto.

— Sim, é só… Esquece. — Ela sacode a cabeça antes de me olhar com atenção, e isso é raro, pelo que me faz sentir desconfortável. — Fizeste outro furo na orelha?

— Sim. Há dois meses.

— Ah. Fica-te bem.

Anuo e abro a porta.

Dou de caras com o meu pai na cozinha, em frente da janela, com um copo de um líquido amarelado na mão. Ele pergunta-me como correu o serão e comenta algo sobre ter pena de não ter podido ir por causa do trabalho antes de dar um longo trago. Durante toda a minha vida, ouvi as pessoas a falar sobre a beleza do meu pai e o quanto me pareço com ele nos gestos. «É por causa do olhar», disse certa vez uma vizinha. «É um olhar que se enterra na carne e mais além.» Essa apreciação pareceu-me um pouco sinistra, mas não disse nada em relação a isso. Porém, agora que o observo na penumbra, só vejo um homem cansado e bastante cinzento, com papos debaixo dos olhos, o cabelo ligeiramente prateado e a pele acinzentada.

— Boa noite, pai — digo-lhe.

— Boa noite, saltitona.

Era assim que me chamava quando era pequena, porque dizia que eu nunca parava quieta, mas também não parecia saber bem para que lugar queria ir.

É engraçado: agora sinto-me igual.

Penso nisso depois de me deixar cair na cama com a bússola de madeira na mão. Volto a passar os dedos pelo relevo e imagino o avô a fazê-la só para mim na pequena oficina que ainda tem na garagem da sua casa. Seria libertador saber qual é a direção correta e segui-la sem nunca mais olhar para trás.

Demoro um bocado a decidir-me, mas acabo por respirar fundo e vou para o sótão.

Ouço os meus pais a discutir no andar de baixo enquanto entro neste lugar cheio de pó e recordações. Aqui estão todos os meus peluches e os jogos que usávamos na infância, sacos cheios de roupa e presentes, como louças ou pequenos eletrodomésticos, que mal chegámos a usar. Descubro o baú verde ao fundo. Embora a Lucy não o tivesse especificado, sabia perfeitamente onde estavam os meus patins de gelo. Tiro algumas caixas que lá estão em cima e depois abro a tampa, que range de forma desagradável.

Está tudo exatamente como o deixei num dia qualquer há imensos anos, quando compreendi que é melhor não olhar para aquilo que nos magoa.

Deslizo o dedo por uma das lâminas do patim.

E sorrio. Mas é um sorriso trémulo.

*

Já se faz tarde quando a casa fica em silêncio e eu saio pela janela do meu quarto que dá para o telhado. Faz frio e tenho um casaco de penas roxo-escuro. Sento-me naquele pequeno espaço de onde se podem ver as casas das redondezas, quase todas de luzes apagadas, e a fileira de postes que brilham na infinidade da noite.

Saco do telemóvel e escrevo uma mensagem, sentindo os dedos adormentados.

Grace: Está bem, vou fazê-lo.

Will: Ótimo.

Ele não demora nem um minuto a responder. Observo, absorta, o bafo que me sai da boca e que se desvanece pouco depois. Por vezes, imagino o mundo como um lugar cheio de pessoas e partículas, partículas e pessoas, todas muito juntas a formar algo compacto, mas, ao mesmo tempo, tão distantes emocionalmente que ninguém diria que pertencem à mesma espécie. Acho que é a isso que se chama «solidão». É uma palavra que encerra uma certa densidade que me faz lembrar o petróleo, não sei porquê. Mas também a beleza e a paz de um glaciar deserto e nunca pisado pelo

homem.

Torno a escrever.

Grace: Que fazes acordado a estas horas?

Will: Cheguei há bocado do trabalho. Também não costumo dormir muito.

Grace: Por escolha ou por maldição? Em todo o caso, já comprovei que as pessoas roxas sofrem de problemas de sono.

Will: Explica-me isso.

Grace: Tenho o dom de adivinhar de que cor é a aura das pessoas. E contigo não tive dúvidas.

Will: Boa noite, Grace.

Ele não parece muito impressionado, na verdade. Suspiro e guardo o telemóvel no bolso do casaco. Permaneço ali durante mais algum tempo até me aborrecer com os meus próprios pensamentos enredados e entrar no quarto para me ir deitar.

7

O que queres ser quando cresceres?

O Will aparece à hora combinada e nem sequer desliga o motor do carro antes de baixar a janela e me pedir para entrar. Deixo os patins no assento de trás, juntamente com o resto da tralha, enquanto ele acelera como se estivesse com pressa para chegar ao nosso destino.

— Há quanto tempo é que não limpas o carro? Porque tens imensas bugigangas e é óbvio que dizer que tem «cinco lugares» é quase sarcástico neste caso…

— Mete-te na tua vida, Grace.

Ignoro-o e pego num livro.

— Raymond Carver. Já o leste? — Ele assente com a cabeça. — É bastante inquietante. E um pouco como tudo na vida: impacta mais pelo que não diz do que pelo que diz.

O Will não responde, limitando-se a continuar a conduzir. A desilusão trepa-me pela garganta. Suponho que, como num dos contos do livro que tenho na mão, gostaria de ter com ele uma conversa extravagante que mitigasse por um momento a curiosidade e a solidão. Mas talvez seja melhor seguir o seu exemplo e manter a distância. Então, apesar de reparar noutros nomes interessantes espalhados um pouco por todo o lado, como Fitzgerald ou Joan Didion, não digo mais nada.

O rinque de patinagem fica na povoação adjacente, em frente do único centro comercial da zona. Sei bem disso porque, sempre que tinha um treino, os meus pais tinham de me levar até ali, e aquilo tornou-se um problema quando deixou de ser um passatempo e comecei a competir a nível estatal. Mas falar disso seria como ler as últimas páginas de um policial, pelo que, antes disso, devia rebobinar até ao princípio.

A primeira vez que deslizei sobre o gelo foi quase de maneira acidental. A Lucy fazia dez anos e estava a ter uma boa época, por isso a nossa mãe decidiu fazer-lhe uma surpresa e convidou as suas três melhores amigas da escola para lanchar e passar a tarde no rinque de patinagem. Eu fui com elas, claro. Bebemos batidos de chocolate e depois alugámos patins. O que aconteceu foi o seguinte:

Elas divertiram-se imenso.

Eu compreendi o que um pássaro sentia ao voar.

A primeira coisa em que pensei ao deslizar sobre o gelo foi que não existia resistência nenhuma que se interpusesse no meu caminho. A segunda teve que ver com a liberdade, mesmo apesar de aos sete anos não conseguir perceber em toda a sua plenitude o significado abstrato dessa palavra. No entanto, naquela tarde descobri que podemos sentir coisas às quais somos incapazes de dar um nome. Então, fui uma pequena ave de rapina a mover-me pelo gelo e pelo frio que me açoitava a pele; não me importei com as quedas, que me deixaram com várias nódoas negras, nem com os risos da minha irmã e das suas amigas, que não pareciam interessadas em patinar e passaram o tempo encostadas à vedação que rodeava a pista.

Nessa noite, durante a refeição na sala de jantar, perguntei:

— Quando é que voltamos ao rinque de patinagem?

— Não sei, Grace. — A mãe serviu mais água.

— Mas preciso de uma data.

— Para quê?

— Para a apontar no calendário.

— Logo se vê, meu amor.

Ignorei a minha mãe e tentei a minha sorte com o pai. Sempre que queria alguma coisa, usava a técnica de ir ter com um e depois com outro e, se isso acabasse por não dar em nada, ir ter com o avô.

— Pai, tu dizes sempre que devemos ter metas.

— Claro que sim, saltitona.

— Quero ir à pista de gelo.

— Alguém tem um parafuso a menos. — A Lucy soltou um risinho que se apressou a conter perante o olhar de advertência da mãe. A seguir, afastou um pedaço de brócolos com o garfo e disse-me: — Também não foi nada de especial, se queres saber a minha opinião.

— Não quero — repliquei, sem olhar para ela.

— Já chega — interveio o pai. — Grace, eu levo-te se fizeres as tuas tarefas semanais. Já sabes: despejar o lixo, arrumar o teu quarto, pôr a mesa, fazer os trabalhos de casa…

— O professor de História diz que isso se chama «escravidão».

A Lucy sorriu ao ouvir a minha resposta e contagiou-me com a sua expressão. Uma vez li em algum sítio que há gémeas com a capacidade de sentir o mesmo que a outra experiencia e, desde então, sempre me perguntei se o facto de ter doado células à minha irmã estaria relacionado com a facilidade que tínhamos em sincronizar-nos,

inclusivamente apesar de sermos tão diferentes. Às vezes, quando tinha um mau dia, bastava que ela estivesse de bom humor para o meu estado de espírito dar uma volta de cento e oitenta graus, ou vice-versa.

Lembro-me dessa conexão insólita quando o Will estaciona o carro diante do rinque de patinagem. O cartaz, descolorido, já viu melhores dias.

— Acho que está fechado — comento.

Ele não responde antes de sair do carro, por isso sigo-o com resignação. Ele aproxima-se da porta e tenta abri-la em vão. Bate com a mão. Empurra com o ombro. Surpreende-me que o cartão que diz «Aluga-se» não o dissuada.

— Qual é o teu objetivo? — pergunto-lhe.

— Merda. — O Will passa uma mão pelo cabelo e olha em redor, como se esperasse que, a qualquer momento, aparecesse alguém disposto a abrir-nos a porta. — E agora?

Com relutância, cruzo os braços em frente dele. Qualquer coisa é melhor do que deixar transparecer o alívio que me invade por não ter de calçar os patins.

— Não sei, diz-me tu. Afinal, tu é que és «o mensageiro». Ainda estou a tentar perceber porque é que a minha irmã te escolheu para fazer isto tudo.

— Pois, já somos dois — replica ele, irritado.

É tão roxo… Profundamente roxo.

Uma das características desta cor é o perfeito equilíbrio que mantém entre o vermelho e o azul. E o controlo. O poder. A arrogância. Sob a primeira capa de melancolia, o Will possui um pouco disso tudo. Talvez isso explique o quanto lhe custa ser flexível e procurar alternativas; é alguém de ideias fixas.

— Não acho que seja o fim do mundo. Como é que funciona o jogo?

— São… É uma série de casas…

— Então, avancemos para a seguinte.

— Está bem, mas vamos ter de o deixar para outra altura. — Ele olha em redor. — Apetece-te ir a algum sítio tomar alguma coisa? Acho que caía bem aos dois.

Dirigimo-nos ao centro comercial. A maioria das lojas seguiram os mesmos passos do rinque de patinagem e fecharam as portas há muito tempo, o que lhe dá todo um aspeto decadente, mas encontramos um café aberto.

Observo o Will enquanto ele lê a ementa. É atraente de uma maneira demasiado óbvia para o meu gosto. Sempre me perguntei o que sentiriam as pessoas bonitas, que sabem que o são e o usam em seu benefício. Será que se admiram ao espelho ou também têm os seus complexos e inseguranças, de que o resto de nós não se apercebe? E, caso assim seja, será que têm o direito de se sentirem dessa maneira com o presente que o destino lhes deu? O que é que faz com que alguém seja agraciado

com a beleza? E mais: que raio é a beleza?

— Em que é que estás a pensar?

A sua voz áspera e profunda sacode-me. Ele pousou a ementa em cima da mesa e está a fitar-me. Fá-lo verdadeiramente. E eu diria que a pergunta também foi sincera. Estou tão habituada a passar despercebida que me deixa um pouco incomodada. Engulo em seco.

— Não te parece estranho estarmos a partilhar uma coisa tão íntima sem saber quase nada um do outro?

O Will encolhe os ombros.

— Define «íntima».

— A minha irmã deixou-me uma espécie de missão póstuma e tu és um completo desconhecido.

— Sentir-te-ias melhor se te dissesse qual é o tamanho que calço, a idade que tenho ou qual é a minha comida preferida?

— Não me importava de saber.

O empregado de mesa aproxima-se enquanto nos observamos com uma intensidade fora do normal. Ele acaba por desviar o olhar.

— Vou querer o prato de ovos mexidos do dia.

— Para mim pode ser um café, obrigada — digo.

O silêncio envolve-nos até o Will o quebrar com um leve pigarrear. Então, murmura por entre dentes:

— Tamanho quarenta e quatro, tenho vinte e cinco anos e gosto de queijo.

— Vejam só, até consegues ser simpático…

O Will sorri enquanto servem o nosso pedido. O seu prato tem um aspeto delicioso e ele está esfomeado, pois começa imediatamente a comer.

— E em relação a ti?

— A mim? — repito.

— Sim. O que é que tem aquilo do rinque de patinagem? É um *hobby* que partilhavas com a tua irmã ou algo do género?

— Não, a Lucy odiava patinar.

— Então?

E compreendo que se trata do momento decisivo. Quando conhecemos alguém, existe um instante concreto em que mantemos a porta entreaberta e temos de escolher se a queremos fechar ou abrir. Eu estou habituada a bater com as portas. Deixo os outros verem um bocadinho através de uma pequena fresta, mas acabo sempre por girar a chave na fechadura antes que possam distinguir o âmago além da pele. Nunca tive a sensação de que alguém «sabe tudo sobre mim», nunca senti

aquela cumplicidade com nenhum outro ser humano; nem sequer com a minha irmã, apesar de termos sido muito próximas. E a ideia de que ninguém possa ver a verdadeira Grace Peterson parece-me asfixiante e reconfortante ao mesmo tempo. Há um vazio, sim, um vazio semelhante ao buraco que fica quando um pântano seca, mas também é a forma mais simples de viver em segurança dentro da fortaleza que fui construindo tijolo a tijolo, sem parar para descansar nem tomar fôlego.

No entanto, nesta ocasião hesito.

Não sei porquê. Talvez se deva ao facto de o Will parecer uma espécie de fantasma que apareceu do nada. Ou ao facto de não nos conhecermos, nem sequer de vista, pelo que, ao olhar para ele, vejo apenas uma folha em branco. Talvez, apesar de haver alguma coisa nele que me faz manter alerta, considerar que a sua aura é da minha cor preferida faça com que lhe abra a porta de supetão.

Assim sendo, em vez de cortar a conversa inventando alguma parvoíce, digo:

— Quando era pequena, consegui que me inscrevessem em aulas de patinagem. Adorava. E era boa nisso. Com o passar dos anos, comecei a competir a nível estatal. Treinava na cidade, por isso os meus pais tinham de fazer malabarismo para me poder levar até lá. Tinha quinze anos quando me propuseram participar numa competição nacional, mas nunca cheguei a tentar, porque, uma semana antes, durante um campeonato em Omaha, a minha irmã ficou doente. Encontrámo-la quase inconsciente ao regressar a casa por causa de uma infeção urinária grave. Lembro-me de chamarmos uma ambulância, de a levarem para o hospital e de a minha mãe não parar de dizer que não a devia ter deixado sozinha enquanto levava as mãos à cabeça… — Omito que toda a minha alegria por ganhar aquela competição se transformou numa culpa viscosa. — Então, percebi que a patinagem no gelo não era prioritária e meti os patins naquele baú verde no sótão e parei de treinar. Fim da história. Deixas-me provar os ovos mexidos?

Sem parar de olhar para mim, o Will faz deslizar o prato na minha direção.

— E agora a tua irmã quer que voltes a patinar.

— Um bocado sinistro, não achas?

Agradeço que o Will se mantenha quase inexpressivo, como se estivéssemos a falar da meteorologia ou de outra coisa trivial, embora ache que ele conseguiu perceber que isto é importante para mim. Agora que as palavras já não pesam e parecem flutuar entre nós, tenho de admitir que me parece bastante libertador.

— Depende da perspetiva — retruca ele.

E pronto. Não me atira nenhum discurso esperançoso sobre as verdadeiras intenções que a Lucy poderia ter nem se esforça por me fazer mudar de ideias. E gosto disso.

— Acho que começo a perceber porque é que ela criou este jogo. A minha irmã andava sempre a fantasiar, sabes? Quero dizer, a imaginar vidas paralelas. Eu também o faço às vezes. A questão é que a Lucy pensava que eu desperdiçava o tempo.

— E desperdiças?

— Isso é um conceito um bocado ambíguo, não achas? Como é que se mede o muito ou o pouco que cada um aproveita a sua vida? Para alguns, talvez a felicidade seja sentarem-se todos os dias no mesmo banco a ler um romance e outros talvez precisem de fazer paraquedismo.

— Podias parar de falar na terceira pessoa e fazê-lo na primeira.

— És mesmo coscuvilheiro, Will Tucker — replico, evitando sorrir.

Mas ele fá-lo. Pela segunda vez, os seus lábios esticam-se e eu reparo em como são finos e o superior tem uma curva pronunciada que lhe dá um ar travesso, como se quisesse dizer: «Até beijar pode ser aborrecido à conta dos excessos.»

— Só estou interessado nas minhas obrigações.

— Eu não sou uma obrigação tua, isso que fique claro — assinalo. — E, sinceramente, não sei. Quem é que pode ter a certeza de que está a aproveitar a sua vida? Por acaso tu tens?

— Não estávamos a falar de mim.

— Mas agora estamos.

O Will solta um suspiro e olha-me como se eu fosse um quebra-cabeças que quer resolver. Ainda não terminou a comida e tem os braços cruzados junto ao peito.

— O que é que fazes?

— Agora, neste momento, sou cuidadora de cães.

— Cuidadora de cães… — repete ele, devagar.

— A verdade é que só cuido de um cão. Esta tarde tenho de o levar a passear e dar-lhe de comer. Mas já tive vários trabalhos ao longo do ano que passou. Não me interessou mantê-los, como deves imaginar. Acho que todo este assunto de empregos e dinheiro e tudo o mais é do mais opressivo que há.

— Em que sentido?

— Então, em todos. Já na mais tenra idade as pessoas fazem questão de te perguntar o que queres ser quando cresceres. Não te incomodava? Eu uma vez respondi à vizinha: «Quero ser um tiranossauro que esmaga cabeças», e ela já não voltou a querer saber do meu futuro laboral. O que estou a tentar dizer com isto, e deves estar de acordo comigo, é que decidir aquilo a que te queres dedicar quando ainda só viveste alguns anos é uma estupidez.

O Will observa-me tão fixamente que me sinto incomodada.

— E toda esta conversa surge a partir do assunto da patinagem.

— Não, não, nada disso. Estávamos a falar de… — Fico pensativa uns segundos e uma expressão de satisfação desenha-se-lhe no rosto. — Oh, sabes que mais? Não importa. Sei o que estás a pensar, que o meu sonho era ser patinadora até o ter de abandonar e é por isso que pareço tão ressentida, mas estás enganado. Eu gostava de patinar, sim. Mas lembra-te do tiranossauro: já em pequena tinha a mesma opinião em relação a este assunto. E agora é a tua vez.

— A minha vez de fazer o quê?

— Então, de expor os teus argumentos.

— Queres começar um debate?

— Quero saber a tua opinião sobre isto.

— Vejamos… — O Will morde o lábio inferior e, pela maneira como o faz, qualquer um poderia pensar que ensaiou o gesto ao espelho muitas vezes. — Eu não tive muitas dúvidas. Às vezes, simplesmente gostamos de uma coisa e vamos atrás dela.

— E do que é que tu gostavas?

— Agora quem é que é a coscuvilheira?

Reviro os olhos, levanto-me e puxo para cima o capuz da suéter; é lilás e nas costas está escrito: «Para onde raio é que estás a olhar?»

— Esquece. Tens razão, não me interessa.

Não falamos durante o caminho de regresso, embora desta vez o silêncio não me pareça constrangedor. Acompanha-nos uma música chamada *Hummingbird*, que cessa quando ele trava diante da minha casa. Então, ele retira um envelope do porta-luvas e entrega-mo.

— É da Lucy — clarifica, ao ver a minha expressão.

Lá consigo conter a impaciência enquanto o Will me assegura que em breve me dirá qual é o próximo passo após o fiasco com a pista de gelo. Despedimo-nos e, mal entro pela porta, rasgo o envelope e tiro a folha de papel que se esconde lá dentro.

8

Com quem estás chateado?

O *Mr. Flu* é um daqueles cães que vai passear com a língua de fora e que não para de puxar a trela, por isso acabo por trotar durante metade do trajeto para lhe acompanhar o ritmo, embora tenha lido algures que o correto seria mostrar-me firme e impor-me como líder da matilha. Mas é o meu primeiro dia, pelo que lá consigo, com muito esforço, regressar a casa da senhora Rogers aos puxões e depois de permitir que o animal lambesse os restos de um gelado caído no chão porque foi mais rápido do que eu.

Uma vez ali, enquanto ele devora a ração, contemplo a espaçosa cozinha preenchida com móveis brancos e imaculados. Gosto das casas das outras pessoas. Não as propriedades em si, mas o facto de pensar que, momentaneamente, a sua intimidade me pertence. Podia dar uma vista de olhos à despensa para averiguar o que come a Anne Rogers ou abrir a gaveta da sua secretária, quem sabe? As possibilidades são infinitas.

Porém, permaneço ao lado do *Mr. Flu*.

A seguir, o dia transforma-se numa sucessão de horas acorrentadas umas às outras que dão lugar a uma semana monótona que poderia resumir-se pela ausência do meu pai, os silêncios da mãe diante da televisão, alguma chamada esporádica do avô, uma noite em que saio com o Tayler e o seu grupo de amigos para beber umas cervejas e pouco mais.

A quinta-feira espreguiça-se perante um céu alaranjado com nuvens.

Torno a ler o bilhete da Lucy, cujo intuito é convencer-me de que o mais acertado é dar-lhe ouvidos, mas, sinceramente, se a tivesse à minha frente, dir-lhe-ia uma coisinha ou duas. Porque, em vez de me deixar uma carta emotiva ou especial a recordar, por exemplo, algum episódio de quando éramos pequenas, a única coisa que tenho nas mãos é a prova material de que o desejo da minha irmã é que eu continue a assistir às reuniões do grupo. E eu gostaria muito de lhe dizer «Não, não penso fazê-lo, porque é uma perda de tempo», mas ela está morta. Não é, portanto, uma questão que possa discutir com ela, mas apenas aceitar.

A seguir a essa petição, apenas acrescentou: «Lembra-te de como se chama o jogo, Grace. Imagina um mapa cheio de estradas, embora neste caso não haja uma rota correta, todas conduzem a um destino diferente. No trajeto, haverá zonas pedregosas, mas deves atravessá-las para as deixar para trás. Com a dor acontece o mesmo: não te deves desviar dela, mas sim atravessá-la.»

Por isso, o Will vem novamente buscar-me na quinta-feira.

— Pronta para passar uma tarde divertida?

Fulmino-o com o olhar depois de me deixar cair no assento do pendura. Tenho umas calças de ganga escuras, *Converse* roxos e uma suéter cinzenta parecida com a dele.

— Sei que ainda não nos conhecemos lá muito bem, mas acho que é minha obrigação dizer-te que o sentido de humor não é o teu ponto forte, Will Tucker.

Ele parece bastante calmo enquanto conduz e, de vez em quando, olha-me de soslaio numa longa reta. Não falámos a semana toda, mas o ambiente dentro do carro é agradável, como se, após a última conversa no centro comercial, se tivesse criado uma espécie de camaradagem entre nós.

— Uma semana difícil? Problemas com o teu namorado?

É pena que tal efeito dure menos de cinco minutos.

— Não sei de que «namorado» estás a falar.

— Do que te beijou no outro dia quando te deixei à porta de casa como se estivesse a tentar marcar o seu território — esclarece ele.

— Ah, esse.

O Will olha-me de relance.

— Por acaso há mais?

— Às vezes — respondo.

— Odeias amarras?

— Queres mesmo saber?

— Não.

— Ótimo.

Ignoramo-nos mutuamente até ele estacionar. Diz-me que estará à espera no café onde esteve no outro dia e eu assinto antes de sair do carro.

Percorro o corredor. Ouço os murmúrios. Chego à sala.

Todos aqueles olhos tristes pousam em mim e eu pergunto-me se o meu olhar também esconderá um desgosto insondável como o que encontro no deles. É possível, porque sempre pensei que a minha aura é azul: desgraçada, quebrada, solitária e pálida como o céu ao amanhecer, quando ainda está nebuloso, mesmo antes de as cores do dia ganharem força e vivacidade.

A Faith sorri-me com doçura e convida-me a sentar. Uma senhora chamada Dona, que rondará os setenta anos e tem o cabelo branco apanhado numa trança, pergunta-me se quero café e eu respondo: «Não, mas obrigada.» Em seguida, ela insiste com a limonada e eu acabo por aceitar apenas para não parecer uma mal-agradecida antipática.

— Como estava a explicar, hoje o Adrien queria falar sobre os pormenores. Aquelas aparentes insignificâncias que despertam recordações enormes nas quais é fácil precipitarmo-nos.

— Foi por causa da torradeira — disse o Adrien, com um boné de beisebol enfiado na cabeça. — Um dia, fomos jantar fora a um daqueles restaurantes minimalistas que servem porções diminutas e acabámos por beber mais vinho do que o habitual. Ao chegar a casa de madrugada, continuávamos com fome, por isso a Kate, a minha mulher, decidiu fazer umas torradas com manteiga de amendoim e, quando o pão saltou, ela assustou-se tanto que caiu ao chão. Acabámos ali os dois, bêbados e a ter um ataque de riso. Na verdade, foi uma noite fantástica, como regressar um pouco àquela adolescência que já nos parecia tão distante. Divertimo-nos imenso. Então, há uns dias, na terça-feira, decido jantar torradas com queijo, vou buscar a torradeira e meto as fatias nas ranhuras. Continuo a fazer as minhas coisas enquanto ouço rádio e, de repente, *clac!*, o temporizador chega ao fim, o pão salta e a recordação daquela noite sacode-me como um furacão. Foi horrível. Horrível. Não conseguia parar de chorar. E tudo por causa da maldita torradeira.

O Adrien debruça-se para apanhar um lenço da caixa localizada no centro da mesa e o resto dos presentes aplaude após a sua intervenção.

E assim, um a seguir ao outro, todos se vão abrindo.

É um espetáculo grotesco e confortável, as duas coisas em simultâneo, por mais contraditório que pareça. Espanta-me que sejam capazes de contar coisas tão pessoais e de falar com tanta franqueza sobre os entes queridos que perderam, mas, na realidade, conforme os minutos passam, compreendo que, às vezes, é mais fácil fazê-lo diante de desconhecidos do que com a nossa própria família. Por acaso não foi isso que pensei quando decidi ser sincera com o Will e abrir a porta que tinha fechada há anos, cheia de teias de aranha?

— Há alguma coisa que te apeteça contar-nos, Grace?

A Faith tem as mãos no regaço, sobre o vestido floral que lhe cai até aos joelhos. Exala tanta ternura que me pergunto como pode viver no Nebrasca alguém que, claramente, parece ter sido feito para estar em algum sítio luminoso, próximo da costa, e não neste canto por onde passam furacões e tempestades em plena primavera.

— Não, não me parece.

— Está bem, então…

— Espere. Sim. Há uma coisa. Não tem importância, mas estamos a falar precisamente disso, dos pormenores aparentemente insignificantes. — Tenho um nó na garganta por causa deste impulso idiota que se apoderou de mim. — Eu e a Lucy não éramos nada parecidas, mas também éramos iguais. Para mim, faz sentido. Sempre fez. O que quero dizer é que nos entendíamos lindamente; tenho muitas saudades de falar com ela porque tínhamos grandes conversas e, sejamos sinceros, há poucas coisas na vida mais difíceis do que encontrar outro ser humano com quem podemos falar e falar durante horas sem nos aborrecermos nem sentir que estamos a perder tempo. E adorava ver filmes com ela porque andávamos sempre a dissecá-los, tanto para o bem como para o mal. Deixávamos o comando à mesma distância entre as duas e, quando uma queria comentar alguma coisa, punha pausa. A maioria das pessoas odeia isso, porque só querem chegar ao final do filme, como se a meta fosse mais importante do que o caminho. Mas nós não. Também gostávamos de rever os nossos filmes favoritos e encontrar coisas de que não nos tínhamos apercebido nas primeiras vezes ou tirar outras conclusões. Adorávamos a trilogia de *Antes do Amanhecer*. Não sei quantas vezes é que acompanhámos o Jesse e a Céline a passear pelas ruas de Viena, Paris e Grécia, mas, certa vez, a minha irmã pôs pausa e voltou atrás uma e outra vez para ouvir o que dizia a protagonista: «Preciso dos pequenos detalhes, são o reflexo de cada um de nós. É do que mais sinto falta constantemente. Por isso é que não se pode substituir ninguém, porque somos todos feitos de pequenos e preciosos detalhes.» E, a seguir, a Lucy perguntou-me: «Achas que é uma parvoíce aferrar-me à ideia de que, apesar de tudo, destas células rebeldes e deste sistema imunitário fraco, continuo a ser insubstituível?»

Engulo em seco, com a vista fixa na alcatifa.

— E o que é que lhe disseste? — pergunta-me a Dona.

Todos aguardam com impaciência, como se estivesse prestes a revelar-lhes um segredo aeroespacial. Inspiro profundamente. Poderia dizer-lhes que aquilo era uma parvoíce porque, neste Universo gigante, somos tão insignificantes como uma formiga. Mas, no meio do oceano de tristeza, há esperança nos seus olhos. Portanto, minto-lhes, tal como menti à Lucy naquele dia, pois preciso de acreditar nisso tanto como eles, e na mentira há uma pontinha de verdade. É possível que a sua existência não tenha mudado o curso do mundo, mas alterou o das pessoas que gostavam dela.

— Disse-lhe que sim, que era insubstituível.

Levanto-me precipitadamente assim que a sessão termina e, quando reparo que a Faith se aproxima para falar comigo, agradeço o facto de o Adrien se colocar no seu caminho para lhe perguntar alguma coisa. Aproveito a oportunidade para sair dali,

mas, se fosse mais precisa, usaria o verbo «fugir».

Caminho rua abaixo até ao café.

O Will está sentado na mesma mesa, com um livro na mão e uma chávena vazia ao lado. Observo-o através do vidro, aproveitando que ele não levanta os olhos. Pela sua postura, parece relaxado: as pernas estendidas, um braço sobre as costas do assento e o outro fletido para ir virando as páginas. Mas o seu característico sobrolho franzido denuncia que aquela calma não passa de uma ilusão. Talvez sejam as rugas na testa ou a tensão nos seus ombros o que confunde no que toca a ele; ainda nem sequer decidi se gosto dele ou não, mas o que sei é que desperta em mim algo extremo e intenso.

Ele distrai-se da leitura e fixa o olhar na mesa de madeira até reparar em mim. Quando o faz, curva os lábios com esforço e o resultado é uma careta bizarra.

Entro e sento-me à sua frente no assento grená, mas não peço nada.

— Que tal correu?

— Poderia ter sido pior, suponho.

— Suspeito que não és o tipo de pessoa que vê o copo meio cheio.

— Um ponto para ti. E tu? És otimista?

— Nesta altura da minha vida, era capaz de pegar no maldito copo e atirá-lo contra a parede até o desfazer em pedaços. Espero que isso responda à tua pergunta.

Apoio os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos enquanto olho fixamente para ele. Do que gosto na nossa dinâmica é que nenhum dos dois considera o outro um bicho do mato, embora seja óbvio que somos dois círculos a tentar encaixar num mundo cheio de quadrados perfeitos.

— Problemas familiares? Partiram-te o coração? Ou participaste num concurso musical de jovens talentos e não te escolheram?

Os olhos dele brilham ao sorrir.

— Acertaste mesmo em cheio. Interpretei uma canção dos Backstreet Boys e bateram-me com a porta na cara. Foi muito traumático.

— Retiro o que disse no carro; o teu sentido de humor é bastante aceitável, mas não é suficiente para me distrair e mudar o assunto desta conversa. Por isso, voltemos à ideia do copo, do otimismo e isso tudo. Consigo ver em ti um certo aborrecimento…

— Então, não só és capaz de ver quais são as cores das pessoas, mas também achas que és uma daquelas adivinhas das feiras — replica ele, trocista.

— Diz-me com quem estás chateado.

Talvez seja por ele reparar na minha determinação ou por estar cansado de se esconder, mas, quando o Will solta um suspiro, sei que ganhei a batalha, embora

ainda não tenha ganhado a guerra.

— Está bem. Eu digo-te se me explicares porque é que achas que sou roxo e o que quer dizer essa cena toda das almas…

— Das auras.

— Não é a mesma coisa?

— Não. — Dá-me vontade de rir e o Will permanece em silêncio, observando-me até eu fechar a boca. Parece surpreendido. Provavelmente porque é a primeira vez que deixo escapar uma gargalhada à sua frente, algo que, para dizer a verdade, não faço com muita frequência. Perante o verde atento dos seus olhos, sinto-me despida. — A aura é a energia que emanas.

— E onde é que foste buscar essa ideia?

— Não vais gostar da minha resposta.

— Porquê?

— Porque és um cético, Will.

— Tenta convencer-me, então.

— Quando era pequena, o meu avô ofereceu-me um livro demasiado infantil para a minha idade: explicava as cores utilizando as emoções das pessoas para o fazer. Naquela altura, como ficava aborrecida na escola, passava o tempo a tentar deduzir que tonalidade corresponderia a cada colega. Um dia, contei isto à Lucy e ela adorou a experiência. A partir desse dia, começámos a fazê-lo juntas; analisávamos as suas amigas, os rapazes de quem ela gostava e os vizinhos. É fácil perceber como são as pessoas que te rodeiam se te deres ao trabalho de as observar bem. Na verdade, somos todos arco-íris, mas há sempre uma cor predominante em cada um de nós.

— E a conclusão é…?

— É só um jogo.

Não lhe digo que sempre me senti atraída pela cor roxa; pela melancolia e a arrogância, o mistério e a vaidade, a expiação, a magia e a fantasia…

— As raparigas Peterson têm um interesse preocupante por jogos…

— Deve ser por causa de um excesso de imaginação.

— Bem me parecia. E porque é que achas que a minha aura é roxa?

— Não tem piada nenhuma eu dar-te as respostas todas. Além disso, como bem disseste, gosto de jogar, por isso vais ter de descobrir sozinho.

— Isso é batota.

— Eu dito as regras.

O sorriso do Will torna-se mais pronunciado e ali, mesmo ali, na meia-lua dos seus lábios, apercebo-me de um rasto obscuro e enigmático. Ele gosta de desafios. Sei que gosta. Mas também acho que está a tentar conter-se com todas as suas forças.

— Está bem. Então, adivinha tu com quem é que estou chateado.

Aceito o contra-ataque inesperado sem queixas nem recriminações.

— Com o teu pai. É bastante típico.

— Não.

— Então, descartada essa opção, é óbvio que se trata de uma rapariga. A tua namorada, imagino. Permite-me fazer uma recriação: universitária intelectual, porque tu gostas de ler, daquelas que se vestem com estilo sem necessidade de usar nada extravagante. Oculozitos de massa, talvez? — O Will observa-me fixamente e permanece imóvel. — Usa malas de pele clássicas a tiracolo e anda sempre com algum bloco de notas e rebuçados de mel. Com certeza, tinham feito planos para o futuro, mas, no fim, a coisa não funcionou e tu acabaste de coração partido.

— Não.

— O que não percebo é porque é que decidiste refugiar-te num lugar como Ink Lake para lamberes as feridas. E ainda não me disseste como é que conheceste a minha irmã.

— Não é nenhuma ex — assegura ele.

— Então, é a tua mãe? Espero que não seja nada relacionado com o complexo de Édipo, já devias ter superado essa etapa do desenvolvimento psicossexual.

— Nunca ninguém te disse que és do mais peculiar que há?

— Desde que faço uso da razão.

Mas tu também, quero acrescentar. *Tu também tens alguma coisa que faz de ti diferente, embora ainda não saiba o que é, e é por isso me vejo obrigada a fingir quando estamos juntos.*

— Um amigo? — Volto à carga.

— Não.

— Dá-me uma pista.

O Will inclina ligeiramente a cabeça.

— Está mesmo à tua frente.

— Então, o que me estás a tentar dizer…

— É que estou chateado comigo mesmo.

E, sem me dar a oportunidade de indagar mais um pouco, ele termina a conversa bruscamente ao levantar-se e caminhar até ao balcão para pagar a conta.

9

A vida monocromática

— De certeza que as coisas estão bem por aí?

— Sim, avô. Fica descansado. Continua tudo… como sempre.

Não acrescento que isso não tem de ser propriamente bom, como é óbvio, pois ele já sabe disso. A situação em casa está tão tensa que, ao mínimo abanão, tudo pode desmoronar. Tenho a sensação de que estamos a caminhar em bicos dos pés, mas durante quanto tempo pode alguém suportar fazê-lo sem que os calcanhares toquem no chão?

— Lembra-te de passar por minha casa para verificar se está tudo em ordem. E podes ir para lá quando quiseres, já sabes, tens a chave. Mas nada de festas.

— Que pena, agora que já tinha comprado um canhão de espuma…

— És incorrigível, Grace.

— Eu também te adoro.

Depois de desligar a chamada, desço até à cozinha em busca de algo para petiscar. Não há grande coisa no frigorífico nem na despensa. Encontro a minha mãe sentada no sofá, com os olhos fixos na televisão. Está a ver um concurso em que vários casais nus competem para sobreviver numa ilha deserta.

— Que interessante. — Ela encolhe os ombros. — Vamos ao supermercado? Não há leite nem manteiga nem cereais. Não há praticamente nada, para dizer a verdade.

— Desculpa. — Ela parece um pouco aturdida. — Precisas de dinheiro? Voltaste a ficar sem trabalho? A minha carteira está no quarto, meu amor.

— Tenho dinheiro. Queres que te compre alguma coisa?

A mãe nega com a cabeça e tenta sorrir-me.

— Se vires a Olivia, dá-lhe um beijinho meu.

— Claro.

Dez minutos mais tarde, pedalo com força rua abaixo. Não paro de pensar na mensagem que recebi do Will ontem: «O próximo passo do jogo: pensa nas coisas de que gostas e escreve-as num papel.» Obedeci logo, o que é raro para mim. Sentei-me à secretária, peguei numa folha de papel e… pronto. Estive mais de uma hora a olhar

para a janela com a folha em branco à minha frente e, no fim, a única coisa que fui capaz de escrever foi: «Gosto de gomas ácidas.» Portanto, acabei por rasgar o papel em bocadinhos muito pequenos que despejei no caixote antes de me enfiar na cama.

Sempre me fascinou a palavra «anedonia», porque é delicada, mas expressa algo trágico: a incapacidade de sentir prazer. E se for isso que se passa comigo? E se estiver a começar a reparar nos primeiros sintomas? Não me lembro da última vez que me senti satisfeita e, às vezes, não presto atenção ao contexto emocional das coisas.

Talvez isso explique o que aconteceu com a Olivia. Devia ter insistido em falar com ela outra vez depois do mal-entendido. Devia ter-lhe ligado alguns dias mais tarde. Devia ter encontrado outra maneira menos dura de lhe mostrar a realidade.

Sem pensar muito, viro para um caminho mais extenso para passar diante da sua casa. É uma propriedade de tamanho médio com um jardim cuidado. Sei que, agora mesmo, a Olivia não se encontra ali, mas a muitos quilómetros de distância, no Colorado. Nunca cheguei a contar à minha mãe que o ano passado lhe concederam uma bolsa para tirar o curso de *design* de moda que ela desejava há tanto tempo.

Foi-se embora como os restantes.

Afasto-me ao notar movimento do outro lado da grande janela da cozinha. Conheço bem a disposição da casa porque era o lugar onde me refugiava à tarde quando o avô estava a trabalhar e os meus pais estavam com a Lucy no hospital.

Volto a pedalar.

Sempre gostei do termo «melhor amiga». Tem aquele encanto infantil que o faz soar terno, mas também um pouco ridículo a partir de uma certa idade. Quando era pequena e a Olivia me chamava assim em frente das outras meninas da turma e dos seus pais, sentia o peito a inchar de alegria. Não era só uma amiga, mas a melhor, a mais especial, a primeira escolha para fazer um trabalho de grupo.

Fazia com que não me sentisse invisível.

Suponho que era por isso que não me importava que fôssemos tão diferentes. O meu avô dizia que lhe acontecia o mesmo com os seus amigos de juventude: tinham seguido caminhos diferentes, nem sequer viviam na mesma cidade, mas sabia que, se precisasse de alguma coisa, bastava-lhe pegar no telefone. Sempre me fascinou essa fidelidade enraizada, como acontece com a família: às vezes, o carinho vai mais além das coisas que temos em comum com alguém.

Mas até os laços mais apertados se podem romper.

Antes de chegar ao supermercado, passo em frente do local onde trabalha o Will, que a esta hora continua encerrado. *Será que o fiz com a esperança de o ver de passagem?* Prefiro não o saber, pelo que afasto essa questão antes de prosseguir.

Compro o básico porque tem de caber na mochila e depois regresso a casa, percorrendo as mesmas ruas e os mesmos parques, parando nos mesmos semáforos e cruzando-me com as mesmas pessoas.

A minha vida é monocromática.

Às dez da noite consegui enfiar-me num vestido diminuto e justo de que, na realidade, não gosto e que combinei com ténis, porque nunca consegui usar sapatos de salto alto mais do que quinze minutos seguidos.

Estou sentada ao colo do Tayler. Ele está a fumar marijuana, a dizer alguma coisa sobre os incríveis pneus da sua mota e a abraçar-me pela cintura.

Viemos à festa que um conhecido está a celebrar em sua casa. Não sei o nome dele, mas sim que a rapariga sentada à direita se chama Mia e trabalha como empregada na minha hamburgueria preferida, a que fica quase nos limites da cidade. E, à esquerda, o Nelson e o Rick riem-se de algo que não chego a ouvir. Todos, incluindo as outras pessoas que nos rodeiam, são amigos do Tayler. Não há rasto do Sebastien e, sinceramente, é um alívio, pois a sua presença incomoda-me sempre. Em resumo, somos os membros oficiais do clube dos falhados, aqueles que nunca conseguiram abrir as asas e ir em busca de novos horizontes. Cada um teve as suas razões, suponho. A Mia engravidou aos dezasseis, o Rick é feliz a trabalhar na quinta dos seus pais, o Nelson sofreu uma lesão e perdeu a sua bolsa de estudo desportiva e quanto ao Tayler… suponho que prefere governar num território pequeno em vez de ser um zé-ninguém noutro sítio qualquer.

E qual é a minha desculpa?

Bem, vejamos, por volta dos quinze anos, não só abandonei a patinagem no gelo, como também comecei a mostrar uma certa apatia pelos estudos. Nunca compreendi o método de avaliação. Nunca fui muito boa a prestar atenção quando alguma coisa não me interessava. E nunca consegui encaixar nesse sistema-padrão.

Os meus interesses sempre foram obsessivos, mesmo que limitados no tempo. Há um par de anos, deu-me para ler autores russos e não fiz outra coisa durante dois meses: desde Lev Tolstói, passando por Dostoiévski, até Nikolai Gógol. Tive uma época em que andei obcecada com Georgia O'Keeffe. E, com base nisso, quis dedicar-me à arte, mas, quando finalmente consegui reunir todos os materiais (tintas, um cavalete oferecido por um amigo do meu pai, um par de telas, aguarrás e por aí fora), já me tinha fartado da ideia em si.

De qualquer forma, mesmo que tivesse sido uma aluna exemplar, nunca me teria ido embora do Nebrasca enquanto a minha irmã aqui estivesse.

— Ainda há rum? — pergunta o Tayler.

— Vai ver se há na cozinha — responde alguém, sem vontade.

— Acompanhas-me?

Assinto e saímos da sala. A cozinha é pequena e há um casal na marmelada ao lado do frigorífico. O Tayler prepara dois copos de rum com *Coca-Cola* e, por fim, os pombinhos vão-se embora, imagino que à procura de um quarto para terem mais privacidade.

Observo os braços musculados do Tayler, a barba de há dois dias, a argola prateada que lhe pende da orelha direita e o permanente sorriso de rufia que lhe arqueia os lábios. É atraente, mas não de uma maneira tão óbvia como o Will. Embora andasse três anos à minha frente, como acontecia com a Lucy, sei que as raparigas o idolatravam na escola como se fosse o vocalista de uma banda de *rock*, pois era popular e perigoso; mas, agora que já passaram mais de sete anos desde que ele deu por terminada essa etapa, mais parece uma daquelas estrelas que têm grandes ambições, mas que se deixaram ficar só pela intenção.

Acho que é porque, por detrás da fachada, não tem nada para oferecer. E isso talvez não nos importe aos quinze anos. Mas aos vinte e tal é dececionante.

— Ouve, Tayler.

— Diz-me, bebé.

— Se te pedissem para escrever num papel as coisas de que gostas na vida, o que é que te vem à cabeça?

Estou sentada sobre a bancada quando ele se aproxima com um dos seus sorrisos típicos, dá um longo gole na bebida e pousa uma mão de cada lado do meu corpo.

— Tu, evidentemente.

— Pois, claro. — Suspiro com resignação até que outra dúvida me assalta. — E do que é que gostas tanto em mim ao certo?

— Então… o teu rabo. E a tua cara.

— Olha, mas que bom, de frente e de trás. Sou uma sortuda.

— Não mereces menos. — Ele beija-me.

É óbvio que não captou a ironia e mostra-se confuso quando me afasto e apoio as mãos sobre os ombros dele para manter a distância entre nós.

— A sério, tenta pensar no assunto, Tayler.

— No quê? — Ele pega no seu copo.

— No que te disse: de que coisas gostas na vida.

Ele resfolega como se a conversa lhe parecesse do mais absurda que há, e talvez seja, mas preciso de me certificar se o resto do mundo também se sente igualmente anestesiado.

— Bem, não sei… — Ele despenteia o cabelo. — Gosto de motas. E de carros. E

de marijuana. O normal, suponho. Também gosto daquele programa que dá à tarde, aquele dos casais nus na ilha deserta. E de comida picante.

Deixo de lhe prestar atenção quando o tema se desvia para o concurso televisivo, embora beba o rum aos golezinhos enquanto o observo. É possível olhar para alguém sem o ver realmente, acredita em mim. Todos nós o fazemos constantemente.

Uma hora mais tarde, ou talvez duas, recuso a oferta do Tayler para ir para sua casa e vou-me embora sozinha da festa decadente. Puxo o fecho do casaco de penas roxo até ao cimo, mas o frio lancinante açoita-me as pernas revestidas apenas por umas colãs finas. Não trouxe a bicicleta porque o Tayler me veio buscar de mota, pelo que avanço desajeitadamente pelas ruas desertas e escuras de Ink Lake. Acho que estou bastante bêbada.

Deve ser por isso que me desvio do caminho. E a luz do outro lado da porta encoraja-me a aproximar-me. Sou como uma traça numa noite de verão a andar à volta de um poste de luz até que, por fim, decido entrar no local onde o Will trabalha.

10

Deixar-se ver

Se tivesse de representar a música que toca no interior do Zinrock, fá-lo-ia apresentando um cemitério de elefantes sob o sol tórrido. É agónica, mas absorvente. Tal como o bar. Reina no seu interior uma certa decadência que, em vez de parecer antiestética, lhe dá um toque singular, com a madeira escura e o piscar das luzes ténues a refletir-se nas garrafas de vidro que enchem as prateleiras atrás do balcão.

E é justamente aí que se encontra o Will, a secar um copo com um ar distraído.

O tipo das tatuagens que conheci há umas semanas está ao seu lado e é o primeiro a virar-se para mim. Sorri abertamente ao ver-me. Parece evidente que estavam prestes a fechar, porque as mesas estão vazias e eles já estão quase a terminar de arrumar.

— Olha quem temos aqui…

— Grace? — O Will olha para mim.

— A própria. Ainda servem uns copos?

O outro dá uma cotovelada ao Will antes de se rir e fechar a caixa registadora com uma pancada seca. Encolhe os ombros e deixa um molho de chaves em cima do balcão.

— Estou a ver que isto vai demorar, por isso fecha tu. Lembra-te de desligar as luzes — comenta ele antes de pousar os olhos em mim, que acabo de me sentar num dos tamboretes de madeira que formam uma fila irregular. — Já agora, chamo-me Paul. Prazer.

— Igualmente.

Ele assente com a cabeça, veste um blusão de cabedal desgastado e abandona o estabelecimento. Depois, quando ficamos a sós, a intimidade do momento começa a tornar-se perturbadora. Ou talvez, na realidade, o esteja a imaginar devido ao meu estado. É verdade o que se diz sobre a bebida desinibir. Por vezes, quase consigo sentir o líquido a deslizar-me lentamente pela garganta abaixo como lava fundida, descendo cada vez mais. Acho que, em algum momento, os sentimentos escaparam-se-me do coração e alojaram-se no estômago.

O Will seca o último copo antes de me encarar.

— O que é que queres? — Vai direito ao assunto.

— É que estava a pensar… Estava a pensar muito. Sabes, aquilo que me pediste sobre escrever as coisas de que se gosta é uma parvoíce tão grande como Neptuno. Ou Saturno. Sei lá, não me lembro agora de qual é o planeta maior.

— Júpiter.

— Pois, isso mesmo. É uma estupidez tão grande quanto isso.

— Na minha opinião, diria que faz bastante sentido e que bate certo com o nome do jogo. «O Mapa dos Desejos» tem que ver com aquilo que desejas.

— A questão é que, Will, não me interessa a tua opinião. Não fiques ofendido, é que mal nos conhecemos. Quero dizer, pareces interessante, mas só a um nível superficial. É como olhar para um quadro de Cézanne, pareces atraente à primeira vista, mas se não tivermos uma ideia geral da história da arte moderna não podemos apreciar o que estamos a ver de maneira significativa.

— Acho que me perdi.

— O importante está nos pormenores, como saber se gostas de café forte e quantas colheres de açúcar lhe deitas, se acreditas em fantasmas ou que estação do ano te deixa mais feliz. Conhecer alguém é a arte da antecipação. E, entre nós, isso não existe, por isso é um bocado desconfortável partilhar contigo este exercício de autodescoberta, ou seja lá o que for que pretendia a Lucy.

O Will mostra-se imperturbável.

— Tu também não facilitas.

— É que dá vertigens deixar-se ver. Em certo sentido, ensinam-nos a todos que o mais seguro é mantermo-nos escondidos dentro da carapaça. Instinto de sobrevivência, é como lhe chamam. Já imaginaste se cada um de nós dissesse a primeira coisa que lhe passasse pela cabeça? O mundo seria um lugar caótico. Aliás, se pensares bem, somos todos atores profissionais.

— E que peça é que tu estás a interpretar?

O Will sorri e apoia um braço no balcão, muito próximo do meu. Tento contar os centímetros que nos separam: diria que são uns treze. E mais uma coisa: tenho a pele eriçada, mas digo a mim mesma que é por causa do frio que faz ali dentro.

— A rapariga dos fósforos molhados.

— E é sobre quê?

— Então, sobre uma rapariga que parecia que ia incendiar o mundo até se dar conta de que não tinha nada com que acender o fogo.

— E não lhe ensinaram o truque dos pauzinhos em nenhum acampamento de verão? Seria uma boa reviravolta no enredo — brinca o Will, sem parar de me fitar.

— Devíamos parar de falar metaforicamente.

— Adeus, diversão.

— Isso faz-me lembrar que te pedi um copo ao chegar.

— Já não bebeste o suficiente?

— Não. Quero uma coisa doce, por favor.

Ao ver que o Will ignora o meu pedido, decido dar a volta ao balcão e pegar numa garrafa de licor de cereja sem pedir permissão. Sirvo-me dois dedos num copo e regresso ao tamborete. Ele observa-me, tão atento como sempre. Os seus olhos brilham como vidro polido, ele tem vestida uma *T-shirt* escura de gola redonda e algumas madeixas do cabelo resvalam por aquela testa que se franze em demasia.

— Voltemos ao assunto do jogo. Podemos começar por um par de coisas de que sei que gostas: desobedecer às regras e divagar sobre tudo e nada em particular.

— Tenho de te dar razão — concedo-lhe.

— Boa. Então, vamos continuar. Porque é que não fechas os olhos, relaxas e dizes a primeira coisa que te passar pela cabeça?

Considero cautelosamente a sua oferta.

— E tu fazias isso também?

— Dá-me uma boa razão.

— Pelo que te disse antes sobre poder apreciar uma obra de arte em toda a sua magnitude. Preciso de te ver para que tu me vejas a mim. Além disso, é justo.

— A justiça segundo a Grace Peterson.

— Sim.

O Will suspira e sacode a cabeça. Tem um certo encanto o facto de ele parecer conter-se sempre antes de dar o braço a torcer. Dá a volta ao balcão e puxa um tamborete para se sentar ao meu lado. Ao contrário dos meus, os seus pés tocam no chão e, mesmo assim, ele olha-me lá de cima. Tem um nariz orgulhoso; muito direito, muito clássico. E uma mandíbula obstinada; quadrada, de linhas marcadas. Em contraste, usa uma água de Colónia suave. De certeza que terá um nome do tipo «água do mar» ou «aroma a glaciar». Como bebi mais do que devia, permito-me perguntar-me como seria enterrar o nariz no pescoço dele e cheirá-lo.

— Está bem. Vamos começar.

— Gosto da tua água de Colónia — digo.

Ele ergue as sobrancelhas antes de passar os olhos pelo vestido justo que vesti para a festa. Não se detém aí. Baixa um pouco mais.

— E eu gosto dos teus ténis.

Afasto o copo de licor para o lado porque, de repente, prefiro estar bem desperta. Faço o que ele propôs instantes antes: fecho os olhos e respiro profundamente. Sobrevoa-me a recordação de uma tarde de outono, com galochas calçadas e a saltar

nas poças de água com a Lucy.

— Os dias de chuva. É a tua vez.

— Os dias de sol. — Ele sorri.

— Ver como a manteiga derrete numa frigideira quente.

— Viajar — murmura ele.

— Gosto da perseverança das moscas: o ser humano tem muito que aprender com elas.

— Escalar.

— Brincar a procurar as grainhas das uvas com a língua e depois mastigá-las.

— Ler.

— Os filmes estranhos do cinema independente, aqueles que, no fim, te fazem perguntar o que é que acabaste de ver exatamente e que ficam contigo durante dias.

— A música *rock*.

Sacudo a cabeça e suspiro.

— Will, acho que só um de nós é que se está a deixar levar e isto assim não funciona. Como tu disseste antes, devias parar de pensar. Estás a ser genérico. As coisas que dizes poderiam representar qualquer pessoa. Gostas de ler, tudo bem, mas o quê exatamente? Ou, por exemplo, gostas de viajar porque tem que ver com a ideia de te afastares de tudo o que conheces, de escapar de ti mesmo ou de alimentar uma curiosidade insaciável?

O Will reprime um sorriso e leva a mão à nuca.

— Seria mais simples se tu fosses uma rapariga comum.

— Mas menos estimulante, admite.

Ele inspira fundo e mexe-se. O seu joelho roça no meu. Podia afastar a perna e suponho que ele também, mas nenhum de nós o faz.

Vejo a derrota nos seus olhos.

— Está bem. Deixa cá ver… Gosto de astronomia. — Ele faz uma pausa e eu levanto uma sobrancelha. — Espera, deixa-me terminar. Não só me fascina a ideia do desconhecido e do inalcançável, mas também o facto de que só é preciso olhar para o céu durante um minuto ou dois para voltar a pôr os pés na terra. E tudo volta ao seu lugar.

Sorrio-lhe e, agora sim, há algo que flui entre nós e que começa a crescer. A cumplicidade do que é diferente. A intimidade que encerram as palavras. Sempre me perguntei como surgem os vínculos e imagino que se deva a algo deste género: duas pessoas a soldarem peças para formar uma articulação flexível, mas resistente.

Apoio o cotovelo no balcão e fito-o com divertimento.

— Gosto do amor dos filmes. Aquelas frases ditas no momento perfeito, como

«Teremos sempre Paris», «Sou apenas uma rapariga parada à frente de um rapaz a pedir-lhe que a ame», ou quando a Sally diz ao Harry «Fazes com que seja impossível odiar-te». Adoro porque os filmes duram um par de horas, quando muito, e durante esse espaço de tempo tudo é idílico. Mais um bocado, só um bocado, e os protagonistas começariam a discutir sobre quem tem de ir despejar o lixo ou sobre o preço da fatura da luz.

O Will ri-se. E é um riso cálido que dissipa o frio e me abraça.

— Estamos de acordo nisso.

— Já imaginava que sim. Continua.

— Hum… — Ele passa a ponta do dedo indicador num veio da madeira do balcão. — Gosto de massa com queijo. Muito queijo. Uma quantidade tão desmedida de queijo que a maioria das pessoas ficaria com nojo só de ver. Também gosto das panquecas com mel e framboesas que a minha mãe faz. E purpurinas, mas nunca disse isto a ninguém. Quando era pequeno, uma colega da minha turma deu-me um frasco e eu fiquei horas deitado na relva a girá-lo para ver como brilhava ao sol.

— Começas a parecer-me interessante, Will Tucker.

— Será que me devia sentir lisonjeado com isso? — brinca ele.

Ignoro a pergunta dele, porque já não tenho a certeza de que seja o momento certo para lhe responder que tudo depende das suas intenções. Rebusco nos recantos mais recônditos daquilo que costumo guardar só para mim e, após hesitar alguns segundos, deixo que saia.

— Gosto de inventar conversas fictícias na minha cabeça. Faço-o o tempo todo. Só no silêncio alcanço as palavras exatas, aquelas que nunca saem no momento certo, como se ficassem presas em algum sítio entre os pulmões e a garganta. Por isso, quando as encontro, permito-me dizer tudo o que costumo calar. Falo com a minha mãe e confesso-lhe que, mesmo que seja egoísta da minha parte, fico desiludida ao ver como ela se vai desvanecendo até desaparecer. Ou o facto de às vezes se esquecer de que não teve só uma filha e que eu continuo aqui, viva. Ao meu pai digo que é um cobarde e que, quando olho para ele, tenho a sensação de estar à frente de um completo desconhecido. Aos dois recordo que não sou invisível. Em geral, mentalmente, falo com muita frequência com os membros da minha família e, de vez em quando, com o resto do mundo. É possível que algum dia também o faça contigo.

O Will mostra-se tão sério e afetado que, num primeiro momento, me arrependo de lhe ter confessado algo tão profundamente meu. Talvez lhe pareça ridículo vindo de alguém com vinte e dois anos. Ou talvez, na realidade, não lhe faça diferença, como ao resto do mundo. De repente, sinto vontade de me refugiar no licor de cereja

que antes pus de lado, mas a suavidade da sua voz impede-me.

— Se algum dia sentires o impulso de me dizer alguma coisa, preferia que o fizesses na vida real. Sabes, para poder preparar uma réplica à altura.

Imagino que o meu sorriso se consiga ver do espaço.

— Vou ter isso em conta, Will.

— Will «sem apelido», mas que avanço.

— Acho que fizeste por o merecer esta noite.

Ele abana a cabeça e põe-se de pé. Capto a indireta: o serão chegou ao fim. Fecho o casaco de penas e espero por ele enquanto verifica as luzes. Em seguida, somos açoitados pelo ar gélido, pois a primavera não está disposta a dar tréguas.

— Eu levo-te a casa — oferece o Will.

— Não me importo de ir a pé.

— Ainda é um esticão e estás gelada.

— O frio faz bem à pele, ouvi-o num documentário soporífero sobre a vida nos países nórdicos e a sua maneira de se relacionarem…

Ele abre a porta quando chegamos ao carro e olha para mim.

— Vens ou não?

— Já que insistes…

Vejo-o a sorrir, mas não diz nada. A música *Don't Forget about Me* faz-nos companhia pelas ruas de Ink Lake até ele estacionar em frente da minha casa. Contemplo a fachada que, anos antes, devia ser moderna e que agora se tornou antiquada.

— Importas-te de avançar mais alguns quarteirões? O meu avô vive um pouco mais à frente e prefiro dormir em casa dele esta noite. Está de viagem, mas eu tenho as chaves.

— Como quiseres.

— Tu vives sozinho?

— Sim.

— Onde?

— No parque de caravanas.

— Uau.

— Desiludida?

— Só surpreendida.

No outro extremo da cidade, mesmo ao lado da minha hamburgueria preferida, há algumas caravanas estacionadas como velhas peças de *Lego* de que uma criança se esqueceu ao tornar-se crescida. É a zona mais deprimente de Ink Lake. Ninguém quer viver dentro de uma caixa de sapatos num lugar onde abundam os furacões e as

tempestades.

— Porque é que te surpreende?

— Porque tens um carro que vale muito mais do que o sítio onde vives.

— Foi um presente. O carro, digo.

— De quem?

— Dos meus pais.

— E não pensaram em comprar-te uma casa em vez de um…

— Fazes demasiadas perguntas, Grace — corta-me ele, sem se importar em dissimular a mudança de assunto, e vira o volante. — É por aqui?

— A casa da esquina.

Ele desliga o motor ao chegar.

— Ficas bem? — pergunta.

— Sim. — Desaperto o cinto e inspiro. — Obrigada pelo empurrão desta noite. Não tinhas de fazer isto tudo, mas fizeste na mesma.

— Foi divertido — responde.

Abro a porta e o frio corre para dentro do carro. Tomo uma decisão arriscada antes de ganhar balanço para sair. Quem sabe se será um erro ou um passo em frente?

— Há uma coisa que não te contei.

— O quê? — O Will fita-me.

— Sempre gostei da cor roxa: o tom escuro dos mirtilos, do céu tempestuoso, dos lilases ou das pedras preciosas, como a espinela ou a ametista.

Não lhe dou a oportunidade de responder e saio do carro, mas a sua expressão é tão fleumática como sempre. Porém, tenho a certeza de que, por detrás da tranquilidade apática que o caracteriza, se esconde um ruído interior ensurdecedor.

Sei disso porque é assim que me sinto o tempo todo.

11

Sentir falta e sentir-se a mais

Por vezes, regressar aos lugares onde fomos felizes é a única coisa que é preciso para que os pontos da sutura permaneçam imóveis sobre as feridas abertas.

A casa do avô Henry é um pequeno oásis no meio da cidade. Entre estas quatro paredes, posso voltar a ser a menina que aqui se refugiava durante a ausência dos pais e sonhava deslizar sobre o gelo. Nessa altura, era fácil preencher os vazios com uma boneca nova ou uma guloseima, mas, conforme os anos vão passando, as partes descosidas tornam-se irreparáveis e a única maneira de as vencer é aprender a viver com elas.

O sol apareceu.

Fico um bocado na cama, ainda meio adormecida, contemplando o céu de um dia que promete ser luminoso. *Aqui estou*, digo a mim mesma, *mais um dia, menos um dia. Será que o resto das pessoas tem consciência de que cada número que riscam no calendário é mais uma oportunidade de morrer ou de viver? E faz algum sentido que, apesar de terem isso em conta, os dias se amontoem uns atrás dos outros como se alguém tivesse empurrado as peças de um dominó?*

Viro-me e volto a adormecer.

Quando abro os olhos pela segunda vez, já são onze da manhã. O familiar cheiro do detergente da roupa que o avô usa ainda está impregnado nos lençóis do quarto que, anos antes, preparou para mim e que já só uso raramente. Desço para ir à cozinha, faço café e bebo-o aos golezinhos, acompanhada pelo tiquetaque do relógio.

Sinto falta do avô.

Sinto falta do pai.

Sinto falta da mãe.

Sinto falta da Olivia.

Sinto falta da Lucy.

Acho que, essencialmente, a vida consiste em aprender a sentir falta e a sentir-se a mais. Consigo imaginar a minha existência como um comboio com desolados vagões vazios e outros cheios de pessoas que, na verdade, não me importam. A solidão

corrói. Toda a gente fala dos benefícios de estar sozinho, mas o que é que a solidão escolhida tem que ver com a solidão resignada? A única semelhança é que, injustamente, partilham a mesma palavra.

Ao entrar na garagem que o avô transformou na sua oficina, tenho a sensação de estar dentro de um pequeno espaço inalterado no tempo. O chão está coberto de algumas aparas de madeira e serradura. As estantes e as mesas de trabalho contêm todo o tipo de bugigangas de madeira, não só figuras, mas também alguns móveis ou peças estranhas.

Inspiro fundo, como que para tentar reter a essência do espaço. Em pequena, pensava que aquele era um sítio tão mágico como a fábrica de brinquedos do Pai Natal e adorava ver o avô a trabalhar e a inventar histórias com os brinquedos de madeira que talhava.

Um pouco mais tarde, visto umas calças velhas e uma suéter antes de ir a casa da senhora Anne Rogers para passear o cão. Ao chegar, dou com ela na sala.

— Pensava que tinha ido viajar — digo-lhe.

— Cancelei à última hora, embora calhe bem tomares conta do *Mr. Flu* porque tenho muito trabalho. Vou estar no escritório lá em cima. Mas, antes disso, apetece-te um copo de sumo?

— Está bem.

Na impecável cozinha branca, aceito o copo que a Anne faz deslizar pela superfície de mármore. Em seguida, somos abraçadas por um silêncio incómodo. Não acho que tenhamos nada em comum, mas lá consigo quebrar o gelo dizendo:

— Belo candeeiro.

— Obrigada. — Ela dá um gole com elegância e discrição, como se alimentar-se fosse um ato vergonhoso. — Como está a tua mãe?

A pergunta surpreende-me.

— Conhece-a?

— Sim, bastante bem. Ou melhor, conhecia. Há anos que não falamos como deve ser. Trabalhámos para o mesmo grupo imobiliário. Começámos juntas, mas a Rosie sempre esteve um passo à frente; a chefe adorava-a e o resto de nós tentava imitá-la. Depois aconteceu aquela desgraça, ela abandonou o trabalho e as conversas foram-se tornando cada vez mais espaçadas. Agora só nos cumprimentamos de longe se nos cruzarmos na vizinhança, embora já não a veja há algum tempo.

— Sai poucas vezes de casa.

— Era o que imaginava.

— Será melhor ir já levar o *Mr. Flu* a passear, senhora Rogers — digo, após beber o sumo de um trago com a esperança de dar a conversa por terminada.

— Antes de te ires embora, interessa-te ter mais animais de estimação para cuidar?

— Claro.

— Tenho um par de amigas que estariam dispostas a deixar-te a cargo dos seus cães. Eu dou-lhes o teu número para te poderem ligar.

— Muito obrigada.

— Não tens de quê.

O passeio sabe-me bem, por isso prolongo-o durante mais tempo do que cobre o meu salário e, quando chegamos a uma zona mais afastada em que há um banco, sento-me ali com o cão e observo o ir e vir das pessoas enquanto lhe atiro um pau. Não sei por que motivo, vem-me à memória uma professora da escola que, um dia, me disse algo tão típico como «É uma pena desperdiçares o talento que tens, Grace». Visto sob uma nova perspetiva que vem com o passar dos anos, talvez se referisse ao meu dom natural para passear rafeiros. Pode ser que, agora que a senhora Rogers falou de mim às amigas, acabe por montar um império de serviços para animais de estimação. A ideia tem piada. E a recordação também. Que coisa mais ridícula aquela mulher chegar a pensar que havia algo de excecional em mim.

Nessa mesma tarde, hesito à porta da sala ao ver a minha mãe com os olhos colados à televisão e a comer algo enlatado. Não sei se será carne em conserva, mas tem um aspeto gelatinoso horrível.

— Sabes onde está o pai?

— Hum, não. A trabalhar, talvez.

Duvido que o escritório esteja aberto a estas horas, mas não o comento. O casamento dos meus pais parece ter naufragado há muito tempo e agora só há restos do que um dia foi, mas é um terreno tão pantanoso que ninguém no seu perfeito juízo se atreveria a atravessá-lo.

Ela parece surpreendida quando me sento ao seu lado.

— Por falar em trabalho, comecei a passear o cão de uma senhora. Ela diz que te conhece porque há anos trabalharam juntas no ramo imobiliário. Chama-se Anne Rogers.

— A Anne, sim… — murmura ela.

— É simpática — digo.

— Dávamo-nos bem.

Quero perguntar-lhe o que aconteceu, porque terá deixado de se dar com ela e se terá um conceito de amizade tão defeituoso como o meu, mas o brilho do ecrã nos seus olhos deixa-me paralisada. Alguma vez desejaste acariciar um animal moribundo com todas as tuas forças, mas o medo de receber uma mordidela te impediu de o fazer?

Então, afasto-me porque é o mais seguro. Subo as escadas para tomar banho e enclausurar-me no meu quarto. Não muito tempo depois, o Tayler liga-me e eu atendo sem grande vontade.

Já terminou o trabalho na oficina de mecânica por hoje e diz-me que quer encontrar-se comigo na esquina da rua para fumar um cigarro.

A noite está mais amena do que as anteriores, como se o verão estivesse a reclamar o lugar que em breve lhe pertencerá.

— Aí estás tu — diz ele ao ver-me.

Estou a usar as calças de fato de treino que tinha vestido para andar por casa e um casaco por cima de uma suéter tão velha, de que não me consigo desapegar por a considerar quase parte da família, pelo que a uso como pijama.

— Que tal te correu o dia?

— Bem, bem. E o teu?

— Como sempre. — Encolho os ombros.

As nossas conversas não costumam ir muito mais além disto, de maneira que, por defeito, aprendemos a manter silêncios aprazíveis. É justamente o que fazemos com tudo o resto neste momento: partilhamos o mesmo ar, o mesmo asfalto e as mesmas coordenadas, mas, curiosamente, a distância que nos separa não tem solução.

O Tayler dá uma passa no cigarro e olha para mim.

— Ontem à noite pareceste-me esquisita.

— Isso também não é nenhuma novidade.

— Mais do que o normal — esclarece ele.

O que aconteceria se deixasse de arranjar desculpas e me limitasse a dizer-lhe o que estou a pensar sem rodeios? Talvez seja tão fácil como foi com o Will; pegar num fiozinho e puxar e puxar até formar um novelo de lã consistente com o qual se possa brincar.

— Estava aborrecida. Já sabes, o mesmo de sempre, a bebida que é uma porcaria, as conversas triviais e fúteis e, o pior de tudo, ter de ouvir piadas que já sei de cor. Por isso, fui-me embora.

— Mas que raio é «fútil»?

— Tu divertiste-te ontem à noite?

— Claro, porra. — Ele atira o cigarro ao chão e esmaga-o com a ponta da bota. — Mas teria sido melhor terminar a noite contigo. Em minha casa. Na minha cama. Sem roupa.

— Eu percebi à primeira.

Parece incomodá-lo o tom irritante da minha voz e não o culpo. Ambos sabemos em que consiste aquilo que existe entre nós, sempre esteve claro, por isso não tenho o

direito de me sentir desiludida por não encontrar nele o que quer que seja de que ande à procura.

Ele lança-me um olhar exasperado antes de atacar a jugular.

— Nunca te perguntaste porque é que na escola mal tinhas amigas? Quando te comportas assim e falas como um dicionário parece que tens um parafuso a menos.

— És um imbecil, Tayler.

E voltamos à dinâmica habitual.

Regresso a casa. Não sei o que fazer, pelo que saio pela janela e sento-me no peitoril para observar o céu tingido de um tom escuro de violeta que em breve ficará salpicado de estrelas. Há poucas coisas mais prazerosas do que contemplar o final do dia no telhado como um gato preguiçoso.

Matuto sobre a palavra «bonomia». Sempre pensei que a Lucy era um pouco assim: tão boa e afável que acabava por ser bastante ingénua. Provavelmente, era um efeito secundário de viver a meias, equilibrando-se entre a saúde e a doença. A maioria das pessoas acredita que é algo bom, mas a mim nunca me pareceu tal coisa. Num mundo cheio de hienas esfomeadas, não se pode considerar uma virtude ser um ratinho do campo alheio ao perigo.

A doçura da Lucy despertava em todos um instinto de proteção. Passei a vida a notá-lo nos meus pais e, mais tarde, quando cresci, também caí no mesmo erro. O único que se manteve firme foi o avô. Portanto, durante os últimos anos, fui preparando o terreno. «Não é nada de mais» foi a frase que mais utilizei sempre que falava com ela sobre alguma novidade que vivera ou que estava por chegar.

— Nunca sonhas com ir para muito longe daqui? — perguntou-me um dia, depois de me encontrar sentada no telhado e se acomodar ao meu lado. Não havia muito espaço, pelo que estávamos juntas como duas siamesas. — O mundo é tão grande, Grace, que a ideia de nos mantermos escondidos num pequeno recanto parece quase uma estupidez. Às vezes, penso em como seria incrível apanhar um avião sem planear demasiado e amanhã já estar no meio de um glaciar, no deserto, na praia ou numa grande cidade.

Mantive o olhar fixo nas nuvens cirro-cúmulo que se assemelhavam a um lençol cheio de vincos após uma noite de paixão. Inspirei profundamente.

— Não me parece nada de mais.

Pronunciei tantas vezes a minha frase de eleição que, em algum momento, a linha entre o real e o imaginário se esbateu. A quem é que estava a dizer aquilo? À Lucy ou a mim mesma? E era verdade que não me entusiasmava a possibilidade de viajar, de assistir a um concerto, de ter um namorado, de ir para a universidade, de continuar a patinar… ou seria apenas uma espécie de mantra que repeti durante anos até acabar

por me convencer disso? Porque, essencialmente, qualquer opção que implicasse deixar a minha irmã para trás e seguir em frente sozinha não era viável.

Tinha nascido para a salvar. Para-a-salvar. Não para a abandonar.

Portanto, como é que vou saber do que é que mais gosto se nunca me permiti pensar nisso, se sempre foi mais fácil dizer a mim mesma que não é nada de especial…?

Entro no quarto e pego num bloco de notas da secretária e numa caneta. Quando me torno a sentar no espaço entre a janela e o telhado, já é quase de noite. Relembro a conversa que tive com o Will na noite passada. Sempre tive uma boa memória, embora não saiba se é uma virtude ou uma maldição; o avô costuma dizer que «precisamos de esquecer para respirar». Começo pelo princípio:

Os dias de chuva. A manteiga a derreter numa frigideira quente. A perseverança das moscas. Mastigar as grainhas das uvas. Os filmes estranhos. O amor dos filmes. Inventar conversas que nunca aconteceram. A cor roxa.

E continuo a partir daí.

A textura porosa das pedras. O cheiro dos marcadores. Pôr cola na ponta dos dedos, deixar secar e depois tirá-la sem a rasgar. Contemplar a pele eriçada de outro ser humano. As vidraças iridescentes. Secar flores dentro das páginas dos livros e sublinhá-los e torná-los meus, só meus. As escadas em caracol que parecem infinitas. Caminhar descalça. Acelerar quando estou a andar de bicicleta numa reta e fechar os olhos uns segundos, como se quisesse desafiar a morte ou perguntar-lhe porque é que nunca lhe interessei. As perucas coloridas, embora nunca tenha usado nenhuma. A literatura. E a arte. E a fotografia. E a música clássica, sobretudo a delicadeza do piano; quando o ouço tocar, sinto que alguém está a tocar nas teclas dentro da minha alma.

Faço uma pausa e, quando volto a escrever, tenho a sensação de que a minha mão se move segundo as ordens de outra pessoa. Nem sequer tenho consciência do momento em que o tempo verbal muda do presente para o futuro.

Gostaria de aprender todas as constelações. Caminhar pelas ruas de Viena ao entardecer. Apanhar um comboio sem saber em que estação irei sair. E voltar a patinar sobre o gelo sem pensar em nada, nada, nada.

Estou a tremer quando paro de escrever. Já anoiteceu completamente e mal consigo distinguir os traços da tinta sobre o papel. Passo mais um bocado a contemplar como a vizinhança se prepara para dormir: as luzes que se apagam, alguém que vai passear o cão à última hora, uma rapariga que saiu para ir correr com os auriculares postos e

a Lua recortada sobre as árvores da rua. Pergunto-me como serão as suas vidas. Se todos se sentirão tão cheios e vazios, tão pletóricos e tristes, tão serenos e profundamente perdidos.

12

A aleatoriedade da vida e da morte

Os dias avançam com monotonia até chegar quinta-feira, quando volto a participar na terapia de grupo semanal. O Adrien encontra-se mais calmo, quase otimista, e está a beber limonada enquanto a Dona relata todas as perdas que deixaram uma marca ao longo da sua vida, começando por uma irmã que morreu em bebé por causa de uma infeção, seguindo-se o assassínio que lhe levou a melhor amiga e finalizando com o acidente de carro em que faleceram a sua filha e o seu marido. Já passaram trinta e dois anos, mas quem quer que a ouça falar pensará que foi ontem.

— Acho que estou amaldiçoada — conclui ela.

— Já falámos sobre isto, Dona. — Como está sentada precisamente ao seu lado, a Faith pega na mão enrugada da idosa com carinho. — A culpa não é tua.

— É inevitável procurar uma razão… — assegura a Matilda, viúva e com um filho de quatro anos a seu cargo. — Não estou a falar de maldições nem nada disso, apenas da necessidade de encontrar uma explicação lógica, algo a que nos agarrarmos. Um consolo.

— «Os caminhos do Senhor são insondáveis» — intervém a Jane.

— São Paulo nunca me convenceu — comento sem pensar, perante o olhar horrorizado da Jane. Tendo em conta a cruz que leva pendurada ao pescoço e que costuma afagar, agora deve achar que sou o demónio. Aclaro a garganta. — Mas é algo pessoal.

Li a Bíblia, sim. Mais uma obsessão passageira. Foi aos dezassete anos, quando ainda acreditava, ingenuamente, que em algum lugar encontraria as respostas sobre o destino da Lucy e da nossa família. Aprendi sobre mitos, ritos, valores, doutrinas e crenças, mas não encontrei o que andava à procura em nenhuma religião e o tema deixou de me interessar.

— Eu também não partilho a ideia de que um ser superior leva os nossos entes queridos consigo porque, embora nós não o possamos compreender, tudo faz parte de um plano divino. — O Adrien olha para mim com cumplicidade e coça o queixo.

— Difícil é aceitar a aleatoriedade da vida e da morte — opino.

— Nenhuma crença é melhor do que outra — conclui a Dona.

A Faith toma a palavra minutos antes de a reunião chegar ao fim. Conforme todos se vão pondo de pé e deixam as cadeiras encostadas à parede, ganho consciência de que esta tarde me senti bastante confortável fazendo parte do grupo; pontualmente, até fui participativa. É confuso partilhar com vários desconhecidos algo tão profundo como a dor da perda, mas sem dúvida reconfortante.

Demoro-me ao ir deixar o copo de café vazio em cima da mesa ao fundo e, por fim, eu e a Faith ficamos a sós. Ela aproxima-se com um sorriso.

— Como é que te estão a correr as coisas?

— Bastante bem, suponho.

— Alegra-me ver-te por aqui, Grace. É engraçado: a tua irmã adivinhou que aconteceria exatamente isso. — Ela tem as bochechas redondas e rosadas como maçãs.

— Como assim?

— Ela pediu-me que tivesse paciência contigo. Disse que, de início, o grupo te iria parecer uma estupidez, mas que acabarias por ficar. Depois, irias adaptar-te cada vez mais. E, finalmente, comentou entre risos que quase te teríamos de mandar embora à força.

— A Lucy tinha um sentido de humor peculiar.

— Era uma rapariga excecional. — A Faith deixa escapar um suspiro. — Se precisares de alguma coisa, não hesites em pedir-me.

Tornou-se um prazer rotineiro sair e caminhar rua abaixo até ao café onde o Will está à minha espera. Quando o faço, costumo parar por uns instantes para o observar através do vidro e tento adivinhar como desfazer todos os nós que o formam. No fim, obrigo-me sempre a parar de o mirar por receio de parecer inquietante e limito-me a sentar-me à sua frente no reservado e a cuscar o livro que sustém nas mãos.

— Chuck Palahniuk — comento. — É mesmo a tua cara, sim.

— Já o leste? — Ele dobra a página antes de fechar o livro.

— Sim, não esse, mas o *Asfixia*. — Giro a cabeça para procurar a empregada, mas não há nem rasto dela; deve estar dentro da arrecadação. — Estou mortinha por comer uma fatia do bolo de cenoura que fazem aqui.

— Desculpa, mas vai ter de ficar para outro dia.

— Estás com pressa? — pergunto, desiludida.

— Estamos. — Ele levanta-se e deixa algumas notas na mesa. — Vamos, Grace. Já estamos um pouco atrasados com o jogo. Sabes, com o ajuste e tudo o mais.

— Não, não sei do que é que estás a falar. — Sigo-o até ao carro.

O Will arranca e seguimos pela estrada que vai dar a Ink Lake.

— Digamos que já devíamos ir algumas casas mais à frente, mas entre a tua teimosia, o fracasso do rinque de patinagem e o facto de ter andado ocupado estas semanas…

Ele deixa a frase por terminar e eu aproveito para lhe dar seguimento.

— Ocupado com o quê? Muito trabalho?

O Will olha para mim de soslaio sem parar de conduzir.

— Sim, isso.

— Como é que é o jogo?

— De madeira.

Não esperava que ele respondesse e muito menos de um modo literal, mas, agora que sei disso, compreendo que o avô e a Lucy fizeram tudo lado a lado. Quando a minha irmã era mais nova, ele talhou-lhe um dominó. E um tabuleiro de xadrez. E um lindo jogo de mancala com uma tampa polida e brilhante que ela costumava acariciar devagarinho antes de abrir para jogar.

— Posso vê-lo um dia?

O Will franze o cenho e suspira.

— Não sei. Nas cartas ela não comentou nada sobre isso. Ainda.

— Não as abriste todas?

— Não. Estou a seguir a ordem estabelecida.

Estou tão absorta a pensar no jogo que demoro alguns minutos a dar-me conta de que nos desviámos da rota. Estamos num caminho isolado e pedregoso sem asfalto, rodeados por infinitos campos de milho que se estendem mais além de onde a vista alcança.

Ele trava no meio do nada, sai do carro e contorna-o para me abrir a porta.

— O que é que estás a fazer?

— É a tua vez de conduzir.

— O quê? Não, claro que não.

— Recordo-te que a ideia não é minha.

Desafiamo-nos com o olhar por um instante e, por fim, levanto-me, embora ainda não tenha a certeza de que o vá fazer. Um pouco por inércia, instalo-me no banco do condutor e, em seguida, limito-me a observar o caminho sinuoso através do vidro.

— Gira a chave — pede-me ele.

— Não.

— Grace…

— Não consigo.

— Duvido.

— Odeio conduzir.

— Porquê?

O Will, ao meu lado, aguarda algum tipo de explicação. Em nosso redor, reina um silêncio transcendental, somente interrompido pelo piar dos pássaros e o sussurro das folhas de milho.

— Porque já tentei uma vez e não correu bem.

— O que é que aconteceu?

— Foi durante o meu último dia de aulas práticas. Estava distraída… Ando sempre a pensar em demasiadas coisas ao mesmo tempo… E conduzir parecia fácil. Só que então…

— Então… — incita-me ele a continuar.

— Matei um gatinho.

O Will continua a olhar para mim.

— Atropelaste-o?

— Não. Quer dizer, não, não o matei. Mas na minha cabeça sim.

— O quê?

— Estive *quase* a matá-lo. Mais um centímetro, só mais um, e teria acabado esborrachado na estrada. Mas vi-o mentalmente, percebes? As vísceras todas ali, sobre o asfalto, como se fosse um quadro de arte moderna, e depois apercebi-me de que conduzir é um ato muito imprudente. No dia seguinte, não fui ao exame. De bicicleta, é muito mais difícil atentar contra a vida dos outros; além disso, não contribuo para a poluição. São só vantagens.

Pensei que o Will o levasse para a brincadeira, mas ele mantém-se sério.

— Vamos pouco a pouco. Também nunca passa ninguém por esta estrada. Confia em mim.

Engulo em seco e respiro fundo.

— Está bem.

— Gira a chave.

O motor ronrona.

— Lembras-te do básico? — Faço que não com a cabeça e o Will inclina-se na minha direção. — É mais fácil esqueceres-te do pé esquerdo e usares o direito para as duas coisas, travar e acelerar. Assim é mais seguro. Queres experimentar?

— Não tens medo que te risque o carro?

— É só um carro. — Ele encolhe os ombros.

Admito que gosto do pouco interesse que demonstra pelos bens materiais.

— Está bem, vamos lá.

Piso lentamente o pedal para acelerar e o carro começa a mover-se. O milho perde a

nitidez e torna-se um borrão conforme ganhamos velocidade.

— Estás a conseguir, Grace.

Ele soa satisfeito. Quase orgulhoso.

— Mais rápido?

— Sim e depois trava.

Faço-o com demasiada brusquidão e o Will tem de apoiar uma mão no *tablier* para manter o equilíbrio. Dirige-me um olhar de advertência que se torna divertido quando sorri.

— Agora repete com suavidade.

Continuamos a avançar durante mais algum tempo pelo caminho a diferentes velocidades até aparecer uma quinta abandonada à nossa frente. A cerca está aberta e falta uma parte do telhado do edifício onde antes devia ficar o gado. As ervas daninhas crescem pela propriedade.

Estou prestes a perguntar-lhe como fazer marcha-atrás quando reparo que ele não desvia os olhos da paisagem desoladora. E há mais alguma coisa nos seus olhos. Algo profundamente enraizado. Anseio? Melancolia? Ou tratar-se-á apenas de uma ilusão da curiosidade?

— Entramos? — Ele tem a voz rouca.

Em resposta, desvio-me do caminho e desligo o motor.

Descobrimos que alguém forçou a porta e que só é preciso dar-lhe um empurrão para a abrir. Sigo o Will quando se adentra na casa. Não deve viver ninguém aqui há uma eternidade; está tudo cheio de teias de aranha, pó e vidros partidos nas janelas. Se em algum momento houve algo de valioso no seu interior, já o saquearam há muito tempo. Em vez disso, ainda restam algumas coisas pessoais, como uma meia vermelha no chão, livros velhos e inchados após muitos invernos e objetos domésticos.

O chão da cozinha está coberto de pedaços de madeira despedaçada que se desprenderam do teto e que se entrecruzam, amontoados uns sobre os outros.

— Tem cuidado — avisa o Will, baixinho.

— Porque é que estás a sussurrar?

Pensei que ele sorriria, mas mantém-se sério enquanto abre um par de armários que só contêm frascos vazios, gira o manípulo do fogão, rebusca nas gavetas…

— Não me interpretes mal, porque adoro entrar em sítios abandonados, mas porque é que tu gostas? Não tens pinta de… Bem, tu sabes. Disto.

O Will fita-me por cima do ombro.

— Não, não sei. Explica-te.

— Não importa. Vamos subir.

Deixo-o para trás ao sair da cozinha e subo as escadas. Sei que me segue porque o chão range à sua passagem e, além disso, tenho a sensação de que seria capaz de me aperceber da sua presença mesmo que fosse tão silencioso como um gato. Nos quartos não há grande coisa, além de uns colchões sujos e vários estrados com molas partidas. Talvez, anos antes, alguns jovens da povoação usassem a casa para vir passar o serão.

No que parece ser o quarto principal, o Will inspeciona os armários de madeira que estão cheios de caruncho e, ao fundo de um deles, apanha alguma coisa.

— O que é que encontraste?

— Nada. É só uma fotografia.

— Então não é «nada». Deixa-me vê-la.

Tiro-lha das mãos e dou-lhe uma vista de olhos. É um instantâneo a cores, mas a humidade enrugou-lhe as pontas e roubou-lhe nitidez. Apesar disso, dá para ver uma família a sorrir para a câmara. Estão sentados num prado: o pai tem um chapéu, a mãe, de cabelo entrançado, tem vestidas umas jardineiras de ganga e, no seu regaço, descansa um bebé de pernas roliças. Um pouco mais à direita, uma mulher mais velha que parece ser a avó curva os lábios como se estar ali, naquele preciso momento, fosse tudo o que desejava.

— Dá arrepios ver estas coisas, mas também é tentador.

— Porquê? — O Will parece consternado.

— Não sabemos o que aconteceu a esta família e ver isto é como roubar-lhes a sua intimidade. Sei lá, talvez o pai tenha enlouquecido, pegado numa motosserra e… tu sabes.

— Não, não sei, Grace.

— E matou-os! Ou foi cortar árvores no inverno e um urso atacou-o. Há muitas variáveis, basta deixarmo-nos levar pela imaginação. A questão é que o que te disse antes é verdade: adoro sítios abandonados, mas fazem-me pensar demasiado e isso nem sempre é bom.

O Will segue-me pelas escadas abaixo.

— Pensar em quê?

— Hoje pareces um agente do FBI com tantas perguntas — brinco, mas engulo em seco quando chegamos ao rés do chão e estaco no meio da sala decrépita. — É que, às vezes, sinto nostalgia por coisas que não vivenciei. Por isso, esta noite, quando me meter na cama e não conseguir adormecer, de certeza que vou começar a questionar-me parvoíces para as quais não tenho resposta, como o que terá acontecido a esta família: se a avó da fotografia já morreu e de quê, se o casal continua junto ou se se divorciou após alguns anos de felicidade efémera ou as razões que os levaram a

deixar para trás a sua casa e onde viverão agora.

O Will sorri-me.

Não é um sorriso tenso nem forçado. Também não é travesso nem divertido. É um sorriso terno e caloroso no qual qualquer animal ferido gostaria de se refugiar.

— Queres conduzir de regresso a casa?

— Confias demasiado em mim.

— E tu muito pouco, Grace.

Ele passa ao largo e sai pela porta. Demoro um minuto a ir atrás dele. Vejo-o através da janela a contemplar os campos de milho conforme o céu começa a escurecer. Se pudesse escolher um superpoder agora mesmo, gostaria de ler os pensamentos das pessoas para descobrir o que é que o Will Tucker esconde dentro de si.

Afinal, é ele quem se senta ao volante.

A caminho de Ink Lake, combinamos que terei algumas aulas práticas na próxima semana antes de ir fazer o exame de condução. Já chegámos pela altura em que lhe pergunto por que motivo insiste tanto e ele solta um suspiro.

— É uma coisa da Lucy, já sabes como é.

— Andar de bicicleta não é um problema.

— Não, mas limita-te um bocado em determinadas coisas. Não me olhes assim. — Noto como se debate antes de tomar uma decisão. — Está bem, vou contar-te uma coisa adiantadamente: a Lucy quer que leves a tua mãe às sessões de grupo.

— Isso é impossível. É como pedir-me que no próximo mês me transforme numa estrela *pop* ou algo do género. A minha mãe mal sai de casa e recusa-se a receber ajuda.

— Tentaste oferecer-lha?

— Sim, ao início. Até me cansar de ela me odiar por isso.

Ele mostra-se preocupado e isso irrita-me e agrada-me ao mesmo tempo.

— Duvido que te odeie, Grace.

— Esquece. — Afasto o olhar dele com um nó na garganta e tiro do bolso o bloco de notas em que escrevi na outra noite as coisas de que gosto. — Toma. Fiz os trabalhos de casa.

O Will, por seu turno, entrega-me outra carta lilás.

— Eu também.

— Obrigada.

Não me apetece sair do carro para entrar em casa e ser uma testemunha silenciosa de como duas pessoas se vão desvanecendo. Além disso, também não me quero despedir do Will, porque, apesar de me pôr à prova constantemente por causa do

jogo, estar com ele é mais fácil e a coisa mais interessante que me aconteceu há uma eternidade.

— Boa noite, Grace.

— Boa noite, Will.

E abro a porta do carro.

13

A história da Grace e do Tayler

Eu e o Tayler sempre vivemos na mesma cidade, mas só há dois anos é que começámos a orbitar um em redor do outro. Até então, movíamo-nos em círculos distintos. Ele tinha a idade da minha irmã, por isso, quando entrei no nono ano, o Tayler já era toda uma lenda, embora não se deixasse ver muitas vezes pela escola, pois faltava a quase todas as aulas.

Os nossos caminhos eram paralelos, apesar de avançarmos a velocidades distintas. Em alguma ocasião, a Lucy falou-me dele, e acho que me lembro de que não tinha uma opinião tão positiva como o resto das raparigas da sua turma, mas o seu nome ficou-me logo no ouvido.

Até àquele sábado em pleno julho.

Era uma tarde húmida e quente, a rondar os trinta graus. Eu e a Olivia estávamos sentadas no alpendre das traseiras da casa dos seus pais quando ela recebeu uma mensagem da Sheila, a rapariga com quem trabalhava no supermercado.

— Ela diz que há uma festa em casa dos Browns.

— Têm piscina? — perguntei de imediato.

— Sim. E das grandes, com jacúzi incluído.

— Já me convenceste.

A Olivia pegou nas chaves do carro que partilhava com a sua mãe e conduziu até ao bairro mais exclusivo de Ink Lake. Nesse dia, ela tinha vestido uma saia verde-água ao estilo *tutu*, ténis pretos com plataforma e uma *T-shirt* simples que deixava entrever o biquíni. Provavelmente, a sua paixão por desenhar a sua própria roupa foi o que espoletou a nossa amizade. Éramos as duas consideradas «as estranhas» da escola desde pequenas; no caso dela, porque o seu aspeto era espalhafatoso, e no meu, porque, como um dia me disse uma colega de turma, «pensas coisas muito esquisitas». Por isso, no recreio, durante a hora de almoço, juntávamo-nos para não ficarmos sozinhas.

Com o passar dos anos, as nossas vidas entrelaçaram-se.

Eu passava as tardes a brincar em casa dela quando os meus pais estavam fora e o

avô tinha de trabalhar. A Olivia vinha lanchar a minha casa nas alturas em que a Lucy estava bem e o mundo voltava a ser um lugar alegre e luminoso para todos.

Vi-a crescer e ela a mim.

Durante os últimos dois anos de escola, a Olivia esforçou-se com a esperança de ter uma média aceitável. Era das que sonhavam em ir-se embora para bem longe e expandir os horizontes. Enviou quase uma dúzia de candidaturas a diferentes escolas de *design*, mas só recebeu cartas de rejeição em resposta, pelo que teve de se conformar em ficar em Ink Lake e trabalhar no supermercado.

— É aqui — disse ela.

Parou diante de uma casa enorme. À porta já se ouvia a música e os risos que pareciam estar enlatados. Uma rapariga com um *piercing* no nariz que não conhecíamos saiu para nos abrir a porta e supus que seria a filha dos Browns.

— Quem são vocês?

— A Sheila convidou-nos.

— Está bem, passem — aceitou ela, como se tanto lhe fizesse quem aparecesse na sua festa e porquê. — Usem a casa de banho do jardim. Há bebidas na cozinha.

Agradecemos-lhe antes de a perder de vista.

A Sheila estava deitada numa das espreguiçadeiras a beber um líquido vermelho com uma palhinha. Levantou a mão ao ver-nos e nós fomos ter com ela. Apresentou-nos às suas amigas, todas de vinte e poucos anos, que tinham regressado à cidade para passar as férias de verão.

Dei uma vista de olhos ao sítio. O jardim era grande, mas não parecia haver quase trinta pessoas ali. Um grito agudo chamou-me a atenção e observei o rapaz que levava uma jovem ao ombro e que estava prestes a atirar-se para a piscina. *Chape.* A água salpicou as pessoas que estavam a apanhar sol em redor e eles emergiram instantes depois.

Ele estava a rir-se e ela fingia estar indignada.

— Aquele ali é o Tayler? — perguntei.

— Sim. — A Sheila revirou os olhos. — É um idiota. Acredita em mim, todas caímos na tentação alguma vez, mas ele é um caso perdido.

Ela não podia saber que, longe de me deixar desiludida, aquilo era música para os meus ouvidos. Sentir-me atraída por coisas danificadas é um defeito que sempre tive. Talvez seja porque, no fundo, desejo que algum dia alguém encontre entre os meus pedaços dispersos algo digno de resgatar.

Não perguntei mais nada. Aceitei uma bebida que me ofereceram e permaneci junto ao grupo de raparigas durante a meia hora seguinte, a ouvir uma conversa sobre sabe-se lá o quê, porque quando algo não me interessa costumo deixar de

prestar atenção.

Na realidade, os meus olhos estavam fixos na casa.

Tinha canteiros com flores, uma trepadeira a subir por um dos pilares e janelas grandes e altíssimas que deixavam transparecer uma sala confortável. Sempre senti um fascínio pelas casas das pessoas, não só pelo aroma singular de cada uma, mas também pela dinâmica familiar. O que acontece atrás de cada porta é um pequeno mistério a desvendar. Naquela casa, podia imaginar os membros da família reunidos em redor da mesa, com a televisão desligada para evitar o ruído de fundo, mantendo conversas interessantes sobre os seus afazeres diários. Estupidamente, tenho tendência para associar o poder de compra a uma imagem ideal, embora saiba que, na realidade, não têm qualquer relação.

— Vamos para a piscina? — perguntou a Olivia.

— Daqui a nada. Antes quero mais um copo. Há gim?

— Acho que há lá dentro — disse a Sheila, distraída.

Dirigi-me à porta das traseiras da casa. Ao entrar, examinei o que me rodeava, atentando nos pormenores, como o bengaleiro vazio ou as fotografias emolduradas. Desviei-me e deixei a cozinha para trás. Subi para o andar de cima. Ia só dar uma vista de olhos rápida aos quartos. Uma olhadela de nada. Sabia que não era correto, mas…

— O que é que estás a fazer aqui?

O Tayler apareceu a meio do corredor.

— E o que estás tu a fazer?

— A ir buscar a *T-shirt* de que me esqueci na outra noite no quarto da anfitriã.

— Estás à espera de um aplauso por te gabares como um orangotango?

A expressão do Tayler alterou-se, tornando-se mais cauta, como se tivesse decidido que tinha de medir bem as suas próximas palavras, embora não tenham sido nada excecionais.

— Não respondeste à minha pergunta.

— Certo. Ups, desorientei-me.

Longe de ficar incomodado, o Tayler achou piada.

— Já nos vimos antes? Como é que te chamas?

— Chamo-me Não Me Interessas.

— Ouve, espera, espera…

Dei meia-volta, para regressar ao jardim, mas ele interpôs-se no meu caminho antes de conseguir alcançar as escadas. Tinha a testa enrugada e, então sim, observou-me com atenção. Suponho que a única razão para tal foi não estar habituado a que uma rapariga não parecesse interessada nele. Não há nada que demonstre mais simplismo

do que desejar algo só porque não o podemos ter.

— Podes afastar-te?

— Posso, mas não quero.

— És mesmo irritante.

— Vá lá, diz-me o teu nome.

— E o que é que recebo em troca?

— Toda a minha atenção.

— Oh, mas que grande honra.

O Tayler sorriu perante a minha ironia.

— Pois é. Tu é que ainda não sabes, mas vais perceber mais tarde — respondeu, brincalhão, e baixou a vista até a fixar na parte superior do meu biquíni violeta. — Queres beber um copo?

Pensei no assunto por uns instantes. Tinha várias coisas a seu favor: um sentido de humor aceitável, a beleza das causas perdidas e o facto de estar profundamente aborrecida naquele verão.

— É a única coisa interessante que disseste até agora — ripostei.

Ele curvou os lábios, aceitando o desafio, e eu rodeei-o para descer as escadas. Já na cozinha, continuámos na brincadeira e eu incentivei-o a tentar adivinhar o meu nome.

— Tens cara de Aubrey.

— Tenta outra vez.

— Amy?

— Não, mas até gosto.

— Holly?

— Frio, frio.

— Daisy?

— Tens um fetiche estranho por nomes acabados em «y».

— É possível. Não me tinha dado conta. — Ele aproximou-se até o seu corpo roçar no meu. — Dá-me uma pista. Não é justo, tu sabes como eu me chamo.

— Como é que podes ter tanta certeza?

— Porque todos sabem quem sou.

— Só sei porque há anos andavas na mesma turma da minha irmã — menti, para não lhe alimentar o ego. — Chama-se Lucy Peterson. Por problemas de saúde, só ia à escola de vez em quando.

— Já ouvi esse nome, sim…

— Preparas-me esse tal copo?

— E tu dizes-me como te chamas?

Olhamo-nos fixamente durante uns segundos.

— Grace.

— Não me estás a mentir, pois não?

— Não é o meu estilo.

— Está bem, Grace. — Pronunciou o meu nome lentamente. — Que te parece se formos buscar as nossas coisas e nos formos embora desta festa tão aborrecida?

Não hesitei antes de aceitar. É fácil tomar decisões quando não tens expectativas. Portanto, despedi-me da Olivia quando já começava a anoitecer e sentei-me atrás do Tayler na sua mota. Rodeei-lhe a cintura quando acelerou rua abaixo. Fizemos uma paragem num *pub*, bebemos cerveja e jogámos bilhar. Venci-o três vezes. Ao início achou piada, mas, quando percebeu que não era uma mera casualidade, começou a mostrar-se irritado.

— Este jogo é uma merda. Vamos para minha casa?

Acabámos entre os lençóis da cama dele. Foi rápido, intenso e sincero. Só desejo, só dois corpos a procuraram-se um ao outro, só um instante de abandono antes de voltar à realidade.

Permanecemos deitados de barriga para cima.

— Ouve. — O Tayler ainda respirava de maneira entrecortada. — Esqueci-me de te dizer que não ando à procura de nada sério. Não quero magoar-te, mas…

— Cala-te.

— O quê?

— Disse para te calares. Não é preciso perderes tempo com desculpas. Já te disse: não me interessas. Podes ficar tranquilo.

Levantei-me e procurei a minha roupa enquanto o Tayler me observava em silêncio. Não sei que lâmpada se acendeu na sua cabeça, mas ele aproximou-se, pegou-me no queixo e deu-me um beijo. A seguir, também se começou a vestir.

— Eu levo-te a casa.

Quinze minutos depois, desligou a mota diante do passeio e eu desci. Dei-lhe o capacete que me tinha emprestado. Já estava prestes a dar meia-volta quando ele disse:

— Então, vais fazer alguma coisa amanhã às oito?

Olhando para trás, a nossa relação não mudou muito desde então. É fácil deixarmo-nos levar com o Tayler, sobretudo quando não existe nenhum compromisso: ele continuou a encontrar-se com outras raparigas e eu também tive outras aventuras de uma noite. Mas, no fim, voltamos sempre a encontrar-nos em algum desvio.

Nessa noite, quando entrei em casa, sobressaltei-me ao dar de caras com a Lucy na cozinha. Tinha vestido um pijama de desenhos animados infantis e estava descalça.

— Assustaste-me! — exclamei.

— Aquele ali era o Tayler Parks?

— Sim. Estavas a espiar-me?

— Não, só desci para comer alguma coisa e vi-te por acaso.

— São bolachas de água e sal o que tens na mão?

— Tem cuidado com ele, Grace.

— Dá-me as bolachas.

— Estou a falar a sério. Além disso, não percebo o que é que te pode interessar num tipo daqueles. Tenho a certeza de que não abriu um livro em toda a sua vida e, provavelmente, o seu filme preferido é *Velocidade Furiosa* ou alguma daquelas comédias de humor estúpido que não têm piada. Do que é que achas que podem falar quando estiverem juntos?

— És tão inocente, Lucy — repliquei com um tom mordaz, do qual me arrependi de imediato. — E quem te disse que me interessa falar com ele?

Ela fez uma careta de desilusão e deu-me as bolachas antes de sair da cozinha.

14

Trovões na cabeça

Deixo-me arrastar pela apatia durante as duas semanas seguintes.

A minha vida é uma sucessão de conversas fictícias que não tenho com ninguém, trabalhos que não consigo arranjar e horas atiradas ao lixo em que imagino vidas alternativas que nunca serão uma realidade. A única coisa interessante que fiz desde a última vez que vi o Will foi passear dois cães novos e procurar uma escola de condução, porque devo ser a única aspirante a condutora que não conta com nenhum adulto que a possa acompanhar. Amanhã vou fazer o exame.

Suponho que seja por isso que me sinto inquieta.

Por isso e porque a última carta que recebi da Lucy me colocou entre a espada e a parede. Ainda não sei o que é que a minha irmã esperava conseguir com «O Mapa dos Desejos», mas a rota percorrida até agora está a ser agridoce. No bilhete estava apenas escrito:

Doa toda a minha roupa, por favor.
E boa sorte no exame de condução. Vai correr bem.

É possível que esteja um bocado, só um bocadinho, chateada com a Lucy. Não percebo porque, de todas as coisas que me poderia dizer, escolheria algo tão vazio. E tenho saudades dela. Sinto tão profundamente a sua falta que me dói não encontrar consolo nas suas cartas.

Senti-me mais solitária do que o habitual nestes últimos dias. Sem o Tayler. Sem o Will. Sem a Olivia. Sem o avô. Sem os meus pais. Este facto faz com que me torne consciente de como é pequeno o meu universo emocional e imagino que seja culpa minha. Poderia ter sido alguém diferente, daquelas raparigas que têm um grupo numeroso de amigas ou das que procuram um parceiro estável ao fazer dezasseis anos. Mas não. Não há nada disso.

Fito a parede do quarto.

A maioria dos postais são fotografias de fotógrafos famosos ou imagens de algumas das obras de arte mais reconhecidas. Penduro-as ao lado das palavras que coleciono

porque fazem despertar algo em mim. A arte remexe. É por essa razão que sempre me senti atraída por ela. Mas agora sinto-me tão entorpecida que nem isso me alivia.

Desvio o olhar e ponho-me de pé.

O meu pai está na cozinha a falar ao telemóvel, mas desliga quando eu apareço. Tem na mão uma maçã mordida e acho graça que seja o símbolo do pecado.

— O dia foi bom? — pergunta ele com um ar distraído.

— Podia ter sido melhor. E pior, suponho. — Sento-me à mesa redonda que se encontra na esquina. — Por exemplo, podia ter ganhado a lotaria, sim, mas também podia ter ficado com as costelas partidas depois de um atropelamento.

— Grace…

— Só estava a brincar.

O pai dá outra mordidela e assente.

— Eu sei. Então, está tudo bem?

Sim, é só mais um dia a seguir as instruções de um jogo que a tua filha morta decidiu criar em jeito de piada póstuma. E contigo, tudo bem?

— Amanhã vou fazer o exame.

— Que exame?

— De condução.

— Não sabia… Não sabia.

Ele atira o coração da maçã para o lixo e eu pergunto-me se algum dia fará exatamente o mesmo com o da mãe. Olhamo-nos nos olhos durante uns instantes.

— Dás-me uma aula prática?

— Agora? Já é muito tarde…

— Dava-me jeito — insisto.

Nem sequer sei porque é que lho peço, visto que não preciso de mais nenhuma aula. O que quero é… um pedaço dele, talvez. Só mais um pedaço antes de o homem que achava conhecer desaparecer de vez. Já não resta quase nada além do invólucro; as maçãs do rosto altas, o olhar intenso que perdeu o brilho, o cabelo abundante agora salpicado de brancos e aquela maneira de se mexer um pouco felina que sempre associei às auras avermelhadas.

— Está bem. Vamos lá.

O carro do pai está estacionado em frente da garagem. Entramos e meto a marcha-atrás com cuidado enquanto ele repete com suavidade: «Devagar, devagar, devagar…» Fico com vontade de acelerar bruscamente, mas consigo conter-me quando o pé me estremece sobre o pedal. *Sou uma boa menina*, digo de mim para comigo. Depois, conduzo pelas ruas de Ink Lake enquanto a noite cai sobre nós.

— Conduzes muito bem — comenta o pai.

Já andamos um bom bocado a dar voltas quando passamos diante da minha hamburgueria preferida e eu pergunto se lhe apetece jantar comigo. De início, franze o sobrolho, consciente da anomalia que é a proposta, mas acaba por assentir.

O estabelecimento está praticamente vazio. Sentamo-nos a uma mesa pequena e a Mia vem tomar nota dos nossos pedidos. Ao reconhecer-me, levanta a cabeça em jeito de saudação.

— Como vais, Grace?

— Nenhuma novidade.

— Queres o mesmo de sempre?

— Sim. O que é que tu queres, pai?

— Ainda não sei bem… — Ele lê a ementa, mas fica nervoso quando a Mia começa a mudar o peso do corpo de uma perna para a outra. — Vou querer o mesmo que ela.

— Perfeito. Estará pronto em dez minutos.

O silêncio torna-se constrangedor quando ficamos a sós. Há um senhor mais velho a jantar noutra mesa e um casal na marmelada um pouco mais distante. O meu pai olha para alguma coisa no telemóvel e eu olho para ele. Não consigo parar de me perguntar quem é, quem é, quem é. Acontece que existe uma dissociação entre as memórias e a realidade, li-o algures, pelo que agora já não tenho a certeza se o homem que me levava às cavalitas, amenizava os castigos quando a mãe era demasiado dura ou me chamava saltitona continua a existir em alguma parte. Talvez tenha *existido* certa vez, no passado, mas desaparecido logo a seguir.

As coisas imateriais que se desvanecem são trovões na minha cabeça. Às vezes, imagino-as a flutuar à deriva: uma amizade perdida, as mudanças que nos obrigam a deixar para trás parte do que fomos, o tempo que corre sem parar, o amor sentido por uma irmã ou a tristeza de quando alguém abandona as trevas e eu fico para trás.

Podemos contar o dinheiro que temos na conta bancária, os minutos que usamos no telemóvel diariamente ou os centímetros que medimos. Mas não há maneira de quantificar as coisas verdadeiramente importantes além de usar um vago «muito», «moderado» ou «pouco». Tão-pouco podemos possuí-las; conformamo-nos com um relógio porque não podemos meter o tempo numa gaveta da mesa de cabeceira; com guardar umas cartas velhas porque não há forma de pegar no amor e mantê-lo protegido num frasco de vidro.

São coisas mutáveis. E com a mudança vem o esquecimento.

A admiração que sentia pelo meu pai esfumou-se em algum momento e não consigo reviver essa emoção como se quisesse reproduzir um disco de música que adorava aos catorze anos, porque, ao contrário dos livros, dos quadros ou de tudo o

que é material, os sentimentos são o oposto do inalterável. Mas estou convencida de que, em alguma realidade paralela, haverá um sítio onde acontece justamente o contrário e se pode vender em lojas ou enfiar nos bolsos todo o tipo de ideias, pensamentos e pedaços de amor.

O meu pai deixa o telemóvel de parte e quebra o silêncio.

— Conheço esse olhar.

— Ah, sim? E que significa?

— Que estás tão dentro de ti mesma que até já perdeste o fio à meada do que quer que seja em que estás a pensar.

Não sei porquê, mas fico na defensiva.

— Já não me conheces tão bem como pensas.

Ele não tenta convencer-me do contrário. Permanecemos em silêncio até a Mia regressar com os hambúrgueres e um cesto com várias embalagens de molho. Ponho um bocadinho de tudo e depois engulo a comida para manter as mãos e a boca ocupadas. O pai, pelo contrário, mordisca uma batata com um ar distraído.

Limpo-me com o guardanapo ao terminar.

A ele ainda lhe falta comer mais de metade.

— Posso fazer-te uma pergunta?

— Claro, Grace.

— Porque é que te mudaste para Ink Lake?

— Tu já sabes.

— Não. Conta-me outra vez.

Ele suspira e recosta-se nas costas da sua cadeira. A Mia aparece para nos perguntar se queremos mais alguma coisa, mas eu digo-lhe que não e volto a fixar os olhos no pai, aguardando.

— Conheci a tua mãe numa convenção em São Francisco. A tua avó tinha acabado de falecer e a Rosie não queria deixar o seu pai sozinho num momento tão delicado. Além disso, ela era a melhor agente imobiliária de toda a zona, tinham-na promovido há pouco tempo e pensámos que este lugar, apesar de não ser uma grande cidade, seria o sítio perfeito para uma vida familiar mais tranquila.

— O que é que te fez apaixonar por ela?

— Grace, não sei o que estás…

— Por favor — rogo.

Ele suspira e solta a batata que tinha entre os dedos. Ergue os olhos até ao teto, volta a baixá-los, olha para mim e, por fim, compreende que isto é mesmo importante para mim.

— Era deslumbrante. A Lucy sempre me fez lembrar a tua mãe nesse sentido.

Tinham o dom de entrar num espaço e iluminá-lo. Naquele dia, na convenção, havia mais de cem agentes de todo o país, mas, quando entrei no salão onde decorria o evento, os meus olhos pousaram simplesmente nela como se fosse um farol no meio de uma tormenta.

E apercebo-me de que fala das duas no passado, embora a minha mãe não esteja morta. Engulo em seco, porque é evidente que o diz de uma maneira plenamente consciente.

— E que mais?

— Gostava de tomar as rédeas, não se deixava manipular por ninguém; costumava dizer que, se se enganasse, queria ser ela quem tinha tomado a decisão e não se lamentar por ter dado ouvidos a outra pessoa. E era muito divertida, embora tivesse um sentido de humor peculiar que acho que vocês herdaram. Éramos capazes de falar durante horas; lembro-me de que, quando íamos jantar fora, éramos sempre os últimos clientes e só nos íamos embora porque começavam a arrumar as coisas para fechar, mas dizíamos na brincadeira que teríamos ficado lá até ao amanhecer…

Ele fita-me e é como se regressasse ao presente.

— E agora? Continuas apaixonado por ela?

Não saberia dizer se a expressão que apareceu no seu rosto seria de aborrecimento, confusão ou pesar. Os seus dedos brincam com o saleiro e ele sacode a cabeça.

— Claro que sim, Grace.

Oxalá pudesse acreditar nele. Mas sei que está a mentir.

Partilhamos um gelado para a sobremesa, mas já não voltamos a dizer grande coisa; só falo vagamente sobre estar a cuidar de vários cães e que espero encontrar algo mais estável em breve. Depois, regressamos ao carro e eu sento-me ao volante, embora ainda não tenha a permissão definitiva para o fazer. Conduzo devagar, muito devagar. Estaciono à entrada de casa, tiro a chave e inspiro profundamente antes de soltar à queima-roupa:

— A Lucy pediu-me para doar a roupa dela.

— O que é que disseste? — cicia ele, observando-me.

— É que… é uma longa história. Ela deixou-me um jogo, «O Mapa dos Desejos», e tenho de seguir uma série de passos ou algo do género. Uma autêntica loucura, hem? — Não sei se digo isto a ele ou a mim mesma. — Por isso, agora tenho um problema entre mãos. Um grande problema. A mãe não vai querer que eu esvazie o armário da Lucy. Por outras palavras: tens de me ajudar.

Ele passa uma mão pelo cabelo. Parece terrivelmente cansado.

— Isto é uma espécie de brincadeira de mau gosto?

— O quê? Não! Sabes que nunca faria nada assim!

— Tens razão. Desculpa…

Ele faz-me mais perguntas sobre o jogo e eu conto-lhe o que sei, mas só comento o papel que o Will desempenha em toda esta história de passagem. É como se desejasse ficar com ele só para mim e não o partilhar com ninguém; pelo menos até o poder ver bem, de todos aqueles ângulos que ainda permanecem nas sombras. Gosto que faça parte da minha vida, mas, ao mesmo tempo, que seja alheio a ela.

— Parece tudo… surreal.

— Iá. Mas vais ajudar-me?

— Vou tentar, mas ambos sabemos que não será fácil.

— Obrigada, pai.

Estamos prestes a sair do carro quando o ouço a respirar fundo.

— A Lucy deixou alguma carta para mim?

— Não — digo baixinho.

E, naquele momento, quando a dor da desilusão ensombra o seu olhar, ganho consciência de que um bilhete da Lucy, mesmo um em que só me pede para lhe esvaziar o armário, é profundamente valioso. Porque significa que ainda está aqui comigo. Que me acompanha a cada passo que dou. Que ainda me restam partes dela por descobrir.

15

Aprender a perder o equilíbrio

É quase impossível prever aqueles momentos decisivos que marcam um antes e um depois, e também ter consciência de que estamos a experienciar um deles mesmo quando ocorre. Mas, naquela tarde de outubro, com a tenra idade de treze anos, eu soube.

Calcei os patins e entrei na pista de gelo solitária. Nas últimas semanas, tinha-se tornado uma obsessão ver os vídeos em que uma patinadora fazia piruetas impossíveis, rodando sem parar. E tinha-me proposto a imitá-la, embora soubesse que ainda estava muito longe de conseguir fazê-lo a curto prazo.

Deslizei pelo rinque para me dirigir ao centro. Depois, tentei girar sobre mim mesma e caí ao chão. Olhei em meu redor: não havia ninguém por perto, apenas a rapariga da bilheteira, que estava a ler uma revista com um ar distraído e a mastigar uma pastilha. Voltei a levantar-me para emular mais uma vez o movimento, com o mesmo resultado desastroso. E mais uma e outra vez. Tinha os joelhos doridos devido às colisões contra o gelo. Mas a obstinação ganhava a batalha. Levantei-me, ganhei impulso para me apoiar na parte anterior da lâmina do patim, atrás da serrilha do *toe pick*, e depois caí novamente ao chão.

Não sei durante quanto tempo estive a tentar, mas, ao abandonar a pista de gelo, tremiam-me as pernas e sentia os músculos entorpecidos. O resultado não tinha sido muito melhor ao terminar a sessão, pelo que o poderia ter considerado um fiasco, mas, quando saí e fui sacudida pelo vento de outono, tive aquela revelação que marcaria um antes e um depois na minha vida, porque compreendi que o êxito é feito de pequenos e múltiplos fracassos. E, quando perder o equilíbrio e cair deixa de nos meter medo, tudo muda.

16

Alguma vez te sentiste assim?

Devia estar a celebrar o facto de ter passado no exame de condução, mas, em vez disso, estou parada no meio do meu quarto, a respirar fundo uma e outra vez. Abro os olhos. Contemplo a minha parede cheia de fragmentos que não fazem sentido para mais ninguém e fixo a vista na última nota que acrescentei.

«Um farol no meio de uma tormenta.»

Foi a frase que o pai disse durante a conversa que tivemos na hamburgueria e não paro de pensar nela desde então. Em se será assim que deve ser o amor: luz, segurança, certezas. E no que acontece se, em algum momento, uma das lentes se parte ou o mar se revolta com especial violência. Será nesse preciso instante que alguém deve abandonar o farol antes que as paredes se desmoronem, os alicerces cedam e o oceano engula tudo?

Ouço-os a discutir na sala de jantar.

Quando já não o consigo suportar mais, desço as escadas e interrompo a cena. Mudança de câmara, entra em ação a filha que restou. O olhar desesperado da minha mãe é tão intenso que, por um instante, fico contente, porque ao menos isso significa que ainda é capaz de sentir alguma coisa. Ainda há restos da mulher que foi.

— Ela sabe? — pergunta, levantando a voz. — Contaste à Grace que te queres desfazer da roupa toda da Lucy? Como é que podes sequer pensar nisso?

O meu pai mantém-se sereno ao pé das estantes de madeira da sala, mas sei que está nervoso pela maneira como encolhe os dedos da mão direita.

— Falou-me disso, sim — respondo.

— E não lhe disseste que era uma ideia estúpida?

— Mãe… — Engulo em seco. — Na verdade…

— Na verdade, ela ofereceu-se para me dar uma mãozinha. Vamos levar para o centro social o que decidirmos doar e o resto guardamos no sótão.

Ela olha para nós os dois com os olhos vidrados.

— Porque é que estão a fazer isto?

— Porque é a coisa certa a fazer, Rosie. Alguém poderá… dar uso às suas coisas. — A voz do pai quebra-se, mas ela está tão concentrada na sua própria dor que nem sequer se apercebe disso. — E temos de seguir em frente, temos de voltar a…

— Não digas nem mais uma palavra, Jacob.

Ela nem sequer olha para mim antes de sair da sala de jantar.

Quando eu e o pai ficamos a sós, deixo escapar o ar que sustive e sinto-me a esvaziar. Se fosse um balão de hélio, agora mesmo cairia a pique e ficaria emaranhada entre os ramos de alguma árvore.

— Eu disse-te que não ia ser fácil.

— Porque é que não lhe contaste?

— Sobre o jogo da Lucy? — Ele abana negativamente a cabeça. — Neste momento, isso destroçá-la-ia. Além disso, acho que essa decisão te pertence a ti.

Entramos no quarto da minha irmã nessa mesma tarde. A porta permaneceu fechada todos os dias durante estes quase seis meses e os restantes que ela passou no hospital antes de morrer. Somos recebidos por uma cama com uma colcha cor-de-rosa com diminutas florzinhas amarelas, bonecas e peluches sobre as prateleiras que parecem aguardar com tristeza o regresso da sua dona, uma secretária asseada e organizada, com um recipiente cheio de canetas coloridas, como se a Lucy as fosse usar mais uma vez, e uma pilha de vários daqueles romances que ela gostava tanto de ler.

Giro sobre mim mesma e solto um suspiro.

— Não sei por onde começar.

— O armário. Foi o que ela disse, não foi? Para doares a roupa. — O pai dirige-se resolutamente ao móvel de duas portas, inspira fundo e abre-as de par em par.

As caixas que trouxemos da arrecadação vão-se enchendo com a roupa da Lucy. É uma sensação indescritível pegar em cada peça de roupa, tirá-la do seu cabide como quem despoja alguém do seu lar, dobrá-la e dizer-lhe adeus. Muitas delas trazem-me recordações. A Lucy a comer um gelado que pingou até deixar um rasto de morango numa suéter azulada. A Lucy a dar voltas com uma saia de roda plissada. A Lucy a saltar nas poças comigo com as suas galochas. A Lucy a escolher um vestido de gaze vermelho-escuro porque conseguiu ir ao baile de finalistas com a sua melhor amiga. A Lucy e o quanto ela gostava dos sapatos extravagantes e chamativos.

A Lucy, a Lucy, a Lucy…

— Achas mesmo que estamos a fazer a coisa certa?

— Não sei. — O pai olha para mim. — Mas como nenhum de nós parece ter as respostas adequadas… cumpriremos os desejos da Lucy.

E, ato contínuo, enfia num saco um casaco de lã avermelhada com tonalidades

distintas: um tom de vinho nas mangas que vai aclarando até alcançar um tom rosado na zona do umbigo. Era assim a aura da minha irmã: apaixonada, doce e decidida.

Ofereci-lhe aquela peça de roupa há três aniversários.

— Não a ponhas aí — peço ao pai. — Dá-ma.

— Tens a certeza?

— Sim.

Levo o casaco ao nariz e cheiro o amaciador. A seguir, esfrego-o contra a minha bochecha. É muito suave. Tanto como era a voz da Lucy quando me metia na sua cama e ficávamos a falar em sussurros até altas horas da noite.

Tenho um nó na garganta.

— Estás bem, Grace?

— Não.

— Faz uma pausa.

Levanto-me com o casaco nas mãos e afasto-me, dirigindo-me à janela de onde se vê a rua em que crescemos. De vez em quando, viro-me e observo o pai a guardar com carinho cada uma das peças: pega nelas com muita delicadeza, verifica as costuras, alisa alguns vincos com os dedos, dobra-as como se fossem fazer parte de um desfile de moda. Está tão absorto na tarefa que não parece ter consciência de que continuo ali até se levantar para ir buscar às gavetas da secretária algo para selar as caixas.

— Na terceira — digo-lhe.

A Lucy era organizada até ao extremo. *Tão metódica, precisa e inteligente como para criar um jogo.* E, embora as minhas gavetas contenham uma salgalhada de coisas e seja impossível encontrar algo lá dentro, conheço perfeitamente o conteúdo das suas: na primeira, estão os cadernos; na segunda, materiais relacionados com desenho; na terceira, os materiais adicionais, como cola, fita-cola, tesouras, clipes ou pioneses.

Quando o meu pai termina de fechar as caixas, deixa escapar um suspiro e olha em seu redor, como que a perguntar-se onde arranjará coragem se, em algum momento, tiver de se desfazer de tudo o resto, pois cada pequeno objeto que a Lucy decidiu possuir parece conter pedacinhos da sua alma.

— E agora? — pergunto.

— Deixamos aqui as caixas. Vamos dar algum tempo de margem à tua mãe para ela assimilar a situação, parece-te bem?

— Sim.

— Então, pronto.

— Obrigada, pai. Por fazeres isto.

— Não tens de quê. — Antes de sair do quarto, ele apoia uma mão no meu ombro e olha-me nos olhos. — Se, em algum momento, eu aparecer nesse jogo que a Lucy te deixou, dizes-me, não dizes? Porque gostava de saber… se ela queria que eu fizesse alguma coisa… — Ele respira fundo. — Não falámos muito durante os últimos dias antes de…

— Eu digo-te. Não te preocupes.

No seu gesto de assentimento ainda permanece aquele ar de derrota que arrasta há tanto tempo. Já quase nem me lembro de como era antes, quando brincava e nos fazia rir às três com o seu famoso encanto natural. Fico a vê-lo a descer as escadas até desaparecer.

Nessa mesma noite, umas horas depois de começar a desprender-me do rasto material que a Lucy deixou no mundo, encontro-me no alpendre de uma casa com jardim. O verão já chegou e a temperatura está mais amena. Não conheço a maioria das pessoas que me rodeia, mas o Tayler está ao meu lado e, de vez em quando, acaricia-me o joelho direito e enche-me o copo que tenho na mão.

Uns amigos tinham combinado encontrar-se para ver um combate de boxe decisivo, ou pelo menos foi isso que disse um deles, e quando terminou começou a aparecer muito mais gente. Agora que já anoiteceu, provavelmente ninguém se recorda do que espoletou a festa. A mim também não me interessa, na verdade. Não tinha pensado sair, mas, quando o Tayler me propôs ir buscar-me, estava sentada no meu pequeno refúgio à janela, a pensar e a pensar e a pensar sem parar, pelo que lhe disse que sim para poder desligar o cérebro de uma vez por todas.

Alguma vez desejaste pôr a tua mente em pausa? Só uns instantes de calma antes de retomar o fio à meada do que quer que seja que tivesses dentro de ti? Às vezes, canso-me de mim mesma. Canso-me da minha cabeça. Canso-me de dar voltas a tudo, de imaginar coisas e de viver dentro de um labirinto infinito cheio de ideias enredadas do qual desconheço a saída.

— Aquele tipo está louco. — A Mia aponta para um tipo que compete com outro para ver quem consegue beber mais cervejas quase sem respirar. Já tem bastante avanço.

— Estão os dois — responde o Sebastien, e eu desvio o olhar dele para evitar vomitar. De todas as pessoas que vieram a esta festa, ele é sem dúvida a que mais detesto.

Os convidados aplaudem os rapazes e gravam com os telemóveis.

De maneira inconsciente, saco do telemóvel para ver se tenho alguma notificação, mas não há nada. Sinto que não tenho notícias do Will há uma eternidade. Não nos

vemos desde o dia em que entrámos naquela quinta abandonada que agora me parece tão longínqua. Já passaram mais de duas semanas. Escrevi-lhe a contar que tinha passado no exame de condução e ele só respondeu com um impessoal «Parabéns, Grace».

Não devia, mas os meus dedos movem-se sobre as teclas conforme o ruído aumenta em meu redor; penso na roupa da Lucy dentro daquelas caixas, em como me sinto isolada de todos os que me rodeiam… e reparo na solidão, uma solidão insondável.

Grace: Alguma vez te sentiste como se estivesses a arder em chamas num espaço cheio de pessoas, mas ninguém se incomoda em olhar para ti e continuam na sua?

A resposta chega em apenas dois ou três minutos.

Will: Não.

Dou outro trago e fecho os olhos.

O telemóvel torna a vibrar.

Will: Mas já me senti como se estivesse a arder em chamas num espaço cheio de pessoas que apontam e olham para mim até me transformar em cinzas.

Deixo escapar o ar que sustive. Não respondo. Não quero alterar este momento perfeito de cumplicidade. Não quero tocar em nada com medo de o estragar. Mas sinto algo quente no peito, um pequeno fósforo a acender-se.

— Queres um cigarro?

— Não. — Guardo o telemóvel.

O Tayler olha-me de relance, depois acende um e lança o fumo para cima. Inclina-se e roça-me a orelha com a boca antes de murmurar:

— Hoje a festa também te está a aborrecer?

Com algumas pessoas, a sinceridade não funciona, pelo que sigo por uma bifurcação.

— E isso importa-te, por acaso?

— Claro. És a minha miúda, não és?

— Isso, sim, é que é uma novidade.

— Não é o que desejas na realidade? — Ele passa o polegar pelo lobo da minha orelha e chega-se mais a mim. — Então, que seja. Bora fazer isso. Vamos ser a Grace e o Tayler, o casal do ano.

— Tens consciência de que a escola já acabou há muito tempo?

— Porque é que tens de lixar sempre todos os momentos?

— Tayler, as coisas estão bem assim. — Ponho-me de pé conforme posso enquanto os convidados rebentam em aplausos porque alguém bateu um recorde estúpido que, provavelmente, consiste em beber cerveja pelo nariz ou comer uma quantidade desmedida de nachos. — Tenho de ir à casa de banho.

Apercebo-me dos efeitos do álcool em toda a sua magnitude ao dar o primeiro passo. O chão inclina-se perigosamente e as pessoas que me rodeiam distorcem-se como se fossem feitas de algum material mole e gelatinoso. Tenho um programa de centrifugação na cabeça. Avanço até entrar na casa. Não encontro a casa de banho, que devia estar no rés do chão. Fico enjoada. A primeira náusea sacode-me quando alcanço o terceiro degrau. Continuo a subir como me é possível, agarrando-me com força ao corrimão. Encontro a casa de banho e precipito-me para a sanita.

Deito tudo cá para fora.

Expulso a bebida, a tristeza e a dignidade.

Saio um pouco mais tarde, mas não me sinto capaz de regressar à festa no jardim e também não quero pedir ao Tayler para me levar a casa. Por isso, fico sentada a meio das escadas e, quando olho para cima e para baixo, penso que quase parece uma metáfora da minha vida: descer dá-me vertigens, mas subir seria esgotante.

Não sei quanto tempo permaneço ali, poderiam ter sido dez minutos, uma hora ou três. Penso na palavra «petricor» e em como é maravilhoso tratar-se de um nome tão sonoro para se referir ao cheiro da chuva. Sempre gostei desse aroma porque me evoca a sensação de limpeza, uma mudança e um começo, algo tão autêntico que não se pode capturar num frasco de perfume e vender-se em qualquer supermercado.

Continuo sentada nas escadas enquanto remexo no telemóvel.

Escrevo. Apago. Volto a escrever. Tenho os dedos a tremer.

Grace: O que é que estás a fazer agora mesmo?

Will: Nada. Porquê?

As vozes do exterior esbatem-se e eu sinto-me dentro de uma espiral infinita, mas depressa consigo visualizar o Will no centro desse círculo em movimento.

Grace: Podias vir buscar-me? Estou numa festa em que não quero estar, sentada numas escadas, incapaz de decidir se devo descer ou subir.

Will: Envia-me a morada e espera por mim.

Assim faço. Em seguida, imagino aquele «espera por mim» a soar como se estivesse dentro de um filme de época, talvez ambientado na Segunda Guerra Mundial, por exemplo, e desato a rir que nem uma tonta. No entanto, sei que o tom real, o do

Will, seria muito diferente: seco, quase aguçado e sem floreados, uma forma mais branda de dizer «Fica quieta, Grace».

Por uma vez, sigo as regras à risca e arrependo-me de o fazer assim que vejo o Sebastien na base das escadas. Ele desliza um dedo indicador pelo corrimão, seguindo a curva da madeira e sobe um degrau de cada vez até ficar à minha altura.

— Olha quem está aqui…

— Não tens nada melhor para fazer? Desaparece.

Ele faz-me lembrar uma serpente venenosa. A diferença entre os tipos como o Tayler e os tipos como o Sebastien é que os primeiros dão para vermos chegar ao longe e prepararmos uma estratégia e erguer um escudo, mas os segundos… só os descobrimos quando nos cravam uma faca nas costas e então já é demasiado tarde.

— Mais um verão por aqui? Pobre Grace.

Ponho-me de pé e decido que enfrentar as vertigens é melhor do que permanecer mais um segundo ao pé dele. Desço um degrau após outro e saio para o jardim. Vejo chegar mais convidados à festa, mas nenhum deles é o Will. Não me dou conta de que o Sebastien me seguiu até o ver ao meu lado, tão próximo que sinto o seu bafo quente na minha orelha.

— Como está a tua irmã? — sibila ele, trocista.

— O que é que disseste? — Viro-me para ele com brusquidão e o coração a bater com tanta força contra as costelas que o ouço acima do volume alto da música.

— Agora és uma provocadora surda?

Não vejo nada quando me atiro a ele. Tenho a mente em branco, branco, branco; é um lençol, uma tela, a clara de um ovo. Quero magoá-lo, provocar-lhe uma dor física que lhe penetre na cabeça e mais além.

Uns braços seguram-me com força e puxam-me para trás, separando-me do Sebastien, que olha para mim com um sorriso de satisfação.

— Acalma-te, Grace. — A voz do Will é um sussurro.

Pestanejo para não chorar, há muito que não me permito fazê-lo. Esforço-me por não desviar os olhos para o chão quando verifico que as pessoas estão a olhar para mim porque, ao que parece, isto é mais interessante do que as competições de cerveja.

— Que raio aconteceu? — pergunta o Tayler.

— Sempre soube que ela era meio desequilibrada. — O Sebastien faz uma careta e, atrás dele, ouvem-se alguns risinhos que consolidam as suas palavras.

— Cala-te — diz-lhe secamente o Will atrás de mim.

— E o que é que ele está aqui a fazer? — O Tayler dirige-lhe um olhar de desprezo antes de cravar os olhos em mim, como se esperasse algum tipo de explicação a

respeito da sua presença.

— Anda, vamos embora. — O Will mostra-se completamente tenso e rígido.

Pega-me na mão e afastamo-nos juntos.

Mal tenho consciência de estar a caminhar, porque a minha atenção está concentrada no roçar da sua pele na minha, na maneira como os meus dedos frios parecem abrigar-se no calor que os seus emanam. Ele não sabe, mas memorizo cada pormenor da sua mão, como os tendões que se estendem pelo dorso ou os nós dos dedos que formam pequenas colinas. Também penso no que sei que ali está, embora não o possa ver: ossos, articulações, ligamentos, vasos sanguíneos, nervos e membranas. Porque tudo isso nos une neste momento. E é uma conexão física, mas também emocional. Uma ponte que se levanta lentamente sobre os alicerces construídos nas últimas semanas. E sinto que, por uma vez na minha vida, não é feita de papel nem de cartão, mas de pedra.

17

Desde que não escolhas, tudo continua a ser possível

Já dentro do carro, o Will arranca e atravessamos a noite em silêncio.

— Para onde vamos? — pergunto.

— Queres que te leve a casa?

— Não, por favor. Acho que ainda estou bêbada — digo-lhe, apesar de saber que os meus pais não estão acordados a esta hora e, mesmo que estivessem, também não dariam por nada. De qualquer modo, continuo enjoada e ainda não me quero despedir do Will.

— Não há grande coisa para fazer por aqui…

— Tens uma caravana, não tens?

Ele desvia o olhar da estrada por um segundo e fitamo-nos em silêncio. A seguir, compreendo que decidiu que é uma boa ideia quando ele muda de direção.

O parque de caravanas fica num extremo da cidade onde os pequenos lares improvisados estão apinhados sem muita ordem nem harmonia. O Will deixa o carro no estacionamento da hamburgueria e nós caminhamos em passo lento.

— É aqui — indica ele ao chegarmos a uma caravana pequena e branca com uma faixa cinzenta no meio. Abre a porta. — Entra.

O espaço é minúsculo, mas tem um banco forrado que faz às vezes de sofá, um fogareiro portátil, uma porta que deduzo que vá dar à casa de banho e uma cama dobrável que neste momento está aberta. Até nos recantos mais inesperados há livros empilhados.

— Já percebo porque é que usas o carro como armazém.

— Sempre a bater no ceguinho — brinca ele, e passa ao meu lado para abrir uma mala pousada a um canto e tirar uma camisola de manga curta lá de dentro.

Permaneço imóvel enquanto o Will, de costas para mim, despe a suéter para vestir algo mais fresco. As omoplatas erguem-se um instante antes de o tecido as cobrir e devo admitir que é uma pena. Lembro-me do que pensei da primeira vez que o vi, aquela apreciação sobre ter pinta de estrela de uma equipa universitária de futebol

americano, com os ombros largos em contraste com a cintura mais estreita. Ele continua a evocar em mim as mesmas sensações, só que agora misturam-se com tudo o que sei sobre ele, as peças que vou colecionando.

— Não tenho muita coisa para te oferecer. Queres um refrigerante?

— Não, obrigada. Estou bem.

— De certeza? Também tenho chá.

— Está bem, convenceste-me.

— Põe-te à vontade. Senta-te aí ou na cama.

Correndo o risco de afastar as colunas de livros que estão em cima do banco e acabar sepultada debaixo deles, escolho a cama. Está desfeita, com o lençol branco para um dos lados, e quase o consigo imaginar ali deitado mesmo antes de receber as minhas mensagens. Não sei porquê, mas a ideia faz-me engolir fortemente em seco. Se fosse capaz de ficar corada com alguma coisa, provavelmente este seria o momento em que tal aconteceria. Mas não é o caso.

O Will põe água a aquecer num tachinho.

— Acho que ainda não te agradeci — digo-lhe.

— Nem precisas de o fazer.

Permanecemos um longo minuto em silêncio.

— Isto não está nada mal… — Olho à minha volta. — Porque é que decidiste viver numa caravana? Tem a sua graça se algum dia decidires partir para a aventura.

— Tu gostavas de fazer isso?

Reflito sobre isso enquanto ele coa a água quente. Vai buscar dois copos de vidro e enche-os até à borda. Oferece-me um com cuidado e depois senta-se ao meu lado, fazendo com que o colchão da cama se afunde um pouco. Estar com o Will num espaço tão diminuto parece-me estranhamente íntimo. E sei que ele também se apercebe disso, pois esforça-se por manter a distância, como se temesse o que poderia ocorrer caso roçássemos um no outro dentro desta lata de sardinhas.

Gostaria de lhe perguntar: «Tens medo de me tocar, Will?»

— Suponho que seria interessante. A vida devia oferecer opções limitadas, não achas? É horrível pensar em todas as possibilidades que deixamos pelo caminho.

— Então, pensa só nas que escolhes.

— Pois. É precisamente esse o problema.

— Em que sentido?

— Há uma frase do filme *Sr. Ninguém* que diz assim: «Desde que não escolhas, tudo continua a ser possível» — recito.

O Will dá um gole no seu copo sem desviar os olhos de mim.

— Até quando?

— Não sei.

Ele apoia o cotovelo direito sobre o joelho e inclina-se para a frente. Estuda-me com muita atenção. Pergunto-me o que verá. O que não verá.

— Já pensaste que não escolher também é uma decisão em si mesma? E se passares a vida toda ancorada a essa indecisão?

Compreendo, então, que não me faz esta pergunta só a mim, mas também a si mesmo. Acho que nos encontramos os dois no mesmo ponto de inflexão, mesmo no meio das escadas, sem saber que direção escolher. Para cima ou para baixo? Para baixo ou para cima?

— Não consigo responder-te a isso.

O silêncio regressa. Mas é confortável, quase leve. Depois de um dia tão duro após a discussão dos meus pais, o encaixotar da roupa da Lucy e a noite na maldita festa a que não devia ter ido, estar na caravana com o Will é reparador. Não quero que acabe, pelo que me aconchego sobre a almofada. Cheira a ele. Cheira a cascatas e frio e violetas. Olho para ele enquanto termina de beber a infusão, põe-se de pé e enxagua o copo antes de o secar com delicadeza. É… metódico. Acho graça pensar nos nossos opostos; no caos e na ordem, na reflexão e na impulsividade.

— Onde é que vivias antes? — pergunto.

— Eu digo-te se me explicares o que aconteceu na festa.

— Não é importante. Aquele tipo, o Sebastien, é um idiota.

— Porque é que discutiram?

— Digamos que… temos algumas contas a acertar. Andámos a namoriscar há que tempos, no verão passado. Foi por uma boa causa, é difícil de explicar. E depois começou a dizer que eu era uma provocadora.

— E o outro?

— Quem?

— O da mota.

Lembro-me de que já se viram quando ele me deixou à porta de minha casa semanas antes e o Tayler estava à minha espera. Enrosco-me numa bola. Reparo na suavidade dos lençóis na minha bochecha e percebo que os deve ter mudado há pouco tempo, porque, mesclado com o cheiro do Will, distingo pequenas notas florais do detergente. Inspiro com força.

— É o Tayler. Um amigo. Ou algo assim.

— «Algo assim» é bastante ambíguo.

— Andamos há um par de anos em idas e voltas, mas não é nada sério.

O Will parece dar voltas ao assunto antes de comentar:

— Tens um protótipo bastante singular.

— E o que é que queres dizer com isso?

— Nada.

— O teu «nada» é que é ambíguo.

— Esquece. Então, resumidamente, às vezes estás com o Tayler e outras vezes estás com o Sebastien, estou no caminho certo?

— Não. Já te disse que namorisquei com o Sebastien por uma boa causa, não porque gostasse. Não houve nada entre nós. Só estava a tentar… ajudar uma amiga.

— E conseguiste?

Viro-me de barriga para cima e respiro fundo.

— Digamos que correu mal e pronto, passemos ao tema seguinte. Ou seja, tu. Onde é que vivias antes? E quero pormenores, nada de generalizar.

O Will sorri com vagar e volta a sentar-se ao meu lado.

— Porque é que deduzes que não sou de Ink Lake?

— Porque és do mesmo ano que o Tayler e não o conheces. Além disso, este não é o teu sítio. Essas coisas sabem-se. Moves-te de maneira diferente.

O sorriso do Will esfumou-se e ele permanece sério enquanto esfrega as mãos e olha em frente. Aclara a garganta antes de começar a falar.

— Residi grande parte da minha vida em Lincoln, num daqueles bairros perfeitos que aparecem nos anúncios de monovolumes. Depois, fui para a universidade e acabei em Nova Iorque, num apartamento em Upper East Side.

— E agora estás aqui…

— Isso mesmo — conclui ele.

— Porquê? — murmuro, meio adormecida por causa do álcool, do cansaço e do stresse do dia. — Do que é que estás a fugir? E como é possível que a tua cama seja tão confortável?

Ele deixa escapar o ar que susteve e torna a sorrir. Mas é um sorriso triste. O que ainda não descobri é se a tristeza se instalou dentro dele ou se nasce dele e se expande cá para fora. É como fumo, isso eu sei. Fumo incontrolável.

— Dorme um bocadinho, Grace.

Noto que os meus olhos se fecham.

— Avisas-me daqui a dez minutos? Acho que isso chega para ficar como nova e depois podemos ir embora. Ou continuar a falar. Como preferires. — A minha voz não passa de um murmúrio.

— Sim, tudo bem. Descansa.

Custa-me focar a vista devido à luz que entra pela janela da caravana. Pestanejo e demoro alguns segundos a compreender que não estou aninhada na minha cama, mas

na do Will. Viro-me e vejo-o sentado no banco com um livro na mão. A imagem emana uma certa serenidade e gostava de o fotografar para guardar este momento e colá-lo na parede do meu quarto, mesmo ao lado das palavras que me esvoaçam pela cabeça como pássaros engaiolados.

— Passaste a noite toda aí?

— Sim. Bom dia. — Ele fecha o livro e deixa-o de parte.

— Não dormiste, Will?

— O sono é sobrevalorizado.

— Devias ter-me acordado.

— Queres café?

Assinto com a cabeça e ele levanta-se. Acho fascinante que tenha passado tantas horas sem dormir, provavelmente sem poder ler até ao amanhecer, em vez de me despertar ou pedir para lhe dar espaço na cama. Comprovo que havia lugar para os dois enquanto estico um pouco os lençóis, ainda ligeiramente confusa, e a seguir contemplo o interior da caravana sob a luz do dia. Tem o seu encanto. Pequenas partículas brilham sob os raios de sol e eu estendo uma mão na sua direção.

— Will…

— Diz.

Ele está concentrado no café que começou a ferver.

— Posso vê-lo? Posso ver o jogo da Lucy? Por favor.

Ele fita-me, hesitante, antes de sacudir a cabeça e desligar a cafeteira. Não responde, mas dirige-se à cama, mete a mão lá de baixo e pega na caixa dourada.

— Vou mostrar-te.

Abre-a e tira de lá um retângulo de madeira que, num primeiro instante, parece um dominó, só que é mais largo, grande e, em vez de ter um compartimento, possui várias pequenas casas numeradas com uma tampa que se abre na parte de cima.

— Vamos na casa número cinco. Dentro de cada uma há um papel. Às vezes, tem alguma indicação e, outras vezes, só mostra o número da carta correspondente.

Ele mostra-me o conteúdo da caixa maior e deparo com várias cartas fechadas e atadas delicadamente com um cordel castanho. O Will afasta-as para o lado ao reparar no desejo que me invade. Ambos sabemos que a paciência e a contenção não são o meu ponto forte. Talvez para me distrair, pega num papel e abre-o.

Então, lê em voz alta:

— «Estas são as instruções: só se pode continuar a avançar com uma casa por cumprir.»

— O que é que isso quer dizer?

— Que podemos continuar a jogar apesar de não termos completado a casa da

patinagem no gelo, mas já não temos mais margem de erro.

— E que mais?

— «As casas devem ser abertas seguindo a ordem indicada pelos números. O ritmo do jogo será determinado pelo mensageiro.» Ou seja, eu. — O Will levanta o olhar por um instante. — «O mensageiro não deve ler as cartas que entrega. No caso de a jogadora querer abandonar o jogo antes do tempo, deve abrir-se diretamente o último compartimento.»

Faço deslizar um dedo ao longo do jogo de madeira; imagino o avô a limar as bordas com carinho e a Lucy a pensar no conteúdo de cada pequeno compartimento.

— Uma noite, falámos sobre se a vida seria sobrevalorizada. E ela disse que, no fim de contas, é um jogo que consiste apenas em lançar um dado e ver que números é que calham. — Engulo em seco e omito as partes que me esforço por esquecer, quando o final estava próximo e a Lucy sentia tanta dor que já nem sequer queria tentar a sua sorte.

— Ela tinha razão. Mais ou menos.

— Tens algo em concreto a que objetar?

— Se atirar o dado com demasiada força, é possível que saia do tabuleiro e acabe perdido debaixo de algum sofá a apanhar pó.

Sorrio e ele também o faz. Depois, deixa a caixinha de madeira de parte e serve os dois cafés. Pego no meu e permaneço ali de pé, sem saber muito bem onde me sentar, apesar de ter passado a noite neste mesmo lugar a dormir profundamente.

— Às vezes, a Lucy entretinha-se com jogos de sorte, mas preferia os de estratégia. Os seus favoritos eram o Risk, o xadrez e, quando tinha um dia mau, o Cluedo.

— E tu?

— O Scrabble, sem dúvida.

O poder que as palavras têm sempre me fascinou. Uma palavra é capaz de consertar ou destruir, invocar o ódio ou o amor, oferecer alegria ou tristeza. De facto, penso que faltam expressões mais concretas para certas coisas. Existe algum termo para se referir aos fiozinhos que sobressaem da roupa? Ou ao momento exato em que duas pessoas estão prestes a beijar-se? Ou para enfatizar as últimas palavras ditas antes de morrer?

— Lembrei-me agora que se calhar é uma boa altura para abrir o compartimento seguinte — diz o Will de repente, após dar um golo no café e lamber o lábio inferior. — Se quiseres, podes fazê-lo tu. Levanta a tampa que eu trato do resto.

— Está bem, mensageiro — brinco.

Pego na tampinha de madeira e abro-a com delicadeza. No interior, há um papel enrolado e uma pedra que conheço bem, porque um dia foi minha: é uma ametista de

um tom intenso devido à sua elevada composição em ferro. Foi um presente do meu avô que, anos mais tarde, dei à Lucy. Tinha uns onze ou doze anos e estava convencida de que aquele pequeno tesouro era mágico e a poderia curar.

Seguro-a entre o indicador e o polegar.

— Diz-te alguma coisa? — pergunta o Will.

— Sim. O que diz o papel?

Ele desenrola-o devagarinho e lê:

— «Dá à Grace a carta seis.»

Ele vira-se, desata o cordel e vai passando uma a uma as cartas. A maioria é lilás, que são as minhas, mas há algumas de um tom roxo mais intenso, uma vermelha e um par azul-pálido. O Will entrega-me o envelope correspondente e logo volta a meter o jogo debaixo da cama. Fá-lo com uma delicadeza que me embacia a vista.

Guardo a carta no bolso para a ler mais tarde.

— Eu levo-te a casa — oferece-se ele.

18

À procura da beleza

A situação em casa não melhorou propriamente depois do que eu e o pai fizemos com a roupa da Lucy, algo que a minha mãe considera uma traição. A sua vida decorre entre o sofá e a cama, a cama e o sofá. Se não a encontro num sítio, sei sempre onde ir ter com ela; embora, para ser sincera, já não precise de nada vindo dela.

Pelo menos é isso que repito a mim mesma todos os dias.

Não-preciso-dela. Não-preciso-dela.

Na segunda-feira, entretenho-me mais tempo do que era suposto a passear o *Mr. Flu* e, quando regresso a casa da senhora Rogers, dou de caras com ela na cozinha antes de poder pegar no pagamento semanal que ela deixa sempre num envelope e pôr-me na alheta.

— Bom dia, Grace. Tudo bem?

— Tudo. Já lhe pus a comida.

O barulho que o *Mr. Flu* produz de cada vez que mastiga um pedaço da ração não deixa margem para dúvidas, mas a Anne não lhe dá atenção.

— Obrigada. Manda cumprimentos à tua mãe.

— Claro, assim farei — respondo amavelmente.

É mentira. E acho que a Anne sabe disso.

De qualquer maneira, não acrescenta mais nada e, a seguir, dirijo-me às casas da Emily Trenton e da Karen Stewart para levar os respetivos animais de estimação a passear. Para ser sincera, nunca me imaginei a dedicar-me a isto e só consigo cobrir os meus gastos pessoais com o que ganho, mas encaixa bem com a minha situação atual, que é continuar nesta espécie de limbo.

E isso é tudo o que faço durante a semana: passeio cães simpáticos, vou à terapia de grupo, vejo o pôr do sol no tal lugar à janela, penso em enviar mensagens ao Will e acabo por nunca me atrever a fazê-lo e sou uma espectadora silenciosa do filme *A Mãe Vive no Sofá e Outras Desgraças Catastróficas*.

Na sexta-feira, ao chegar a casa do trabalho, pergunto-lhe:

— Já comeste?

— Não.
— Preparo alguma coisa para ti?
— Obrigada, mas não tenho muita fome.
— Uma sanduíche, talvez?
— Não, Grace. A sério.

Paro de insistir e subo até ao meu quarto. É um canto tão meu que às vezes tenho a sensação de que deixo espalhadas aqui e acolá as coisas que não consigo conter, as minhas obsessões incorrigíveis, as dúvidas sem resposta, as palavras perdidas, as fotografias de momentos que não me pertencem…

Deito-me na cama e volto a ler a carta da Lucy.

Pequena Grace:

Já chegaste a meio do jogo. Lembras-te do que te costumava dizer quando falávamos de estratégias? O equador é sempre um momento-chave e acho que se pode manifestar em qualquer aspeto vital. Agora é que deves decidir se segues em frente ou não e, se o fizeres, ganha impulso e não voltes a olhar para trás.

Queres que te conte um segredo? Quando entro no teu quarto, tenho a sensação de que, como te sentes incapaz de mudar o mundo lá fora, te contentas em ser a rainha indiscutível no teu castelo diminuto. E isso não tem nada de mal, mas pergunto-me se, por detrás de toda essa coleção de coisas bonitas, esconde algum receio. O que estás a tentar esconder, Grace?

Para completar esta casa, tens de ser sincera contigo mesma, porque mais ninguém saberá se foste capaz. A mensagem é: procura a beleza.

Sei que vais saber a que me refiro quando a encontrares.

Com amor, Lucy.

Tenho a mente em branco e não faço a mínima ideia do que ela pretende que eu faça. No primeiro dia, pensei que, pelo que ela dizia, talvez tivesse alguma coisa que ver com a parede sobre a cama. Estive horas a observar a minha coleção de palavras, fotografias e postais com obras de arte que tinham conseguido sacudir-me em algum momento. Ali estava toda aquela beleza avassaladora: algumas fotografias de Nan Goldin, Dorothea Lange ou Cindy Sherman. *Piedade*, de Miguel Ângelo, que mexe sempre comigo, *Vénus de Milo*, *Laocoonte e Seus Filhos* ou *Discóbolo*, de Míron. E, um pouco mais adiante, *Guernica*, *A Noite Estrelada*, de Van Gogh, *Nenúfares*, de Monet ou *O Beijo*, de Gustav Klimt.

Dou um puxãozinho a este último postal para o arrancar da parede. Observo-o de perto, quase o colando ao nariz. A pintura fascinou-me desde a primeira vez que a vi num manual da escola. Talvez pela ideia de ternura e devoção, por mais que renegue a palavra «amor». Ou porque sempre gostei de coisas brilhantes e me maravilhou

que fosse feita de folha de ouro e o choque de estilos artísticos. Ou pela intimidade da cena, a maneira como ele a abraça e ela fecha os olhos com abandono.

Será que era esta a beleza de que a Lucy falava? Quando o estômago se encolhe perante uma obra de arte? Ou quando um livro permanece dentro da alma?

Como não tenho a certeza, deixo o postal em cima da mesa de cabeceira.

O telemóvel toca pouco tempo depois. É o avô.

— Está tudo bem, Grace?

— Sim. — Com o telemóvel entre o ombro e a orelha, pego em algumas peças de roupa espalhadas sobre a cama e começo a dobrá-las. — E contigo?

— Estou bastante satisfeito. Decidi regressar a meio do verão.

— Uau. — Não pensei que ele fosse prolongar tanto a viagem.

— Mas se vires que precisas de mim aí…

— Não! Não, nem pensar. — As palavras saem-me um pouco mais bruscas e atropeladas, porque não quero que o avô se veja obrigado a encurtar as suas férias e muito menos por causa de mim. É suposto ser adulta, não devia ser uma preocupação para ele nem para mais ninguém. — Relaxa, avô.

— Como está a tua mãe?

— Tem fases — respondo de maneira ambígua.

— Ah.

— Ouve, avô.

— Diz.

— O que é para ti a beleza?

— A beleza… — Ele inspira profundamente e faz uma pausa. — É um conceito que vai mudando com o passar dos anos. Agora mesmo, acho que se resume a uma tarde sentado numa cadeira com uma cana de pesca numa mão, uma cerveja na outra e poder contemplar as gaivotas a sobrevoarem o mar.

— Não me parece nada mal.

— Tenho de desligar, Grace. Se precisares de alguma coisa, liga-me. E lembra-te de passar lá por casa para regar as plantas agora que se aproxima o calor. — A seguir, acrescenta: — Já agora, parabéns pela carta de condução, já não era sem tempo!

Acabo de guardar a roupa no armário após desligar.

Depois, volto a dar uma vista de olhos ao postal de *O Beijo*, de Klimt, e reflito sobre as palavras do avô Henry. Talvez a chave esteja no que ele me acaba de dizer. Talvez procurar a beleza na arte seja algo demasiado óbvio e deva ir mais além.

O mundo sobre o qual caminho.

A magnífica forma de um caracol e dos insetos, o esqueleto membranoso das folhas das árvores, o aroma da terra ou do mar, estar no topo de uma falésia, ver os flocos de

neve a rodopiar antes de assentarem sobre o solo esbranquiçado, erguer uma lâmina fina de gelo em direção ao sol e contemplar os brilhos de luz iridescente…

Calço os *Converse* e desço as escadas de dois em dois degraus.

— Passa-se alguma coisa? — O pai acaba de chegar a casa.

— Não. Emprestas-me o teu carro?

— Onde vais?

Surpreende-me que queira saber.

— Ainda não tenho a certeza…

— Grace…

— Mas não vai ficar nem com um risco.

— Está bem. — Ele tira as chaves do bolso e entrega-mas. — Vai com cuidado. Onde está a tua mãe? — Aponto para o andar de cima, pois a última vez que a vi estava a dormir no quarto. — Sabes se comeu?

Nego com a cabeça e ele solta um longo suspiro.

Enquanto entro no carro e aperto o cinto de segurança, pergunto-me se alguma vez terá tentado falar a sério com ela. Não tenho a certeza. Nem sequer sou capaz de os imaginar a ter uma conversa que não seja formada por monossílabos. (Como é que conseguiram chegar a acordo em relação ao enterro da Lucy? Terão comentado alguma coisa sobre os acabamentos do caixão, a frase da lápide e por aí fora?) Eu tentei durante os primeiros meses, tal como o avô. «Mãe, acho que precisas de ajuda», uma e outra vez. Mas, no final, após vários «Deixa-me em paz, por favor» e «Estou ótima», chegou um inesperado «Cala-te, Grace», tão brutal e seco, tão agressivo e pungente, que conseguiu fazer com que me rendesse e atirasse a toalha ao chão.

*

Avanço lentamente com o carro. Continua a aterrorizar-me a ideia de magoar alguém, mas acho que me safo bem a manejar o volante. Estaciono ao lado da hamburgueria e depois observo o parque de caravanas.

Recordo o curto caminho para chegar à dele.

Só quando estou em frente da sua porta é que me pergunto o que estarei aqui a fazer exatamente. E se a ideia lhe parecer ridícula? E se não lhe interessar absolutamente nada disto do jogo e ele só estiver a cumprir o seu papel porque se apiedou de uma rapariga morta e de outra perdida? E se estiver mais alguém com ele dentro da caravana?

Nunca tinha pensado nessa possibilidade antes e, ao fazê-lo, descubro que tem um sabor amargo. A verdade é que não falei sobre isso com o Will. Nem sobre muitas

outras coisas. Tudo o que sei sobre ele são uns riscos aqui e acolá que me esforço por unir e formar um esboço que consiga interpretar.

Arrependida, respiro fundo e giro nos calcanhares sem chegar a bater à porta. Mas, então, esta abre-se de rompante e o Will aparece à soleira.

— Grace? O que é que estás a fazer aqui?

— Pois, estava a passar pela zona… — Mordo o lábio inferior ante o seu olhar penetrante. — E tinha pensado que se calhar podia apetecer-te acompanhar-me a um sítio. Se não tiveres nada para fazer. Ou alguma coisa combinada com outra pessoa.

— Que sítio?

— É segredo.

O Will semicerra os olhos.

— Dá-me um minuto.

Ele desaparece dentro da caravana e eu fico ali fora à espera até ele voltar a sair com uma *T-shirt* diferente e de um branco imaculado que contrasta com o verde dos seus olhos. Não me pergunta mais nada antes de me seguir até ao carro e sentar-se no banco do pendura.

— Gosto disto de não conduzir — diz ele quando deixamos Ink Lake para trás, e passa o resto do trajeto com a vista virada para a sua janela.

Sigo um caminho ascendente que circunda uma pequena colina a uns vinte minutos de distância. Quando saímos do carro, estremeço ao pensar que não há ninguém a vários quilómetros em nosso redor. O terreno é rochoso e, no topo, o vento é mais frio. Andamos até encontrar uma pedra plana que sobressai e sentamo-nos. Dali vê-se a paisagem por completo. Os hectares de milho e soja. As quintas. Os ranchos. O contorno da cidade adormecida, que parece uma maquete ao longe.

— O que é que estamos aqui a fazer? — pergunta ele.

— Viemos à procura da beleza.

Ele respira fundo e assente. Provavelmente, o seu silêncio, aquele espaço que ele oferece sempre e que me ajuda a expandir-me, é o que me incentiva a falar-lhe do conteúdo da carta da Lucy, da minha parede e do que pretendo encontrar.

— E já encontraste o que querias?

— Ainda falta entardecer…

— Está bem.

— Importas-te se esperarmos?

— Não. Parece-me bem.

Permanecemos calados enquanto o sol desce vagarosamente à nossa frente. É bonito. Tudo o que nos rodeia deveria classificar-se sem dúvida como algo «belo», mas não noto o aperto no estômago que esperava sentir, pelo que acho que não é

aquilo de que ando à procura. Porém, gosto deste silêncio partilhado com o Will. Ele está sentado ao meu lado, enquanto a hora dourada nos envolve com os seus feixes de luz alaranjada, e tem as mãos apoiadas sobre a superfície da rocha. Pergunto-me o que aconteceria se movesse um bocadinho os meus dedos e tocasse nos dele. Pergunto-me se, então sim, surgiria aquela sensação no estômago. Pergunto-me se a sua pele continuaria tão quente como na semana passada. E pergunto-me se ele afastaria a mão quando lha roçasse.

Tenho no bolso a ametista que a Lucy deixou no compartimento do jogo e não paro de a acariciar com a ponta dos dedos, estudando o contorno irregular como se buscasse nas arestas as respostas que ainda não chegaram como uma revelação durante o pôr do sol.

Pensativo, o Will mantém os olhos postos no horizonte até o céu começar a ganhar um tom azul-cobalto e a lua minguante aparecer no céu.

— Devíamos ir embora antes que anoiteça totalmente.

— Tens razão. Mas está-se tão bem aqui — digo.

— Sim.

O Will deita-se e contempla o manto de escuridão que nos vai cercando. Imito-o pouco depois e ficamos ali mais um bocado sem dizer nada. As luzes de um avião piscam ao longe lá em cima e eu pergunto-me para onde irão todos os passageiros e como é possível que, para mim, este lugar onde cresci seja tão importante, tudo o que conheço até à data, e para eles não passe de mais uma porção de terra a atravessar e deixar para trás até chegarem ao seu verdadeiro destino. Esse facto, estúpido e ridículo, golpeia-me com força. Apenas confirma a irrelevância da minha existência. Já não há ninguém para eu salvar. Não há ninguém. E sinto-me tão pequena e invisível neste mundo que gira e gira e gira…

A escuridão é total quando nos levantamos. Não sei se o Will terá adormecido ou se tinha os olhos fechados enquanto estava deitado sobre a rocha, mas, ao entrar no carro, parece estar perdido nos seus próprios pensamentos. O que haverá dentro da sua cabeça? Como seria poder fazer uma visita de estudo pelas pregas do seu cérebro e contemplar todas as ideias emaranhadas que contêm?

— Acende os máximos — pede-me ele.

Apalpo com os dedos, tentando dar com o botão correto, mas só consigo pôr os limpa-para-brisas a trabalhar; não estou habituada a conduzir este carro.

— Merda.

— Posso?

— Claro que sim.

O Will inclina-se para mim e toca em algo que ilumina a reta em que circulamos.

Continuo a conduzir até Ink Lake e faço um desvio para o parque de caravanas. Paro na zona do estacionamento, mas deixo o carro ligado.

Ele fita-me. Permanece tão inexpressivo como de costume e as sombras da noite brincam entre o ângulo do seu nariz, as pestanas e o queixo forte. O seu rosto está cheio de estradas inexploradas e adoraria percorrê-las com a ponta do dedo até o saber de cor. O Will toma fôlego antes de me perguntar:

— Encontraste aquilo que procuravas?

— Acho que não. Mas obrigada por me acompanhares.

— Soube-me bem. Precisava de apanhar ar.

— Há alguma coisa a atormentar-te? — digo, meio a brincar.

O ronronar do motor e a escuridão envolvem-nos. Vejo os dedos agitados do Will a mexerem no puxador da porta, mas não o abre logo. Quando se vira para mim, já não parece imperturbável e a única coisa que resta é o vazio.

— Demasiado tempo comigo mesmo — responde.

Em seguida, sai do carro e perde-se na penumbra.

Ligo o rádio a caminho de casa e, ao chegar, enfio-me debaixo do chuveiro. A água quente que cai desemperra-me os músculos. Fecho os olhos. Penso no Will e nas coisas que sei e não sei sobre ele. O que pesa mais? Por um instante, tudo em meu redor é roxo até voltar a olhar para os azulejos cinzentos salpicados de gotículas.

Embrulho-me numa toalha e vou para o meu quarto. A palavra «beleza» continua a perseguir-me quando acendo a luz do candeeiro para ir buscar um pijama ao armário. A toalha cai e, de esguelha, vejo a minha nudez no grande espelho da parede.

Aproximo-me do reflexo a passo lento. A rapariga que me devolve o olhar parece assustada. Como se desejasse acalmá-la, sento-me à frente dela.

E observo-a.

Observo-me.

Faço deslizar os dedos pela cabeleira escura de corte reto que me chega aos ombros. Observo aqueles olhos receosos que me perguntam o que estou a fazer. Vejo constelações de sardas em torno do nariz afilado, aproximo-me cada vez mais do espelho, até estar quase a tocar nele, e encontro poros e manchas na pele, pequenas borbulhas na zona do queixo e um sinal por baixo da clavícula. Afasto o cabelo para trás das orelhas para as libertar; sempre tentei escondê-las porque as achava muito grandes e feias. Mas, graças a elas, consigo ouvir músicas e o canto dos pássaros e o murmúrio da chuva.

E há mais. Há muito mais. Tenho um nó na garganta quando afasto as mãos e deixo os seios descobertos: pequenos e com os mamilos rosados, pendem inertes. E as axilas sem depilar contrastam com a pele esbranquiçada. Não tem um aspeto de

porcelana, mas sim leitoso. Nunca consegui adquirir um tom dourado; continua impassível ante o verão. Mas é a minha pele. É minha. Compreendo neste momento, enquanto examino as estrias que a sulcam e cada imperfeição que encontro pelo caminho. Detenho-me numa cicatriz que tenho no joelho. Ganhei-a aos sete anos, ao cair da bicicleta. Fiquei a choramingar no passeio até que uma vizinha me viu e avisou o avô, que estava a trabalhar na oficina de casa. Deram-me dois pontos de sutura. Lembro-me de que tinha medo da agulha e perguntei pelos meus pais, mas a mãe estava no hospital e não conseguiram localizar o meu pai até duas horas mais tarde.

Ando há vinte e dois anos dentro deste corpo, mas nunca me tinha olhado assim, concentrando-me em cada detalhe, conhecendo-me centímetro a centímetro com a consciência de que me pertence. Duas pernas que se podem mexer. Órgãos saudáveis. As linhas da mão que se entrecruzam. O branco puro dos olhos. As unhas côncavas e estreitas. A pele seca dos cotovelos. A zona genital coberta de pelo. Os joelhos ossudos. Os lábios avermelhados em contraste com a palidez do rosto. Os dentes, de incisivos superiores separados. Tudo, tudo, tudo. Cada recanto esquecido, cada parte que rejeitei em alguma ocasião. Quantas vezes terei pensado «Não gosto disto»? Quantas vezes terei evitado olhar para mim mesma? Quantas vezes procurei lá fora o que tinha mesmo à minha frente…?

Porque, neste momento, compreendo que há beleza em mim.

É uma beleza imperfeita e rara e cheia de ideias desordenadas, mas é. E não sei se será melhor ou pior do que um quadro de Monet ou uma flor a desabrochar ou um pôr do sol, mas pertence-me e vou passar o resto da minha vida com estes olhos e este nariz e esta boca.

Só quando levanto a mão para tocar na minha bochecha é que me apercebo de que estou a chorar. As lágrimas caem e, como a chuva, a suavidade dá lugar a uma tormenta incontrolável.

Soluço e abraço-me.

Soluço e soluço até a porta se abrir de repente e a minha mãe aparecer à ombreira com o rosto contraído numa careta de terror. O pranto não cessa quando ela se agacha ao meu lado e me sacode pelos ombros, gritando-me algo que não entendo.

— Grace, Grace, Grace.

A beleza pode ser demolidora.

— Grace! Magoaste-te?

Então, percebo-a. Com os olhos irritados, vejo a minha mãe à procura de algum indício no meu corpo nu. Um tornozelo torcido após uma queda parva, talvez? Uma dor aguda e inexplicável na zona abdominal que seja um sinal de algo mais?

— Não me dói aí, mãe.

— Então, onde?

— Dentro. A ferida está cá dentro.

Ela demora uns segundos a compreender.

Há alívio no seu olhar. Mas está misturado com algo parecido a impotência. A seguir, os seus braços envolvem-me e eu volto a chorar, choramos as duas, mas desta vez faço-o com ela ao meu lado, sentadas no chão do quarto, ainda diante do espelho.

Também há beleza neste abraço.

19

A menina mais feliz do mundo

Tinha sete anos quando apanhei varicela.

As erupções brotaram-me por toda a pele e depois deram lugar a pequenas bolhas com líquido. A minha mãe foi com a Lucy para casa do avô para evitar que eu a contagiasse; costumavam fazê-lo sempre que me constipava, porque qualquer infeção ligeira poderia pôr em xeque o seu delicado sistema imunitário, de maneira que ficava sozinha com o pai. Lembro-me de que, naquela ocasião, me doía a cabeça, tinha febre, calafrios e comichão por todo o corpo, mas, apesar de tudo, foi uma semana espetacular.

Ele deixou-me comer gelado. Não fui à escola. E vimos filmes de animação. Ao terceiro dia, aconchegados no sofá enquanto eu lambia um chupa-chupa de morango, disse-lhe:

— Pai, nunca mais quero ficar curada.

— Grace, não voltes a dizer isso.

— Porquê? A Lucy não tem de ir à escola e está sempre com vocês. Tanto me faz que dê comichão, coço-me e já está — concluí, depois de esfregar uma das erupções.

Tenho gravada na memória a expressão confusa e cheia de tristeza do meu pai. Hesitou, sei que hesitou. Provavelmente perguntou-se se valeria a pena explicar-me a diferença ou deixar passar. No fim, deu-me um beijo na cabeça, levantou-se para ir buscar o unguento que nos tinham preparado na farmácia e começou a espalhá-lo com delicadeza pela minha pele para acalmar a comichão e a dor.

E eu fui a menina mais feliz do mundo.

20

Senta-te nesta poltrona

A minha mãe não proferiu uma única palavra desde que saímos de Ink Lake. Ainda me custa a crer que tenha acedido a acompanhar-me, mas as suas defesas vacilaram na noite em que encontrei a beleza. Quando nos conseguimos acalmar, descemos até à cozinha para preparar um chá. Já era de madrugada e não se ouvia nada lá fora, a rua estava deserta. Sentei-me à mesa e esperei enquanto ela coava as ervas e servia duas chávenas.

— Está bom — comentei.

— Obrigada — respondeu ela.

A seguir, começou a ficar nervosa. Tentou entabular uma conversa várias vezes, mas acabou por se deter e dar um passo atrás; talvez por falta de prática. É possível que duas pessoas se esqueçam de como interagir entre elas? Tive a sensação de que era exatamente isso que nos tinha acontecido.

— O que aconteceu lá em cima… — começou ela.

— Não importa. Não foi nada. Estou bem.

— Isso não é verdade. O que é que eu posso fazer, Grace?

— Tu? — A incredulidade que impregnou a minha voz foi como se lançasse um anzol à minha mãe. — Acho que devias primeiro cuidar de ti mesma.

— Às vezes, isso pode ser mais complicado.

— Eu podia ajudar-te, mãe, se me deixares.

Ela tinha as mãos a tremer quando pegou na chávena, deu um gole, voltou a pousá-la no prato e olhou em redor como faria um animal assustado à procura de uma saída. Mas não havia escapatória. Estávamos as duas sozinhas. Ao compreendê-lo, soltou um suspiro derrotado.

— Está bem, Grace. Vamos tentar.

E é por isso que nos encontramos hoje dentro do carro, a caminho da terapia de grupo. Ela não se mostra especialmente entusiasmada, mas ao menos deu o braço a torcer e isso já me parece mais promissor do que vê-la passar a tarde diante da televisão e daquele programa de casais nus numa ilha deserta.

Quando estaciono, ouço-a a respirar fundo.

— Não sei se vou conseguir fazer isto.

— Claro que vais conseguir, mãe.

Ela olha de relance para a porta, que está uns metros mais à frente, e sacode a cabeça. Não pôs brincos, vê-se a raiz do cabelo e a *T-shirt* que vestiu é tão velha que acho que tem alguns salpicos de lixívia. A mulher que aparece no álbum de fotografias de família de há décadas estava sempre muito arranjada e era tão vaidosa como a sua filha mais velha.

— Acho que isto não foi uma boa ideia. Desculpa, Grace. Talvez noutro dia em que esteja mais animada. Agora quero voltar para casa.

Engulo em seco. Não a posso obrigar a entrar. Não a posso coagir. Não me posso zangar com ela por causa disto. Mas posso contar-lhe uma parte da verdade.

— Sabes como é que conheci este sítio? Foi porque a Lucy veio várias vezes aqui.

— O quê? — Ela olha para mim, surpreendida.

— Ela queria que eu também o fizesse. E agora estou a pedir-te a ti, como se fosse uma cadeia. Por favor, mãe. Só uma vez. Uma vez e já não insisto mais.

Ela demora alguns segundos a reagir, mas, quando o faz, assente com os olhos húmidos. Saímos juntas do carro, dirigimo-nos juntas à entrada e chegamos juntas à sala, que ainda não está cheia. Agrada-me a ideia de fazermos isto unidas, porque estamos a partilhar algo: um sentimento, um processo, um luto.

Vamos até à mesa de café e servimo-nos de um copo.

A Dona aparece com um sorriso amável e curioso.

— É a tua mãe, Grace?

— Sim. Dona, esta é a Rosie.

— Prazer. Trouxe bolinhos de coco. Sirvam-se.

A idosa mostra-se satisfeita quando lhe digo que têm um aspeto estupendo e depois fala com a minha mãe, que se debate entre a confusão e o afeto que a Dona desperta sem esforço. Ela ouve educadamente os passos que deve seguir para fazer a receita.

Em seguida, chegam o Adrien, a Matilda, a Jane e os demais. Sentamo-nos formando um círculo. A Faith tem vestida uma camisa de hexágonos amarelos que parecem os favos de uma colmeia.

— Estou a ver que hoje temos mais alguém a fazer-nos companhia. Bem-vinda…

— Rosie — apresenta-se a minha mãe, mas não consigo evitar reparar que mantém os braços cruzados contra o peito, como se quisesse dizer: «Não vos vou deixar entrar.»

— É um nome bonito — diz a Jane.

— Esperemos que te sintas como se estivesses em casa. — A Faith sorri-lhe com a sua simpatia habitual. — Bem, vamos começar. A Matilda queria dizer alguma coisa, não é verdade?

— É sobre a culpa — salienta a aludida. — Penso no meu marido todos os dias ao levantar-me e ao deitar-me, mas durante o resto do dia nem sequer tenho tempo para lamentar a sua morte. Estou demasiado ocupada a levar o meu filho à escola, a preparar refeições, a trabalhar, a ir às compras, a limpar, a fazer recados… E quando a noite chega e eu me apercebo de que não pensei no Andrew durante horas, bem… — Ela engole em seco e outra pessoa oferece-lhe um lenço. — É complicado, mas sinto que alguma coisa me sufoca. É nessa altura que aparece a culpa.

— Todos nos sentimos assim em alguma ocasião — diz o Adrien. — Eu lembro-me da primeira vez que me ri depois da morte da minha mulher. Foi horrível. Estava a ver uma comédia policial na televisão e, de repente, enquanto comia uma batata frita, soltei uma gargalhada. Fiquei paralisado. Não parava de me perguntar como era possível ser capaz de me rir de uma parvoíce como aquela quando a minha Kate estava morta.

— Sim. Também acontece com as coisas mais frívolas do dia a dia — acrescenta uma rapariga jovem, quase da minha idade.

— É natural o choque entre ambos os mundos: a nossa parte emocional em contraste com a vida exterior. — A Faith esboça um sorriso doce. — Mas a culpa não passa de um entrave. Já falámos sobre isso noutras sessões, aprender a geri-la é um caminho longo e devemos conceder-nos tempo e paciência. As exigências e a rigidez só dificultam os avanços.

— E o que sabes tu disso tudo?

A voz aguçada que pronuncia estas palavras pertence à minha mãe, que está sentada ao meu lado com o rosto crispado e os ombros tensos.

Longe de se mostrar ofendida, a Faith dirige-lhe um olhar compassivo.

— Sou psicóloga e…

— Isso não implica que possas imaginar o que se sente. — A voz sai-lhe trémula.

— Sou psicóloga e perdi a minha filha Tessa dias antes de ela fazer doze anos. Por isso é que criei este grupo. Porque a dor pode ser solitária.

O silêncio que se instala na sala é ensurdecedor, até que a mãe o quebra com uma espécie de uivo inumano. É tão agudo que me revolve por dentro e tenho de me agarrar aos apoios de braços da cadeira para não me levantar e fugir. Em seguida, solta um soluço violento, e a Faith aproxima-se e abraça-a como se ela fosse uma criança. Faz-lhe festas no cabelo, seca-lhe as bochechas. Os restantes juntam-se ao momento oferecendo lenços, um copo de água, palavras de consolo e suspiros

compreensivos.

A cena parece-me tão desoladora como bela.

A sessão prossegue quando a minha mãe volta a serenar-se, mas sei que algo mudou nela, como se ao deixar sair as lágrimas se tivesse esvaziado um pouco por dentro. E, embora não diga grande coisa, assente com a cabeça enquanto os demais falam e escuta com atenção. Consigo imaginar como se sente porque o experienciei. Este grupo é como uma poltrona antiga de padrão às flores que não parece valiosa à primeira vista, mas quando te sentas nela descobres que é muito confortável, que as costas abraçam a zona dos rins e que queres lá ficar a tarde toda.

Os ponteiros do relógio pendurado na parede alinham-se na vertical quando todos nos pomos de pé. A Faith pergunta à minha mãe se tem pressa ou se podem falar a sós, e eu incentivo-a a aceitar dizendo-lhe que estarei à espera dela no café da esquina que fica um pouco mais abaixo, no final da rua.

Sento-me no sítio que o Will costumava ocupar até eu ser capaz de vir sozinha de carro. Não devia sentir saudades dele, mas sinto. Quem me dera poder observá-lo através do vidro antes de empurrar a porta para entrar. Parecia sempre muito concentrado, muito embrenhado no seu próprio mundo, muito isolado de tudo.

Peço uma fatia de bolo de cenoura e um café.

Há algo de sinistro na minha obsessão por este doce: tenho desejos de o comer desde que a Olivia desapareceu da minha vida. Era o seu bolo preferido. Os sabores e os odores são capazes de evocar recordações com uma clareza incrível. E o bolo de cenoura faz-me lembrar os momentos que partilhámos na escola, afastadas de todos os outros, a rapariga das ideias diferentes e a rapariga que se vestia com tecidos coloridos. Igualmente a primeira vez que provei gim e experimentei tabaco e a noite em que fui a sua casa de madrugada para lhe contar como tinha sido dececionante perder a virgindade no interior de um carro com o Jerry Delton. O quanto me alegrei no dia em que me ofereceu aquela suéter velha da qual sou incapaz de me desfazer porque sei que coseu cada retalho de tons lilás e roxos com as suas próprias mãos. Quão agradável era poder partilhar com alguém confidências e silêncios.

Se ainda fôssemos amigas, falar-lhe-ia sobre o Will.

Contar-lhe-ia que, ultimamente, penso muito nele. Demasiado. Que, ao deitar-me na cama todas as noites, vejo o seu rosto difuso e tento recordar cada linha e marca para o tornar mais nítido na minha cabeça. Que não me basta saber que ele gosta da massa com uma quantidade desmedida de queijo, de astronomia, dos dias de sol, de música *rock*, de purpurinas, de fazer escalada ou ler, porque sei que isso é só o prólogo de uma longa história com vários tomos que desconheço e que o Will mantém bem guardada.

Olho para o telemóvel e faço deslizar a ponta do dedo pela lista de contactos até encontrar o nome da Olivia. Ali está ela, tão acessível e tão longe ao mesmo tempo. Podia pressionar o ecrã e deixar o telemóvel tocar, mas não sou capaz de enfrentar outra rejeição.

Assim sendo, desço mais, até ao «W».

Grace: Correu melhor do que esperava.

Contei-lhe há alguns dias que a minha mãe tinha concordado em acompanhar-me à sessão seguinte. A sua resposta não tarda a chegar.

Will: Ainda bem. Tu estás bem?

Grace: Sim, a ocupar o teu lugar.

Mando-lhe uma fotografia do bolo de cenoura e do café.

Will: Tens alguma coisa planeada para o fim de semana?

Grace: Não, porquê?

Will: Devíamos começar a pensar em avançar mais uma casa. Trabalho as duas noites, mas podemos combinar um pouco antes. Ou então passa pelo *pub*, na sexta-feira não costuma aparecer muita gente à primeira hora.

Grace: Combinado. Posso fazer-te uma pergunta?

Will: Tenho escapatória, por acaso?

Grace: O que é que estudaste na universidade?

Will: Finalmente, uma pergunta fácil: Direito.

Grace: Tradição familiar?

Will: Não. Gostava.

Grace: Uau.

Will: Surpreende-te?

Grace: Imaginava algo como Literatura. Ou Arquitetura, talvez. Mas o imprevisível é sempre mais divertido.

Pouso o telemóvel. Levo outro pedaço de bolo de cenoura à boca. Mastigo enquanto penso no que teria gostado de estudar se alguma vez tivesse pensado ir para a universidade. A ideia aparece um segundo depois, clara e brilhante, como uma

chicotada, mas, em vez de a abraçar, despacho-me a pô-la de parte e começo a pensar em tudo o que nunca farei. Porque não vou fazer isso. Não vou para a universidade estudar isso. Tão-pouco serei uma caçadora de nuvens. Ou bailarina. Não ficarei a cargo de uma estação meteorológica. Não vou abrir uma chapelaria nem serei faroleira em algum lugar perdido e solitário.

Se pisarmos o travão com força, tudo é mais fácil.

21

Amigos

Pedalo com vigor.

Podia ter levado o carro, mas a temperatura amena de inícios de verão convenceu-me a reencontrar-me com a minha velha bicicleta. Gosto de sentir o ar na cara. E ter consciência de como se movem os meus joelhos de cada vez que me impulsiono. E virar o guiador de um lado para o outro como se fosse o leme da minha vida caótica.

Prendo a bicicleta ao poste junto à porta do bar e entro.

O Paul sorri ao ver-me. Aproximo-me do balcão onde ele se encontra e sento-me num dos tamboretes altos. O lugar permanece envolto em luzes e sombras, um pouco como os dois rapazes que o mantém à tona.

— Tudo bem? — O Paul aproxima-se.

— Tudo. O Will já chegou?

— Sim. Daqui a nada aparece, suponho.

Olho em meu redor. Há alguns jovens sentados a uma mesa circular ao fundo e acho que já vi um deles em algum lado. Mais adiante, dois homens jogam às cartas e bebem cerveja. E, ao pé da porta, estão sentadas três mulheres que parecem estar a desfrutar de uma noite sem responsabilidades e soltam sonoras e estridentes gargalhadas.

— O Will comentou comigo que o ambiente às sextas era tranquilo.

— Sim, desde que abriu o *pub* do outro lado da rua, a clientela diminuiu bastante. Metem a tocar música atual, acho eu. Mas quase é melhor assim, não fica aqui um alvoroço. — Ele pega num copo. — O que é que te sirvo? Fica por conta da casa.

— Isso é uma verdadeira gentileza da parte do Paul. — O Will aparece de rompante. — Nunca irás conhecer ninguém tão sovina como ele, podes ter a certeza.

— Ele tem razão. Sou poupado. — O Paul ri-se.

— Quero um refresco de laranja, mas, se vais perder horas de sono à conta disso, eu pago. Não te preocupes, tenho trocado — digo na brincadeira.

— Que engraçada. Não esperava menos da única amiga do Will que conheci e que provavelmente ele tem. Como é que te sentes por ser a exceção à regra?

— Sortuda, aturdida, assombrada. Sou a escolhida.

O riso do Paul contagia-me. Ao seu lado, o Will revira os olhos, mas não parece incomodá-lo o facto de gozarmos com ele e permanece calado enquanto me serve o refresco e o seu colega se afasta para continuar a ocupar-se das mesas.

Sorrio-lhe sem parar de mexer o líquido laranja.

— Com que então, sou a tua *única* amiga. Que exclusividade.

— Sou seletivo — diz ele, encolhendo os ombros.

O Will põe de lado a garrafa que tinha na mão, levanta os olhos para mim e sorri antes de continuar a trabalhar. É um gesto minúsculo, quase impercetível, mas faz com que me invada uma sensação quente e reconfortante. Começo a aperceber-me de que, com ele, os silêncios e os pormenores valem mais do que as palavras.

Continuo a observá-lo: dedica-se a preparar bebidas e atende uns clientes que acabam de entrar. O Paul vai e vem enquanto trata das mesas. Quando vê que terminei a minha bebida, o Will serve-me outro copo sem dizer nada. Acrescentou-lhe gelo, uma rodela de fruta e uma palhinha cor-de-rosa pela qual bebo enquanto ele me fita.

— Então, correu bem a ida com a tua mãe à sessão ontem…

— Sim. Pelo menos está disposta a tentar. Já é um progresso.

— Fico feliz por ti. E por ela.

— Obrigada.

O olhar do Will permanece cravado nos meus lábios quando solto a palhinha. Sorrio, e ele pigarreia, desconfortável, e enche outro copo de *shot* com licor.

— Imagino que tenhas encontrado aquilo que procuravas.

— De que é que estamos a falar?

— Da beleza — esclarece ele.

— Sim, descobri onde se escondia.

Os seus olhos atravessam-me e há algo tão intenso neles que, por um instante, penso que é capaz de me ver verdadeiramente e que, em qualquer momento, dirá: «Claro, Grace, a beleza estava em ti, com todas as tuas feridas e imperfeições, com todas as incoerências e dúvidas flutuantes, as inseguranças e os receios que ainda não conseguiste dominar.» Mas não o faz. Desvia o olhar e serve outra rodada de *shots*.

— Brindamos com um desses? — proponho. — À nossa amizade exclusiva. Ou ao que quiseres, na verdade não precisamos de uma razão.

— Não bebo.

O Paul aparece ao meu lado e, depois de lhe passar o pedido seguinte, leva a bandeja cheia de *shots* que o Will esteve a preparar.

— Quanto à casa seguinte…

— Tenho o envelope no bolso das calças — afirma ele, secando as mãos com um pano. — Quando tiver um momento livre podemos abri-lo, se quiseres.

— Está bem. Não me importo de esperar.

Antes de poder voltar a sorver pela palhinha, a porta abre-se e entram no estabelecimento o Tayler, o Nelson, o Rick e outros dois amigos.

O Tayler lança-me um sorriso trocista que não augura nada de bom. Já passou mais de um mês desde a última vez que acabámos a noite juntos e acho que ambos sabemos que, desta vez, não se trata de um episódio em que damos um tempo para estar com outras pessoas e depois voltamos ao ponto de partida. E não é porque o meu coração salta uma batida quando o Will me olha daquela sua maneira tão particular, mas porque, na noite em que me vi diante do espelho, me dei conta do que possuía e de que o valor que lhe dei até então era diretamente proporcional à minha tendência para estabelecer relações vazias, daquelas em que só se somam desilusões.

— Olha quem está aqui. — O Tayler puxa um tamborete e senta-se. — Vi a tua bicicleta lá fora. Como é que isso vai, Grace? A passar o tempo com o teu novo amigo?

O Will aperta os lábios e dá meia-volta para ir buscar gelo.

— Sim. E a beber um refresco grátis — respondo.

O Tayler não parece achar piada ao meu fingido bom humor. Como não lhe ocorre mais nada para dizer, olha para o Will e diz bruscamente, com um tom condescendente:

— Empregado, serve-nos cinco cervejas. E toca a despachar.

O Will fulmina-o com o olhar, mas não entra no joguinho dele, pois é evidente que o Tayler está a tentar provocá-lo. Pega nas cervejas e tira-lhes as caricas uma a uma com o abre-garrafas. Em seguida, deixa-as em cima do balcão, diante de cada integrante do grupo.

— São doze dólares.

O Nelson pega na sua garrafa, mas, antes de a poder levar aos lábios para beber, o Tayler agarra-lhe o braço com firmeza. Vira o rosto para o Will e sorri.

— Não pedimos cervejas, mas cinco tequilas.

A expressão do Will crispa-se e nota-se uma certa rigidez no seu corpo, como se estivesse a fazer um grande esforço para manter a situação sob controlo. Para começar, nunca teria pensado que o Will é o tipo de pessoa que se deixaria levar por um impulso, mas, agora, ao ver o reflexo do Tayler no seu olhar, tenho as minhas dúvidas. Há algo contido nos seus olhos. Uma emoção sombria que me faz suster o fôlego.

— Não é verdade. Lamento, são doze dólares.

— Não vamos pagar-te só porque estás surdo, empregado. — O Tayler sorri e os risinhos dos seus amigos alastram-se pelo espaço. — Vai buscar a garrafa de tequila, estamos com pressa.

Intervenho porque a minha paciência é bastante limitada. Por isso e porque, por detrás do aborrecimento e da frialdade do Will, também noto algo vulnerável.

— És idiota, Tayler? — atiro com impaciência.

— Isto não é contigo, Grace — responde, gozão.

O Will mantém-se firme, sem desviar o olhar.

— Repito: deves-me cinco cervejas.

O Tayler debruça-se sobre o balcão, que é a única coisa a separá-los. Há algo desagradável no seu olhar: uma mistura de raiva e frustração. Não é por causa de mim, não é por lhe importar que tenha acabado tudo entre nós, mas porque não suporta perder.

— Estás a chamar-me mentiroso? Porque se tens coragem para insinuar uma coisa dessas, suponho que também terás para me enfrentar lá fora.

— Está bem. Vamos. — O Will aponta para a porta.

Estou prestes a intervir para impedir esta situação estúpida quando o Paul aparece com cara de poucos amigos e impõe ordem em menos de um minuto.

— O que é que se passa aqui? — pergunta secamente.

— Pedi tequila e ele serviu-me cerveja — protesta o Tayler.

— É mentira. — A voz do Will é quase um grunhido.

O Paul não hesita nem um segundo antes de se dirigir ao grupo:

— Se não estão dispostos a pagar as cervejas, não faz mal, a porta está ali. Não queremos problemas, mas este é o meu estabelecimento e eu dito as regras.

O Tayler range os dentes e debate-se durante uns segundos, até que um dos seus amigos lhe diz alguma coisa ao ouvido que parece fazer pender a balança. Ele põe-se de pé e dirige ao Will um olhar carregado de desdém que se torna mesquinho quando os seus olhos pousam em mim. A seguir, sai pela porta seguido dos seus sequazes e a tensão dissipa-se.

— O que foi aquilo? — pergunta o Paul.

— Nada, um idiota. — O Will pega num copo.

— Um idiota com quem parecias ter algum problema pessoal — insiste o Paul, erguendo as sobrancelhas. — Ouve, não quero sarilhos destes no trabalho, está bem? Faz uma pausa de vinte minutos. Não há muita gente, eu dou conta do recado. Sai para apanhar um bocado de ar.

O Will assente, dá a volta ao balcão e faz-me um gesto com a cabeça para me pedir

que o siga. O vento, realmente, reanima-me um pouco após o que ocorreu lá dentro. Avançamos em silêncio pelas ruas até ele se dirigir para um beco sem saída. É o mesmo sítio onde fui ter no dia em que o conheci, quando ali apareci com a caixa de «O Mapa dos Desejos» e a carta da Lucy. Já passaram um pouco mais de dois meses, mas diria que passou muito mais tempo; porque continuo sem saber quem sou, mas também já não sou a rapariga que lhe apareceu à frente da primeira vez. Sinto que consegui encontrar algumas peças do *puzzle* da minha vida e, embora ainda não as tenhas encaixado umas nas outras, estou mais perto de o fazer.

Ele deixa-se cair no primeiro degrau de uma fachada.

— Lamento o que aconteceu lá dentro.

— A culpa não é tua — murmura o Will.

— Nunca o tinha visto assim. Quero dizer, sempre soube que não era propriamente perspicaz, mas… — Não sei que mais hei de acrescentar, pelo que me sento ao seu lado.

Estamos muito próximos. A sua perna roça na minha. O seu braço toca no meu. Os nossos ténis estão alinhados um ao pé do outro como numa montra.

— Porque é que andas com ele, Grace?

— *Andava* — clarifico. — E não sei. Parecia-me melhor do que nada, suponho. Ou talvez me sentisse sozinha. Ou só gostava porque sabia que era um daqueles erros catastróficos que te atraem e horrorizam em igual medida.

O Will esfrega a cara, suspira e olha para mim. Apenas nos separam alguns centímetros, mas, desta vez, ele não se esforça como de costume para manter uma certa distância entre nós, tanto física como emocional, e, em vez disso, inclina-se um pouco mais para mim. Engulo em seco. Ele toma fôlego e o seu olhar revolve-se uns instantes eternos pelo meu rosto até se desviar e o ar parece voltar a correr e fluir entre os dois, como se, durante um segundo, o mundo tivesse parado para mudar de direção.

— Não te estou a julgar, não é isso — esclarece ele num sussurro. — Só tinha curiosidade em saber o que verias nele, se se tratava de algo profundo.

— Sou especialista em frivolidades.

— Não sei se isso soa muito animador.

— Se não deixares ninguém entrar em tua casa, não corres o risco de que desapareça um objeto de valor quando menos esperas. Permitir que as pessoas entrem no jardim já é outra coisa, mais fácil, menos intenso, só podem pisar algumas flores, que voltarão a crescer mais tarde. Estás a entender, Will?

— Sim. Acho que sim. Estou a tentar.

Ele respira fundo sem parar de olhar para mim.

— E tu? Andas com alguém?

— Não — responde ele.

— Porquê?

— Devíamos regressar.

— O Paul deu-te vinte minutos.

— Pois. — Ele solta o ar que conteve.

Ficamos calados durante um bocado, mas, por fim, não consigo evitar fazer a pergunta que vagueia pela minha mente após o que aconteceu no bar. Dou-lhe um toquezinho com o joelho para chamar a sua atenção, e ele fita o ponto em que os nossos ossos chocaram.

— Estavas a pensar sair com ele do bar e chegar a vias de facto?

— Não, só não queria armar barraca lá dentro. Depois logo pensava nalguma coisa cá fora. — Quando me observa, há uma tempestade nos seus olhos. — Não sou assim. Não sou como ele.

— Não era minha intenção insinuar isso.

O Will sacode a cabeça e põe-se de pé. Está desconfortável. Na verdade, parece estar quase sempre assim. Deve ser esgotante viver incomodado na sua própria pele, pois é uma coisa da qual não se pode escapar. Quase toda a gente se sente assim alguma vez na vida, mas, como ele me disse certa vez, está chateado consigo mesmo. E nota-se. Penso nisso enquanto o vejo enfiar a mão no bolso de trás das calças de ganga para tirar uma carta da Lucy. É para ele, mas parece-me um gesto atencioso o facto de a abrir comigo. Demora menos de dez segundos a lê-la, depois bufa, fecha os olhos e entrega-ma.

Acompanha a Grace numa nova e apaixonante aventura: sair do estado do Nebrasca. Boa viagem!

— Desta vez superou-se. — Solto um assobio.

— Assim parece. — O Will puxa o capuz da suéter. — Falamos sobre isso durante a semana. Agora tenho de voltar ao trabalho. Boa noite, Grace.

E afasta-se prontamente sem olhar para trás. Se isto fosse um concurso televisivo e me perguntassem como se sente o rapaz dos olhos verdes, dizendo-me para escolher de entre três opções, não conseguiria decidir-me entre «a: irritado», «b: triste» ou «c: confuso».

É possível que todas sejam a resposta certa.

22

Supérfluo

— Uma das coisas que mais invejo nas pessoas criativas é serem capazes de descarregar as emoções naquilo que fazem. De escrever sobre o que sentem, dar pinceladas, pendurar uma câmara ao ombro e ir caminhar sem rumo ou coser uma saia preta de tule para os dias tristes. Mas nós, aqueles que carecem de dotes artísticos, vemo-nos obrigados a tentar desfazer esses nós de outras maneiras. Fica tudo cá dentro, bloqueado. Acho que foi isso que me aconteceu com a morte da Lucy. Às vezes, penso nisso, no facto de que nunca mais a voltarei a ver, e parece-me uma ideia longínqua, quase ridícula, e invade-me uma estranha sensação de que nada é real e me encontro dentro de uma série de desenhos animados. E, outras vezes, acontece exatamente o contrário: pensar na minha irmã dói-me de uma forma física, sufoca-me, é como se me trespassassem agulhas pequeninas.

O grupo permanece petrificado a observar-me quando termino de falar. A mão da mãe, que está sentada ao meu lado, sustém a minha.

— Não percebi a parte dos desenhos animados — diz a Jane.

— Era uma metáfora, não era? — O Adrien coça o queixo com um ar confuso.

— Já está na hora — comenta a Dona, olhando para o seu relógio.

Agradeço o facto de todos se levantarem para se irem embora porque há poucas coisas mais lamentáveis do que ter de explicar o que sentimos de uma maneira excessivamente óbvia, como que desfiando as emoções para que uma criança pequena as possa engolir.

A minha mãe passa-me um braço pelos ombros enquanto abandonamos a sala. Não sofreu uma mudança radical desde que vem às reuniões, mas houve pequenos avanços, como o facto de ontem ela ter ido às compras e eu dar com o frigorífico cheio de refeições pré-cozinhadas ao abri-lo, ou o facto de, depois de entrarmos no carro, ter-se dado ao trabalho de dizer:

— Acho que percebi o que estavas a dizer lá dentro.

Sinto um formigueiro agradável na barriga e giro a chave para pôr o motor a funcionar. Ligo o rádio. A música parece difundir-se por todas as fendas que

continuam abertas entre nós e é revigorante preencher esses espaços com alguma coisa. Quando entramos em Ink Lake, reduzo a velocidade e baixo o volume.

— Importas-te se parar um minuto numa das casas onde trabalho? Esta manhã esqueci-me da carteira quando fui passear o cão.

— Está bem.

Estaciono em frente da propriedade da Anne Rogers e não sei se a mãe não estava a par de onde ela vivia exatamente ou se lhe importava tão pouco que nunca prestou atenção, mas ela ergue o olhar em direção à casa com uma certa admiração.

— Que bonita — comenta.

— Pois é. Queres acompanhar-me e vê-la por dentro?

Ela hesita uns segundos antes de assentir com a cabeça e tirar o cinto de segurança. Caminhamos juntas pelo trilho da entrada e toco à campainha, pois não tenho a certeza se estará alguém lá dentro. Já estou à procura das chaves quando a porta se abre.

A Anne aparece, radiante, com uma camisa de caxemira e um lenço vermelho e dourado em redor do seu pescoço esbelto. Crava os olhos em mim antes de os fixar na minha mãe: ela dissimula-o, mas sei que demora uns segundos a reconhecê-la. Não a culpo. A mulher que ela recorda guarda poucas semelhanças com a que tenho agora ao meu lado e veste uma *T-shirt* velha e larga do meu pai e umas *leggings* pretas que já deviam ter ido desta para melhor. O cabelo, que antes era de um tom escuro de mogno, agora é grisalho e poderia ficar-lhe bem se o penteasse e não lhe faltasse brilho, como se fosse matéria morta.

— Rosie! Que surpresa! Entrem, por favor.

— Obrigada, Anne. — Estou convencida de que a minha mãe só percebeu quem é neste preciso instante. Provavelmente, nem sequer se lembra de que um dia lhe mandei cumprimentos da parte dela e que lhe contei que passeava o seu cão.

Entramos na sala imaculada. Recebem-nos os móveis de *designer*, as cortinas de veludo escuro que contrastam com duas colunas de mármore, um ramo de rosas frescas sobre a mesa e o *Mr. Flu*, que vem a correr para nos cumprimentar.

— Apetece-vos tomar alguma coisa? Café, chá, sumo…?

— Pode ser um café com leite — responde a mãe.

Eu recuso a oferta, sento-me num dos sofás verde-garrafa e dou festas na cabeça do cão. Enquanto a Anne está na cozinha, a minha mãe permanece de pé, a contemplar os acabamentos da sala. Pergunto-me em que estará a pensar. Talvez que esta poderia ser a sua casa se tudo tivesse sido diferente? Ou que, em vez de passar as tardes a ver um programa de televisão, poderia ter acabado por ser uma empresária de sucesso, talvez até abrindo a sua própria imobiliária? Se alguém tinha o talento, a paixão e o

empenho para o conseguir, certamente era ela. O avô falou-me muito sobre como a mãe era antes de tudo começar a desmoronar-se. Foi uma deterioração paulatina. Durante os primeiros anos da doença, manteve-se forte e serena, mas logo começou a encolher-se com cada golpe sofrido que teve de ir aceitando.

— Toma, aqui tens o café. — A Anne entra na sala e deposita o café sobre a mesa de centro. Em seguida, vê que a minha mãe está a observar uma das janelas e diz: — Alumínio, abertura dupla, com a máxima dimensão da câmara de ar e vidro duplo de diferentes espessuras.

A Rosie assente e senta-se no sofá.

— A casa é fantástica, Anne. Muito elegante.

— Obrigada. Assim que soube que a iam pôr à venda, fiz uma proposta. Vantagens de trabalhar no setor. — Ela sorri e mexe o seu chá. — E o que é feito de ti, Rosie? Já pensaste em voltar à arena?

— À arena? — A mãe parece deslocada.

— Já sabes, ao negócio imobiliário.

— Ah, isso. Bem… acho que não…

— Outros projetos em vista?

— Não.

Vejo a compaixão no olhar da Anne e pergunto-me se a minha mãe também se terá dado conta. Não me incomoda, nunca associei a compaixão com a debilidade, apenas com a empatia. Permaneço ao pé do *Mr. Flu* enquanto elas falam um pouco de antigos colegas que não conheço e dos móveis que a Anne importou para decorar a casa.

A mãe não tarda a levantar-se e a agradecer-lhe pelo café. Pego na carteira de que me esqueci esta manhã e dirigimo-nos à porta da rua. Despedimo-nos apressadamente.

— Ouve, Rosie — chama a Anne, enquanto nos afastamos. — Preciso de te consultar em relação a uma coisa. Achas que poderias passar por aqui na segunda-feira à tarde?

Vejo-a hesitar e a encolher-se sobre si mesma.

— Na segunda não me dá muito jeito.

— Então, na terça. Ou na quarta. Não tenho preferência. — A Anne é uma mulher por de mais resoluta e tenaz, como era a minha mãe. Parecem farinha do mesmo saco. — Seria uma grande ajuda para mim.

— Está bem, combinado.

— Na terça, então?

— Na terça — confirma a minha mãe.

Assim que entramos no carro, a mãe deixa sair de repente o ar que tinha sustido. Tenho a impressão de que entrar naquela casa e encontrar-se com a Anne foi uma experiência transcendental para ela. Gostava de lhe perguntar o que está a sentir naquele momento, mas consigo ver a muralha de tijolos que ergueu em seu redor, pelo que me limito a permanecer em silêncio.

«Supérfluo» é uma palavra que me retumba com frequência na cabeça. Em geral, como quase todas as coisas que significam que algo não é necessário, que está a mais na vida ou que carece de importância. Como «fútil», que me soa a uma marca de chocolate suíço. Ou «trivial», que me faz lembrar o gesto de afastar coisas chatas com as mãos como se fossem moscas.

O mapa antigo que fui buscar ao escritório do meu pai cobre metade do chão do meu quarto. Situada sobre ele, concentro-me num ponto em concreto: Nebrasca. Aí está, estou, mesmo no meio do país. Faz fronteira com Dacota do Sul, Cansas, Colorado, Wyoming e o rio Missouri, que o separa de Iowa e Missouri. Ou seja, as possibilidades são muito variadas. Deslizo o dedo para cima e para baixo, para baixo e para cima. Pergunto-me se a Olivia passará estes meses no Colorado ou se regressará à cidade durante o verão.

— O que é que estás a fazer?

O pai apoia-se na moldura da porta do quarto. Suponho que lhe tenha chamado a atenção o facto de ter o seu velho mapa. Permaneço de joelhos no chão.

— A tentar decidir para onde ir. É a casa seguinte do jogo — esclareço, baixando um pouco a voz. — Tenho de visitar outro estado. Tens alguma ideia?

— Por acaso, tenho. — Ele entra e fecha a porta atrás de si.

Pega num lápis da secretária desarrumada, agacha-se ao meu lado e traça um círculo na fronteira sudoeste. Depois, olha para mim com satisfação.

— Fá-lo em grande, aí fica na esquina de três estados: Nebrasca, Colorado e Wyoming. Eu e a tua mãe já lá estivemos uma vez de passagem, se bem me lembro, fica numa propriedade privada, mas o dono era simpático e estava habituado a receber visitas. — Ele levanta-se. — Posso acompanhar-te se quiseres.

— Obrigada, mas no bilhete dizia que fosse o Will a fazê-lo.

Ele suspira com um ar pensativo e murmura:

— De onde terá saído esse rapaz?

— Não faço ideia. Eram amigos. Pelo menos acho que eram.

O pai assente e dirige-se à porta.

— Se precisares de alguma coisa, diz-me.

Desaparece escadas abaixo e, um minuto mais tarde, ouço a sua voz e a da mãe a

fundirem-se na cozinha. Será que se apercebeu das pequenas mudanças que surgiram nela? Será que as valoriza tanto como eu? É possível que haja outra mulher na sua vida ou estará simplesmente à espera de que a Rosie que ele conhecia regresse algum dia?

Supérfluo, supérfluo.

Enfim, o que é que não o é?

23

A vida é um círculo

Isto é tudo o que gostaria de dizer ao Will: porque é que tenho a sensação de que sempre que damos dois passos em frente tu dás outro atrás como se quisesses afastar-te? Porque é que às vezes me pareces encantador e outras vezes és bastante antipático? Do que poderá andar à procura neste lugar perdido no meio do nada alguém que vivia num apartamento em Nova Iorque e estudou Direito? Porque é que a Lucy confiava tanto em ti? Porque é que eu também o faço? E como é que o meu cérebro poderá explicar ao meu coração que não devia afeiçoar-me tanto a ti? Ou algo pior. Algo muito pior, embora não saiba que nome lhe dar. Ou talvez não me atreva a fazê-lo.

Em vez disso, é isto que digo ao Will:

— Ponho música?

— Claro. — Ele liga o rádio.

Já não falamos durante a meia hora seguinte.

Não tenho a certeza do que pretendia a Lucy com esta casa. Sair do estado como um ato simbólico, imagino. Para ser sincera, não sei porque é que nunca o fiz antes. Quero dizer, poderia ter apanhado um autocarro para Dacota do Sul, que fica relativamente perto de Ink Lake; num par de horas teria saído do Nebrasca de uma vez por todas. De facto, estive prestes a fazê-lo em várias ocasiões ao longo da minha vida. Como quando me selecionaram para competir num concurso de patinagem a nível nacional, mesmo antes de o abandonar porque a Lucy ficou doente. Ou quando os meus pais compraram quatro bilhetes de avião para irmos passar férias a São Francisco, mas acabou por haver uma despesa inesperada no cartão que pensavam que o seguro de saúde cobriria e a mãe disse que o mais sensato era devolver os bilhetes e poupar o dinheiro.

— Quantas horas de viagem é que disseste que eram?

— Cinco. Quase seis — responde o Will.

Partimos ao amanhecer com a ideia de ir e voltar no mesmo dia. Já percorremos um bom bocado do trajeto e o céu está completamente azul quando ele propõe parar

numa área de serviço para sair do carro e esticar as pernas.

Enquanto mete gasolina, vou buscar dois cafés. Ele bebe o seu de um trago e eu degusto o meu dando pequenos goles antes de retomarmos a viagem.

— Já alguma vez estiveste em São Francisco?

— Sim. — O Will olha para mim sem soltar o volante. — Porquê?

— Por nada, lembrei-me só de que há uns anos tínhamos planeado lá ir de férias, mas acabou por se cancelar a viagem. Acho que teria sido divertido. A Lucy andava sempre a falar sobre ir a imensos sítios, ficava um pouco obcecada com isso. Mas é normal, não é? Qualquer pessoa gostaria de fazer o mesmo se tivesse de viver num quarto de hospital e lutar constantemente para sobreviver. Deve ser… claustrofóbico.

— E tu, nunca pensaste de todo no que há lá fora?

— Às vezes, prefiro ignorar aquilo que me parece longínquo.

— Porque é que achas que é longínquo? Podias ir a qualquer sítio. Barcelona, por exemplo; a comida é estupenda e o sol alegra-nos a vida. Ou a Bali. Ou a Paris, embora os franceses não sejam propriamente simpáticos e a Torre Eiffel seja sobrevalorizada.

— Já estiveste nesses lugares?

— Sim. — O Will olha para mim e depois fixa a vista na estrada enquanto pigarreia. — E em muitos mais. Na Noruega e na Islândia. Na Argentina. No Chipre, que foi uma viagem caótica. Também fiz uma rota de comboio que passava por várias cidades europeias…

Admiro-o e invejo-o em igual medida. Também o odeio um bocadinho, porque engloba todas as coisas que não parecem estar ao meu alcance e, ao experienciá-las através dele, ganho consciência de que existem e que confirmam a mediocridade da minha existência.

— Como é que é possível?

— Costumava viajar no verão.

— Porquê?

— Porque não?

— *OK*. Mas dá-me as tuas razões.

— Porque é viciante. Talvez também tivesse o motivo errado de procurar algo que não era capaz de encontrar em nenhum desses lugares. Ou de desejar deixar a mente em branco. Mas, mesmo assim, não me arrependo. E, quando regressamos de um sítio tão diferente do que conhecíamos, somos outra pessoa, mas isso não quer dizer que sejamos uma pessoa melhor, não, simplesmente… diferente.

— Ainda te falta fazer alguma viagem de sonho?

— Só uma? — O Will mostra-se contrariado antes de se concentrar para

ultrapassar um camião que transporta comida para gado. — Há dezenas, centenas…

— E, apesar disso, passas os teus dias em Ink Lake, um sítio que algumas pessoas recusariam visitar mesmo que lhes pagassem cinquenta dólares para o fazer e lhes dessem uma sandes e uma garrafa de água de oferta.

O Will suspira e sacode a cabeça.

— Digamos que estou em *standby*.

— Como uma televisão com a luzinha vermelha acesa?

— Suponho que sim — admite.

— Mas isso não é possível, Will.

— Porque não? — pergunta.

— Porque, independentemente do que tu queiras, o tempo continua a correr e nunca olha para trás para ver quem é que fica pelo caminho. Não podes pôr a tua vida em pausa.

— O que foi que disseste naquela noite sobre as escolhas…?

— Isso é fazer batota — brinco, porque sei que ele acaba de cortar caminho. — E a frase era: «Desde que não escolhas, tudo continua a ser possível.»

— Isso mesmo. E tu? Que sítio queres visitar?

— Já te disse: prefiro ignorar aquilo que me parece longínquo. É uma tortura falar de coisas que simplesmente não são possíveis nem serão.

Aborrecido, ele franze o sobrolho.

— Porque é que dizes isso?

— Estás a brincar? Olha para mim: em breve vou fazer vinte e três anos, vivo com os meus pais, dedico-me a passear cães e não tenho nenhuma meta a curto nem a longo prazo. — E, não sei por que razão, forma-se-me um nó na garganta. Viro a cabeça para a janela do carro.

O zumbido do veículo em andamento ocupa o silêncio.

— Vou dizer-te uma coisa, Grace. És inteligente de uma maneira fascinante. Estou convencido de que estás no prólogo da tua vida, prestes a decidir que história queres viver. E agora tens um mapa nas tuas mãos, cheio de desejos e feito à tua medida.

Não respondo. Recuso-me a admitir em voz alta o quanto me reconfortam as suas palavras, com aquela voz áspera e rouca que de início me parecia fria e agora, à medida que a distância entre nós foi reduzindo, me parece quase íntima.

O caminho é longo e solitário.

Contemplo a paisagem e imagino o Will a dar voltas ao mundo, a comer *sushi* no Japão e *croissants* na França, a fazer paraquedismo ou *bungee-jumping*. A coisa mais emocionante que me aconteceu na vida nos últimos anos foi precisamente esta pequena aventura em que nos encontramos, o jogo que a minha irmã fez para mim.

Lembro-me da adrenalina e dos nervos no dia em que o avô colocou a caixa sobre a mesa da sala. Tinha-me esquecido dessa sensação, de desejar algo, e ultimamente voltei a senti-la com frequência, como que em vagas, vai e vem. Talvez despertar de uma letargia seja como flutuar no meio do oceano e ir reparando na maneira como os músculos desentorpecem, o sangue volta a fluir e os ossos adquirem força e voltam a ser consistentes em vez de gelatinosos.

Às vezes, precisamos que alguém destrua o ninho em que nos acomodamos para nos obrigar a construir, raminho a raminho, outro ninho melhor.

Quando acordo, o azul do céu escureceu por causa das nuvens carregadas que reclamam para si o protagonismo. Tenho a boca seca. Adormeci sem me dar conta. Endireito-me um pouco e o Will, que continua a conduzir, sorri.

— Antes que me perguntes, já estamos quase a chegar.

Olho em redor e vejo que acabámos de deixar para trás uns penhascos de pinheiros e que, à nossa frente, se estende uma pradaria infinita de ambos os lados da estrada sinuosa que vai dar ao cume. Não muito longe, uma manada de bisontes pasta à vontade. Deixamo-los para trás juntamente com um sinal que indica que entrámos numa propriedade privada, quase no topo do Nebrasca. Não demoramos muito mais a chegar ao nosso destino.

Diviso o obelisco de pedra branca que ali está desde 1869 e indica onde se encontram as três esquinas. Sinto uma emoção borbulhante, embora saiba que a ideia é ridícula, meramente simbólica, mas era o que a Lucy queria e, talvez, só talvez, também tenha que ver com os meus próprios desejos, que estão adormecidos há uma eternidade.

Saímos do carro. O vento é frio. Aproximamo-nos e, ao chegarmos, paro no limite do Nebrasca. Sinto uma corrente de emoção a atravessar-me até às pontas dos dedos. Em seguida, devagar, dou um passo e cruzo a fronteira para o Colorado. Já está. Consegui. Consegui, sim. Depois, sem perder nem um bocadinho de entusiasmo, salto para o Wyoming. E desato a rir. Rio-me com vontade e corro de um lado para o outro, de estado em estado, como se tivesse ficado completamente doida.

Ao levantar os olhos para o Will, vejo que também está a sorrir.

— Vens ao Colorado? — convido-o por entre risos.

Ele assente com a cabeça e dá alguns passos. Ficamos ali um longo minuto em silêncio. Tenho de levantar a cabeça para o poder olhar nos olhos, que permanecem cravados em mim daquela maneira peculiar e intensa que suspeito que incomodaria qualquer outro ser humano. Eu já me habituei há imenso tempo, quando cheguei à conclusão de que o Will observa o mundo como se procurasse alguma coisa, mas não

soubesse concretamente o quê.

— Wyoming? — pergunto.

Ele continua sem falar, embora me siga até à outra esquina. Respiro profundamente. Sinto os pulmões cheios, muito cheios de ar. Será que o Will se sente da mesma maneira ou será esta experiência irrisória para ele ao compará-la com todos os sítios que já viu e todas as emoções que viveu antes de acabar aqui comigo? É possível que duas pessoas com passados tão diferentes possam partilhar uma mesma emoção e que essa emoção se concentre num espaço reduzidíssimo, como uma potente pastilha para a máquina de lavar louça?

— Will, sei que isto é uma parvoíce. Mas adoro.

Wyoming, Nebrasca, Colorado, Wyoming, Nebrasca…

— Não é uma parvoíce, Grace. — Ouço a voz dele de trás de mim.

— Fico feliz por dizeres isso, porque não me quero ir embora.

— Então, não vamos — responde ele sem hesitar.

É tudo o que preciso para me deitar no chão, e ele imita-me. Não sei em que estado nos encontramos, mas sim que os olhos do Will são da cor da erva do prado e que estamos muito próximos, que a maneira como o seu peito sobe e desce é hipnótica, e acho, só acho, que me apetece beijá-lo. Preciso de averiguar se seria tão veemente como o seu olhar, meticuloso como os seus gestos ou doce como quando baixa a guarda e relaxa. Talvez uma mistura das três coisas. Ou nenhuma delas.

A mão do Will toca na minha. É um roçar tão suave que tenho de baixar o olhar para comprovar que, sim, ali está ela, a sua pele contra a minha. Sei que está a suster o fôlego quando volto a fitar o seu rosto. Estamos muito próximos. Dolorosamente próximos. E logo penso que, se nos beijássemos agora, não saberíamos em qual dos três estados os meus lábios cobriram os dele e essa piada acompanhar-nos-ia para sempre.

Mas isso não acontece. Noto as primeiras gotas de chuva na bochecha direita e, como se a água o fizesse reagir, o Will engole em seco e afasta a mão. Também afasta a vontade e o coração e todo ele. Ponho-me de pé. As nuvens lúgubres pendem sobre as nossas cabeças e convidam-nos a abrigar-nos no interior do carro.

Regressamos pela estrada secundária que nos levou até ali. A chuva, a princípio fina e suave, ganha ritmo e torna-se cada vez mais violenta. O Will pisa o acelerador enquanto descemos, porventura com receio de que a tempestade piore e nós fiquemos presos no meio de nenhures. Quando finalmente chegamos a Kimball, a cidade mais próxima, o céu está tão escuro que parece que já é de noite.

— O que é que fazemos? — pergunto.

Os limpa-para-brisas movem-se de um lado para o outro até o Will estacionar e

desligar o motor do carro. Ele olha fixamente para o restaurante ao lado.

— De momento, acho que devíamos aproveitar para comer alguma coisa. Esperamos até que pare de chover para retomar a viagem.

— Parece-me bem.

— Tens frio?

— Um bocadinho.

A temperatura desceu de repente. O Will inclina-se e procura algo no assento de trás, cheio de livros e coisas que não cabem na sua pequena caravana.

— Toma. — Dá-me uma suéter cinzenta.

Acabamos sentados a uma mesa num canto. Escolhemos o *menu* do dia, que consiste num prato de carne com batatas e um molho que não consigo identificar e que sabe a vinagre. O Will pede o saleiro e a empregada, cuja idade deve rondar os cinquenta e leva o cabelo apanhado numa longa trança de um louro platinado, encara-o de testa franzida.

— Por acaso não está bom? — pergunta ela com brusquidão.

— Só está um bocadinho… — o Will medita sobre a palavra que deverá escolher — suave.

— Toma. — Ela deixa o saleiro na mesa com um trejeito pouco elegante e afasta-se, meneando o rabo enfiado numas calças florais dos anos oitenta.

Comprimo os lábios para não rir e o Will também. A cumplicidade envolve-nos sem esforço enquanto falamos de qualquer coisa antes de pedir a sobremesa: um bolo caseiro de chocolate e abóbora que está muito bom.

— Delicioso — diz ele quando a empregada vem buscar os pratos.

— Era a receita da minha avó — responde ela, secamente.

— Tens espaço para um café? — pergunta-me o Will, depois de olhar para a rua e verificar que continua a chover torrencialmente. — Esperamos mais um pouco até passar a tempestade.

A empregada encara-nos e solta um assobio.

— Ah. Vão precisar de muitos cafés para isso. Está previsto que piore esta noite e que não amaine até amanhã de manhã cedinho. E isso com sorte.

A mulher afasta-se e põe-se à conversa com um homem que está há mais de uma hora a beber cerveja ao balcão. O Will suspira e olha para o relógio.

— O que é que fazemos? — pergunto.

— Está a fazer-se tarde. São demasiadas horas de caminho para esperar muito mais. Acho que temos duas opções: arriscarmos sair já ou passarmos a noite aqui.

— Só trouxe uns trocos.

— Não te preocupes com isso, Grace.

— Mas se encontrarmos um multibanco…

— A sério, sem problema. Vamos pedir a conta e perguntar o que há aqui perto. Não podemos ir muito longe se continuar a chover assim.

Aproximamo-nos do balcão para pagar a refeição. A seguir, enquanto guarda o troco na carteira, o Will pergunta à mulher:

— Há alguma pensão na zona?

— Por acaso os jovens de hoje em dia não sabem ler? — Ela espeta o dedo na linha superior da ementa pegajosa. — Está escrito «A casa da Rigoberta».

— Ah. E, pelo que percebi, a Rigoberta…

— Está aqui presente. — Ela aponta para o avental salpicado de manchas e, quando fita o homem que está a beber cerveja ao lado, bufa como se lhe dissesse: «Olha para o que tenho de aturar.» — Só tenho um quarto livre, vão ser sessenta e seis dólares e com pagamento adiantado. O pequeno-almoço está incluído e é servido pela manhã às sete, nem um minuto a mais, nem um minuto a menos. Se adormecerem, temos pena! São as regras.

O Will está a fazer um grande esforço para não se rir.

— De acordo. Ficamos com o quarto.

Ele deixa as notas em cima do balcão e ela dá-nos a chave.

— Subindo as escadas, é a porta logo à direita.

— Boa. Obrigado.

O sítio é bastante decadente, mas chegamos à conclusão de que servirá para passar a noite. A cama de casal não é formada por duas camas individuais unidas, como o Will parecia esperar, mas sim indivisível. Reivindico o lado esquerdo e deixo o telemóvel na mesa de cabeceira depois de confirmar que não há rede.

— Vou ao carro buscar algumas coisas — informa ele.

Abro a janela para deixar entrar o frio no quarto e, minutos depois, vejo o Will a atravessar a rua até ao *Audi*. É uma daquelas pessoas estupidamente temerárias que não correm à chuva. E esse pormenor faz-me sorrir, porque contrasta com o seu lado mais meticuloso, torna-o humano e contraditório, aproxima-o um pouco mais de mim, que nunca suportei usar guarda-chuva, por ser tão incómodo; além disso, ao fim e ao cabo, a chuva é apenas água. Quando ele regressa, tem o cabelo molhado e a pele húmida.

— Temos livros, um baralho de cartas, roupa e uma barrita de chocolate.

— Mas que luxo, Will — gracejo, sorridente.

Estamos sentados na cama diante do espólio. Pego num dos livros e leio o título: *Meditação de Marco Aurélio*. Já o leu, pois os cantos de algumas folhas estão dobrados propositadamente e há frases sublinhadas aqui e acolá.

— Gostaste?

— Muito — diz ele.

— Sempre leste muito?

— Há uns anos, sim. Depois, deixei de o fazer durante uma época e, agora, poder-se-ia dizer que voltei ao início.

— A vida é um círculo.

O Will encara-me tão fixamente que o ar no quarto parece tornar-se mais denso e as paredes aparentam estreitar-se um bocadinho, só uns centímetros.

— Talvez tenhas razão.

— Vamos a um jogo? — pergunto, para aligeirar a tensão, embora, para ser sincera, não saiba a que se deve: se apenas será fruto da minha imaginação ou da proximidade.

Ele assente e eu baralho as cartas antes de as distribuir.

Passamos quase a tarde toda a jogar enquanto a tempestade ganha pujança, dando razão à nossa senhoria peculiar. Estar com o Will é fácil e idêntico a tomar um calmante, porque noto o corpo relaxado e o coração calmo. Não estou habituada a mostrar-me tal como sou diante dos outros sem mastigar cada palavra antes de a deixar sair, mas com ele escapam-se-me sem esforço, como se fossem escorregadias. Suponho que teria sido impossível ocultar-me e, ao mesmo tempo, ser sincera na altura de prosseguir com «O Mapa dos Desejos». De qualquer forma, é libertador. Posso limitar-me a «ser» e pronto. Adorava perguntar-lhe se pensa o mesmo, se aquela curva que traçam os seus lábios lhe sai naturalmente sempre que olha para mim ou que ganho um jogo.

Mas eis que ele quebra o momento.

— Jogas da mesma maneira que a tua irmã.

— O que é que disseste? — sussurro.

— Jogas sempre pelo seguro. «O melhor ataque é uma boa defesa», não é verdade? — Ele atira um par de cartas para cima das outras na cama e só então se apercebe do meu silêncio. — O que foi?

Abano a cabeça e tento voltar ao presente, a este quarto pequeno em que estamos só eu e o Will, embora de repente se tenha juntado o fantasma da Lucy.

— Só fiquei surpreendida com o que disseste.

— Porquê? Já sabes que éramos amigos.

— O tipo de amigos que passam meses sem falar?

O meu tom é aguçado e ele levanta as sobrancelhas um pouco espantado, como se não estivesse à espera daquilo. Lentamente, vira as suas cartas e dá o jogo por terminado.

— Para ser preciso, sim, era exatamente assim a nossa amizade. Mas, se o que estás a tentar perceber é se estimava a tua irmã, podes ter a certeza que sim.

— Não estava a tentar insinuar o contrário…

O Will põe-se de pé.

— Descemos para jantar?

— Está bem. Vamos.

Desço as escadas atrás do Will, ainda abrigada com a suéter que ele me emprestou e que tem o cheiro dele, aquela mistura que me faz lembrar pequenas violetas, algo frio e água a correr. É curioso que uma água de Colónia ou um amaciador possam abranger notas aromáticas tão diferentes segundo a pessoa que os usa.

Não há ninguém no restaurante, como seria de esperar. Continua a chover a cântaros e do algeroz do telhado cai uma enxurrada que desemboca na rua. Os vidros estão embaciados quando nos sentamos à janela e mal se vê para o exterior.

A Rigoberta aproxima-se e anuncia que só tem sopa de ervilhas e bife. Como não há qualquer escolha a fazer, limitamo-nos a assentir, resignados. Falamos pouco enquanto jantamos, embalados pelo barulho da chuva e o ambiente familiar. Por baixo da mesa, os meus pés tocam sem querer nos do Will de vez em quando e ele acaba sempre por os afastar. Não é uma reação imediata, mas lentamente meditada. É como se o impulso lhe dissesse «fica» e a cabeça lhe recordasse que não o deve fazer.

A sobremesa é *cheesecake* e eu levo a minha dose para o quarto com o intuito de o degustar sem pressas. Uma vez ali, tiro os ténis, subo para a cama e mergulho a colher na superfície cremosa. O Will observa-me com um meio-sorriso antes de pegar em roupa.

— Que vais fazer? — pergunto.

— Vou tomar um duche.

— Está bem. Deixa alguma água quente.

Ele desaparece no interior da casa de banho e eu termino o *cheesecake* enquanto ouço o ruído das tubagens e imagino o Will sob o jorro de água. Será daquelas pessoas que fecham os olhos no duche para se concentrarem em todas as sensações ou das que se ensaboam a correr porque não suportam perder tempo? É irritante não saber a resposta. E sentir as minhas pulsações acelerarem ao pensar que está completamente nu a poucos metros de distância. Lembro-me de o ver sem parte de cima e comprovar que as linhas do seu corpo eram tão firmes como a sua expressão quando não arreda pé, mas não paro de fantasiar com a estúpida ideia de como seria desenhar na sua pele um trilho com a ponta do dedo indicador, devagar, muito, muito devagar.

O Will tem o cabelo húmido quando sai da casa de banho e sinto uma guinada na barriga que desce até se fixar entre as minhas pernas. *Desejo*, penso. *Isto é o desejo.*

Transtornada, pego numas calças de fato de treino que ele me empresta e demoro menos de cinco minutos a lavar-me, secar-me com uma toalha e regressar ao quarto. Só está acesa a luz do candeeiro da mesa de cabeceira e o ambiente parece-me demasiado íntimo, sobretudo quando me meto na cama e ele faz o mesmo.

Faço deslizar um braço para debaixo da almofada e apoio a cabeça por cima. Olho para ele. Ele também se vira para mim e tenho a sensação de que somos duas traças a dirigirem-se para a luz.

— Quero perguntar-te uma coisa — diz o Will, passados uns segundos. — Comentaste que a minha aura era roxa e, desde então, tenho andado a investigar sobre o assunto.

— Estás a brincar?

— Não. Afinal há muitas formas de o interpretar.

— Então, diz-me lá alguma de que te lembres.

O Will mexe-se um pouco para se pôr mais confortável.

— Bem, por exemplo, na arte chinesa, a cor roxa representa a harmonia no Universo porque é uma combinação de vermelho e azul, o *yin* e o *yang*, respetivamente.

— Isso é muito pouco, Will.

Ele esboça um sorriso torto.

— Mas, na Tailândia ou no Brasil, simboliza o luto.

— Ena.

— E, em países do leste, é a cor da riqueza e do luxo. Também simboliza a sexualidade, o misterioso, o excêntrico… — Ele faz uma pausa antes de acrescentar: — Mas, noutros sítios, está associado à tristeza.

— Que versátil.

Ao ver que não digo nada, o Will suspira, vira-se e estica o braço para apagar a luz do candeeiro. Ficamos às escuras. A chuva cai incessantemente, como uma melodia rítmica, e golpeia a grande janela do nosso quarto. Distingo o rosto do Will entre as sombras graças ao fulgor do poste de eletricidade da rua, que está aceso.

— Mas o que é que simboliza para ti, Grace?

— Sensibilidade e melancolia — consigo sussurrar a meia-voz, pois, na realidade, tinha dado a conversa por concluída. Contemplo na penumbra o contorno do seu nariz obstinado e do seu cabelo despenteado. — Também um pouco de soberba. E magia.

Ficamos calados. Tenho um nó na garganta e o coração bate-me velozmente, como se pudesse adivinhar a importância daquele momento, embora na realidade não esteja a acontecer nada, pois nenhum de nós se mexe nem um centímetro. Porém, a cama

parece estreitar-se, faz calor e, de repente, fico muito consciente de tudo: do delicioso cheiro a sabão que se desprende do Will, o peso do seu corpo sobre o colchão, a maneira como os seus olhos continuam cravados nos meus como brasas reavivadas.

— E se te pedisse que esquecesses o assunto das cores e me dissesses o que vês agora mesmo à tua frente? Sem pensar, só por instinto.

Engulo em seco e reparo em algo vulnerável na sua voz, como se a corda de um violino estivesse prestes a romper-se. E compreendo que, se ele tem medo de que eu o julgue, então deverá ter um punhado de razões que eu desconheço.

— Acho que a memória é bidirecional.

— Como assim? — O Will respira fundo.

— Resgata-nos do passado, mas também nos mostra o que acontecerá no futuro; é a função mais primitiva das recordações. Se te queimas numa frigideira que estava ao fogão, consegues prever o que irá acontecer quando te voltas a aproximar demasiado de outra.

— E o que é que isso te diz sobre mim?

— És uma frigideira quente, Will.

— Ah.

— Devia afastar-me.

— Concordo.

— Mas consegues adivinhar que não o vou fazer, porque existe um vínculo entre nós; ambos sabemos, é assim mesmo, embora tu não queiras fazer nada a esse respeito.

A sua voz torna-se perigosamente grave.

— O que é que gostarias que fizesse?

— Não sei. As possibilidades são infinitas.

— Grace…

Quantos centímetros de distância há entre os seus lábios e os meus? Sete? Oito, talvez? Dez, no máximo. Consigo ver o seu rosto anguloso por entre as sombras. Consigo sentir o calor que o seu corpo emana. Consigo ouvir a sua respiração irregular. E poderia adivinhar o sabor da sua boca se simplesmente me esticasse um pouco na direção dele e acabasse com este desejo que crepita entre nós os dois, apesar de o Will parecer estar a esforçar-se a cada segundo para o conter.

— Não te aproximes mais — suplica-me ele.

— Porquê? — A pergunta da minha vida.

Por um momento, acho que vai fazer marcha-atrás e ignorar o seu próprio conselho. O ar entre nós parece condensar-se, o rufar da chuva sobre o telhado ganha intensidade e sinto as pálpebras pesadas; quero fechar os olhos e deixar-me levar.

Mas a sua voz aniquila o momento.

— Lembra-te da frigideira quente.

As palavras são como um empurrão que me obriga a afastar-me dele. Puxo o edredão com força e cubro-me até ao pescoço. Viro-me na cama. E é assim que acaba a história. Afundo o rosto na almofada e tento esquecer todas as fantasias que ziguezagueiam constantemente pela minha cabeça, recordando-me de que não sei andar em linha reta.

Passam vários minutos. E eis que estremeço ao sentir os dedos do Will a deslizarem devagarinho pelo meu braço como se fosse um escorrega. É um contacto ligeiro, quase etéreo, dura apenas alguns segundos e a suéter interpõe-se entre ambos, mas a delicadeza do gesto consegue mergulhar mais além, marcando-me a pele.

— É pelo teu bem — sussurra ele.

— Odeio que decidam por mim.

O Will suspira e depois acrescenta:

— Também é pelo meu bem.

O som da chuva envolve-nos. O tempo parece parar e pergunto-me se será possível que tudo esteja em movimento menos nós, presos neste quarto. Não consigo adormecer e sei que ele também não, porque, mesmo estando de costas para ele, reparo que se mexe e que o ritmo da sua respiração não se alterou nem um bocadinho. É uma tortura. Tão próximo. Tão longe. Neste lugar não há nenhuma parede cheia de pequenas coisas belas para taparem os buracos da alma. Apenas uma carícia reprimida, o Will e eu.

Já deve ser bastante tarde quando digo:

— Lembras-te de, esta manhã, me teres perguntado onde gostaria de ir e te respondi que prefiro ignorar aquilo que me parece longínquo?

— Sim. — A voz do Will soa rouca.

— Pois menti-te. Já me imaginei muitas vezes em Viena, dentro da Galeria Belvedere, diante de *O Beijo*, de Gustav Klimt, como se o instante íntimo que encerra esse quadro tivesse sido criado para mim e só para mim há mais de cem anos. Chama-lhe o que quiseres: excesso de ego ou uma simples fantasia sem sentido.

E não sei, talvez por vezes as palavras sejam apenas fardos que nos esforçamos por empurrar no chão enlameado, pois adormeço depois de soltar aquilo.

24

As rachas da Lucy Peterson

A Lucy tinha o nariz e os olhos avermelhados, o cabelo claro apanhado num carrapito desgrenhado e levava na mão um lenço enrugado que não parava de remexer. Ao entrar no quarto e vê-la assim, a primeira coisa em que pensei foi que os resultados do último exame que lhe tinham feito eram catastróficos ou que, simplesmente, estava cansada de ir e vir do hospital à espera de que a sorte falasse em seu favor ou contra. Mas não. Afinal, a Lucy era tão humana e comum como qualquer outra pessoa, preocupava-se com as mesmas coisas banais e tinha deixado que lhe partissem o coração.

— Acabou tudo — balbuciou.

— O quê? — Sentei-me ao seu lado.

— Não importa, esquece — disse ela atropeladamente.

— Não, quero saber. Estou preocupada contigo.

Quando lhe afaguei as costas, ela deixou escapar um grande fôlego e desinchou como um balão. Começou a rasgar o lenço de papel que tinha na mão em bocadinhos muito pequenos que caíam sobre a cama, simulando diminutos flocos de neve.

— Deixou-me. Pensava que a nossa relação era profunda e especial, mas fui estúpida. É claro que aquele tipo de amor que nos vendem como maçãs ou peras em que duas pessoas são capazes de superar todas as dificuldades que lhes aparecem pelo caminho não existe. Agora é tudo… insubstancial. Vamos parar de ver filmes, Grace. Seria mais útil usar esse tempo para fazer croché ou algum curso de pastelaria criativa…

Nós, as irmãs Peterson, sempre tivemos tendência para não irmos direitas ao assunto e nos perdermos entre bifurcações, pelo que a interrompi para dizer:

— Nem sequer sei de quem é que estamos a falar.

— Chama-se Kevin. Conheci-o a jogar xadrez *online*, através do *chat* durante um dos jogos. — Ela sorveu ar pelo nariz e abanou a cabeça. — Houve logo química entre nós e depois começámos a falar de outras coisas. Mandávamos mensagens a toda a hora, sobretudo à noite. Isto durante vários meses.

— Não percebo. Porque é que não me disseste que tinhas namorado?

Então, quando ergueu o queixo, vi algo no seu semblante que me desconcertou: uma espécie de irritação contida, um mar agitado, uma emoção oculta.

— Grace, podes parar de olhar para o teu próprio umbigo durante um bocadinho e concentrar-te no que é importante? Eu sei que te surpreende que não te conte absolutamente tudo, mas sabes uma coisa? Estou cansada. Estou cansada de ter cada detalhe da minha vida tornado público, até ao ponto de ser especificado num maldito papel quantas defecações faço por dia. Ficas assim tão surpreendida por querer proteger uma coisa, guardá-la só para mim?

Era a Lucy, a Lucy que eu conhecia, mas também era outra, com o cabelo despenteado, os olhos inchados e o lábio inferior a tremer. Suponho que todos temos duas caras, anseios velados, desilusões que guardamos a sete chaves. Será possível conhecer completamente alguém? Eu acho que não. As feridas são particulares, partilhadas, mas particulares. As rachas do coração têm a medida exata para que só quem sabe como se abriram seja capaz de entrar. E as emoções são meandros infinitos.

— Eu percebo — garanti-lhe.

Ela pegou noutro lenço e suspirou.

— De qualquer forma, já não importa.

— O que é que aconteceu?

— Falávamos muito, mas não lhe contei nada sobre a minha doença. Omiti-o porque queria ter a certeza de que o que havia entre nós era real e acho… — Ela fixou a vista em algum ponto indeterminado. — Acho que, por uma vez, me apetecia ser normal, só uma rapariga a conhecer um rapaz. Mas, à medida que o tempo foi passando, convenci-me de que tinha de lhe explicar a minha… condição. Então, disse-lhe. Contei-lhe as complicações dos últimos anos e o facto de andar sempre a entrar e sair do hospital…

— E? — perguntei, mas o coração começou a doer-me antes de ouvir a resposta. Mentalmente, gritei: *Não, não, não, estúpido Kevin, sejas tu quem fores, não podes fazer isto à minha irmã. Não podes. Resolve já isto.*

— Já não me voltou a escrever.

25

Feliz aniversário

Há algo de macabro na ideia de não querer crescer e fazer anos, porque a única forma de o conseguir é morrendo. A Lucy terá sempre vinte e quatro, eu hoje faço vinte e três e, daqui a pouco, serei mais velha do que a minha irmã mais velha, algo com que ando obcecada. Quando tento fazer um balanço da minha vida e pensar no que fiz durante toda a minha existência, só sou capaz de pensar que, certa vez, salvei a Lucy. É patético, porque nem sequer me consigo lembrar do momento de glória, a pequena façanha que marcou a minha vida, todas as nossas vidas. Mas não há mais nada. Não encontro mais nada de mérito que valha a pena apontar no currículo da minha existência. Não passei os meus dias a trabalhar num abrigo para animais ou a ajudar velhotas a levar os sacos das compras. Não desenvolvi um braço robótico com peças de *Lego* para crianças que tenham sofrido uma amputação, como vi no outro dia na televisão que um jovem tinha feito, nem tão-pouco encontrei e expus a obra secreta de alguma artista magnífica como foi o caso da Vivian Maier.

Ainda não fui capaz de descobrir o que quero fazer com a minha vida, por isso é bastante difícil conseguir fazer alguma coisa pelos outros.

Essencialmente, fazer anos deixa-me aterrada, porque me pergunto se, em algum momento, quando chegar esse dia, serei capaz de dizer: «Agora, sim, sei quem sou, consegui.»

Será possível chegar aos cinquenta, aos sessenta, aos setenta e continuar com as mesmas dúvidas que nos assaltavam aos vinte? Ou será que os problemas serão outros, ainda mais complexos e existenciais, mais retorcidos e profundos? Preocupa-me não ser capaz de me comportar como uma pessoa adulta deveria. Para começar, o que significa essa palavra? Que surge um momento concreto na vida em que devemos ser totalmente resolutos, ter metas claras, tomar grandes decisões e mostrarmo-nos sempre serenos?

Observo-me ao espelho do quarto e inspiro profundamente. São sete da tarde e o Will está prestes a vir buscar-me. Mal falámos desde a escapadinha improvisada da semana passada, que terminou comigo e com ele mergulhados num silêncio tenso

durante o pequeno-almoço e o trajeto de regresso, mas ontem à noite recebi uma mensagem que dizia: «Próxima casa, o teu aniversário. Não faças planos a partir das sete, passo por tua casa para te ir buscar.»

Quando vejo pela janela o carro preto a parar em frente da porta, desço as escadas e dou com os meus pais na cozinha. Está a ser um dia estranho. Fomos os três almoçar juntos ao meu restaurante preferido e, apesar de a mãe não ter falado muito, também não foi tão desconfortável como tinha imaginado que seria.

Agora, ele está a esfregar os pratos enquanto ela rebusca alguma coisa no interior do frigorífico. Quase parece uma cena normal de uma família normal num dia normal. As pessoas que têm vidas vulgares não têm consciência de quão reconfortante pode ser toda esta dose inesperada de normalidade.

— Vou sair agora — anuncio.

— Onde vais? — A mãe fecha o frigorífico.

— Não faço ideia, acho que é uma surpresa.

— Combinaste encontrar-te com a Olivia?

— Não, com um amigo. O Will.

— O Will? Não estou a ver quem é…

É como se a verdadeira Rosie estivesse a abrir caminho lentamente através da bruma. Pergunto-me quando lhe deveria contar sobre o jogo da Lucy, se estará preparada para o saber ou se a minha irmã tinha algum plano em relação a isso que ainda desconheço.

— Tenho de ir andando, vou chegar tarde…

— Espera um bocadinho, Grace. Quero dar-te uma coisa. — Ela pega na mala pendurada numa das cadeiras da cozinha e saca lá de dentro uma caixinha. É quadrada e está forrada de veludo. — Não é grande coisa, mas gostei quando o vi.

Abro-a e encontro uma fina corrente prateada com uma chave diminuta. Observo-a a balançar. É linda.

— Obrigada, mãe. Adoro. — Tenho um nó na garganta.

— Pensei que… Bem, as chaves servem para abrir coisas. — É uma mensagem um pouco confusa, mas acho que sei o que ela quer dizer. — Anda, eu ponho-to. — Ela aperta o colar e a chave assenta sobre a minha pele, mesmo ao lado de um sinal. — Diverte-te.

— Tem cuidado — acrescenta o pai.

Saio de casa um pouco aturdida.

O Will está à espera lá fora, apoiado contra o carro e de braços cruzados. A sua expressão altera-se ao ver-me e as comissuras da sua boca, daquela boca inalcançável, erguem-se vagarosamente.

— Feliz aniversário, Grace.

— Obrigada. — Ele abre-me a porta do carro. A seguir, senta-se ao volante. — Existe alguma possibilidade de me dizeres para onde vamos?

— Nenhuma.

Ele sorri, eu sorrio e parece que tudo volta a ser tão fácil como sempre. Não há qualquer vestígio da tensão do último dia. Quando para num sinal vermelho que fica à saída de Ink Lake, inclina-se para pegar numa carta e entrega-ma antes de continuar a conduzir em direção aos subúrbios.

Feliz aniversário, pequena Grace!

Sim, sim, já sei que não é um dia que te entusiasma especialmente e que também não te agrada muito a ideia de celebrar certas datas em grande, mas que raio? Hoje fazes vinte e três anos como parte integrante deste mundo incrível e apaixonante. Se parares para pensar bem nisso só por uns segundos, é fácil sentires-te agradecida. Portanto, desfruta de cada hora, minuto e segundo do dia.

Vou pedir-te uma coisa: não é nenhum segredo que a tua cabeça é como uma máquina de lavar roupa sempre em funcionamento. Carrega no botão para a desligar. Já o fizeste? Sim? Ótimo. Então, agora sai de casa e diverte-te muito, faz alguma loucura sem pensar! Pedi ao Will para te levar a fazer algo divertido. Espero que cumpra com as expectativas!

Com amor, Lucy.

Dobro a carta e meto-a no envelope.

— Com que então, algo divertido…

— É essa a ideia. Ou assim espero.

Dou uma vista de olhos ao banco de trás do carro: há um saco de plástico que antes não estava ali e um presente retangular bastante grande. Que tentador.

— É para mim? — pergunto.

— Sim, mas só to dou ao fim do dia…

— Já são sete e vinte — digo. — *Quase* no fim.

O Will sorri e nega com a cabeça enquanto conduz. Atravessamos campos e alguma povoação pequena antes de chegar a uma cidade mediana que nos recebe com um cartaz que tem escrito «Bem-vindos à feira estival».

Estacionamos um pouco mais à frente. O Will pega no saco, mas deixa o presente dentro do carro. Caminhamos alguns metros até à entrada da feira e pagamos o bilhete antes de entrar. Lá dentro, está tudo ocupado com pequenas barracas de madeira com tetos de palha onde se vendem produtos artesanais como marmelada e mel. Mais adiante, ao longe, as luzes de algumas diversões e de uma roda-gigante piscam conforme o entardecer começa a devorar tudo à sua passagem. Há bastante

gente no recinto, mas o lugar conserva o encanto rural da zona e, ao mesmo tempo, também dá aquela sensação de liberdade que implica quebrar a monotonia.

— É fantástico, Will! — exclamo, entusiasmada.

— Ainda bem, porque não tinha a certeza.

— Estás a brincar? Nunca ninguém me preparou uma surpresa no meu aniversário. E, além disso, adoro feiras. Não sei, há algo mágico no ambiente… Talvez seja porque aqui nos podemos comportar como se ainda fôssemos crianças…

A maneira como ele sorri faz-me cócegas na barriga.

— Pois, não me ocorre melhor maneira de te dar razão… — E, a seguir, enfia a mão no saco que trouxe do carro e mostra-me o conteúdo.

São duas perucas. Uma lilás, de corte reto e do mesmo comprimento do meu cabelo, à altura dos ombros. A outra tem um tom amarelado de louro e é um pouco mais longa.

— Perucas? A sério?

— Disseste que gostavas delas quando fizeste aquela lista… — Ele coça o queixo com uma insegurança que me parece adorável. — Mas não temos de as usar.

— *Temos*, no plural? Isto está a ficar cada vez melhor.

O Will comprime os lábios para esconder um sorriso e suspira quando lhe dou a peruca loura. Depois colocamo-las, observamo-nos e desatamos a rir que nem dois tolinhos.

Ele tem vestidas umas calças pretas e uma *T-shirt* da mesma cor, que se cinge aos seus ombros. É possível que seja por isso que o contraste com o amarelo berrante seja mais chamativo.

— Estás ridículo. Absolutamente ridículo.

— Obrigado — murmura ele. — A ti fica-te bem. Espera, está mal colocada aqui. — Ele inclina-se e faz deslizar a ponta do dedo indicador pelo contorno da minha orelha para afastar o cabelo escuro que se entrelaça com o lilás. — Agora, sim.

Adentramo-nos na feira labiríntica, alheios aos olhares de alguns curiosos. Passamos diante de várias barracas de jogos e ele aponta para o típico monte de garrafas brilhantes às quais se tem de disparar.

— Apostamos alguma coisa? — pergunta ele.

— Está bem, mas ali não. Odeio armas.

— Então, onde?

— Aquela. — Aponto para outra barraca com um arco colorido e brilhante onde há pequenos balões pendurados contra a parede. — Anda, vamos.

— Os dardos também podem ser considerados uma arma — replica.

— Oh, sim, há tanta gente a morrer por ano à conta dos dardos…

O Will segue-me e, quando nos posicionamos diante da barraca, o homem que lá trabalha dirige-nos um olhar demorado, provavelmente devido ao nosso aspeto extravagante.

— Vá, o que é que apostamos? — pergunta o Will.

— Sei lá. Um pensamento.

— Um pensamento?

— Sim.

— *OK.*

O homem entrega-nos os dardos, o Will pega em três e dá-me outros tantos. Atira e acerta à primeira, rebentando um balão vermelho. Perde com os outros dois. Depois, quando é a minha vez, peço-lhe que se afaste para me dar espaço. Ele sorri com arrogância. Gostava de lhe dar uma cotovelada nas costelas, mas limito-me a atirar os dardos. Falho as três vezes.

O Will arqueia uma sobrancelha.

— Jogamos outra vez?

— Claro que sim.

Pegamos nos nossos dardos e, desta vez, começo eu, mas, novamente, não consigo rebentar nenhum balão. A seguir, o Will pensa bem antes de atirar: acerta ao terceiro lançamento. Quando pergunta se quero voltar a jogar, eu assinto.

— Vem cá, Grace. — Ele põe uma mão no meu ombro e puxa-me com suavidade para trás, sem se aperceber do quanto me afeta cada toque seu. Fala em sussurros: — Todos os jogos de feira têm um truque. Olha, as pontas dos dardos estão gastas, mas algumas estão mais do que outras, por isso escolhe bem aquelas em que pegas. Além disso, os balões estão pouco cheios, por isso é que é tão difícil fazê-los rebentar: concentra-te nos que estão mais cheios. Às vezes, também modificam a vareta dos dardos para deslocar o centro de gravidade e…

— Devíamos denunciá-lo.

O Will sorri e torna a baixar a voz.

— Resumindo, aponta com a maior precisão que conseguires, atira com muita força e escolhe os balões maiores.

— Está bem — digo com um suspiro.

Aproximamo-nos da barraca e, desta feita, escolho os dardos após verificar a ponta, embora não veja grandes diferenças. Demoro um longo minuto a distinguir os balões mais cheios e decido tentar acertar num par ao centro. A seguir, aponto bem e atiro o dardo. Nada. Roça no balão e desvia-se. Pego no segundo e volto a fracassar.

— Isto é uma porcaria — murmuro.

O Will inclina-se e sussurra-me ao ouvido:

— Tens de lançar com mais força.

Reviro os olhos, mas tenho em conta o conselho ao atirar o último dardo. E *pum*. Um balão azul rebenta e os restos da borracha caem ao chão. Salto em redor do Will enquanto grito, entusiasmada. Ele ri-se.

— Relembro-te que ainda não fiz os meus lançamentos.

— Tanto faz! Não me importa!

O Will posiciona-se para atirar os seus dardos quando paro de celebrar o meu pequeno triunfo. Concentro-me nos pormenores que o rodeiam: como franze o cenho antes de lançar e morde o lábio inferior, como põe um pé em frente do outro, como se impulsiona com suavidade.

E como falha os três lançamentos.

Olha para mim, divertido, aceitando a derrota e incentiva-me a escolher um dos peluches. Pego num peluche de um cão feíssimo, porque tenho a certeza de que nenhuma criança no seu perfeito juízo o levaria consigo para casa e dá-me pena pensar no tempo que ficará na estante da barraca. Retomamos o caminho em direção ao interior da feira e deixamos para trás mais jogos típicos: vários de ganchos, latas, cestos de basquetebol e o de bater com o martelo.

O ambiente é fantástico.

Cheira a comida e a algodão-doce, as luzes rutilantes cintilam em redor e envolvem-nos entre clarões. Detenho-me em várias barracas artesanais da zona, onde vendem *T-shirts*, frascos de conservas e bijuteria feita à mão.

O céu está repleto de estrelas quando decidimos comer alguma coisa.

— Hambúrgueres, cachorros quentes, sanduíches…?

— Voto nos hambúrgueres — respondo.

— A aniversariante manda.

Vamos para a fila de um dos estabelecimentos e pedimos dois hambúrgueres com extra queijo e picles. Encontramos uma pequena zona verde atrás de uma barraca de cerveja artesanal e sentamo-nos lá no chão. A casa do terror fica por perto, um pouco mais adiante, e ouvem-se os gritos e os risos das crianças que sobem para a diversão.

— Vá, diz-me em que estás a pensar agora, Grace.

— Tens a certeza? Porque não é muito interessante.

— Vou correr o risco de desperdiçar um pensamento.

Pego numa batata quente e tomo fôlego antes de dizer:

— Estava a perguntar-me como seria o crime perfeito.

— O quê?

— Sim, bem, estava a olhar para a casa do terror… — Aponto para a aludida. — E pensei: «Imagina que alguém se lembra de cometer um crime, pegar no cadáver e

metê-lo dentro daquela atração entre os bonecos.» Que macabro. Depois, essa ideia levou a outra. O crime perfeito existe? Sabes a quantidade de pessoas que terá matado alguém ao longo da história e conseguido livrar-se do seu castigo? Como será viver com o fardo do que fizeram, além do medo de serem descobertos?

O Will abana a cabeça sem parar de sorrir.

— Isto tira o apetite a qualquer um.

— Eu perguntei-te se tinhas a certeza!

— Vou pensar melhor quanto ao pensamento que me resta — diz ele, e depois trinca o hambúrguer e mastiga com um ar pensativo. — O crime perfeito é em alto-mar, longe da costa. Os peixes comem o cadáver e a água trata do resto.

— Nada mal, Tucker.

Divagamos mais um bocado durante o jantar e quando nos levantamos. Compramos algodão-doce e comemo-lo enquanto passeamos pela zona. Fazemos uma paragem ao passar diante de um espelho que distorce a imagem em ondas e convida a entrar na diversão. Levo as mãos à peruca.

— Sinto-me como a protagonista do filme *O Amor É um Lugar Estranho*.

— O cabelo dela não era cor-de-rosa?

— Sim. Já o viste?

O Will sorri e depois sussurra:

— «Não voltemos aqui nunca mais porque não será tão divertido.»

Sinto borboletas na barriga antes de responder com outra frase do filme:

— «Todos queremos ser encontrados.»

Ele fita-me com intensidade conforme arranco um pedaço de algodão-doce, o levo à boca e deixo que se desfaça. A seguir, concentro-me nas luzes que giram e giram um pouco mais à frente.

— Vamos andar na roda-gigante?

O Will assente. Permanece pensativo quando compramos os bilhetes e esperamos a nossa vez. Ocupamos uma das cabinas e vejo-o confirmar duas vezes que a barra de segurança está bem fechada. Depois, tira a peruca, deixa-a no assento e revolve o cabelo escuro.

— Preciso de um descanso — diz ele.

— Surpreende-me que tenhas aguentado tanto tempo com a cabeleira da Rapunzel.

A roda-gigante começa a mover-se e nós com ela. Não é muito grande e as cabinas estão abertas, pelo que o ar fresco da noite me esvazia a mente e, quando subimos até ao ponto mais alto, por um instante fico plenamente consciente de como sou sortuda por estar aqui, agora, viva. E, por oposição, ao descer, a ideia da morte reclama protagonismo. Suponho que ambas as coisas fazem parte de um todo, necessitam

uma da outra para existir, apesar de serem opostos.

— Acho que vou voltar a arriscar — sussurra o Will. — Quero saber em que estás a pensar.

— É a tua última oportunidade.

— Eu sei.

Tento sorrir, mas não consigo. Subimos lentamente ao ritmo de uma musiquinha irritante e eu contemplo a imensidão que me rodeia, os telhados da cidade num lado, os campos escuros no outro extremo, a feira por baixo de nós, alheia ao que cada um dos seus visitantes possa estar a sentir.

Mas ignoro tudo.

E viro-me para o Will.

— Inquieta-me saber que estou a olhar para alguém que um dia vai morrer e que tu estás a fazer o mesmo. O que acontece é que não sabemos como será nem, o mais importante, quando. E angustia-me pensar que, se andássemos por aí com um cronómetro no qual desse para ir vendo a contagem decrescente das nossas vidas, e a minha estivesse a chegar ao fim, não saberia o que fazer com essas últimas horas nem com quem as partilhar.

O silêncio abraça-nos por instantes enquanto damos voltas e voltas sob o céu estrelado.

— Se te serve de consolo, eu também não saberia o que fazer…

— Serve. Embora seja tristíssimo.

— Eu sei.

— As pessoas têm tantos planos… — Mordo o lábio inferior e encaro-o. Os seus olhos permanecem fixos em mim e só em mim, alheios ao facto de poderem ver muito mais coisas daqui. — Há pessoas que sabem o que querem fazer desde pequenas. E depois aos trinta já sabem que vão ter filhos e que aos quarenta vão comprar uma segunda casa e aos cinquenta… Enfim, já percebeste. A mim custar-me-ia decidir o que quero comer amanhã se me dessem a escolher entre peixe ou massa, porque, bem, eu sei que a proteína é mais saudável, mas recusar um prato de massa… Que dilema, vês?

O Will continua a observar-me. Estende o braço atrás das minhas costas, sobre o corrimão do assento, mas afasta-o assim que se apercebe da intimidade do gesto, daquela cumplicidade vibrante. E, por causa desse movimento brusco, a peruca loura cai, embora nenhum de nós lhe preste atenção. Os nossos olhares continuam colados um ao outro.

— Estou convencido de que as pessoas que parecem ter tudo tão claro mentem. Acredita em mim, sei do que falo.

— Isso é um bocado cínico…

— Sim, provavelmente é.

— Li algures que as pessoas cínicas têm o coração cheio de arranhões — sussurro.

O verde dos olhos do Will parece escurecer e, por um segundo, só um segundo, acho que o momento se poderia transformar em algo mais. Mas não.

— Em alguma loja de *T-shirts* por grosso? — zomba ele.

— Acabas de confirmar a teoria.

Ele sorri e eu imito-o. A seguir, ficamos calados enquanto a roda-gigante continua a girar. E é perfeito. Quero recordar esta sensação de paz e de estar em movimento juntamente com o Will, com o mundo lá em baixo a parecer minúsculo e insignificante.

A diversão, como tudo nesta vida, chega ao fim e saímos. Caminhamos mais um pouco pelo recinto da feira antes de procurar a saída. Avançamos por uma rua ampla e escura. Deixamos para trás o cheiro a comida, pipocas e maçarocas assadas, as luzes cintilantes e coloridas e esse lugar onde regressamos sempre à infância.

Adianto-me e viro-me para ele, continuando a caminhar de costas.

— Foi um dos melhores aniversários da minha vida. As perucas, os jogos, a roda-gigante… — Engulo em seco, mas não desvio o olhar. — Porque é que o fizeste?

— A Lucy pediu-me que pensasse em algo divertido…

— Sim, mas foi… Isto foi perfeito, Will.

Ele suspira. Vejo a maçã de Adão a mover-se na sua garganta.

— Mereces que alguém te encontre…

— E esse alguém podias ser tu?

— Grace…

— Lembras-te do que te disse sobre a memória bidirecional, as recordações e as frigideiras quentes? Pois já me queimei muitas vezes. Demasiadas. Mas, agora mesmo, és a única pessoa por quem voltaria a correr esse risco.

— Não o faças.

— Porquê?

Parámos de caminhar. O Will não responde.

Estamos tão próximos que a ponta dos meus ténis toca nos dele. Tenho de alçar a cabeça para o poder olhar nos olhos e espero, espero, espero. Não sei do que estou à espera. Talvez seja esse o erro. Talvez não deva esperar pelas coisas que desejo, mas ir atrás delas. Relembro as palavras da carta da Lucy: «Faz alguma loucura sem pensar.»

O Will fica tenso quando estico a mão e a faço deslizar pela sua nuca. Afundo os dedos no seu cabelo. Devagar. Muito devagar. Noto a mudança no ritmo da sua

respiração.

— Não vais responder?

Ele respira fundo.

— Não devias apostar em mim…

Afasto a mão do seu cabelo e deixo-a cair.

— Deves-me um pensamento. Sincero — relembro-o, porque quero ficar pelo menos com isso antes de entrarmos no carro e a noite chegar ao fim.

O Will medita uns instantes antes de dizer:

— Uma parte de mim quer que me dês ouvidos, continuemos a caminhar e regressemos a casa. A outra só deseja que ignores todas as razões por que tu e eu não devíamos dar nem mais um passo em direção um ao outro.

Reprimo um sorriso. E dou um passinho em frente. É pequeno, mas suficiente para deixar as minhas intenções claras. Ele estende a mão e acaricia-me a bochecha num gesto carregado de ternura que me impressiona. E baixa-a. Baixa-a até a ponta do seu dedo indicador traçar o contorno dos meus lábios e ali permanece durante alguns segundos cheios de eletricidade. Pergunto-me se alguém terá alguma vez tentado medir a química entre duas pessoas, se existirá alguma fórmula matemática mágica que possa conter e explicar o que sinto.

Então, quando as nossas bocas colidem, paro finalmente de pensar. Só estou aqui, aqui, neste instante, na sua mão apoiada na minha nuca e a outra na bochecha, na maneira como me ponho em bicos dos pés para chegar melhor a ele, na humidade dos seus lábios, no facto de este beijo saber a algodão-doce, no aperto que sinto na barriga, na saliva, nos dentes e na língua; em como todas estas coisas que não significariam nada com outra pessoa se transformam em desejo quando se trata dele.

Beijar o Will é como ouvir uma música de *rock and roll* pela primeira vez, com todos os instrumentos a fundirem-se numa melodia perfeita. E, quando a canção chega ao fim, a única coisa que desejamos fazer é voltar a ouvi-la uma e outra vez, porque precisamos de memorizar cada acorde, cada roçar da pele, cada solo de guitarra, cada recanto da sua boca.

Não sei como o fazemos, mas movemo-nos pela rua entre beijos e mais beijos.

Chegamos ao carro. O Will procura as chaves nos bolsos das calças enquanto percorro o seu pescoço com os lábios, e lambo e mordo e brinco.

— Porra, Grace. — Ele vira-se para a minha boca e voltamos a fundir-nos num beijo. Ele tenta afastar-se, mas acaba por falar contra o meu sorriso. — Não encontro as chaves.

— Ótimo.

— Ótimo.

— Podemos ficar neste parque de estacionamento para sempre.

— É um bom plano. Olha, já sabemos o que fazer com as nossas vidas. Temos uma meta — diz ele, mesmo antes de me levantar e me abraçar contra o seu peito.

Rodeio-lhe as ancas com as pernas. Ele apoia-me contra a carroçaria do carro e beijamo-nos outra vez até eu sentir os lábios dormentes, a pele a arder e o coração a bater com tanta força que não sei se conseguirá aguentar muito mais.

— Mas se encontrássemos as chaves…

— O quê? — incentivo-o a continuar a falar.

— Evitaríamos um escândalo público.

— Certo. — Beijo-o. — Deixa cá ver, espera… — Enfio a mão no bolso de trás das suas calças e tiro de lá o molho de chaves brilhante. — Parece que estiveram aqui o tempo todo.

— A culpa é tua. Deixas-me atordoado.

— Atordoado? — Sorrio.

O Will carrega no botão para abrir o carro e as luzes acendem-se. Resvalo contra o seu corpo firme até tocar no chão com os pés. Ele senta-se no assento do pendura e puxa-me pela mão para me sentar em cima dele. Voltamos a ficar às escuras ao fechar a porta. Tiro a peruca porque, embora adore a ideia de ter o cabelo lilás, neste momento preciso de ser eu mais do que nunca, sem disfarces.

Acaricio o seu rosto. Quero memorizar cada linha, a textura da pele, o arco das sobrancelhas, todo ele. O Will mantém-se quieto e de olhos fechados enquanto o faço. Quase parece render-se às carícias. Por um instante, recordo a mulher de *O Beijo*, a maneira como se abandona ao abraço do amante. Será isso o amor? Sentirmo-nos seguros nos braços de outra pessoa? Sabermos que pode partir-nos o coração e, ainda assim, seguirmos em frente sem olharmos para trás? E poderá isto ser um começo ou será que o desejo tanto que estaria disposta a deixar-me levar pela imaginação para acreditar nisso? A única coisa que sei com toda a certeza é que quero encaixar uma chave no coração do Will e girá-la para o abrir.

Pressiono os meus lábios sobre os dele e sussurro em seguida:

— Acho que podia apaixonar-me por ti. Ou talvez isso já tenha acontecido; não sei quando exatamente, é quase impossível encontrar o momento concreto…

— Porquê? — Ele abre os olhos.

Não parece surpreendido nem alarmado com o que acabo de dizer. Há uma calma inquietante no seu rosto e ele continua a afagar-me as costas com a mão aberta, para cima e para baixo. Roço o meu nariz na sua bochecha num gesto doce.

— Porque tu me vês.

— E que mais?

— Não estou a perceber.

— Do que é que gostas em mim?

— Isto aqui… — Aponto para a sua cabeça com a mão e depois baixo-a até a apoiar sobre o coração. — E isto também. Tu, Will.

Há algo sinistro no seu olhar.

— E se não for a pessoa por quem acreditas que te apaixonaste?

— Todos temos arestas e cantos escuros. Ninguém é perfeito.

Beijo-o com veemência, como se, de repente, sentisse a urgência de aprofundar a maneira como o meu corpo encaixa no dele e se adapta às linhas duras que o formam. E quero… Dou-me conta de que quero que pare de falar. Não me apetece pensar. Só me apetece ele, ele, ele. E este vínculo. Isto que criámos não sei muito bem como, mas que sei que existe porque consigo senti-lo cá dentro, entre as costelas, protegido.

O Will corresponde à intensidade do beijo, grunhe e as suas mãos descem até se fincarem na cintura das minhas calças de ganga, mas a inquietude persegue-o e ele afasta-se.

— Espera. Espera.

— Odeio esperar.

— Pois. Mas não posso.

A sua rejeição abala tudo e eu movo-me para trás para colocar alguma distância entre nós, embora o espaço em que estamos encaixados seja tão pequeno que não me mexo grande coisa. Abro a porta do carro, mas o Will pega-me na mão antes de eu sair.

— Dá-me pelo menos uma oportunidade.

— Para quê? — Olho-o nos olhos.

— Queres conhecer a minha história? — pergunta, e eu toco na diminuta chave que balouça ao meu pescoço. Não paro para sopesar os riscos do que implica abrir portas que estão fechadas há muito tempo, simplesmente assinto com a cabeça. — Está bem. Então, acho que devia começar por te contar quem eu era dezasseis horas antes do desastre…

A HISTÓRIA DO WILL

26

Dezasseis horas antes do desastre

Um telemóvel estava a tocar de forma incessante em algum canto do quarto. Virei-me na cama, puxei o edredão e tapei a cabeça com ele. Ouvi um queixume.

— Will! Está frio!

— Não tens outra manta?

— Não. — A Tiffany destapou-me sem consideração. — E importas-te de ir buscar o maldito telemóvel e desligá-lo? Já está a tocar há meia hora. Quem é que poderá ser tão insistente?

Consegui dar com o telemóvel, que estava dentro do meu sapato, no chão. Vi o nome que piscava no ecrã e silenciei a chamada.

— É a minha namorada.

— Pobre infeliz.

A Tiffany levantou-se. Passeou a sua silhueta nua pelo quarto sem qualquer tipo de vergonha até abrir uma gaveta da cómoda e vestir umas cuecas de renda preta que me captaram a atenção. Ergui-me. Eu também não estava vestido. Dirigi-lhe um sorriso carregado de intenções, todas más, e ela desatou a rir e aproximou-se da cama. Enfiei o dedo na parte de dentro do elástico da roupa interior para a tirar.

— Sabes, hoje é o meu aniversário — murmurei, depois de fazer as cuecas descerem. — E acho que tu vais ser a minha primeira prenda.

— Qual é a segunda?

— Não sei bem. — Levantei a mão, pensativo, e acariciei-lhe o seio direito. — O que se pode pedir quando já se tem absolutamente tudo?

— És um idiota, William. Mas um idiota muito giro.

— E que sabe fazer-te gritar.

Mergulhei a mão entre as suas pernas nesse mesmo instante e ela fechou os olhos, mordendo o lábio. Deitei-me em cima dela e afundei-me no seu interior. Forte, duro, húmido. A minha relação com o sexo sempre foi assim, tão prazenteira como fria, tão mecânica como eficiente. O desejo não tinha nada que ver com o lado emocional, mas com o estímulo visual. Os seios da Tiffany a balançarem, a sua voz a gemer ao

meu ouvido, o corpo esbelto ou o seu rosto contraído de prazer. Tudo era obra minha. A ideia, retorcida e ridícula, excitava-me o suficiente para me impulsionar a mover-me mais depressa conforme o fim se aproximava e as suas unhas se cravavam nos meus ombros.

— Foda-se — murmurei, depois de me afastar e deixar cair ao lado dela.

— Sim, admito que isso tu fazes muito bem — brincou ela, e logo entrelaçou os dedos nos meus cabelos. — Apetece-te tomarmos o pequeno-almoço juntos?

— Estás a brincar? Tenho coisas para fazer. Que horas são?

Ao olhar para o relógio do telemóvel, vi que tinha outra chamada perdida da minha namorada. O nome aparecia no topo do ecrã: «Lena.» Quatro letras que me deram um leve beliscão, o qual rapidamente me esforcei por ignorar.

Pus-me de pé e procurei a minha roupa em redor da cama. Uma meia aqui, a *T-shirt* acolá. Assim que acabei de me vestir, aproximei-me da Tiffany, que ainda tentava apertar o sutiã. Ajudei-a e fechei-o com um suave clique. Ela deu meia-volta e sorriu-me. Um daqueles sorrisos complacentes e doces que, longe de me agradarem, costumavam incomodar-me por simbolizarem que o desafio, a parte mais divertida daquilo, tinha chegado ao fim.

— Vemo-nos em breve?

— Não sei. Vamos falando.

Aquele «vamos falando» vago e impessoal era a minha maneira de saltar do barco quando o rumo deixava de me interessar. Que foi exatamente o que fiz ao sair do apartamento da Tiffany e entrar no descapotável vermelho que tinha comprado dois meses antes para celebrar o facto de me terem contratado numa firma importante, depois de passar por um implacável processo de seleção. Tinha um *Audi* escuro a ganhar pó na garagem de casa, um presente do meu vigésimo primeiro aniversário, mas havia algo naquele carro que me fazia sentir desconfortável; demasiado sério, demasiado clássico, demasiado barato.

A casa familiar que me tinha visto transformar no homem que era nesse momento desenhou-se diante de mim quando virei na última esquina à direita. Ali estava ela, a casa de telhado inclinado, com uma trepadeira que subia pelos tijolos avermelhados e um jardim perfeito que poderia aparecer em qualquer revista de decoração.

Encontrei os meus pais na espaçosa cozinha cinzento-ardósia. Ele estava sentado à mesa a ler o jornal, apesar de ser um hábito realmente estúpido e de já lhe ter explicado várias vezes que, acedendo à Internet, poderia ler facilmente todas as notícias. Ela, em frente do fogão, olhou para mim por cima do ombro e sorriu.

— Bom dia, querido. Feliz aniversário! O tempo passa tão rápido! — Tinha uma voz cantante. — Não nos disseste que ias dormir fora.

— Improvisei — respondi.

— Saíste com o Josh e os rapazes? Espero que se tenham divertido. Já agora, preparei o teu pequeno-almoço favorito: panquecas com mel e framboesas.

Pousou o prato na mesa. Tinha colocado as framboesas de maneira a simularem dois olhos nas panquecas redondas e o mel era o traço de um sorriso, justamente como as fazia quando eu era mais novo.

Suspirei e afastei-o para o lado.

— Obrigado, mas não tenho fome.

— Nem sequer um bocadinho? — insistiu a minha mãe. — É por causa daquele programa desportivo que andas a seguir? De certeza que não faz mal se te permitires um capricho no teu aniversário. Além disso, não podes viver eternamente só com arroz e frango. — Ela secou as mãos ao avental velho e desbotado.

Uma das coisas que mais me incomodavam em relação à minha mãe era que, apesar de ter a conta bancária recheada, nos aspetos mais quotidianos vivia como se o dinheiro mal lhe chegasse até ao final do mês. Quando a empregada de limpeza vinha cá a casa, punha-se a fazer as tarefas domésticas com ela porque assim «sempre se entretinha um bocado» e continuava a cozinhar diariamente. Após a mudança, nunca foi capaz de se integrar com o resto das mulheres do bairro, aquelas que levavam sapatos de salto alto para ir ao supermercado e tinham a manicure marcada para todas as sextas-feiras.

— Simplesmente não me apetece.

— Está bem. — Ela pegou no prato das panquecas e afastou-se enquanto dizia quase para si mesma: — Vou guardar-tas. Pode ser que as queiras comer ao lanche.

O meu pai pôs o jornal de parte e fitou-me com a testa franzida.

— Podias ter mais consideração para com a tua mãe. Foi de manhã bem cedo às compras para ir buscar as malditas framboesas.

Revirei os olhos antes de bocejar. Comentei que precisava de descansar e subi até ao meu antigo quarto, um lugar que se tornou um refúgio quando cheguei, ainda um menino solitário, mas que logo me viu crescer e estender as asas, reclamar espaço, adaptar-me, fundir-me com o ambiente, transformar-me no tipo de homem que jamais imaginei que seria.

O quarto era espaçoso e tinha as paredes pintadas de verde-menta. As prateleiras superiores estavam cheias de troféus, quase todos de corridas de curta distância e de estafetas, embora também houvesse um ou outro da liga de futebol do condado. A cama era grande, com uma colcha bege, e por baixo da janela encontrava-se a secretária de madeira escura. Aproximei-me e contemplei o exterior. Era um ato bastante quotidiano, mas pareceu-me nostálgico, porque o fiz centenas de vezes

quando era pequeno: espreitar pela janela para procurar o Josh na casa da frente.

Deixei-me cair na cama e fechei os olhos. Só tinha dormido três ou quatro horas na noite anterior e o sono abraçou-me sem esforço.

O relógio marcava as sete da tarde quando acordei. A luz rosada do entardecer banhava a divisão. Procurei o telemóvel e vi que tinha dezenas de mensagens: felicitações de amigos da escola e da faculdade, dos meus tios, do Josh e da Lena.

Telefonei-lhe enquanto ia buscar roupa limpa ao armário e uma toalha com a intenção de tomar um duche.

— Will? William?

— É o próprio — disse eu.

— Onde é que te tinhas metido? Andei o dia todo a ligar-te! Estava muito preocupada contigo. Estava com medo de que te tivesse acontecido alguma coisa má e…

— Calma, amor.

— O que é que se passou?

— Nada. Passei a noite com os rapazes e estive a dormir o dia quase todo. Doía-me a cabeça. — Pelo menos nesta parte não estava a mentir. — Está tudo bem por aí?

Ela demorou um instante a pôr de parte o seu aborrecimento.

— Como sempre. O meu pai mal apareceu por casa esta semana, teve algum tipo de problema no Senado. E a minha mãe vai enlouquecer-me com o assunto do casamento.

— O que é que ela fez agora?

— Queres dizer o que é que não fez. É a terceira vez que muda a ementa e está a torturar as raparigas encarregadas dos arranjos florais.

— Quando voltar a Nova Iorque para a semana que vem, eu trato de que tudo fique encaminhado como deve ser. Ao fim e ao cabo, é o nosso casamento.

— Precisava de ouvir isso. — A Lena suspirou.

— Tenho de desligar agora, amor.

— Já imaginava que terias planos.

— Nada excessivo, ou assim espero. Só um par de cervejas e pouco mais.

— Claro. Já agora… — Ela fez uma pausa e, em seguida, a sua voz soou doce e meiga, eivada de amor e devoção: — Feliz aniversário, Will.

Um arrepio atravessou-me quando terminei a chamada e pousei o telemóvel na mesa de cabeceira. Fiquei alguns segundos a observar a ponta de uma meia vermelha que espreitava da frincha da primeira gaveta. Embora só tivessem passado umas horas desde que acariciara o corpo da Tiffany, tinha a sensação de que isso tinha acontecido

há uma eternidade, talvez anos. A caminho do chuveiro, prometi a mim mesmo que pararia de me comportar como um idiota assim que passasse pelo altar, como se assinar aquele papel simbolizasse um antes e um depois. A partir daí, acabar-se-iam as aventuras de uma noite e os engates. Seria uma versão melhorada de mim mesmo. Era capaz de o fazer. Era capaz. Não era a primeira vez que me propunha fazer algo semelhante.

Desci as escadas ainda com o cabelo húmido.

No Nebrasca, os verões eram muito quentes e os invernos, muito frios. Os lugares assim são um bocado simplórios, como se tudo dentro deles fosse demasiado evidente. Às vezes, tinha a sensação de que as pessoas que os habitavam eram iguais, pequenas poças de água estagnada que ignoravam que lá fora existiam rios e lagos, oceanos imensos.

— Já te vais embora? — A minha mãe intercetou-me à saída da cozinha.

— Sim. Não sei a que horas volto.

— Está bem. — Ela aproximou-se e deu-me uma festa suave na bochecha. E, nesse gesto, houve algo… algo emaranhado. — O teu pai está no jardim porque esta noite há a chuva das Perseidas. Não queres ir ter com ele um bocadinho?

— Desculpa, já estou atrasado.

— Pronto. Tem cuidado.

Saí sem olhar para trás. Passar um par de semanas em casa durante as férias de verão era tão asfixiante como refrescante. Habituado à liberdade na grande cidade, tinha a sensação de que regressar à casa de família era como vestir um colete de forças; incomodava-me ter de dar explicações quando entrava e saía. Mas também era como viajar dentro de uma máquina do tempo e contemplar um mundo estático em que tudo continuava intacto, como uma estante cheia, cheíssima, de centenas de figurinhas de cristal. Acalmava-me pensar: É possível que algum dia tudo o resto vá com os porcos, mas aqui, neste lugar recôndito, continuarei a ser sempre o famoso, inigualável e querido Will Tucker.

Tinha combinado encontrar-me com o Josh e o Darren em La Perla.

Era um dos restaurantes mais exclusivos de Lincoln, conhecido pelo peixe fresco que chegava às suas portas diariamente e pelas brasas acesas no centro das mesas de pedra. Podíamos escolher entre virar e tirar a comida quando estivesse no ponto ou pedir ao empregado para o fazer. Também serviam um vinho branco francês que era a minha perdição e, da última vez, tinha comprado várias garrafas para levar para Nova Iorque porque, ironicamente, não o encontrei na grande cidade.

Vi-os sentados à mesa do fundo que costumávamos ocupar.

— Chegou o aniversariante! — gritou o Darren.

— Vamos cá ver, espera, dá uma voltinha. — O Josh franziu o sobrolho daquela maneira tão sua que parecia sempre exagerada. — Sim, porra, estás mais velho. Deixaste de fazer a barba?

Sorri e afaguei o queixo. A barba, de há apenas dois dias, fez-me cócegas na palma da mão. Tirei o casaco e ocupei a cadeira livre.

— A tua miúda sabe que declaraste guerra à lâmina?

— Darren, acho que, de todas as coisas que a miúda dele não sabe, esta é a menos importante. — O Josh soltou uma gargalhada e depois pôs-se a ler a ementa. — Pedimos o mesmo que da última vez? Não estava nada mal.

Uma empregada de cabelo castanho e olhar amável aproximou-se para tomar nota do pedido. Ainda havia algo dentro da minha cabeça a ribombar sem parar e a balbúrdia no restaurante, as vozes e os risos, os odores fortes e a comida a assar parecia agravar a pressão que ali sentia. Massajei as têmporas com vagar.

— Com que então, estás noivo. Ou pelo menos foi isso que ouvi.

Quem disse aquilo foi o Darren. Íamos juntos para a escola, jogávamos na mesma equipa de futebol e ele fazia parte do meu grupo de amigos, mas no dia em que decidi que casar com a Lena era a melhor coisa a fazer (o mais sensato, o mais lógico, o mais prático), só partilhei a notícia com os meus pais e o Josh. Aos restantes a notícia chegou de maneira natural, sem que tivesse de me dar ao trabalho de o comunicar de forma oficial.

— Sim — respondi.

— Porque o pai dela trabalha no Senado ou porque perdeste completamente a cabeça? Estás a meter-te num belo sarilho…

— O Will gosta dos planos definidos — acrescentou o Josh sem parar de brincar com a faca na mão. — Sempre que consegue encontrar alguma bifurcação no caminho, claro.

Revirei os olhos. Naquele momento, apercebi-me de que era capaz de prever o resto da noite: passariam o jantar a gozar veladamente do assunto do casamento, do compromisso, blá-blá-blá, e eu esforçar-me-ia por dissimular como aquilo tudo me chateava, pelo que beberia mais do que devia e acabaria com a garrafa de vinho num instante.

Foi dito e feito.

— E a seguir vêm os filhos? — O Darren riu-se.

— Tenho uma previsão. — O Josh ergueu a mão no alto de forma teatral para pedir que guardássemos silêncio. — Gémeos. Que fantasia.

Virei o pau de madeira no qual assava o meu peixe. As escamas brilhantes e iridescentes tinham ganhado um triste tom de cinza.

— Vais passar os domingos no clube de campo.

— Se é que já não o faz — disse o Josh.

— Vou deixar-vos na dúvida — retruquei.

O Josh suspirou e tirou a sua comida das brasas. Ele gostava sempre das coisas malpassadas; às vezes, gostava de troçar do meu hábito de cozinhar tudo bem-passado. «Nota-se as origens no paladar», dizia com zombaria.

Classificar o Josh como o «meu melhor amigo» soava banal, tendo em conta a magnitude do que ele tinha significado para mim. O Josh era um ponto de inflexão. O Josh era um cruzamento a meio de uma estrada de milhares de quilómetros. O Josh era o começo e o final de uma etapa. O Josh era a linha que dividia a minha existência em dois.

Tinha-me esforçado todos os dias por ser igual a ele. E depois, quando consegui não só isso, mas também tornar-me uma versão melhorada, mantive aquele vínculo intacto. Aquela lealdade enraizada não me embotava os sentidos: há muito tempo que tinha a sensação de que os nossos mundos se tinham distanciado (ele tinha ficado em casa a trabalhar na empresa familiar de exportação após a lesão que o afastou da equipa da universidade uns anos antes e eu vivia numa bolha nova-iorquina em que me relacionava com pessoas interessantes e o meu futuro era simplesmente promissor). Quando o ouvia contar as mesmas piadas de sempre ou lhe falava de algum tema do qual ele não percebia nada, como a última exposição de arte a que tinha assistido, sentia uma estranha satisfação ao perceber a sua frustração e, em simultâneo, incomodava-me deixá-lo para trás.

— Vais acabar por entrar na política graças ao teu sogro?

— Não, não me interessa. — Ergui os olhos para o Darren.

— Continuas a querer especializar-te em direito desportivo?

Sim, a minha ideia era transformar-me num agente muito, muito rico.

— É esse o plano — respondi, enquanto servia a minha comida.

— Will Tucker: o homem dos planos — troçou o Josh.

Não tardei em pedir uma segunda garrafa de vinho. E, a seguir, quando terminámos o jantar e saímos para a rua, senti o vento suave de finais de verão no rosto e segui os meus amigos até ao estacionamento, pensando que a vida era mesmo perfeita, como a geometria da natureza, capaz de superar o engenho do melhor arquiteto; ou a polinização, um processo maravilhoso do princípio ao fim.

— Onde é que vamos agora? — perguntou o Darren.

— De certeza que há gente no pinhal — disse o Josh, e apontou para o meu carro, que brilhava sob a luz da Lua. — Fazes as honras? Depois voltamos para vir buscar o meu.

O Josh sentou-se no lugar do pendura e o Darren, no banco de trás, começou a enrolar um charro. Depois de ligar o motor, virei-me e fulminei-o com o olhar.

— Nem penses em acendê-lo cá dentro.

— Onde é que está o nosso amigo e o que é que Nova Iorque fez com ele? — O Josh estalou a língua e houve uma pequena pausa, como se esperasse que eu entrasse na brincadeira, mas não o fiz. Verão após verão, aquelas brincadeiras começavam a fazer mossa. — Darren, é na boa. E passa-mo depois, a ver se animamos a noite por aqui.

Ouvi o estalido de um isqueiro e travei com brusquidão.

— Foda-se, Will! — protestou o Josh.

Cravei os olhos no espelho retrovisor e disse:

— Darren, se vais fumar, sai do carro.

— Ouve, mano, tranquilo. Era só uma brincadeira.

Respirei fundo e voltei a acelerar para entrar na estrada. O ambiente tinha-se tornado constrangedor de repente, por isso, durante o trajeto, obriguei-me a participar na conversa (algo sobre a erva que tinham comprado) e disse uma ou outra piada. Não era difícil. Só tinha de dizer o que esperavam que dissesse, só tinha de me rir do que esperavam que me risse. Andei toda a vida a aperfeiçoar a arte do disfarce, até ao ponto de a máscara que um dia decidira pôr diante dos demais estar tão bem colada que já não era de tecido nem cartão, mas parte da minha pele.

Havia gente quando chegámos ao pinhal. Na maioria, amigos que continuavam a viver na zona, mas também vários antigos colegas que, como no meu caso, regressavam durante as férias de verão. E a Jenna, com o seu longo cabelo louro apanhado numa trança e um vestido minúsculo que lhe marcava a silhueta. Pôs-se em bicos dos pés e deu-me um beijo na bochecha que se alongou um par de segundos. Tínhamos sido um casal durante os últimos anos de escola.

— As garrafas estão ali — comentou o Ash.

O Darren preparou umas cubas-libres e entregou-me um copo. Não demorei muito tempo a bebê-la. As pessoas falavam alto, demasiado alto. Continuei a beber. Alguns amigos começaram a apostar quando decidiram que tinha chegado a hora das corridas: consistia em competir com os carros na zona abaixo do pinhal, numa reta pouco movimentada à noite. Ao longe, não tardaram a ouvir-se as buzinas e os motores a grunhir, preparados para acelerar.

Em algum momento, já de madrugada, o Josh deitou-se numa das mesas de madeira que, durante o dia, eram ocupadas por turistas entusiastas que paravam por ali para comer. Bebi um pouco mais, não sei se era o terceiro ou o quarto copo. A seguir, deixei-me cair ao lado dele. O céu estava a transbordar de estrelas, tantas que

pareciam dar cotoveladas umas às outras para caberem melhor, e, não sei porquê, imaginei o meu pai sentado no jardim de casa, com a cabeça erguida em busca das Perseidas, e senti a sua solidão dentro de mim como um verme contorcido e carnudo.

— Will… William… O perfeito Will… — cantarolou o Josh, divertido.

— Estás cá com uma piela. — O peito vibrava-me do riso e era uma sensação fácil e maravilhosa. — Desculpa por aquilo de antes.

— Aquilo de antes? O quê?

— Nada. Esquece — ripostei.

Ambos tínhamos consciência daquela tensão que, por vezes, parecia palpitar entre nós, sobretudo durante os últimos anos, mas gostei que fingisse que não existia porque, essencialmente, a vida era isso, fingir e fingir e morrer fingindo.

Quando fingimos o suficiente, até se torna real.

— O Noah está a derrotá-los a todos — afirmou o Ash, impressionado.

— Isso é porque ainda não nos enfrentou a nós. — O Josh ergueu-se e abanou-me o ombro. — Que me dizes, Will? Como nos velhos tempos. Tu e eu, lado a lado. Vamos, levanta-te.

— Estou bêbado.

— Will, é a merda de uma reta. Concentra-te em acelerar e não em mexer no volante. — Ele rodeou-me os ombros com um braço enquanto descíamos até à estrada. — Lembras-te da primeira regra de sobrevivência? Não permitas que ninguém ponha a porcaria de um pé no teu território, caso contrário estás perdido. Vamos mostrar ao Noah quem somos.

As regras do Josh, sim. Há anos que não pensava nelas, desde que acabámos a escola, mas ainda as sabia de cor como se estivessem marcadas a fogo na minha cabeça. «Não mostres as tuas emoções», «Controla os teus impulsos», «Se alguém te der um murro, devolve-o com mais força», «Ser frágil é patético», «Comporta-te como um líder».

Era a adrenalina a correr por dentro como um líquido quente e inflamável. Era uma lâmpada a apagar-se dentro da minha cabeça dando lugar à escuridão. Era eu, eu e eu. Nunca provei nenhuma droga mais viciante do que a sensação explosiva de que tudo é possível, de ter o mundo nas mãos e descobrir que é mole e maleável como plasticina para crianças. E meu. Principalmente, meu.

Pensava nisso quando entrei no carro. A Jenna e outra rapariga mais jovem estavam no meio da estrada e não paravam de fazer parvoíces, bamboleando as ancas e bebendo pelo gargalo das garrafas de cerveja. Em seguida, quando o Noah deu luz verde, levantaram os braços e contaram até três antes de anunciar a partida. Reagi um par de segundos mais tarde.

— Merda, Will, acelera! — exclamou o Josh.

Pisei o pedal com todas as minhas forças. O carro do Noah não tinha nada que pudesse competir com o meu, pelo que o deixei para trás em poucos instantes. O riso brusco do Josh entrou-me na cabeça e contagiou-me. Sim, sim, sim. *O famoso, inigualável e querido Will Tucker a relembrar a toda a gente quem continua a ser.*

— Que ignorante — murmurou o Josh, enquanto olhava para trás para desfrutar da visão do carro do Noah a tornar-se mais pequeno na escuridão da noite. — Olha para ele, Will.

Ergui a vista para o espelho retrovisor um segundo, só um segundo, e, quando voltei a fixá-la na estrada, deparei-me com dois feixes de luz. Virei o volante. Um giro violento e errático. Compreendi que tínhamos saído da estrada quando o carro ressaltou sobre o terreno pedregoso e, depois, chegou o embate seco e brusco.

Não senti dor. Foi como se, de súbito, flutuasse e tudo ficasse pintado de um branco níveo e delicado. Não parava de nevar e nevar na minha cabeça. E pensei: *A neve é tão fascinante*.

27

Queda livre

Estou a cair.

Caio, caio, caio.

Estava no topo de um precipício e, de repente, só sinto vertigens na barriga e náuseas e tudo o que me rodeia é branco.

Que lugar é este?

Um prado cheio de neve, talvez.

Uma cobertura de natas de um bolo.

Ou a clara de um ovo estrelado.

Quero vomitar, mas não consigo.

Tenho algo nas entranhas, um animal ferido que se contorce e me arranha por dentro, que me rasga a pele, dá voltas e gira, crava os dentes e uiva sem parar.

Dói.

— Quem és tu? — perguntou uma voz doce.

— Agora não, está fraco. Precisa de descansar.

Há um relógio na minha cabeça que não para de soar.

Tiquetaque, tiquetaque. Assim, o dia inteiro. A noite inteira.

Continuo a deslizar por um trilho esbranquiçado e reto, infinito. Não há nada a que me agarrar, é impossível travar a queda. Um rio de leite? Umas minas de cal?

Espero e espero. Tiquetaque. Tiquetaque.

Quero abrir o relógio.

Quero abri-lo. Quero partir-lhe as engrenagens, roda a roda. Quero partir o oscilador. Partir o motor. E depois voltar a montá-lo. E… magia. Parece intacto, mas já não funciona.

Tiquetaque. Tiquetaque.

*

A voz doce regressou. Era como mel quente.

— Vais ficar bem. Tiveste sorte. Pelo que ouvi dizer, podia ter sido muito pior.

Embora estar intubado seja uma chatice; acredita em mim, sei por experiência própria.

— Lucy! O que é que estás a fazer aqui? É proibido entrar!

— Desculpe, senhora Higgins, é que… eu conheço-o.

— Conhece-lo? — Ela continuava chateada, mas apareceu-lhe na voz uma pequena nota de curiosidade. — Tens a certeza? Teve um acidente. Foi internado há uns dias.

— Sim. Nunca me esqueço de uma cara. É o Will Tucker.

O relógio ouve-se de maneira mais lenta. Tiiiiquetaaaaque.

A neve começou a derreter.

O branco já não é puro, está sujo.

«Nada como um bocadinho de água com bicarbonato de sódio para tirar as manchas», cantarola a voz da minha mãe. Vejo o seu sorriso. Sabe mais do que diz. Mas guarda-o para si. Guarda-o sempre para si. E repete «meu menino bonito, meu menino bonito», mas já não acredito nisso, por muito que queira.

Várias vozes desconhecidas em meu redor.

— Mudamo-lo lá para baixo, para o quarto 104?

— Sim. A família já foi informada.

— Perfeito. Então, vamos lá.

E o mundo começou a girar e a girar e a girar.

Estou sentado sobre um pião.

Quando era pequeno, tinha um e era perfeito, a avó pintou uma linhas azuis e verdes que pareciam entrelaçar-se quando o pião dava voltas sem parar.

Onde estará? Perdeu-se. Tudo se perde com o passar do tempo: as meias, os berlindes, as pessoas, os títulos de estacionamento, a inocência, o amor.

O branco encheu-se de matizes.

Vermelho, azul, amarelo, verde, roxo…

As cores inundam tudo.

Batem à porta. «Abre, Will.»

Insistem: «Vá lá, abre de uma vez.»

Mas estou cansado. Muito cansado.

E fico por aqui mais um bocado.

*

— Não sei se me consegues ouvir, mas, se sim, só quero que saibas que tens uns pais que te amam muito. Espero que tenhas consciência de como és sortudo. Eu

digo-te quando acordares. Já agora, o cadeirão do teu quarto é mais confortável do que o do meu. Acho que tem que ver com as molas.

E depois a voz doce extinguiu-se.

Tiquetaque. Tiquetaque.
Para a merda com isto.
Levanto-me.
Procuro o relógio.
Encontro-o por baixo de uma nuvem.
Tenho um martelo na mão.
Bato-lhe com força. Trás.
O relógio quebra-se em pedaços.
A satisfação é imensa.
Batem à porta.
«Agora sim, vou abrir.»
E puxo a maçaneta com força.
É uma explosão de luz.

28

Perseidas

Quando era mais novo, deitava-me com o meu pai no prado que havia em frente da nossa antiga casa e contemplávamos, maravilhados, a chuva das Perseidas. Era um momento mágico; a noite amena de verão, o cheiro a milho e soja em nosso redor, o silêncio esmagador que havia no meio do nada e a companhia imbatível.

— Olha, ali vai mais uma! — exclamei, entusiasmado. — Viste aquela? Era enorme. Gigantesca. Acho que não era uma estrela cadente; era um bólide.

— É possível. Mas, na realidade, tudo o que vemos são os destroços do cometa Swift-Tuttle. Pedrinhas que, ao entrarem na atmosfera, se tornam incandescentes.

Peguei nos binóculos e continuei a observar o céu. O meu pai tinha-me ensinado sobre lendas e constelações, tudo o que sabia sobre a imensidão do Universo. Ali, apenas num metro quadrado da Terra, consciente de que integrava uma galáxia chamada Via Láctea com um diâmetro de até duzentos mil anos-luz e que agrupava vários sistemas solares, senti uma paz momentânea, porque recordei que estava vivo, vivo, vivo, e pensei que os meus problemas, os problemas que teriam muitos outros miúdos de oito anos, eram insignificantes quando colocados em perspetiva. E quis ficar ali para sempre, abrigado pela escuridão da noite, sob a chuva de estrelas cadentes.

Mas o tempo… o tempo continua sempre a correr.

29

Bem-vindo ao resto da tua vida

Continuava confuso enquanto o médico me examinava pela segunda vez naquela manhã. Os meus pais aguardavam um pouco mais à frente, aparentando firmeza apesar dos nervos. Respondi a perguntas, abri a boca, segui a luz da sua pequena lanterna. Depois, ouvi que nos próximos dias teriam de me fazer bastantes exames, mas estava atordoado, e a dor na zona superior do peito e no estômago desconcentrava-me.

— A Lena chega daqui a nada — disse a minha mãe quando o médico se foi embora e, depois, começou a afofar as almofadas da cama e a alisar os vincos dos lençóis.

Tinha a boca seca e os lábios gretados com pequenas feridas. Lambi-os e engoli a saliva com dificuldade. Pensei em voltar a chamar o médico para lhe perguntar como era possível que, após tantos exames, não tivessem encontrado nada dentro da minha garganta, porque sentia um nó enorme, gigantesco, como se me tivesse engasgado com uma bola de ténis.

— O que é que aconteceu?

— Tiverem de te operar a perna, extraíram-te o baço, tinhas um traumatismo cranioencefálico… — A mãe retorcia as mãos. — Por isso, decidiram induzir-te um coma. Devido à gravidade do teu estado, era o melhor para poderem avaliar os estragos.

— Refiro-me à razão por que estou aqui.

Os meus pais entreolharam-se. E naquele olhar era palpável a desilusão, as dúvidas e o esforço que estavam a fazer para se conterem, mas, sobretudo, a distância que existia entre mim e eles; uma fenda com bordas cortantes que tinha começado a rachar há muito tempo, até que, de repente, *crac*, se abriu por completo.

— Tiveste um acidente de carro. Ias ao volante, Will. E testaste positivo. As testemunhas disseram… — O meu pai fez uma pausa, como se não conseguisse encontrar as palavras. — Disseram que estavas a participar numa corrida ilegal.

Um clarão. A cena. O som de risos. A zona do pinhal. A superfície dura da madeira

da mesa ao deitar-me. As estrelas cintilantes. O carro. O mundo a transformar-se num borrão de lápis de cera coloridos. A voz do Josh. O Josh. Merda.

Senti algo amargo a trepar-me pela garganta e senti náuseas.

— Onde está o Josh? Ele está bem? — perguntei.

— Sim, só tem um braço fraturado. Tu é que ficaste pior.

Os meus pais trocaram outro olhar, mas desta vez não consegui decifrá-lo, ou estrava demasiado concentrado em voltar a respirar, com o alívio a invadir-me.

— Will, devias saber que há uma investigação aberta — disse o meu pai. — Avizinham-se tempos difíceis, mas estamos juntos nisto, está bem?

Olhei para ele, confuso.

— Investigação?

— O Josh fez uma queixa.

— Não percebo…

— Uma queixa contra ti.

A partir daquele momento, as minhas recordações confundem-se.

Dias longos e, simultaneamente, demasiado curtos. A Lena sentada ao pé da minha cama a fazer-me festas na testa com ternura. A queixa do Josh, em que negava saber de alguma coisa sobre uma corrida e sobre o meu estado naquela noite. A desilusão estampada no rosto do meu pai, embora ele tentasse dissimulá-la. A preocupação a sulcar o da minha mãe. Muitas visitas do médico, de enfermeiras e auxiliares. Comida insípida que acabava no caixote. Uma multitude de exames; entre eles, aquele mudou a minha vida.

Estava dentro daquele tubo asfixiante.

A sensação deve ser parecida com a de estar dentro de um caixão, pensei. E compreendi que, na realidade, tivera muitas possibilidades para acabar assim, dentro de uma caixa de madeira de *designer*, com bons acabamentos, um acolchoado de primeira e enfeites de um tom prateado. Como é distribuída essa pontinha de sorte que determina que uma ambulância chegue depressa, os médicos saibam o que fazer e o nosso corpo responda ao tratamento? Será tudo completamente aleatório? Viver ou morrer, morrer ou viver, tão simples como atirar uma moeda ao ar? Existirá alguma razão para que alguém toque de raspão no final da sua existência, mas, no último momento, passe ao lado? Uma segunda oportunidade, talvez. Uma segunda oportunidade para fazer as coisas de outra maneira, para voltar atrás…

Abri os olhos. Os ruídos enchiam-me a cabeça.

Espero que os caixões sejam um bocadinho mais confortáveis, pensei.

Foi então que me deu vontade de rir, uma gargalhada estranha abriu caminho dentro de mim. E, depois, repentinamente, tive uma vontade imensa de chorar. Mas

tinha a sensação de que, se começasse a fazê-lo, se deixasse escapar a primeira lágrima, já não conseguiria parar. Choraria até inundar tudo: o hospital, a cidade, o mundo, transbordaria o mar.

Somos feitos de água. Somos feitos de lágrimas.

Quando voltei ao quarto do hospital, compreendi algo aterrador que marcaria tudo o que se seguiria: não existia. O meu nome estava numa certidão de nascimento e, se olhasse para o espelho, aparecia um rapaz de cabelo escuro, mas, na realidade, não havia rasto do Will Tucker que todos acreditavam conhecer. Era uma fantasia ridícula.

— Como é que correu o exame? — A Lena sorriu.

Não pude responder. Tinha a garganta tão fechada como o coração.

Não foi pela decisão do Josh, não foi pelas múltiplas feridas do acidente que cicatrizariam com o passar do tempo, não foi pelas implicações que aquilo teria no meu historial laboral, não foi pela solidão decadente que me rodeava.

Foi porque dentro daquele tubo me tinha apercebido da minha irrealidade e de que arrastava para esse vazio todos os que me rodeavam, como um tornado que levava consigo tudo o que encontrava pelo caminho. Por mais retorcido que fosse, pensei que a colisão, aquele acidente de carro, era a melhor coisa que me podia ter acontecido. Porque não foi apenas físico. Houve algo mais, outra colisão interna que quebrou coisas que não tinham nada que ver com ossos, tendões ou músculos, mas sim com a alma, que, fissurada e em agonia, lutava por sobreviver.

A vida está cheia de pontos e parágrafos.

— Lena. — O nome soou metálico ao pronunciá-lo e fez-me lembrar o sabor do sangue de quando lambia as feridas em pequeno. — Lena… — repeti, depois de recuperar o fôlego. — Tens de te ir embora.

— Para onde? De que é que precisas?

Sempre tão serviçal, tão inocente.

Imaginei a resposta amável: *O que quero dizer é que tens de te ir embora da minha vida. Tens de sair deste quarto para ficares a salvo e seres feliz.*

Mas sabia que outro caminho seria mais eficaz.

— Não vai haver casamento. Desculpa. Lamento imenso. Gostava de ter sido o homem que mereces, mas não foi assim. Antes de me perguntares se isto é por causa do acidente, se estou abalado ou bloqueado, quero que saibas que estive com outra mulher. E não é a primeira vez. Provavelmente, também não teria sido a última.

Há muitos anos que não era tão sincero com ninguém.

A Lena permaneceu de pé, a meio do quarto, a fitar-me com os olhos brilhantes e o lábio a tremer. Vi a sua luta interior. Vi o «Amo-te e não acredito em ti» a enfrentar

o «És a merda de um imbecil». A segunda opção venceu.

Ela saiu da minha vida sem estrilho.

Quando partiu, quando a Lena fechou aquela porta, dei-me conta de que, sem ela e o Josh, não restava ninguém com quem tivesse um vínculo real. O resto eram velhos conhecidos ou familiares, aqueles que me acompanhavam desde as origens.

E aquela palavra trovejou dentro de mim. Origem. O ninho.

Depois, como se fosse um sinal, chegou a Lucy.

30

A rapariga do frasco de purpurina

Abri os olhos de supetão e estremeci em sobressalto.

— Quem raio és tu? — gritei.

— Então, não te lembras… — O cabelo louro cobriu-lhe parte do rosto como uma cortina ao inclinar a cabeça para o lado. — Chamo-me Lucy.

Havia um vazio imenso na minha cabeça e o nome, longe de ser revelador, apenas ficou a ressaltar contra as paredes de um lado para o outro.

Mas reconheci a sua voz suave e melosa. Ouvira-a algures no meu subconsciente durante os últimos dias.

Sentei-me na cama sem parar de a observar. Tinha vestida uma bata de hospital e a sua tez era pálida, a puxar para o amarelado. Tinha os lábios grossos um pouco ressequidos.

— Já nos vimos antes?

— Depende. És o Will, não és?

— Então, não só entras à socapa em quartos privados, como também lês os processos dos outros pacientes. Sabias que isso é ilegal?

Ela encolheu os ombros e sorriu, mas dava para reparar que havia uma tristeza infinita nos seus olhos, embora estivesse tão enraizada que quase passava despercebida.

— Admito que sou um bocadinho coscuvilheira, mas não foi preciso ver o teu historial para saber o teu nome. Porque me lembro dele.

— Quem és tu?

Foi o primeiro resquício de curiosidade que senti após dias de despertares confusos e exames intermináveis. Um pequeno solavanco num caminho plano.

— Vais ter de adivinhar. Vamos jogar.

— Como assim? — Mexi-me e reprimi um grunhido de dor.

— O acidente deixou-te com sequelas auditivas?

— Mas que raio…

— Sabes jogar xadrez?

Hesitei. Será que devia exigir-lhe que se fosse embora e me deixasse em paz ou seguir em frente? Antes de poder refletir sobre isso, ouvi a minha própria voz alto e bom som:

— Sim.

— Ótimo. Já volto.

Depois, desapareceu. Fiquei um longo minuto em silêncio a contemplar a parede assética à minha frente e a perguntar-me se aquilo, a volta que tinha dado a minha vida, a rapariga de voz doce e os escombros aos meus pés, era real.

Não demorou mais de um quarto de hora a regressar. E trazia uma bonita caixa de madeira debaixo do braço. Era pequena, com as bordas arredondadas. Abriu os fechos e o tabuleiro de xadrez apareceu ante os meus olhos. Deixou-o em cima da mesinha onde costumavam pôr a bandeja de comida e os calmantes. Ela já tinha colocado quase todas as suas peças quando reagi e comecei a fazer o mesmo.

— Estás pronto?

— Que remédio.

— Começas tu.

— E qual é a dinâmica? Se eu ganhar, explicas-me porque gostas de entrar à socapa nos quartos das outras pessoas e porque achas que me conheces?

— Isso mesmo.

— E se perder?

— Humm… — Ela olhou para mim com incerteza e deu umas pancadinhas no queixo com o dedo. — A verdade é que não tens nada que me pareça interessante.

— Que descarga de autoestima.

— Desculpa, mas odeio mentir.

O silêncio alongou-se e eu intervim:

— Então, qual é o acordo?

— Se perderes, tens simplesmente de continuar a jogar. Não tenho muitos amigos por aqui e os dias no hospital às vezes podem ser muito compridos. Parece-te bem?

Houve algo nela, nas suas palavras, que me deixou com um aperto no peito.

— Claro. — Pigarreei. — Bem. Vamos jogar.

Naquela tarde, disputámos três jogos e perdi cada um deles. Não tinha a certeza de como o fazia, mas ela antecipava-se a todos os meus movimentos até controlar o centro do tabuleiro; a partir daí, já não havia nada a fazer.

Regressou um dia depois, à mesma hora.

Voltou a ganhar dois jogos sem esforço.

E no dia seguinte. E no dia seguinte.

— Como é que fazes isso?

— Prática — respondeu ela.

— Pois. Então, vou demorar uma eternidade a ter um golpe de sorte e a averiguar o que quero saber. Ao menos, podias contar-me alguma coisa sobre ti. Porque é que estás aqui?

— Tenho DECH.

— Não conheço.

— A doença do enxerto contra o hospedeiro. — Levantou os olhos e suspirou ante a minha perplexidade. — A explicação que a minha mãe costuma dar às vizinhas quando perguntam é a seguinte: foi-me diagnosticado cancro quando era pequena, fizeram-me um transplante de células estaminais da minha irmã e, desde então, as minhas lutam contra as dela. Não se rendem. Não há maneira. Já experimentei muitos tratamentos, mas nenhum deu resultado. Voltamos aos corticoides e ao sistema imunitário debilitado, que é como uma festa de portas abertas para qualquer infeção. Um ciclo infinito.

Fiquei a olhar para ela com um nó na garganta.

— Já contaste essa história centenas de vezes…

— De onde é que tiraste essa ideia? — Ela observou-me.

— É pela maneira como encadeias umas palavras a seguir às outras, como se tivesses aprendido de cor e já nem tivesses de pensar nisso.

— É que é o melhor. Não pensar nisso — esclareceu.

— Pois. — Movi uma peça e fiquei com um dos seus bispos.

— Agora é a tua vez: porque é que estás aqui?

— A versão longa ou a curta?

— A curta.

— Sou um imbecil egocêntrico.

— Agora a mais longa.

— Sou um imbecil egocêntrico que achou que conduzir bêbado era uma boa ideia e, além disso, meti-me sozinho no monte de merda que tenho em cima.

— A merda que tens em cima?

— É uma maneira de falar. Sabes, quer dizer que estou lixado. Para sempre, provavelmente. Sei lá. Tanto faz. Também estou bem assim. Está tudo estragado. Já não tenho de continuar a fingir, agora posso limitar-me a respirar. É a tua vez.

Ela moveu um peão e depois ergueu os olhos.

— És bastante difuso.

Não pude evitar sorrir apesar da minha perplexidade. Nunca ninguém me tinha descrito assim e achei que era a palavra perfeita para tal. «Difuso.»

— E tu és bastante clara.

— Obrigada. Gosto. — Em seguida, baixou a vista para o tabuleiro e disse: — Xeque-mate.

— Merda — resmunguei.

— Apetece-te um café de máquina?

— Precisaria de ajuda para me movimentar.

Tinha a perna direita partida em tantos sítios diferentes que teriam de passar muitas semanas de repouso e reabilitação para voltar a caminhar. A Lucy saiu do quarto e pediu na receção para me trazerem uma cadeira de rodas. Um dos enfermeiros ajudou-me a levantar da cama e segurou-me enquanto me sentava. Depois, ela empurrou com firmeza e saímos para o longo corredor pintado de creme. Ao fundo, havia uma pequena sala com vários assentos, máquinas de comida e de café e uma janela enorme com vista para a cidade.

Vi-a meter algumas moedas. A seguir, ofereceu-me um café com leite e sentou-se ao meu lado. Deu um pequeno gole no seu e comentou que queimava.

— Agora estás doente?

— Porque é que queres saber?

— É só que… não tens mau aspeto.

— Acredita em mim, já passei por épocas horríveis. A medicação faz inchar a cara, com que caiam as unhas, provoca úlceras, erupções, chagas no esófago, lesões no fígado e quanto aos ossos… — Ela engoliu em seco e desviou o olhar. — Os ossos doem-me sempre. Dói-me sempre tudo.

Concentrei-me nas suas mãos e nas cicatrizes, na pele endurecida.

— Lamento, não devia ter perguntado.

— Não, odeio quando se evita o assunto de propósito.

— Está bem.

— Ótimo.

Ficámos calados a observar as luzes das casas que, ao longe e pouco a pouco, se iam acendendo conforme a noite devorava tudo à sua passagem. Era confortável estar ali com ela, o silêncio, não pensar no trabalho que tinha perdido devido à minha ineptidão, no acidente que me poderia ter matado, no amigo que tinha sido como um irmão e que teria de ver no tribunal, na noiva atraente que um dia subiria ao altar com outro, na desilusão da minha família e na esmagadora e abrupta solidão.

— Will.

— Diz.

— Como acho que és um péssimo jogador de xadrez, vou dar-te duas pistas para te lembrares de mim: em primeiro lugar, mudaste muito, imenso; se não fosse por nunca me esquecer de uma cara, não te teria reconhecido. Mas eu também mudei. É

inevitável quando crescemos. E, em segundo lugar, uma vez, na escola, ofereci-te um frasco de purpurinas.

Olhei para ela com o coração na garganta.

Porque as palavras chegaram como o bater de um martelo e tudo o que acreditava ter enterrado regressou da letargia, à espera de que eu voltasse para o ir buscar. E lembrei-me dela. Lembrei-me dela e da vida que deixei para trás, cada minúsculo e insignificante pormenor que achava ter esquecido para sempre.

31

Época de furacões

A razão por que os meus pais acabaram por assentar em Ink Lake é simples: apaixonaram-se. Não um pelo outro, isso já tinha acontecido anos antes, mas por uma quinta que havia nos limites da cidade e que um idoso estava a vender a um preço irrisório. O telhado tinha infiltrações, o celeiro precisava de arranjos e os campos estavam abandonados, mas eles empenharam-se em conseguir ficar com aquele lugar porque pensaram que ali seriam felizes. E foram, pelo menos até uma época de furacões e o ouro negro mudarem tudo.

Nasci naquela quinta, no meio da sala. A minha mãe entrou em trabalho de parto e a avó teve de a ajudar porque o médico demorou mais do que eu estava disposto a esperar. Assustaram-se porque não chorei ao nascer e passaram vários minutos até conseguirem arrancar-me um pranto. «Mas estavas bem», dizia sempre a minha avó. «Simplesmente nunca gostaste de fazer alarido.» Talvez por isso os meus pais se lembrem daqueles anos como os mais felizes das suas vidas. Não fui uma criança difícil, não fiz birras no supermercado nem me deu para fazer travessuras. «Eras tão bonzinho…», costumava comentar a minha mãe; assim mesmo, no passado.

Mas não era só o menino bonzinho. Longe da segurança do nosso lar, também era o miúdo esquisito, o miúdo agricultor, o miúdo solitário, o miúdo diferente. Não me lembro exatamente em que momento me puseram todas essas etiquetas em cima. Quando é que acontece? Precisamente em que instante é que um menino ganha consciência de que os outros o põem de parte e de que não se integra? É por causa de algum comentário em concreto, um olhar, um gesto…?

Nunca cheguei a saber.

Mas a segunda-feira tornou-se o pior dia da semana e a sexta-feira, o melhor. Nas aulas, as horas eram infinitas. Na quinta, o mundo parecia acelerar e rodar mais depressa. Com os meus pais e a minha avó, era feliz. Juntos, arranjámos os telhados e os estragos. Plantámos milho e soja, e cresceram e cresceram. Transformámos aquele lugar num refúgio.

Apesar de não gostar muito de ir à escola, tirava boas notas. As aulas eram fáceis

para mim, quase aborrecidas. E lia muito em casa, qualquer livro que acabasse por acaso nas minhas mãos. Não era exigente, simplesmente adorava o ato de saltar de uma palavra para a seguinte, como se fossem pedras da calçada a percorrer.

Mas estava sempre sozinho.

No meu nono aniversário, a minha mãe fez uns bonitos cartões com cartolina azul e branca, incentivou-me a escrever os convites e depois enviou-os a alguns colegas de turma. Era verão e fazia muito calor. A avó preparou um bolo de natas e amêndoas que eu adorava. Colocaram no jardim uma grande grinalda colorida pendurada entre duas árvores e alguns balões.

Depois, esperámos.

Mas não veio ninguém.

A mãe tinha enviado sete convites e não apareceu uma única pessoa na quinta. Quando aceitou a derrota, ficou tristíssima e eu também, não, contudo, por nenhum dos meus colegas ter aparecido, mas porque sabia que aquilo doía mais a ela do que a mim. Eu tinha aceite a minha solidão.

— Pior para eles — resmungou a minha avó com evidente pesar. — Já não vão provar a receita do bolo de família. E a ti, meu menino lindo, vou dar-te mais uma fatia.

— Fixe. — Peguei no bolo, deliciado.

Comemos em silêncio sob a grinalda.

— Aquilo com a tua mãe há de passar — disse a avó. — Aqueles meninos não sabem o que perdem. És um rapazinho maravilhoso, Will. Maravilhoso. Nunca te esqueças disso. E digo-te mais uma coisa: não mudes, não deixes que eles ganhem. Um dia, estarás rodeado de pessoas que te amarão por quem tu és, só tens de ter um bocadinho de paciência e manter-te forte.

Disse-lhe que sim porque, em teoria, a avó tinha razão.

Mas, na prática, existia alguém chamado Tayler Parks.

Durante anos, escapei ao seu radar, provavelmente porque mal falava e, na hora do recreio, sentava-me o mais longe possível da multidão. No entanto, no início daquele ano letivo, a sua felicidade começou a basear-se em arruinar-me a vida. Ele e os seus amigos enchiam-me o cacifo de coisas (papel higiénico, lixo do caixote, um pássaro morto). Ria-se da sua própria piada sempre que se referia a mim como «o agricultor», alcunha que se difundiu pelo resto dos colegas de turma que o temiam e adoravam em igual medida. Se durante o almoço me via com um livro na mão, aproximava-se, tirava-mo e arrancava as páginas uma a uma mesmo à frente da minha cara.

Tentei fazer-lhe frente algumas vezes, um empurrão aqui, um insulto ali, mas ele

era um palmo mais alto do que eu e estava sempre acompanhado.

Portanto, os meses eram uma sucessão de agressões.

Na escola, sentava-me sempre ao fundo, sozinho. E fazia de conta que era silencioso como um gato. Que era invisível. Que não existia, pelo que nunca levantava a mão, mesmo podendo ter respondido sem dificuldade a noventa e nove por cento das questões que a professora formulava em voz alta, à espera de que alguém participasse.

Num dia frio de novembro, entrou pela porta a Lucy Peterson. Não tinha vindo às aulas no início do ano letivo, mas lembrava-me dela de anos anteriores. Toda a gente lhe chamava «a rapariga doente» e a tratava com delicadeza, como se se pudesse partir só de olhar para ela. Como não havia mais nenhum lugar livre, a professora pediu-lhe que se sentasse ao meu lado. Ela aproximou-se, agarrando com força as alças cor-de-rosa da sua mochila.

A aula começou.

De vez em quando, olhava para ela de relance. Tinha o cabelo muito curto e irregular, com carecas visíveis do lado direito da cabeça arredondada. Acho que nunca tínhamos trocado mais de uma dezena de palavras, apesar de ela vir e sair da escola com frequência. Havia duas turmas daquele ano e ela costumava ir à outra, mas, naquele momento, a meio do ano, a sala devia estar cheia.

A professora começou a dar a matéria correspondente e os minutos tornaram-se mais lentos. Sobre a mesa que partilhávamos, a Lucy tinha pousado um estojo brilhante que parecia feito de escamas de sereia e um par de canetas coloridas. Eu só tinha um lápis e costumava guardá-lo diretamente no bolso.

Quando soou a campainha para o recreio, todos se levantaram ao mesmo tempo e a sala transformou-se numa espécie de selva. O Tayler apareceu no meu campo de visão e pegou na sanduíche que a minha mãe me tinha preparado naquela manhã.

— O que é que temos hoje? Deixa cá ver…

— Dá-me isso — grunhi, tentando arrebatá-la.

— Alface, tomate e queijo. Blhec. Que nojo. — O Tayler fez uma careta e, em seguida, sem que eu pudesse fazer nada para o evitar, atirou-a pelos ares e encestou-a no caixote ao canto da sala. — Três pontos! — gritou.

Os seus amigos riram-se da piada e seguiram-no lá para fora.

Eu fiquei ali parado a olhar para o caixote do lixo.

— Queres metade da minha? É de peru.

Virei a cabeça em busca daquela voz e dei de caras com o olhar amável da Lucy Peterson. Ela estendeu o braço e insistiu para que eu aceitasse um pedaço da sua sanduíche. Peguei nele. Depois, ela afastou-se em direção à porta e vi que umas raparigas estavam à espera dela.

A partir daquele momento, eu e a Lucy começámos a falar nas aulas de vez em quando. Não mudou a minha vida nem pararam de se meter comigo, mas fez com que as horas que passava dentro da sala de aula fossem um pouco mais agradáveis. Às vezes, falávamos entre sussurros de parvoíces e apercebi-me de como algo aparentemente insignificante pode significar tanto para outra pessoa. Um gesto benévolo, um olhar cúmplice, um sorriso afável.

— Porque é que todas as tuas coisas são brilhantes? — perguntei-lhe, certo dia, durante a aula de Matemática, quando já tínhamos terminado o exercício que o professor mandara fazer.

— Porque tudo o que brilha é bonito — respondeu ela e, como que para o corroborar, abriu o fecho do seu estojo chamativo e tirou de lá um minúsculo frasquinho de vidro cheio de purpurinas. — Vês? Tenho aqui pó de estrelas.

Sorri. Era um pouco infantil quando comparada às outras raparigas do mesmo ano, mas fazia sentido que o seu lado mais inocente continuasse intacto tendo em conta que, devido à sua condição, vivia dentro de uma bolha.

Peguei no frasco e movi-o lentamente.

— Pó de estrelas.

— Fica com ele. Ofereço-to.

Aceitei-o porque não a queria desapontar.

Mas, umas horas mais tarde, quando regressei a casa, deitei-me no prado sob o sol da tarde e fi-lo girar e girar, arrancando-lhe centelhas de luz. Pensei que era bonito. Terrivelmente bonito. A minha colega de carteira tinha toda a razão.

Noutras ocasiões, fazíamos comentários sobre o Tayler e os seus amigos e trocávamos um olhar divertido quando o víamos gaguejar sempre que a professora lhe fazia uma pergunta simples sobre algo que acabava de dizer. Sentia uma estranha satisfação ao ver que mais alguém compreendia o mesmo em relação a ele quando o resto da turna o mantinha num pedestal, alguns porque o idolatravam e outros porque temiam converter-se no alvo das suas brincadeiras de mau gosto; no Dia dos Namorados, o cacifo do Tayler estava a abarrotar, de forma incompreensível, de bilhetinhos de amor e ele pegava num, abria-o diante de toda a gente e lia-o com um tom gozão e condescendente.

— Olha, sabe ler. Que surpresa — disse a Lucy nesse dia, e achei tanta piada que, pela primeira vez, soltei uma gargalhada no meio do corredor.

Os outros olharam-me admirados. Acho que ficaram surpreendidos por ser capaz de me rir; afinal de contas, continuava a ser o miúdo estranho, o miúdo solitário, o miúdo triste.

E fui ainda mais quando aconteceram três coisas que, interligadas, resultaram no

final de uma etapa e no início de outra.

Em primeiro lugar, aquela primavera foi uma das mais frias e duras das últimas décadas. Houve várias tempestades que pareciam pequenos avisos do que estava para vir e, finalmente, um tornado passou pela cidade e arrasou tudo. Levantou o telhado do celeiro, metade da cerca e todas as plantações nos arredores. Não deixou nada.

Em segundo lugar, a Lucy Peterson apanhou uma pneumonia e deixou de ir à escola. A única coisa que consegui saber através de umas amigas dela foi que a tinham internado no hospital e nunca mais a voltei a ver. Saiu da minha vida tão depressa como tinha aparecido.

E, em terceiro lugar, o meu tio Marcus telefonou ao pai a meio da noite, quando já estávamos prestes a ir deitar-nos, e disse-lhe que o terreno enorme e baldio no Canadá que ele e o meu pai tinham herdado dos meus bisavós afinal era muito valioso, tendo em conta as prospeções de petróleo realizadas num campo ali próximo. «Sê esperto», disse-lhe o meu tio, «não invistas as poucas poupanças que te restam a reparar a quinta. Confia em mim. Juntos, depois deste milagre, podemos alcançar o que quisermos.»

Alguns meses mais tarde, éramos ricos e abandonámos Ink Lake.

32

O rapaz da janela

Mudámo-nos para Lincoln no verão, pouco antes do início do novo ano letivo. Tinha um novo lar, um novo quarto e novos vizinhos. Tudo era novo, na realidade, como o facto de viver num bairro abastado cheio de casas praticamente idênticas em vez de na quinta, que parecia isolada do resto do mundo. Ou a maneira esquisita como me sentia desde que a avó tinha decidido ir com os meus tios para o Canadá, pois não gostava de viver na cidade. Ou o telescópio que o meu pai me ofereceu quando fiz dez anos e que era enorme, da última geração, o melhor dos melhores.

Tinha-o colocado no meu quarto, diante da janela, embora não conseguisse ver grande coisa por causa da contaminação luminosa e porque só havia uma parcela muito pequena de céu entre a lateral da minha casa e a da casa da frente.

— O que é que estás a ver?

Afastei-me do óculo do telescópio. À minha frente, a poucos metros, um rapaz de olhar aguçado estudava-me com curiosidade.

— Estou à procura de Marte.

— Porquê?

Seguiu-se um longo silêncio enquanto tentava encontrar uma boa resposta. «Porque ver um planeta é algo impressionante», «Porque toda a gente devia sentir curiosidade pela imensidão que nos rodeia», «Porque é perfeito e me faz sentir vivo».

— Pois… não sei.

Ele sorriu, satisfeito.

— Chamo-me Josh. Suponho que sejas o miúdo novo.

«O miúdo novo» soava muito mais promissor do que «o miúdo estranho», «o miúdo solitário» ou «o miúdo diferente», por isso sorri, ignorei o telescópio e aproximei-me da janela.

— Sim, acabámos de chegar. Sou o Will.

— Gostas de jogar beisebol?

Não, parecia-me um desporto estúpido.

— Claro, mas já perdi a prática…

— Amanhã fazemos uns lançamentos?

— Está bem.

No dia seguinte, passámos a tarde no jardim da casa dele e demos umas tacadas durante algum tempo. A sorte sorriu-me e consegui acertar na bola várias vezes. A mãe do Josh ofereceu-nos tarte de maçã e limonada para lanchar e, quando nos despedimos, ele disse:

— Até amanhã, Will.

— Até amanhã, Josh.

E dormi com um sorriso na cara.

A partir de então, fomos inseparáveis. Passámos juntos o que restava do verão pela vizinhança. Fomos ao cinema, andámos de bicicleta e ele apresentou-me a alguns amigos. Por alguma razão, o Josh acolheu-me como seu protegido. Quando começaram as aulas, já nos tínhamos tornado melhores amigos.

O Josh tinha uma personalidade arrebatadora que me fascinava. Era mordaz e muito observador, pelo que sabia sempre meter o dedo nas feridas dos outros. Mas, se fizesses parte do seu grupo, não tinhas de te preocupar com esse pequeno pormenor.

Crescemos juntos. Deixámos para trás a infância e entrámos na adolescência a orbitar um em redor do outro. A escola, aquele lugar de aparência hostil, tornou-se um mar de rosas ao lado do Josh. Jogávamos na equipa de futebol, votavam em nós para sermos os reis do baile e ocupávamos a melhor e maior mesa do refeitório. Éramos populares. Para ele, aquilo não era nenhuma novidade. Mas, no meu caso, foi como se o chão por onde caminhava deixasse de ser pedregoso e se transformasse numa superfície suave; tinha de aprender a andar sem escorregar, mas era fácil, muito, muito fácil.

Tudo mudou, incluindo o meu aspeto físico.

No ano em que completei os quinze, cresci tanto que a minha mãe não parava de se queixar por termos de sair para comprar roupa nova com maior frequência. Aos dezasseis anos, quando a barba começou a escurecer-me o queixo, os meus ombros alargaram e cortei o cabelo segundo a moda do momento. Ninguém teria reconhecido o miúdo magrinho e introvertido que, na escola, se sentava ao fundo da sala.

O coração também foi sofrendo mutações a cada batimento.

Não acho que seja possível determinar o instante concreto em que passei de ser o alvo das brincadeiras de um idiota para me tornar o braço-direito de outro. Mas aconteceu. Ao princípio, fingia que não me apercebia de quando o Josh se metia com algum colega de turma, embora me incomodasse. Depois, à medida que os meses foram ficando para trás no calendário, convenci-me de que eram só parvoíces e, um

dia qualquer, até comecei a achar piada que chamasse «Pato Donald» a um rapaz que ceceava ao falar ou que escondesse a roupa de outro nos balneários e o obrigasse a jogar ao «quente ou frio» para a encontrar. Chegou uma altura em que já não me tinha de esforçar para fingir ser alguém que não era; simplesmente transformei-me nesse tipo de pessoa. A vida era muito mais cómoda assim; só tinha de me preocupar comigo mesmo e manter bem postos sobre o nariz esses óculos especiais que me isolavam de tudo o resto. Ignorar os outros com olhos fixos em frente, sempre em frente. E à minha frente estavam as festas aos fins de semana, os amigos da escola e as raparigas com quem comecei a sair antes de ter algo sério com a Jenna e nos tornarmos o casal idolatrado da secundária.

Um Natal, durante o meu primeiro ano de universidade, os meus tios convidaram-nos para passar as festas na casa do bosque que tinham no Canadá. Disse que não iria, mas acabei por aceder depois de receber uma chamada da minha mãe com o intuito de me convencer. Foi assim que acabei ali, no meio do nada, com um frio tão atroz e lancinante que não importava quantas camadas de roupa pusesse em cima, sentado nos degraus do alpendre enquanto a neve caía e caía.

— Will? O que é que estás a fazer aqui?

Levantei os olhos para a minha avó, que tinha uma camisola natalícia em que aparecia uma rena deformada com um nariz vermelho enorme. Soltei um suspiro.

— É o único sítio em que há rede.

O telemóvel vibrou nesse momento ao receber uma mensagem.

— E não podes ignorar isso na noite de Natal? Estão prestes a começar a repartir os doces entre os teus primos, vais perder isso!

— Avó…

Levantei-me e olhei para ela lá do alto. Ia dizer mais alguma coisa, alguma estupidez sobre o pouco que me importava a entrega dos doces e o resto das tradições, ou sobre a vontade que tinha de me ir embora dali e regressar a Nova Iorque, mas, então, via-a tão baixinha ali ao meu lado, tão enrugada e mais velha, que a única coisa que consegui fazer foi fechar a boca.

Ela apoiou a palma fria da sua mão na minha bochecha.

— Meu querido Will, onde estás?

Naquele momento, não entendi a pergunta.

Pensei que estivesse a delirar, que seriam coisas da idade. «Aqui mesmo, à tua frente», ia eu dizer-lhe, mas depois a porta abriu-se e o meu tio Marcus enrugou a testa ao ver-nos.

— Já andamos à vossa procura há algum tempo! Mãe, entra, que te vais constipar. E tu, William, anda, os teus primos estão a perguntar por ti.

Demorei anos a compreender por que motivo a avó não me encontrou naquele momento, apesar de estar mesmo à frente do seu nariz. O verbo «perder» é, simultaneamente, ambíguo e preciso. Podemos perder-nos num bosque e não sermos capazes de chegar a casa. Mas é quase mais fácil perdermo-nos na nossa própria pele, sem ser preciso ir ao bosque. Podes perder coisas bastante triviais, como uma caneta, a carteira ou a lista de compras, mas também podes perder a cabeça, um amigo ou até a própria vida.

A minha avó continuava a escrever postais, apesar de usar o telefone. Certa vez, disse-me que lhe tinha custado muito aprender a ler e a escrever sendo a mais velha de uma família que mal tinha recursos e que, por isso mesmo, lhe parecia o mais justo continuar a fazê-lo até ao fim dos seus dias. Portanto, sentava-se diante da mesa que os meus tios tinham na sala junto à janela, ou assim gostava eu de a imaginar, e preenchia a parte de trás dos postais que comprava todos os meses no supermercado mais próximo.

Desde aquele Natal, enviava-me mensagens sobre os mais variados tópicos. Coisas como: «Esta semana fui passear e apanhei um punhado de amoras sumarentas e brilhantes. Enquanto o fazia, pensei que era sem dúvida o melhor momento da minha vida.» Ou: «Agora que já tenho oitenta e dois anos, apercebo-me de que o amor é a única coisa que vale mesmo a pena. Tudo o resto é uma maçã a apodrecer ao relento.»

Não lhe prestava a atenção que deveria.

Andava ocupado a estudar, a ir a festas que esqueceria com o tempo, a criar amizades sem conhecer o significado dessa palavra e a fingir ser o rei do mundo. É um efeito secundário de parar de olhar para as estrelas. É fácil esquecer que o Universo está ali em cima, incomensurável e soberbo, e que não somos o seu centro.

E continuei em frente. Com os meus óculos invisíveis. Em linha reta e sem olhar para trás. Tudo se podia resumir a continuar a avançar, escalar e correr.

O meu caminho cruzou-se com o da Lena.

Ela era inteligente, linda e sonhadora. Tinha sido criada num dos ambientes mais exclusivos de Nova Iorque, mas costumava renegá-lo. Incomodava-lhe o facto de os seus pais lhe depositarem todos os meses uma quantidade exorbitante de dinheiro no banco ou que esperassem que ela se envolvesse na política após terminar o curso de Direito. Gostava dela, mas suponho que não tanto para permanecer ao seu lado, pois ninguém consegue estar à nossa altura quando colocamos uma coroa de ouro na cabeça. Ao princípio, achei que sim. Estava decidido a percorrer o caminho adequado, mas surgiram bifurcações. E pensei: porque é que me devia limitar a estar com uma pessoa no mundo quando podia abarcar mais, muito mais? Sempre mais.

Cada verão, regressava a Lincoln após fazer alguma viagem. Ali, o Josh e o resto do grupo repetiam-me o quanto tinha mudado, diziam que me estava a transformar num convencido de Nova Iorque.

Eles não entendiam que não era a primeira vez que o fazia.

Que antes já tinha mudado de pele. Que não era real, apenas uma coleção de ideias que fora tecendo conscientemente para ser o que esperavam de mim. Que o coração é a última coisa a mudar, inclusive depois da cabeça, e quando isso acontece estamos lixados para sempre. E que é possível esqueceres todo o teu passado e transformá-lo numa mancha de tinta indistinta, porque a memória é um espetáculo de magia, e tudo, absolutamente todas as recordações que armazenamos são pura fantasia, ilusões criadas juntando retalhos e mais retalhos até resultar em algo que decidimos guardar.

Lembro-me de uma noite de verão em que regressei a casa ao amanhecer depois de estar com o Josh a jogar bilhar num bar que acabavam de inaugurar e de conhecer um par de raparigas com quem estivemos a beber cerveja. Quando me deixei cair sobre os lençóis, a luz da alvorada banhava tudo de um suave tom dourado. Vi as horas no telemóvel e, ao desviá-lo, enfiou-se no espaço entre a cama e a mesa de cabeceira.

— Merda — murmurei.

Pensei em deixá-lo ali, mas estava sempre demasiado dependente do telemóvel para não o resgatar. Levantei-me. Afastei uma cadeira. Empurrei a cama. Movi a mesa de cabeceira. Era possível que acordasse os meus pais com o barulho, mas nem sequer pensei nisso mais de dois segundos. E ali estava ele: o meu telemóvel por entre uma montanha de pó. Peguei nele e senti mais alguma coisa com os dedos. Era um frasco de vidro. Um frasquinho cheio de purpurinas.

Voltei a deitar-me na cama e fi-lo girar. A luz que entrava pela janela arrancava-lhe centelhas. Achei engraçado porque lembrei-me logo de que, quando cheguei à cidade, me acalmava observar as purpurinas a moverem-se e a brilhar. Já passara uma eternidade desde que o fizera pela última vez. Haviam passado muitos anos e os acontecimentos daquela etapa tão vibrante e estimulante tinham sepultado tudo o resto. Nem sequer sabia como tinha chegado aquele frasco às minhas mãos. Uma menina. Sim, uma menina. Mas não me lembrava da sua voz, do seu rosto, do seu sorriso nem do seu nome. Já não me lembrava de nada.

Depressa decidi que não era importante. E adormeci.

33

A voar

— A comida do hospital é horrível.

— E isso é porque agora já melhorou bastante — assegurou a Lucy. — Há uns anos era pior. Mudaram-na por causa das queixas. Imagina só.

— Serviam esterco?

— De segunda a domingo.

Sorri e a seguir mostrei-lhe as minhas cartas. A Lucy fez uma careta. Era o único jogo em que a conseguia vencer de vez em quando. Ela vinha visitar-me assim que ficava sozinha e passávamos o tempo no meu quarto ou na zona da máquina de café.

— Nunca pensaste jogar de forma profissional?

— Eu? — Ela fitou-me, surpreendida.

— Sim. Xadrez. És boa nisso. Lembro-me de que na universidade havia um clube e que competiam contra outras universidades. Acho que até existia um programa de bolsas.

— Teria gostado, sim. Noutra vida.

— Porque é que dizes isso?

— Não acho que me reste muito tempo. De facto, apesar de os estudos prévios estarem avançados, estou a pensar recusar e não experimentar o novo tratamento.

Parei de baralhar as cartas e engoli em seco.

— Não devias brincar com uma coisa dessas.

— E não o estou a fazer. É que estou cansada, Will. Estou muito cansada. Desculpa estar a desabafar contigo, mas é mais difícil fazê-lo com a minha família. Eles acham que sou forte e que sou corajosa e que…

— E és mesmo.

— E se me render?

O silêncio envolveu-nos e nenhum dos dois disse nada enquanto uma mulher se aproximava da máquina de café e tirava um expresso duplo. Quando se foi embora, a Lucy pegou num marcador e desenhou uma pequena estrela no gesso da minha perna. Tinha-se tornado uma tradição. Cada dia acrescentava algum desenho

diminuto e eu permitia-o. Na realidade, acho que teria estado disposto a fazer qualquer coisa que ela quisesse. A Lucy tornara-se numa ilha após o naufrágio da minha vida. Os momentos que passávamos juntos no hospital eram a melhor parte do dia, aqueles em que não tinha de enfrentar os meus pais nem a equipa de advogados que eles tinham contratado, aqueles em que simplesmente «era», sem expectativas, sem querer desaparecer por ter sido tão estúpido, ou sentir a culpa a apertar-me a garganta, porque jogar com ela obrigava-me a concentrar-me e não sobrava espaço para mais nada. E havia outra coisa. Algo profundo depois de arranhar a superfície com a unha. Partilhar o tempo com a Lucy era como viajar ao passado e, às vezes, embora fosse efémero, lembrava-me de ser outra pessoa. Lembrava-me de ser um menino solitário e estranho e diferente, mas com o coração inteiro. E lembrava-me de olhar para as estrelas e pensar e ler. Lembrava-me de me sentar ao fundo da sala de aula com ela e de contemplar todas as suas coisas brilhantes que, de algum modo, eram o reflexo da sua alma pura, como se ao ver-se obrigada a viver numa redoma de vidro tivesse permanecido longe das fealdades e do ruído do mundo.

— Explica-me. Quero compreender-te.

— É que acredito que é igualmente necessário lutar como saber quando atirar a toalha ao chão. Na realidade, se for sincera comigo mesma, já o fiz. Há uns meses estive prestes a não resistir a uma pneumonia — comentou em voz baixa. — E, antes de perder a consciência, pensei que estava preparada para dizer adeus. Não estava à espera de acordar. Quando aconteceu, tive a sensação de que já tinha morrido. De facto, comecei a ir a uma terapia de grupo para familiares que estão de luto e sentia-me como um fantasma. Era como se não estivesse realmente aqui há meses. Só falei disto com o meu avô.

— E o que é que ele disse?

A Lucy esboçou um meio-sorriso.

— O avô fala pouco. As palavras não são muito a cena dele, mas é um ás dos olhares. Se queres saber o que está a pensar, tens de prestar atenção aos seus olhos.

— E o que é que viste?

— Que o fazia sofrer, mas que me compreendia.

— Lucy, nem sequer sei o que te hei de dizer…

— Não digas nada. Basta-me que me ouças. — Ela tirou-me o baralho de cartas das mãos e entreteve-se com ele. — É que o avô quer-me para o mundo, percebes? E os meus pais querem-me só para eles, porque nunca me puderam ter como queriam. São coisas diferentes. É mais fácil aceitar que alguém parta quando não a consideramos uma posse nossa. Por isso, bem… — Suspirou e abanou a cabeça. — Seguir em frente com o tratamento seria apenas alongar o inevitável. O meu

problema é crónico.

— Os médicos já te confirmaram isso?

— Não, porque me tratam como se fosse uma criança. É o que acontece quando nos veem crescer, as pessoas deste hospital acham que me conhecem. Mas eu sei. Eu sei.

— E alongar a tua vida já não chega como motivação?

— Não. Já não. Só encontro uma razão…

— Qual?

— A minha irmã.

— Tens uma irmã?

— Sim, não te falei dela? Chama-se Grace. É muito especial, mas não sabe disso. Se a sua vida fosse um jogo de xadrez, ela teria passado toda a sua existência a pensar em que peça mover. Por isso, ali está ela a olhar para o tabuleiro e a perder tempo como uma idiota. Gostaria que, pelo menos, uma das duas fizesse coisas e visse o mundo e conhecesse intensamente o amor. É uma pena passar por esta vida sem se apaixonar, não achas?

— Acho que não é assim tão simples.

— Tu dizes isso porque és igual.

— Igual à tua irmã?

— Parecido, sim. Em certos aspetos. Ela é fiel a si mesma. Já desde pequena era peculiar e diferente, mas isso não a incomodava, parecia-lhe divertido. Dentro de certos limites, é muito inconstante, num dia acorda soalheira e noutro, nublada, é difícil perceber quais são os gatilhos. E valoriza-se menos do que devia. Não confia em si mesma, por isso é que a aterroriza mover a peça, porque acha que vai perder o jogo assim que começar a jogar. — Ela fez uma pausa e deixou escapar um suspiro. A seguir, levantou a vista e fitou-me de uma maneira esquisita e penetrante. Durante aquelas semanas, tinha-lhe contado quem era antes do acidente e que também já não sabia quem era desde então. — Tu quiseste jogar quebrando as regras, Will. Isso não é justo nem costuma acabar bem. E mudaste demasiado. Mas, resumindo, estão os dois perdidos, à espera de que aconteça alguma coisa.

— Hum. — Engoli em seco.

Não é fácil aceitares os teus próprios demónios quando tos atiram à cara. Respirei fundo e percorri com a ponta do dedo o braço da cadeira de rodas; passei por cima das costuras, que eram pequeníssimas e estavam escondidas numa das laterais.

— Não pretendo magoar-te, só estou a expor os factos. Eu estou a considerar o fim da minha existência e tu não sabes o que hás de fazer com a tua, esse seria o resumo da conversa. A única coisa que sei é que, se a vida fosse um bolo, quem quer que seja

que esteja lá em cima com a faca na mão não divide as fatias de maneira equitativa.

— Quem me dera que não fosse assim — sussurrei.

— Quem me dera — repetiu ela. Baixou a guarda e pude ver a tristeza insondável que escondia, aquela que assomava em raras ocasiões. — Mas, como na realidade é assim, quero fazer alguma coisa pela minha irmã. Só pelo sim, pelo não. Nunca se sabe. A melhor estratégia é uma boa defesa.

— Do que é que se trata?

— Ainda não sei bem, mas tenho algumas ideias… — Pensativa, mordeu o lábio e, depois, os seus lábios abriram-se como se se tivesse lembrado de algo imprevisto. Pegou no marcador e inclinou-se para voltar a escrever no gesso da minha perna, que permanecia inerte na cadeira de rodas. Traçou uma longa linha desde o tornozelo até à coxa e, a seguir, abriu ramificações, como se fosse uma árvore.

— O que é que estás a fazer?

— E se todas as pessoas que se sentem perdidas como tu ou a Grace tivessem um mapa ao seu alcance? Um mapa cheio de anseios silenciados, de sonhos esquecidos, de possibilidades que dá medo pôr à prova. Um mapa dos desejos. Não seria tudo muito mais simples? Porque dar um passo é fácil quando sabemos para onde ir. Se pensares bem nisso, seria como sussurrar à minha irmã ao ouvido que peça deve mover primeiro para dar início ao jogo e depois começar…

— O quê?

— A voar.

34

Um final e um começo

Deram-me alta do hospital no final do verão, depois de me confirmarem que não teriam de voltar a operar-me a perna. Enfrentei a acusação do Estado e tive a sorte de acabar por aceitar uma multa enorme, a apreensão da minha carta de condução e numerosos serviços comunitários; dada a gravidade do que se tinha passado, foram bastante benévolos comigo. A outra parte foi mais complicada. Os meus pais e os advogados que contrataram chegaram à conclusão de que era mais prudente evitar um julgamento e chegar a um acordo extrajudicial com o Josh, porque, caso contrário, havia a possibilidade de perder e acabar por ter de cumprir uma pena de prisão. Cruzámo-nos durante a última reunião. Ele tinha vestida uma camisa azul com todos os botões fechados; concentrei-me nisso e no facto de ter o cabelo mais curto do que o habitual. Não me olhou nos olhos. E tive vontade de lhe perguntar: «Em algum momento fomos realmente amigos ou tratou-se sempre de uma competição?» Mas deixei-o estar, porque compreendi que não importava. Já não. Depois, seguimos caminhos separados.

Comecei a ir diariamente à reabilitação e, quando terminava cada sessão, ao cair da noite, apanhava o autocarro para ir ter ao hospital e ver a Lucy. Afinal, depois de passar algumas semanas em casa, a sua família tinha-a convencido a dar início ao novo tratamento. Reuníamo-nos sempre à mesma hora e a mãe dela aproveitava esse tempo para ir a casa tomar banho ou descer até ao refeitório para jantar. Nós jogávamos na zona da máquina de café ou ouvíamos alguma canção no seu leitor de música, cada um com um auricular. Nunca me apresentou oficialmente a ninguém que se dava com ela, mas as enfermeiras observavam com curiosidade a nossa amizade peculiar e, um par de vezes, vi a senhora Peterson ao longe a ir-se embora.

Perguntei-lhe porque era tão reservada.

— É que gosto da ideia de permanecermos separados de tudo o resto, percebes? Tenho a sensação de que nunca tive intimidade. Disse à minha mãe que somos amigos, mas pedi-lhe para me deixar em paz durante este momento do dia. Tu és como fazer gazeta e fugir com o rapaz proibido.

Sorri e ela imitou-me.

— Por mim, não há problema.

— Fixe.

— Fixe.

E continuámos a jogar.

Acho que a Lucy pensava que eu continuava a ir ao hospital por ter pena dela, mas a verdade é que aqueles momentos de amizade e de calma se tornaram a melhor parte do meu dia. Durante esses meses, odiava acordar no meu antigo quarto e permanecer horas deitado na cama ou no sofá, com a minha mãe à minha volta a ajeitar-me as almofadas e a preparar-me sopa como se o merecesse só por ser seu filho, apesar de andar a dececioná-la há anos. Odiava sentir-me tão inútil, tão vazio, tão paralisado. E odiava ter logo em frente a casa onde eu e o Josh tínhamos brincado quando éramos crianças, onde tínhamos passado tantas e tantas horas juntos.

Eu e a Lucy falávamos muito, mas ela nunca mais voltou a comentar nada em relação ao «Mapa dos Desejos» e eu não lhe dei mais importância. Nunca me passou pela cabeça aquilo que ela se propôs fazer.

Um dia, às tantas da madrugada, ouvi o telefone de casa.

Desci a coxear enquanto a voz da minha mãe se transformava num soluço. Amparei-a mesmo antes que se deixasse cair e ela disse simplesmente sobre o meu ombro:

— A avó… partiu.

Não foram precisas mais palavras para compreender o que tinha acontecido. E a única coisa em que pude pensar foi que a última recordação que a avó levava de mim, daquele Will que ela acreditava conhecer e que fora o seu neto preferido, era a notícia do acidente, que perdi o trabalho, que cancelei o casamento, que fracassei.

Voámos para o Canadá para o enterro. Foi um funeral simples e íntimo. Quando regressámos a casa uma semana mais tarde, havia um postal na caixa do correio.

Era da minha avó.

Tinha-o enviado dias antes de morrer. Estive algum tempo a olhar para o postal. Era estranha a ideia de receber uma mensagem sua quando ela, o seu corpo e o seu espírito, já não existia neste mundo. Receava abri-lo porque, então, não voltaria a repetir-se aquela expectativa de saber o que estava lá dentro. Podia conter qualquer coisa, desde um pedido ao segredo da existência humana.

Por fim, decidi averiguar.

Era um postal de um urso no meio do bosque. O animal parecia pacífico.

«Lembras-te de quando jogávamos às escondidas nos campos de milho? Era tão divertido… E ainda tinha as pernas fortes e podia correr. Tenho saudades de correr.

E também da quinta. Fui muito feliz lá.»

E pronto. Mais nada. Aquilo era tudo.

Reli-o muitas vezes em busca de um mistério oculto, mas a verdade é que as palavras não escondiam nada, eram sinceras e limitavam-se a relatar um momento especial das nossas vidas, quando vivíamos em Ink Lake e eu ainda era real.

Quando regressei ao hospital, a Lucy não apareceu na zona da máquina de café. Imaginei que lhe teria surgido algum contratempo ou que se esquecera de que eu já tinha regressado do Canadá. Voltei no dia seguinte, na noite de Halloween, e aconteceu o mesmo, pelo que me acerquei do balcão onde se encontravam as enfermeiras.

— Estou à procura da Lucy Peterson.

— És um familiar?

— Não, mas…

— Lamento, então não te posso ajudar neste momento.

A mulher afastou-se e outra que estivera a observar-me sorriu-me.

— És o rapaz que joga com ela à tarde, não és? — Assenti. — Ela teve uns dias difíceis, mas, se esperares um bocadinho, eu digo-lhe que estás aqui.

— Ficava-lhe agradecido.

A enfermeira desapareceu.

Dei algumas voltas pelo corredor abaixo e pelo corredor acima até que a porta de um quarto se abriu e a Lucy saiu de lá. Estava muito pálida e com olheiras. Parecia cansada.

— O que é que se passou? — perguntei.

— Uma constipação. Ou acho que foi isso. Qualquer coisa que apanhe dá cabo de mim. — Ela encolheu os ombros e eu segui-a, segurando-lhe o soro quando começou a dar passinhos curtos até às cadeiras junto à máquina de café. Sentámo-nos ali. — Como foi o funeral?

— Como qualquer funeral, suponho. Triste.

— Gostava que o meu não fosse assim.

— Lucy…

Apesar de todas as conversas que tivéramos sobre o tema, continuava a incomodar-me falar com ela sobre a morte. Não porque fosse violento, mas porque lidávamos com ela de maneira diferente. À Lucy pareceu-lhe que a maneira como a minha avó tinha partido, a dormir, era «linda», foi essa a palavra que usou quando lho contei. E custou-me algum tempo a compreender como poderia esse adjetivo ser associado à morte, mas suponho que é tudo uma questão de perspetiva.

— Estou a falar a sério, Will. É terrível ser a causa da tristeza dos outros, incluindo depois de já cá não estarmos. Tenho a certeza, mesmo que pareça um assunto batido, de que a tua avó desejaria que ninguém chorasse no seu funeral. — Ela tossiu e tirou um lenço de papel do bolso da bata de hospital. — Preocupa-me o que será da minha família se morrer. Por exemplo, o que fará a minha mãe? Dedicou metade da vida a cuidar de mim. E o meu pai? Continuará a refugiar-se no trabalho? Com o avô consegui falar disto, por sorte. E quanto à Grace…

— O que é que se passa com ela?

— Quero assegurar-me de que fica bem.

Puxei o capuz da suéter porque tinha frio ali, apesar de a temperatura ser regulada. Observei as luzes das casas da cidade. O outono chegara e cobrira tudo com o seu manto de folhas e o cheiro a abóboras.

— Quando era pequena, adorava esta noite — sussurrou a Lucy. — Os disfarces, os doces, o ambiente misterioso, as casas decoradas…

— Algum disfarce memorável?

— O meu preferido era o de bruxa.

— Eu uma vez disfarcei-me de maçaroca ensanguentada.

— Estás a brincar! — Ela desatou a rir e tossiu.

— Não, estou a falar a sério. — Sorri. — Foi a minha mãe que o coseu. Mal conseguia caminhar porque o buraco para as pernas era muito estreito. Devia ter uns seis anos, não me lembro bem. Agora que penso nisso… Se calhar passámos um pelo outro nessa noite.

— É possível. Se calhar estiveste mesmo ao meu lado enquanto pedia doces. Tive uma maré de sorte desde os cinco até aos oito anos, sim. A melhor, juntamente com o verão em que fiz os dezasseis. Sentia-me fantástica, tão forte… Pude ir ao baile de finalistas e tudo.

— E divertiste-te?

— Sim. Celebrou-se no polidesportivo e estava tudo cheio de luzes. Semanas antes, o meu pai trouxe para casa um catálogo de vestidos e disse-me: «Lucy, escolhe aquele de que mais gostares. Não importa quanto custa, não olhes para o preço.» A minha irmã teimou que eu tinha de ir de vermelho, porque desde pequena que tem a mania de atribuir uma cor a cada pessoa, e apaixonei-me por um de gaze e em tons de grená. A mãe fez-me uma trança e a minha amiga Marge chegou pontual a minha casa, às sete da tarde; tínhamos decidido não procurar um par e irmos juntas. Tiraram-nos fotos nas escadas e à porta de entrada.

— Mostra-mas algum dia — pedi-lhe.

— Está bem. O que é que tu fizeste no teu baile?

— Nada que valha a pena recordar.

Passei-o com o Josh e o resto do grupo de amigos da escola. Despejámos uma garrafa de álcool no ponche, nomearam-me rei do baile juntamente com a Jenna e depois, de madrugada, fiz sexo com ela no banco de trás do carro.

— Quando é que vais poder voltar a conduzir?

— Ainda me falta mais de meio ano.

— E os serviços comunitários?

— Começo no mês que vem.

— E depois?

— Depois?

— O que é que vais fazer?

— Não faço ideia.

— Pensaste em voltar a Nova Iorque?

— Sim, mas dá-me voltas ao estômago só de pensar nisso.

— Isso não é um bom sinal.

— Não. — Suspirei.

— E então?

— Não sei, Lucy.

— Mas andas a refletir sobre isso ou a evitá-lo?

— Acho que já sabes qual é a resposta. Ultimamente, refletir dá-me dor de cabeça.

— Então, toma uma aspirina.

— Muito engraçada.

— Estou a falar a sério.

— Bem… — Cocei o queixo. — Há uns dias chegou um postal póstumo da minha avó. Foi estranho ler algo escrito por ela sabendo que já não lhe podia responder. Falava da quinta e de quando vivíamos em Ink Lake.

— Que bonito, é como um presente.

— Suponho que sim. E fez-me pensar nas minhas origens, em que talvez encontre as respostas que procuro se regressar ao lugar onde tudo começou, a raiz. Se calhar ainda resta alguma coisa lá da pessoa que fui antes de tudo mudar.

— Queres voltar a Ink Lake?

— Sim. Pelo menos é um plano.

— E o que é que vais lá fazer?

— Procurar trabalho, imagino. Recompor-me um pouco. Começar do zero. — Tirei o capuz da suéter e sacudi o cabelo com a mão. — Além disso, tu vais lá estar quando acabares o tratamento. Provavelmente és a única amiga que tive em toda a minha vida, por isso…

— Will…

— Diz.

— Tenho de te pedir uma coisa de que não vais gostar. — Ela respirou fundo e baixou o olhar para as mãos cheias de cicatrizes e a pele rugosa. — Agradecia-te que parasses de vir ao hospital.

Encarei-a, confuso, e franzi o cenho.

— Porque é que dizes isso?

— É que quero que te lembres de mim como estive nestes últimos meses e não assim, com um saco de soro ao lado. Os médicos dizem que não estou a responder ao tratamento como esperavam, por isso… é assim que as coisas são.

— Não me podes pedir isso…

— Vou para casa em breve, desfrutar do tempo com a minha família e esperar até que surja outra complicação. — Ela encolheu os ombros. — Prometo escrever-te de vez em quando. Mas isto, vires todos os dias ao hospital, tem de parar. Não te podes esconder aqui.

Quis refutar aquela ideia. Não estava a usar aquele lugar nem a ela para me esconder. Não, não. Ou talvez sim. Mas que diferença fazia? Desfrutávamos os dois do momento de paz ao final do dia, um pequeno oásis no meio da cidade. Éramos muito diferentes, mas entendíamo-nos bem. A Lucy era a única pessoa capaz de me dizer as verdades na cara sem me julgar com especial dureza. Os meus pais tinham optado por um silêncio ensurdecedor que se introduzia por todas as fendas que existiam entre nós.

Demorei um longo minuto a conseguir dizer:

— Se é o que tu queres…

— Obrigada, Will.

Jogámos um último jogo de xadrez e estou convencido, sem qualquer dúvida, de que a Lucy me deixou ganhar. Quando venci, ela sorriu e comentou que estava tão cansada que o seu cérebro não estava a funcionar bem, mas sei que mentia.

Era tarde. Levantámo-nos e abracei-a. O seu corpo pequeno fez-me lembrar um passarinho ao estreitá-la contra o meu. Não aparentava ter a idade que tinha, qualquer pessoa que a visse pela primeira vez teria pensado que rondaria os dezasseis, quando foi àquele baile com aquele vestido vermelho e de braço dado com a sua melhor amiga.

— Prometeste escrever-me — relembrei-a.

— Sim. — Acompanhei-a à porta do seu quarto e, antes de a abrir, ela olhou para mim uma última vez e sorriu. — Will, tens sido um amigo maravilhoso. Obrigada.

A Lucy morreria treze meses mais tarde e eu não a voltaria a ver.

Passei aquele Natal com a minha família no Canadá e foram uns dias reconfortantes, apesar da ausência da avó. Depois, durante o ano seguinte, terminei a reabilitação, os trabalhos comunitários e foi-me devolvida a permissão de conduzir. Foi então que decidi seguir com o plano estabelecido, o único em que era capaz de pensar, e regressar a Ink Lake. Uma parte de mim imaginou que, ao chegar e percorrer aquelas ruas esquecidas, me encontraria rapidamente comigo mesmo, com o Will que havia abandonado sem pensar duas vezes. Mas não foi isso que aconteceu. Continuei ancorado numa espécie de vazio, um buraco negro do qual não sabia como escapar, continuamente à espera.

Aluguei a caravana e comecei a trabalhar no *pub* com o Paul.

Era, provavelmente, o oposto da minha vida anterior, naquele apartamento em Upper East Side que partilhava com a minha namorada, as festas exclusivas em que participava e o escritório no vigésimo segundo andar do elegante arranha-céus onde trabalhava.

Pensei que, se me desfizesse de tudo o que era material, poderia encontrar mais facilmente e sem distrações o que quer que fosse de que andava à procura dentro de mim. Os meses transformaram-se numa sucessão desfocada de dias e, em algum momento, o tempo, o facto de avançar e continuar a correr, deixou de me importar. Isolei-me de tudo. Falava de vez em quando com os meus pais e, ocasionalmente, recebia alguma mensagem da Lucy, mas eram escassas. Lia muito. Comia coisas enlatadas. O Paul tornou-se a pessoa com quem mais convivia; existiu, desde o primeiro momento, uma certa camaradagem entre nós. Enfim. A vida pode tornar-se agradavelmente simples quando não pensamos no futuro e decidimos concentrar-nos no quotidiano. E foi isso que eu fiz.

Até que, numa noite qualquer, cheguei tarde ao trabalho. Isso não era nenhuma novidade. Mas sim o facto de, ao entrar, haver alguém que perguntava por mim. Alguém com um olhar capaz de atravessar a carne e os ossos e a alma. Alguém com ténis lilás. Alguém que tinha uma caixa nas mãos, cujo interior estava prestes a entrelaçar as nossas vidas, embora ainda não o soubesse nessa altura. Alguém diferente e especial.

Alguém como tu, Grace.

A (NÃO) HISTÓRIA DA GRACE E DO WILL

35

Grace

O silêncio parece retumbar no interior do carro. As luzes da feira continuam a brilhar ao longe, mas a magia do momento quebrou-se. Saio do veículo com o coração na garganta e o Will segue-me. Sopra o vento fresco de finais de julho, trazendo consigo o aroma do algodão-doce, mas não cheiro nada, não ouço nada nem vejo nada…

— Grace, espera — roga-me.

Paro de caminhar e dou meia-volta para o enfrentar. Dói-me a cabeça e estou a fazer um esforço para conter as lágrimas. Agora não consigo pôr-me na sua pele. Não consigo. Estou ocupada a prestar atenção ao meu próprio coração, que se sente desencantado porque cresceu a pensar que, depois de beijar o sapo, apareceria um príncipe e, afinal, aí está ele, mas está muito longe de ser perfeito e, se olhar bem de perto, quase nem brilha nem nada que se pareça.

— O que é que isso significa? Sou uma espécie de redenção para ti e para o teu ego magoado? Um ato de caridade para te fazer sentir melhor?

— Não, porra, não.

— Sim, Will. E sabes porque é que eu sei? Porque tenho a certeza de que há dois anos nunca terias olhado para mim. Teria sido invisível para ti.

— Não digas isso.

— Podes tentar ser sincero por uma vez que seja, tendo em conta a tua falta de prática?

— Qual é a pergunta? — Ele aperta a mandíbula.

— Terias olhado para mim nessa altura?

Há uma tormenta nos seus olhos. Ele esfrega o queixo e suspira, abatido, antes de desviar o olhar. Já sei a resposta e, embora agradeça que não me minta nem tente suavizar a verdade, isso não faz com que ouvi-lo dizer aquilo em voz alta me doa menos.

— Não.

— Bem. Obrigada, Will.

— Mas isso é porque era um idiota! Às vezes, uma pessoa pode ter mesmo à frente

do nariz todas as respostas ou a porra de uma paisagem maravilhosa e não ver absolutamente nada.

Afasto-me dele com um nó na garganta e sei que é possível que esteja a ser irracional, mas a única coisa em que consigo pensar é que, se isto não é real, se o vínculo com o Will é uma ilusão, se nada do que sinto está enraizado, é provável que perca a fé no amor, porque, assim sendo, é óbvio que não o sei reconhecer e que devia dar um passo atrás e parar de meter a mão no fogo e de tocar nas malditas frigideiras quentes.

— Grace, espera. Por favor.

— Não posso. Tenho de ir para casa.

— E estás a pensar fazer isso a pé?

— Sim, sim. Parece-me um plano perfeito. — Como que para o comprovar, avanço um pouco mais depressa, embora ambos saibamos que o que digo carece de sentido e é a irritação a falar por mim. Não posso voltar para casa a pé e muito menos a meio da noite.

— Para, Grace. Vamos voltar para o carro.

O seu olhar suplicante convence-me de que o mais sensato é sentar-me ao lado dele dentro daquele carro, respirar fundo e permanecer calada até chegarmos a Ink Lake. E assim faço. Ele conduz em silêncio, mas, de relance, vejo-o abrir e fechar a boca, morder o polegar, suspirar, a rigidez que se apodera dos ombros e de volta ao início. Quanto mais o observo, menos creio conhecê-lo. Quem é realmente? E como é possível confiar em alguém assim, uma pessoa que virou a casaca tantas vezes? Faz com que também me pergunte se será possível saber tudo sobre alguém; o que sonha, o que esconde, o que inveja, o que teme, o que pensa, o que sente.

O motor ronrona quando ele trava em frente da minha casa.

Antes de eu sair, o Will toca-me na mão. É uma carícia tão subtil que, se não fosse por a minha pele e a sua se incendiarem ao roçarem uma na outra, pensaria que não tinha existido. Entreolhamo-nos. Há dor nos seus olhos. Aquele tipo de dor que não se consegue fingir.

— Grace, desculpa ter-te desiludido.

— É que… pensava que eras diferente.

— E sou. Agora.

Mas aquilo não serve. Ele sabe e eu também.

Antes de sair, vejo o meu presente de aniversário no banco de trás. É uma imagem que me parece triste e decadente, como os restos de uma festa na manhã seguinte.

Não me despeço. Abro a porta e, assim que entro em casa, subo as escadas sem olhar para trás. Não paro de pensar no Will e no seu passado, em todas as coisas que

jamais teria adivinhado em relação a ele. Dispo a roupa. Olho para a parede. A minha parede. Entristece-me recordar que apenas há umas horas tínhamos perucas e estávamos a girar na roda-gigante e a beijar-nos. Tudo cheirava a pipocas e a vida era um pouco assim, como grãos de milho a explodir no coração, *plop, plop, plop*. E o Will era sólido como uma estátua grega. Pensava que o conhecia; não no sentido de saber de cor e salteado a árvore genealógica da família Tucker, mas no que se refere à essência, a sua essência. Aquele instinto que nos faz apostar em alguém e ignorar todas as interferências e ruídos que existem em seu redor. É óbvio que o meu está defeituoso e não sei bem o que mais me chateia, se o facto de o Will ter sido um egocêntrico a quem, durante muito tempo, não importava o sofrimento alheio ou eu não ter sido capaz de o adivinhar.

Ainda me dói a cabeça.

Não faço a mínima ideia da razão por que faço o que faço, o que espoleta o meu movimento seguinte, mas, de repente, dou por mim a pegar num caderno e numa caneta. Começo a escrever. Esta é a primeira linha: «O meu nome é Grace Peterson e nasci para salvar a minha irmã…» Seguem-se outras, em que falo da minha infância, daquela resposta que repetia sistematicamente, «Quando for crescida quero ser um tiranossauro que esmaga cabeças», e prossigo com «Sempre me senti um círculo num mundo de muitos quadrados, mas recuso-me a moldar a minha forma arredondada para a tornar mais direita». Não acrescento que acreditava ter encontrado outro círculo e que juntos poderíamos ter rebolado vida abaixo e mais além. E continuo. Continuo. Falo das coisas que já me pareciam belas quando era pequena, como as pinhas que apanhava para o avô, os anéis e os veios da madeira, os esqueletos das folhas ou as conchas dos caracóis. Falo da escola e das únicas aulas que não queria perder por nada deste mundo. Falo do caos de agora, do regozijo no vazio e na dor, do jogo que a minha irmã fez para mim, dos sonhos esquecidos, da lista de coisas de que gosto e da sensação incómoda de ter um fósforo na mão, mas não ser capaz de o acender.

Ainda estou zangada quando dobro o papel. Estou zangada com o mundo, comigo mesma e com o Will. Encontro um envelope e meto o papel lá dentro. Selo-o. Procuro uma morada na Internet, mas não me dou ao trabalho de olhar para os requisitos nem para como funciona o processo de admissão. E depois saio de casa, em plena madrugada, caminho até ao único marco do correio que há na vizinhança, a vários quarteirões de distância, e hesito uns segundos ao alcançá-lo. Porque, vamos lá ver, a quem é que lhe ocorre escrever uma carta de candidatura para estudar História da Arte numa universidade de São Francisco instantes depois de uma desilusão amorosa e pouco antes do amanhecer? Pois a mim. *Pum.* Enfio-a lá dentro. E já está,

acabou-se, já o fiz. A única maneira de evitar que aquela carta chegue ao seu destino seria partir o marco do correio com uma bomba caseira.

Regresso a casa. Meto-me na cama.

O meu aniversário já passou. Tenho vinte e três anos e continuo sem saber quem sou nem por quem me apaixono. Saboreio a ideia enquanto me viro por entre os lençóis para alcançar um caderno que se encontra na mesa de cabeceira. Às escuras, rabisco a palavra «enteléquia», porque me apercebi de que o Will é precisamente isso: alguém perfeito e ideal que só existe na minha imaginação.

Desperto com o barulho.

Quando saio para o corredor, dou de caras com a mãe debruçada e a arrastar uma caixa. Há mais duas ao lado. É a roupa da Lucy que eu e o pai guardámos semanas antes e deixámos no seu quarto, adiando o seu destino para dar tempo à mãe.

— O que é que estás a fazer?

— Quero levar isto para a associação de caridade. — Ela ergue uma mão e afasta as madeixas que lhe escaparam do rabo de cavalo. — Ajudas-me?

— Claro. Dá-me um minuto.

Visto roupa confortável e dirijo-me novamente ao corredor que foi tantas vezes um ponto de encontro entre a minha irmã e eu, quando uma de nós passava pelo quarto da outra a meio da noite em busca de companhia. Levamos as caixas escadas abaixo, até à garagem e para dentro do carro. Uma vizinha que está a atravessar a rua usando roupa desportiva cumprimenta-nos e, quando pergunta à minha mãe como está, ela dá-se ao trabalho de responder: «Bem, Betty, vai-se andando. Bonitos ténis», algo bastante surpreendente vindo dela; não pelo comentário em si, mas pelo facto de ter reparado no calçado. É como se estivesse a deixar de ver as coisas desfocadas em seu redor e tudo adquirisse nitidez.

Falamos com uma mulher de aspeto afável que nos recebe, encantada. Comenta que, após as tempestades do ano anterior, continuam a fornecer provisões a muitas famílias. No último momento, enquanto um jovem vai carregando as caixas, vejo a mãe a encolher os dedos da mão para evitar intervir e levar tudo de volta para casa.

Ficamos caladas ao entrarmos no carro. Começou a chuviscar e as gotas, diminutas como a ponta de um alfinete, salpicam o vidro.

— Já está — digo.

— Já está — diz ela.

A seguir, liga o motor. Avançamos por Ink Lake. Ela pergunta-me o que penso fazer durante o dia e comento que, quando parar de chover, vou passear o *Mr. Flu*. Não lhe digo que, na realidade, só me apetece ficar na cama e deleitar-me com a

tristeza. Não lhe digo que tenho saudades do Will ou da ideia que tinha dele. Não lhe digo que na noite anterior cometi a estupidez de enviar uma carta de candidatura para a universidade. Não lhe conto nada.

— Devias convidar a Olivia para vir lá a casa lanchar. Há muito tempo que não a vejo. Já está na hora de pormos a conversa em dia — propõe ela, pensativa.

Passo as mãos na chave do colar que me ofereceu e penso que sim, que tem razão no que toca a pormos a conversa em dia, mas entre nós as duas. Os segredos começam a pesar e transformam-se numa lápide sobre as minhas costas. Humedeço os lábios antes de falar.

— Mãe, há muito tempo que eu e a Olivia já não somos amigas.

— Como assim? — Ela olha para mim com as mãos no volante.

— É que… discutimos. Os pormenores não interessam. Simplesmente deixámos de ser tão próximas e, além disso, ela foi tirar um curso de *design*.

— Mas não percebo…

— São coisas que acontecem.

Digo-o com um nó no estômago. Talvez já tenha regressado para aproveitar o verão com a sua família, ou talvez ande a viajar, mas isso não me importa. Não, não me importa mesmo nada. Respiro fundo.

— Meu amor, não fazia ideia. De certeza que é um mal-entendido e, se não for, a maioria dos problemas resolvem-se falando.

— Como tu e o pai falam?

— Grace! — Ela esbugalha os olhos.

— Desculpa. Não queria dizer isso.

O semáforo fica verde e avançamos.

Não é o meu melhor momento. Todo o assunto do Will deixou-me desconcertada; ainda estou a tentar compreender o que sinto a respeito dele e porque me incomoda tanto o seu passado. Provavelmente… porque temo que também tenha que ver com o presente. E aterra-me correr o risco de o averiguar.

Quando era mais nova, gostava de jogar Mario Bros em casa da Olivia na consola que o seu meio-irmão tinha deixado lá esquecida antes de se tornar independente. A piada do jogo, de qualquer jogo, não é só poder saltar sobre cogumelos ou apanhar moedas, mas, na essência, não importar se morrermos, porque depois do «*game over*» temos a oportunidade de começar um novo jogo. Na vida real, temos de pensar muito melhor em cada movimento, não nos podemos dar ao luxo de aparecer uma planta carnívora que nos engole de uma só vez.

— Levo-te à casa da Anne — diz a mãe.

De maneira que nos dirigimos para lá. A chuva fina já parou de cair quando

chegamos e eu saio do carro. Não sou a única a fazê-lo: a minha mãe segue-me.

— Também vens? — pergunto, confusa.

— Sim, assim aproveito para falar com ela sobre uns assuntos…

Ela deixa a frase por terminar. A Anne recebe-nos com a sua cordialidade habitual e insiste em preparar café e que nos juntemos durante um bocado na sala. O *Mr. Flu* segue-me porque sabe que sou o seu passaporte para sair a trotar pelo bairro e perseguir os pássaros do parque.

— Rosie, já pensaste no que falámos na semana passada? — pergunta a Anne, após deitar uma colherzinha de açúcar no café. — Não podes negar que é um projeto interessante. Acho que seria uma grande ajuda para mim contar contigo.

— O que é que eu perdi? — pergunto.

Já me tinha esquecido de que a Anne convencera a minha mãe a vir encontrar-se com ela para saber a sua opinião sobre dado assunto da última vez que aqui estivemos. Têm sido umas semanas estranhas, daquelas em que o tempo decorre de maneira diferente na cabeça e na vida real. Tenho as últimas memórias amontoadas como se um cilindro das estradas me tivesse passado por cima: a noite em que subimos a montanha juntos à procura da beleza, a viagem para sair do estado e a celebração do meu aniversário. Está tudo ali apertado e reprimido. Mas, entretanto, dou-me conta de que a vida continuou o seu curso de forma inexorável.

— A Anne explicou-me sobre um projeto que está a levar a cabo. Chegaram a acordo para a imobiliária ceder temporariamente algumas casas junto ao parque de caravanas e transformá-las em habitações sociais, até que o presidente da câmara ofereça uma solução a longo prazo, mas essas habitações estão semiconstruídas, a promotora declarou bancarrota e ainda não há luz verde para o orçamento…

— Razão pela qual me seria muito útil ter-te como aliada. Se decidires acompanhar-me até lá, sei que vais compreender que é uma pena aquelas casas estarem inacabadas e vazias. Tem de se fazer alguma coisa a esse respeito.

— Anne…

— Lembro-me de que tinhas o dom da persuasão.

— É provável que o tenha perdido. — A minha mãe suspira.

— Bem. Vamos confirmar isso. E, se no final eu tiver razão, ajudas-me com o projeto. Quem sabe? Talvez até te apeteça voltar a fazer parte do quadro da empresa. Tenho a certeza de que te receberiam de braços abertos se quisesses regressar.

Pela primeira vez em muito tempo, vejo a incerteza aflorar no olhar da minha mãe. É um segundo, apenas um, mas está cheio de esperança. E eu percebo-a. Percebo-a porque sei o que é uma parte de nós querer fazer uma coisa, desejá-lo intensamente, mas a outra não se atrever a dar o passo em frente. Quando uma pessoa está indecisa

num cruzamento junto às linhas de comboio, às vezes necessita de uma mãozinha amiga para lhe dar um pequeno e suave empurrão que a relembre de que deve decidir, que não pode ficar ali eternamente. E, neste momento, sei que é nisso que consiste o jogo de «O Mapa dos Desejos», quase consigo sentir a respiração da minha irmã na nuca. É o que me impulsiona a dizer:

— Devias tentar, mãe.

— Achas que sim? — Ela olha para mim, nervosa.

— Sim. Acho. Não perdes nada.

Ou nada que valha a pena, pelo menos. Talvez perca a sombra dela que quer ficar para sempre nesse cruzamento, onde há somente um sofá diante de uma televisão, mas de certeza que não sentirá falta disso daqui a algum tempo.

— Está bem. Fica combinado.

— Que alegria. — A Anne pousa a sua mão sobre a da minha mãe e aperta-a suavemente. É quando me dou conta do quanto ela precisava de uma amiga, do quanto toda a gente precisa, do quanto eu preciso.

Deixo-as a sós e saio para ir passear o *Mr. Flu*.

Damos uma volta pelo bairro e sento-me num banco quando chegamos ao parque. Agarro num pau e atiro-o algumas vezes e o cão fareja-o de uma ponta à outra. Está-se bem aqui. O céu continua cinzento e as árvores parecem falar quando o vento lhes sacode os ramos. Que tentarão dizer? Ainda mais intrigante: como se sentirá uma folha? Parecem tão frágeis assim, a balançarem-se à espera da queda…

O meu telemóvel emite um sinal sonoro. E é ele. Sei que é ele.

Will: Próxima casa. Vou buscar-te amanhã às cinco.

Mas não respondo antes de guardar o telemóvel. Neste momento, nada me importa, exceto a vida efémera das folhas que pendem sobre a minha cabeça.

36

Will

Sei que é uma má ideia assim que saio do carro, tal como sabia o que aconteceria quando contasse à Grace quem sou. Mas o jogo é mais importante. O jogo não devia ser afetado por o que quer que seja que se passe entre mim e ela.

Portanto, aqui estou, em frente da porta da sua casa.

Esperei no carro durante vinte longos minutos. Não respondeu às mensagens. É evidente que não tem qualquer intenção de prosseguir com o plano e, em qualquer outra situação, afastar-me-ia e acabou-se. Mas tenho uma carta no bolso com uma morada e temos de ir para lá. Imagino a Lucy a planear cada casa, a pensar nos pormenores, a falar com o avô, a criar aquilo para a sua irmã, e não posso permitir que, por minha culpa, tudo o que ela fez fique inacabado.

Por isso, toco à campainha e sustenho o fôlego.

Abre a porta um homem de cabelo prateado e uns olhos que me fazem lembrar a Grace e o oceano: são profundos e escondem enigmas. Aparenta estar cansado. Parece uma daquelas pessoas que deslumbrou no passado e que foi perdendo o brilho. Mas também há algo mais nele, uma determinação férrea.

— Posso ajudar-te?

— Chamo-me Will. Estou à procura da sua filha.

Não para de olhar para mim enquanto me dá um aperto de mão.

— Jacob Peterson, prazer. — Desvia-se para o lado para me convidar a entrar e, quando o faço, fecha a porta. — Espera na sala. Vou avisar a Grace.

O que faria em qualquer outra situação seria passear pela divisão para poder reparar melhor nos detalhes; sobretudo nas fotografias expostas. Mas, dadas as circunstâncias, sinto-me como um intruso, pelo que me limito a permanecer quieto no centro da sala, à espera de que ela apareça.

E ela assim faz, ao fim de alguns minutos.

— O que é que estás a fazer aqui?

Se os olhares pudessem matar, já estaria feito num oito sobre a alcatifa dos Petersons. Não me sinto confortável aqui dentro. É asfixiante, como um rato num

laboratório. Enfio as mãos nos bolsos e peço:

— Podemos falar? Lá fora, se não te importares.

Ela assente com a cabeça e encaminha-se para a porta sem dizer mais nada. Agradeço pela claridade do dia. Ela avança até à cerca de madeira que rodeia a casa e apoia-se na borda. Tenho um emaranhado de ideias na cabeça, todas desordenadas exceto uma: que a Grace é fascinante. Inclusive agora, ali plantada com o sobrolho franzido e aquele seu olhar que trespassa qualquer um sem esforço. Não saberia dizer o que me atrai tanto nela e isso parece engrandecer a sensação. Talvez seja o seu aspeto físico, tão singular e distinto, um daqueles rostos que têm «algo» que se afasta dos típicos traços clássicos, ou a evidência dos seus gestos, que não deixam nada à imaginação e a tornam transparente e direta como um dardo que não se desvia da sua trajetória.

— Percebo que estejas… chateada.

— «Chateada» é um adjetivo tíbio que te garanto que não representa como me sinto.

Adoro ouvi-la falar, a sua maneira de escolher cada palavra com cuidado e de respeitar as conotações da linguagem. Mas, no geral, desfruto muito mais quando o que diz não é uma farpa contra mim. Tento fingir que não me magoa e mostrar-me indiferente.

— «Furiosa» é mais adequado?

— Desencantada — especifica.

— Já te disse que lamento, mas não posso mudar o passado.

— Sabes o que é que não disseste? Que conhecias o Tayler. Que nasceste aqui. Que ias às aulas com a minha irmã. Que a fidelidade não é muito a tua cena. Que…

— Omiti — interrompo-a.

— Mentiste — replica ela.

— Não te conhecia. Não queria contar-te a minha história, nem tinha nenhum motivo para o fazer. E depois tudo se complicou, porra. Tu transformaste-te nessa complicação e, egoisticamente, gostei que tentasses conhecer-me sem preconceitos, a partir do zero.

— Mas que bela maneira de te enganares a ti próprio.

A resposta apanha-me desprevenido. Quero pensar que é por isso que magoa tanto. E logo me vem à mente a recordação dela a beijar o Tayler na rua neste mesmo lugar, em frente da sua casa. Não penso o suficiente antes de dizer:

— Surpreende-me que pudesses estar com alguém como ele.

O olhar da Grace perfura-me e não sai, fica cravado lá dentro como um estilhaço. Ela estala a língua e abana a cabeça.

— Não percebeste nada.

Ponho-me à sua frente quando vejo que pretende ir-se embora. Devia deixar estar. Devia esquecer-me de nós, pelo seu bem e pelo meu. E devia concentrar-me somente no jogo. Mas não consigo. Não consigo porque a tenho à minha frente e quero… enterrar os dedos no seu cabelo. Quero… voltar a acariciar o sinal que tem na clavícula. Quero… sentir a humidade da sua língua na minha boca. E quero… conhecer os segredos que esconde na sua cabeça, até as coisas mais irrelevantes.

— Pois não. Tenta explicar-me.

— Para que serviria isso, Will?

— Para parar de pensar.

A minha resposta parece surtir efeito e ela comprime os lábios. É a verdade. Preciso de parar de pensar e pensar. A vida, pelo menos a minha, era muito mais fácil antes; disso não tenho dúvida. Uma experiência hedonista que me isolava de qualquer emoção real. No momento em que recomeçamos a pensar nas coisas, tudo se complica, abrem-se bifurcações morais e já nenhum caminho é reto e plano. Há que fazer curvas.

— Porque ele nunca me importou, mas tu sim. Já te disse uma vez: só as pessoas que permites que entrem em tua casa é que a podem destruir por dentro. As restantes, quando muito, limitam-se a pisar o jardim.

Como lhe poderei fazer entender que, se me deixasse entrar, cuidaria com esmero de cada recanto, embora o meu próprio lar seja um desastre cheio de pó?

As palavras ficam-me entaladas e recusam-se a sair, por isso limito-me a sacudir a cabeça.

— Não deixes que isto tudo interfira com o jogo. Se for mais fácil para ti, podemos fingir que continuamos a ser dois desconhecidos.

— Não é preciso fingir que o somos, Will, é esse o problema. Somos dois estranhos porque nada do que vivemos nestes últimos meses foi real.

— Grace, olha para mim. Sabes que isso não é verdade.

— A questão é que já não confio em ti.

Engulo em seco com força e inspiro profundamente, mas esta dor latejante que tenho dentro do peito não desaparece. Afasto-me dela. Só um bocadinho. Só para poder respirar melhor. Avanço uns metros pela rua abaixo, embora sinta a sua presença atrás de mim.

— Ei, onde é que vais?

— Dá-me um minuto.

Odeio que me veja assim, por isso tento evitá-lo. Suponho que é uma ação reminiscente. *Não deixes que ninguém descubra as tuas fraquezas*, ouço a voz do Josh a

retumbar na minha cabeça. De alguma maneira, isto dá-lhe razão: ainda restam partes da pessoa que fui, muitas partes; estão tão enraizadas que não sei como vou ser capaz de as encontrar e arrancar. Quando penso nisso, às vezes sinto os pulmões demasiado cheios e, noutras vezes, falta-me o ar.

— Estás bem? — sussurra ela.

— Sim. Claro, sim. — Obrigo-me a ser prático. — Grace, o importante… é o jogo.

— Eu sei. Nem por um momento me passou pela cabeça rejeitar o pouco que me resta da minha irmã. Mas era mais fácil fazê-lo sozinha. Acho que me devias dar a caixa e as cartas, tudo. Liberto-te dessa responsabilidade.

— Desculpa, mas sabes que não posso.

A derrota transparece-lhe nos ombros quando suspira.

— Está bem, então o melhor é despacharmos isto o quanto antes.

— Como quiseres. Vamos.

Na realidade, quero dizer-lhe que não sou a sua melhor opção, estou a anos-luz de o ser, mas ainda assim desejo-o de uma forma egoísta e impulsiva, embora a minha casa ainda esteja cheia de escombros, embora não tenha telhado nem alicerces. Quero dizer-lhe que nunca tinha sentido uma cumplicidade assim com outra pessoa. Quero dizer-lhe que sentia um aperto no coração quando sabia que o Tayler a tinha entre os seus braços. Quero dizer-lhe que adoro a sua inteligência extravagante. Que nunca tinha encontrado ninguém que me fizesse sorrir desta maneira. Que é efervescente, sim, como uma deliciosa bebida ácida com gás. E que a levei àquele sítio na noite do seu aniversário porque o seu sorriso, aquele que pouco oferece, me faz lembrar a doçura do algodão-doce e as luzes coloridas da feira no meio da noite.

Mas mantenho-me num silêncio pétreo.

Entro no carro e ela senta-se ao meu lado. Ligo o rádio porque não suporto que a sua voz não preencha tudo com as suas habituais divagações ou perguntas. Mal desvio o olhar da estrada enquanto conduzo. Não tardamos a chegar.

— Porque é que estás a parar aqui? — A Grace fita-me.

— Esta é a morada que estava na carta.

— Não é possível. — Vejo-a hesitar, virando-se para a janela antes de dizer para si mesma num murmúrio abafado: — Ai, Lucy. Que desastre.

— Porquê? Onde é que estamos?

A Grace sacode a cabeça e percebo que não vai responder.

A casa parece do mais normal que há, semelhante a tantas outras vivendas nas redondezas. Numa das árvores está pendurado um velho baloiço de madeira e uma trepadeira escapa-se até à vedação do vizinho como se os talos fossem serpentes. O

sítio é agradável, o típico lugar tranquilo para criar raízes.

Vejo a Grace a fazer deslizar o dedo pela manivela metálica da porta do carro; debate-se, pensativa. Gostaria de a acompanhar e ajudar a deslindar o que esconde na sua cabeça, mas consigo ver a brecha que agora existe entre nós e sei duas coisas: ela não me vai pedir que a transponha com um salto e eu não sou capaz de o fazer sem balanço, pois paralisa-me o medo de voltar a desiludi-la.

No final, ela decide abrir a porta.

— Ei, Grace, vais ficar bem?

— Sim.

— Espero por ti aqui.

Ela sai do carro e dá meia-volta para me dizer:

— Não é preciso, Will. Volto para casa sozinha.

E eu anuo com resignação, porque, às vezes, entre o que queremos fazer e o que realmente fazemos há um abismo intransponível.

37

Grace

O instinto, afinal, guia-se através de boas ou más sensações. Sempre que estive diante desta porta experienciei um calor agradável no pequeno recanto que há entre o peito e a barriga. É mais uma porta. Quanto à aparência, não tem nada de especial. Mas, no meu caso, conheço as pessoas que vivem lá dentro. Foram pessoas especiais na minha vida. E não tenho muitas pessoas especiais, na verdade. Por isso, seria capaz de distinguir a maçaneta e a campainha de entre outras maçanetas e campainhas de muitas portas. É nisso que estou a pensar quando o meu dedo toca no botão e soa um leve *tlim-tlão*.

Admito que tinha esperança de que fosse a senhora ou o senhor Morris a abrirem-me a porta. Ambos são encantadores, o tipo de casal que sabemos que se manterá unido até ao fim dos seus dias, daquelas pessoas que vão juntas ao supermercado, dormem com meias e terminam as frases uma da outra por entre sorrisos. De todas as casas que visitei e cusquei nos últimos anos, sem dúvida que a que tenho à minha frente é a mais familiar e acolhedora.

Mas não.

A rapariga que abre a porta tem a minha idade, vestida com uns calções de ganga com pequenas margaridas cosidas à mão, uma *T-shirt* que diz «Deita *ketchup* na vida» e ténis de atacadores coloridos. O seu cabelo escuro agora tem as pontas cor-de-rosa e não é só isso que mudou, também há algo diferente no seu olhar, mas é possível que seja apenas fruto da minha imaginação ou devido ao tempo que passámos sem nos vermos.

O que se diz quando nos encontramos com a nossa melhor amiga após meses sem nos falarmos? Não faço a mínima ideia, por isso fico ali calada e a observá-la e, por um momento, receio que a Olivia me feche a porta na cara, mas não, não o faz porque não é o seu estilo.

— Olá.

— Olá.

Engulo em seco.

— Acho que isto não foi uma boa ideia. — Olhar para ela é como ter uma espinha entalada na garganta. — Não devia ter vindo. Desculpa.

Em seguida, giro nos calcanhares e dou um passo, dois, três pelo diminuto caminho de lajes de pedra alaranjada que desemboca na rua. Sinto-me estúpida, mas não sei o que fazer a não ser fugir. Talvez pudesse ter pedido desculpa, sim. Mas mais elaborado: «Desculpa por trocar mensagens com o Sebastien durante semanas e deixar que me beijasse naquela festa só para te mostrar que o teu namorado era um idiota.» A versão ainda mais longa: «Desculpa por te fazer abrir os olhos de uma maneira que te magoou, porque a ideia de rejeitares aceitar aquela bolsa para não te separares dele me horrorizava.»

Durante todo este ano que passou agarrei-me à certeza de que fiz o melhor para ela. O problema é que, por vezes, as boas intenções não estão acima de tudo.

— Grace, espera! O que é que estás a fazer?

— A ir-me embora. — Fito-a por cima do ombro.

— Iá, isso é bastante evidente, obrigada pelo esclarecimento. Estava a falar do que é que estavas a fazer a tocar à minha porta para correres daqui para fora logo a seguir. Isto é ridículo. Somos adultas. Entra em casa e vamos falar. A mãe fez bolachas esta manhã.

Algo faz clique na minha cabeça. Uma recordação que ficara para trás, bem lá no fundo, desbloqueia-se. As bolachas da senhora Morris são as melhores que alguma vez provei, crocantes, mas moles, com pepitas de chocolate branco.

— Tens a certeza? — pergunto.

— Sim. Tenho. Anda, entra.

Entro naquele lar que, de algum modo, também foi um pouco meu anos antes, pois, por exemplo, sei onde os Morris guardam os talheres bons, qual é a gaveta desastrosa que está cheia de pilhas, títulos de estacionamento, moedas e outros que tais, ou que degrau range (o quarto a contar de baixo). Confirmo-o quando apoio o pé em cima dele e se ouve um leve e familiar gemido. Subimos para o quarto da Olivia, que, ao contrário dela, não mudou nada, mas imagino que isso se deva ao facto de, na realidade, já não viver aqui. Apesar de me parecer estranho, está só de passagem.

A Olivia apoia o rabo na borda da secretária e eu permaneço junto à porta, um pouco atrapalhada, como se estivesse pronta para fugir a qualquer momento.

— A verdade é que não sei por onde começar…

As narinas da Olivia dilatam-se antes de soprar, mas não me parece especialmente zangada, apenas impaciente. Até um pouco nervosa.

— O que fizeste magoou-me — diz ela com a voz nítida.

— Queria mostrar-te que o Sebastien não te merecia.

— E não te lembraste de outro método menos agressivo?

— Não, porque estavas cega e surda. Já não sabia de que outra maneira te poderia dizer aquilo, por isso foi um plano de contingência. Mas lamento, lamento muito, devia ter tido em conta o que tu sentias por ele e não passar por cima disso…

Permanecemos em silêncio durante quase um minuto. Nesse espaço de tempo, tenho a sensação de que ambas fazemos o balanço de tudo: o que se ganhou e o que se perdeu, as horas infinitas que partilhámos no recreio da escola e fora dele, as nossas virtudes e defeitos, o que por vezes nos une e nos separa.

«O que pesa mais?» seria a pergunta que todos nós devíamos fazer perante qualquer dilema emocional. Pegamos naquilo que sentimos, colocamo-lo na balança e esperamos para ver para que lado se inclina. Às vezes, a resposta pode ser surpreendente.

— De todas as ideias estúpidas que tiveste desde que te conheço, incluindo aquela de irmos disfarçadas de esqueletos ao baile de finalistas, esta foi a pior.

— Tens razão. Além disso, tive de o beijar. Quase vomitei.

A Olivia aperta os lábios, mas acaba por não conseguir conter o risinho que se lhe escapa. Sacode a cabeça e, um instante depois, está a rodear-me com os seus braços, e o aroma da água de Colónia que usa sempre (de baunilha, que me faz lembrar uma loja de guloseimas) invade-me o nariz.

— Eu também lamento muito, Grace — sussurra ela, com a voz chorosa. — Devia ter estado ao teu lado quando se passou aquilo com a Lucy. Liguei-te, mas como não atendeste pensei que não querias saber nada de mim. Devia ter continuado a insistir.

— Não vi a chamada. Nesses dias não vi nada.

— Pensei muito em ti nestes últimos meses.

— Eu também.

— A sério?

— Sim, até ganhei um gosto especial por bolo de cenoura.

A Olivia sorri e, por um instante, se alguém nos pudesse ver de fora, diria que não aconteceu nada entre nós, que não estivemos quase um ano sem dirigirmos a palavra uma à outra, que não há fissuras. O avô sempre disse que a amizade verdadeira é tão flexível como as relações familiares; num dia estamos a discutir acaloradamente na sala e no seguinte encontramo-nos sob uma mantinha no sofá, a ver um daqueles filmes natalícios que estão destinados a cair no esquecimento.

— Não disseste que a tua mãe tinha feito bolachas?

— Sim. Vou buscá-las. Devias vir noutro dia para ver os meus pais, eles perguntam muitas vezes por ti. Hoje estão fora porque iam a uma festa de aniversário de uns amigos.

Aproveito aquele momento a sós para contemplar o típico quadro de cortiça que quase toda a gente teve alguma vez no quarto durante a adolescência; no meu caso, depressa me apercebi de que era insuficiente e substituí-o pela parede inteira. A Olivia, por seu turno, ainda o conserva. Ali estamos as duas em quase todas as fotografias, desde pequenas até à atualidade. Na última fotografia, estamos numa geladaria com o Tayler, o Sebastien, o Nelson, o Rick, a Mia e mais um par de amigos.

Sinto que mudei. Que sou aquela rapariga, que continuo a partilhar com ela muitos vazios e interrogações, mas agora vejo-me mais sólida, mais clara. Há peças, peças tão pequeninas que um perito em joalharia as teria de manusear com cuidado, que começam a encaixar umas nas outras para formar um mecanismo complexo.

— Toma. — A Olivia oferece-me o prato.

Depois, cada uma com a sua bolacha na mão, sentamo-nos na cama e a conversa flui sem esforço. Começa no ponto exato onde a deixámos. Ou seja, no Sebastien. Soube que não era uma boa ideia que a Olivia se envolvesse com o Sebastien assim que vi a maneira como olhava para ele: como se acreditasse que o poderia salvar e que, sob a fachada frívola, havia algo profundo no seu interior. Não era o caso. Ele continuou a namoriscar com muitas conhecidas e, quando chegou a carta de admissão da Olivia, reparei na sua indecisão. Talvez tenha pensado que, se se fosse embora, o que tinham não sobreviveria. Talvez tenha influenciado o facto de ainda só terem passado uns meses desde que andavam e estava naquela etapa em que há tendência para idealizar tudo. Ou talvez não tivesse tanto que ver com ele, mas com as dúvidas que ela tinha em relação às suas próprias capacidades. A questão é que, quando ela disse que não tinha a certeza se era uma boa ideia pedir um empréstimo estudantil para pagar a parte dos custos que a bolsa não cobria, eu soube que tinha de fazer alguma coisa. Não me sinto especialmente orgulhosa disso, mas, após repetir-lhe diariamente o que pensava e conseguir que me mandasse para um certo sítio por ser tão chata, passei à ação. Foi algo praticamente improvisado. Enviei uma mensagem ao Sebastien a perguntar-lhe a hora a que tínhamos combinado encontrar-nos com o resto do grupo e ele respondeu-me logo. Depois, a conversa continuou durante os dias seguintes. Foi fácil: só tinha de me rir muito das suas piadas (que não tinham graça) e bajulá-lo com frequência. A conversa amistosa transformou-se num engate. Quando, algumas semanas mais tarde, fomos a um concerto de uma banda que tocava num velho rancho nos subúrbios, embebedou-se e tentou beijar-me. E, magia, a Olivia abriu os olhos.

Não gostou lá muito da minha explicação, como é óbvio.

Nessa noite, discutimos como nunca o tínhamos feito antes e o facto de as duas

termos bebido não ajudou nada. Ela foi-se embora no carro de uma colega do supermercado em que trabalhava e eu vi o amanhecer na cama do Tayler porque, quando não queria pensar, os seus braços eram sempre a melhor opção.

A Olivia não me telefonou na manhã seguinte. E eu também não.

Eu não lhe telefonei uma semana depois. Ela imitou-me.

O silêncio prolongou-se até que soube, através da Mia, que a Olivia tinha decidido ir estudar para o Colorado. E tudo isto nos conduz a este momento, aqui, na sua antiga cama, a comer deliciosas bolachas com pepitas de chocolate.

— Como é que te ocorreu uma coisa tão retorcida?

— Bem… — Lambo-me para apanhar as migalhas dos lábios. — É que se desenrolou tudo com alguma facilidade. Não fiques ofendida, mas não foi muito difícil captar a atenção do Sebastien.

Ela soprou e abanou a cabeça.

— Era um idiota.

— Muito idiota.

— Tinhas razão.

— Alegra-me ouvi-lo.

— Mas continuo a achar que não devias ter interferido daquela maneira. Seja como for, tanto faz, não quero dar mais voltas ao assunto. Tinha saudades tuas.

— Perdoa-me. — Abraço-a e depois deitamo-nos na cama juntas, lado a lado e de olhos postos no teto liso. — Posso confessar-te uma coisa? Tinha um bocado de inveja.

— De mim? — pergunta ela.

— Sim, de ti. É que te ias embora para realizar o teu sonho e eu ia continuar aqui até ao fim dos meus dias com todas aquelas pessoas que na verdade não me importavam. Talvez uma parte de mim quisesse deixar de falar contigo, embora seja horrível dizê-lo em voz alta. Magoava-me que cá ficasses, não o podia consentir, mas também me magoou ver-te partir. Faz sentido?

— Suponho que sim. Mas, se não fizer, também não faz mal.

— Estás a facilitar-me demasiado as coisas — admiti.

Fomos envolvidas por um silêncio plácido.

— Quando soube do que aconteceu à Lucy…

— Não. Não, por favor.

— Está bem. — Ela suspira.

— Obrigada, Oli.

Não quero falar com ela sobre a minha irmã, porque sei que não será de uma maneira superficial. De certeza que vai comentar algum pormenor, algo

insignificante, mas que seja tão pungente como um alfinete. E vai doer. E não, não, não. Consigo enfrentar com firmeza todas as coisas práticas e rígidas que rodeiam o tópico da Lucy. «Morreu aos vinte e quatro anos.» Ou: «Foi por causa de uma insuficiência hepática, estava desorientada e confusa, deixou de ser ela.» Mas sabia que a Olivia diria algo do género: «Lembras-te de que a Lucy adorava bolachas de água e sal?» ou «Há uma nova papelaria no centro da cidade cheia de coisas brilhantes e papel crocante; a Lucy teria comprado metade da loja», e isso, sim, poderia destroçar-me.

Por isso, evitamos o tema, viramos-lhe costas.

Conto-lhe sobre os meus pais, que tenho a sensação de que a minha mãe está melhor e que acho que vai abrindo os olhos a pouco e pouco. Quem sabe? Talvez não esteja tudo perdido.

— Cheguei a pensar que o meu pai tinha uma amante — confesso.

— Porquê? — A Olivia senta-se e apanha o cabelo.

— Não sei, chegava sempre muito tarde a casa.

— E tu?

— Eu?

— Continuas a andar com o Tayler? Estão a dar um tempo?

— Não, já não. Definitivamente — explicito.

A seguir, a Olivia fala-me sobre um rapaz chamado Dylan que conheceu num café. É divertido e pensa que ela vai acabar por triunfar em grande porque adora o que faz. Também me conta que lhe pediram para confecionar alguns fatos para uma peça que vai estrear no próximo outono num pequeno teatro da cidade.

— Que bom! — digo-lhe.

— Sim. E, quanto a ti, pareces mudada. Não consigo dizer ao certo o que é, tens o mesmo corte de cabelo de sempre, mas… — Ela morde o lábio. — É algo mais profundo. Então, estás a pensar contar-me ou vou ter de insistir até o fazeres?

Hesito uns segundos, mas acabo por lhe falar do jogo da minha irmã e do Will, duas coisas que sempre andaram de mãos dadas. Conto-lhe em que consistiam algumas das casas e que uma delas é a razão pela qual toquei à sua porta: precisava de um empurrão para ganhar coragem. Quando acabo de relatar tudo o que aconteceu com o Will durante os últimos meses, ela solta um suspiro e estala a língua.

— Tens consciência de que nós estamos a pôr a conversa em dia agora mesmo porque antes cometemos erros? Todos nós o fazemos, Grace. E existe o direito de mudar, ou nunca ouviste falar nisso? É justo, se pensares bem nisso.

— Pois. — Puxo um fiozinho das minhas calças de ganga.

— Talvez esteja mesmo a ser sincero contigo.

— É uma probabilidade entre tantas outras.

Quando volto a puxar o maldito fio, a fenda nas calças acaba por se transformar num buraco do tamanho de uma moeda. A vida é um pouco assim: num dia, temos uma fissura diminuta e, no seguinte, o buraco no coração é tão grande que já não há maneira de o arranjar. Ou, pelo menos, é isso que penso até a Olivia se aperceber do desastre, abrir uma gaveta da sua secretária e sacar de lá um remendo, linha e agulha.

— Despe-te. Arranjo-te isso num instante.

38

Grace

São duas e meia da madrugada quando chego ao parque de caravanas. Tento não fazer barulho ao caminhar, mas o solo está coberto de gravilha, que faz um som áspero com cada passada. Não sei o que estou a fazer aqui. Ou melhor, sei, mas é uma estupidez tão grande que prefiro convencer-me de que não tenho consciência dos meus atos e que só me estou a deixar levar por um impulso. Enquanto conduzia para aqui, pensava na palavra «loucura» e perguntava-me porque seria tantas vezes associada ao amor. Talvez porque ambas as coisas são um bocadinho imprudentes e irrefletidas; não dá para pensar e remoer no amor, não serve de nada. E esconde uma certa insensatez, a razão mal entra em campo. Afinal, a verdade é que tanto a loucura como o amor podem ser uma temeridade e, por isso, é notável que o ser humano se sinta tão atraído pela ideia de se apaixonar loucamente.

Eu não sei… Já não sei o que sinto. E preciso de o averiguar.

Por isso, bato à porta dele e depois ergo a vista para o céu estrelado, pensando: *Não abras, não abras, abre, abre, abre.* Lutar contra mim mesma é esgotante, cabeça contra coração, por isso tenho de ver o Will agora. *Abre.*

Quando ele o faz, é óbvio que o acordei. Gostaria de não sentir um aperto no coração ao vê-lo, mas é precisamente isso que ocorre, como se o meu corpo se empenhasse em sabotar e esmagar qualquer resquício de lógica.

— Desculpa vir a estas horas. Tinha de te ver.

— Grace… — Ele tem a voz rouca. — Entra.

Avanço para dentro do seu diminuto reino. O Will acende uma vela. Está a usar uns calções de pijama e uma *T-shirt* branca e justa. Todo ele desprende uma simplicidade que neste momento compreendo que lhe exigiu um esforço, fechar uma parte da sua vida. Pela primeira vez, enquanto observo o interior da caravana, tento imaginar o que deverá ter implicado para ele esta mudança de vida, trocar o luxuoso apartamento de Nova Iorque pela caixa de sapatos em que agora nos encontramos, o escritório de advogados por um *pub* pequeno em *part-time*, os seus amigos e a sua família pela solidão…

— Estás bem? — pergunta ele com preocupação.

— Sim, é só que não consigo parar de dar voltas ao assunto… — Abano a cabeça e sopro. — Quantas versões podem existir da mesma pessoa?

— Muitas. Todos, de certo modo, somos versões.

— E como é que posso saber que este Will que tenho à minha frente é real?

— Porque estou demasiado cansado para continuar a fingir, Grace.

A chama banha tudo com o seu resplendor alaranjado e ondula suavemente, como se pudesse pressentir a tensão e não quisesse perturbar o momento.

— Não conseguia dormir porque me sentia culpada.

— Porque é que haverias de te sentir assim?

— Porque fui cruel contigo.

— Isso não é verdade. Eu percebo. Eu percebo-te.

— Para de ser tão complacente!

O Will senta-se na cama, suspira e esfrega a barba de um ou dois dias. Entreolhamo-nos em silêncio, cada um do seu extremo oposto, o que na realidade se trata apenas de um metro e meio ou dois, não tenho a certeza. Decido ser sincera, porque lhe bati à porta a meio da madrugada e é o mínimo que merece.

— Talvez esteja a tentar magoar-te.

— Estás a sair-te bastante bem nisso — sussurra ele.

— Talvez precise de ver que sentes alguma coisa e que és humano. Mas não estou orgulhosa disso, até pelo contrário.

— Porque é que o fazes?

— Porque tenho medo e já me conheces, nada como uma boa defesa. A vida também é um jogo, Will, tudo é. Há que se antecipar.

— O que é que te mete medo?

— Não ser importante para ti.

— A sério que pensas isso?

A sua voz suave é uma carícia.

— Às vezes, sim, quando perco tempo a imaginar o que acontecerá no dia em que voltares a pegar nas rédeas da tua vida. Não quero ser a rapariga com quem te entretiveste enquanto estava tudo em pausa. Não seria justo entregar-te tanto e tu, tão pouco.

— Isso não é antecipar. É fantasiar — protesta ele.

— Sabes uma coisa? Não precisaria de «fantasiar» se tivesse alguma certeza. Olha para ti: tão inacessível e distante que é impossível saber em que estás a pensar. Eu, sim, pus as cartas na mesa, e não foi fácil, mas no dia do meu aniversário confessei-te o que sentia.

O Will franze o cenho e levanta-se lentamente.

— Pensava que os meus sentimentos eram óbvios.

— Pois, mas não são. E mesmo que fossem…

— Continua — pede-me ele.

— Gostava de te ouvir dizê-lo.

A vela continua a consumir-se e o aroma a cera envolve-nos. Ele vem ter comigo com o seu sigilo característico e pega-me na mão antes de eu me aperceber do que pretende. Afasta os dedos com delicadeza, pousa a palma no seu pescoço e depois fá-la descer lentamente até ao centro do peito. Deixa aí a minha mão, sobre o seu coração.

— Sentes como está a bater tão depressa? — pergunta ele, e eu assinto. — É por ti. Percebes o que significa? Devia exprimir mais do que um punhado de palavras, porque é real.

Sinto os joelhos bambos porque não é uma declaração comum, mas sei que é a que o Will precisava de fazer e a que eu devia escutar. Compreendo que, quando a confiança está presa por um fio, as palavras podem ser insuficientes. Mas isto é palpável. É verdade.

— Grace… — Ele solta-me a mão para me emoldurar o rosto e me olhar fixamente nos olhos. — És a pessoa mais especial que já conheci em toda a minha vida.

Fecho os olhos não só para manter aguçados os restantes sentidos, mas porque não quero desatar a chorar. Ninguém me tinha dito antes algo tão simples e bonito; parece quase mundano porque soa típico, mas acho que é precisamente por isso que me afeta tanto, porque já o presenciara em relação aos outros, em filmes e livros, mas não em relação a mim. Todos merecemos ser especiais para alguém, poder brilhar um bocadinho.

Ele aproxima-se mais e estreita-me contra si com força. Reparo que treme até o calor deste abraço crescer entre nós e nos reconfortar. Agarro-me aos seus ombros, afundo o nariz no seu pescoço e embalamo-nos durante um longo minuto.

— Queres saber quando soube que ias ser um problema? — Respondo com um sim sussurrado contra a sua pele, incapaz de me afastar dele. — Quando li aquele papel em que escreveste as coisas de que gostavas. Li-o aqui, também de madrugada. E ao chegar ao fim, quando mudaste do presente para o futuro, pensei: «Merda, vou apaixonar-me.»

— Que bonito. «Merda» e «apaixonar-se» na mesma frase.

Sinto o riso suave do Will na bochecha direita e adoraria que o som vibrante ficasse para sempre entre os diminutos poros do meu rosto.

— Uma composição poética.

— Conta-me mais. Só mais um pouco — peço-lhe, e ele torna a rir-se.

— Compreendi que desejava fazer contigo tudo o que tinhas escrito. Ensinar-te as constelações. Caminhar pelas ruas de Viena ao entardecer. Apanhar um comboio sem saber em que estação sair. E ver-te a voltar a patinar sobre o gelo sem pensar em nada, nada, nada.

Afasto-me para o olhar nos olhos.

— Decoraste isso?

— Sim. Li-o muitas vezes.

O meu coração muda de velocidade sem aviso prévio.

— Fica quieto. Não te mexas.

Ergo a mão e afago a sua bochecha devagarinho. O Will semicerra os olhos, mas não desvia o olhar. Faço deslizar a ponta dos dedos pelo arco das suas sobrancelhas, atravesso a ponta do seu nariz e chego à sua boca. Ainda penso que há algo orgulhoso na sua expressão, inclusive quando se mostra complacente, mas essa contradição torna-o mais humano. E talvez seja precisamente o que tanto me atraiu nele desde o princípio: que ao mesmo tempo seja tão real e difuso, tão frágil e forte, tão melancólico e vivaz, tão simples e complexo. Suponho que todos somos uma mistura inclassificável, uma mixórdia de coisas, uma cómoda cheia de tralha que desafia ferventemente as etiquetas.

Traço o contorno da sua boca altiva, o lábio superior que se levanta sempre que esboça um meio-sorriso, como se lutasse consigo mesmo para não o fazer. E essa curva é a beleza, não tenho dúvidas. Essa curva existe para ser beijada.

Ponho-me em bicos dos pés para o poder fazer.

É apenas um roçar, mas o Will deixa escapar um arquejo rouco e decide que já permaneceu demasiado tempo sem se mover. A sua língua encontra a minha e dançam juntas durante uns segundos, enquanto nós nos movemos pela caravana. Puxo a bainha da sua *T-shirt* até que ele se apercebe do que pretendo fazer e me ajuda a tirá-la pela cabeça. Pressiono as mãos contra a sua barriga, o umbigo, o peito, as costelas e subo até palpar os ossos da clavícula e ver de perto a maçã de Adão na sua garganta.

Dou um passo atrás e também tiro a *T-shirt*. Tenho um sutiã sem aro e quase transparente. Luto contra o impulso de me cobrir quando ele volta a aproximar-se. Ele sustém-me o queixo com os dedos e levanta-o um pouco antes de me beijar. É um beijo diferente, húmido e intenso, destinado a atropelar qualquer outro pensamento, exceto o facto de estarmos aqui, agora, a despirmo-nos além da roupa. E percebo que, às vezes, para que alguém possa encontrar-nos, primeiro temos de nos deixar ver, baixar a guarda, abandonarmo-nos como a mulher de *O Beijo*. E é isso que

faço, o que não consigo evitar fazer, quando a sua boca desenha um caminho pelo meu pescoço e desce e desce até sentir a respiração quente do Will contra o tecido vaporoso do sutiã. Em seguida, tira-o e já nada se interpõe entre nós. Mergulho os dedos no seu cabelo e peço mais, mais, mais. E ele dá-me.

Caímos na cama. Desaperto o botão das suas calças enquanto o Will tira as minhas pelos tornozelos. Acaricio-o. Acariciar tem muito que ver com aventurar-se num corpo alheio, disposto a descobrir e memorizar. E eu quero fazer isso com o Will.

Ele beija-me. Eu beijo-o.

Beijamo-nos uma e outra vez enquanto as nossas mãos encontram os pontos fracos um do outro. E o seu está duro, sinto-o contra a minha anca. Na realidade, todo o seu corpo me parece sólido, o tipo de lugar em que desejaria abrigar-me nos dias em que o sol não aparece. E é quente, contrasta com a frialdade da minha pele.

— Will… — murmuro quando a sua mão desliza por entre as minhas pernas.

— Alguma objeção?

— Não. Nenhuma.

— Ótimo.

Perco a noção do tempo. Não sei quantos minutos passam enquanto me acaricia de forma tão certeira e precisa que tenho a sensação de que é a minha própria mão a fazê-lo. O prazer trepa-me pelo corpo em vagas pequenas que crescem até se transformarem num *tsunami* devastador que me derruba à sua passagem, e caio nos braços do Will como uma boneca de trapos quando o orgasmo termina. Agarro-me ao seu pescoço.

A seguir, a calma dá lugar a uma necessidade intensa. Dele. De sentir que conectamos de todas as maneiras possíveis. Das suas carícias e do seu olhar e da sua voz profunda e dos seus beijos.

Mexo-me até estar sentada por cima dele. Uma das coisas boas de estar num lugar tão pequeno é que o Will mal tem de esticar o braço para pegar num preservativo. Isso e o facto de ter a sensação de estarmos dentro da casca de um ovo, isolados do mundo, só aquela vela tremeluzente, ele e eu.

O Will tenta virar-se, mas eu impeço-o. Ele percebe-me quando apoio as mãos no seu peito e fica quieto, a observar-me com a respiração entrecortada e as pupilas tão dilatadas que mal dá para ver o verde dos seus olhos.

Quero ser eu a marcar o ritmo. E recebo-o devagarinho no meu interior; não deixo de contemplar o seu rosto entre as sombras enquanto o faço. Depois, movo-me tão lentamente que consigo perceber a sua contenção, a maneira como encolhe os dedos para não se agarrar às minhas ancas e afundar-se em mim com mais força, a forma como suspira impacientemente. Ele aguenta alguns minutos até deixar escapar um

gemido de frustração.

— Estás a torturar-me — cicia.

— Não é isso. É que não quero que acabe… — confesso.

— Que parvoíce, Grace. Depois voltamos a começar. Anda cá.

Ele ergue-se para apoiar as costas contra a parede e envolve-me com os braços. Continuo sentada em cima dele quando me beija apaixonadamente e adoro pensar que é ele o responsável por sentir um agradável formigueiro nos lábios.

Movimento-me sobre ele cada vez mais rápido.

As suas mãos fincam-se na minha cintura e guiam-me enquanto a sua boca me toca no queixo, num sinal, no lobo da orelha e nos pontos erógenos que nem sequer sabia que tinha. E sei que está igualmente perto de acabar quando a sua respiração se torna arquejante e, sob as minhas mãos, os seus ombros ficam tensos. De certo modo, somos tão-somente pele, a soma dos centímetros que nos separam e nos aproximam, células mortas minhas e suas a misturarem-se entre os lençóis da cama, sexo e suor e saliva ou o prelúdio de um orgasmo. Mas, além do físico, consigo sentir que o vínculo que nos une se fortalece e tudo, absolutamente tudo em nosso redor, é roxo: a caravana, os nossos corpos, cada beijo. Também é roxo o prazer que me atravessa e o gemido que abafo na curva do seu pescoço e o abraço que o Will me dá enquanto se deixa ir e acaba, tudo acaba, tudo se derrete nas proximidades.

Não me solta e eu também não o solto.

— Fica a viver dentro de mim — sussurro, e o Will ri-se, beijando-me o nariz. — Estou a falar a sério. Podíamos subsistir só à base de sexo.

— E comprar comida com entrega ao domicílio, pedindo para a deixarem à porta da caravana; raviólis com meio quilo de queijo, é mesmo isso que me apetecia comer agora. Em relação a tomar banho, não seria um problema, acredita em mim. — Ele sorri, travesso. — Quanto ao resto…

— Bah. Pormenores. — E rio-me.

O Will fita-me com um ar muito sério e diz:

— Adoro ouvir-te rir assim.

— É que sinto como se estivesse bêbada.

— Bêbada de nós?

— Sim. — Faço-lhe uma festa na bochecha.

E ficamos entre a confusão de lençóis revoltos durante mais um bocado, até o Will precisar de ir à casa de banho. O frio invade-me quando ele se levanta e desaparece. Então, regressam todas as dúvidas que tinha deixado para trás. Gostaria que a minha maneira de processar os pensamentos fosse sequencial, seguindo uma linha reta, mas na maioria do tempo é arborescente. Ou seja, as ideias ramificam-se de forma

infinita, sem ordem nem harmonia. Quando ele regressa e se deita ao meu lado, não demora nem um minuto a perceber que algo mudou.

— O que se passa, Grace?

— Nada.

— Chega de mentiras.

— Tens razão — digo, e ele entrelaça as suas pernas nas minhas. — É que não sei o que me mete mais medo quando se trata de nós: aproximar-me demasiado e arriscar que me partas o coração, ou afastar-me e partir-te o teu.

— Só te ocorrem esses dois cenários?

— Conheces um terceiro?

— Pomos alguns pensos rápidos e seguimos em frente juntos.

— Juntos — repito, saboreando a palavra.

E o Will leva-a na sua língua quando me torna a beijar.

39

Will

Em apenas meia hora começará a amanhecer e a Grace continua entre os meus braços, nua e com os lábios avermelhados. Na vida, há momentos que são perfeitos na sua simplicidade e este é um deles. Não tocaria em nada. Não mudaria nada. Nem o teto baço que nos protege nem esta cama que deve ser o antónimo da de uma *suite*.

— Will.

— Diz.

— Lembras-te do dia em que me ensinaste a conduzir?

— Sim — murmuro contra o seu cabelo.

— Aquela quinta em que parámos… — Fico imediatamente tenso e sei que ela já sabe a resposta que procura, mas, ainda assim, prossegue: — Era a tua casa?

— Sim. Era.

— E a fotografia?

Levanto-me. Procuro *Uivo*, de Allen Ginsberg, entre as pilhas de livros, abro-o e tiro de lá a foto amarelada que encontrei ao fundo de um dos armários. Volto para a cama e para a Grace e deixo-a examiná-la.

— Esta era a minha avó, embora me lembre dela muito maior. Os meus pais também envelheceram, mas, de certa maneira, apesar de tudo o que mudou nas suas vidas, continuam a ser os mesmos. Ainda se amam. Ela coleciona dedais e ele oferece-lhe um especial no Dia dos Namorados. Nunca se esquece.

— Que bonito. E este és tu?

— Sim, um pouco mais roliço.

— Igualmente adorável — diz ela.

Fica a contemplá-la durante mais algum tempo, ambos o fazemos; em seguida, pega no livro e abre-o para a voltar a guardar. Agradeço que a trate com delicadeza. Na realidade, em casa dos meus pais há vários álbuns e muitos deles contêm fotografias da época em que vivemos na quinta, mas esta conservo com especial carinho, porque ultimamente me sinto longe deles, porque não esperava encontrá-la ali décadas depois e porque me parece simbólico que ainda haja restos materiais, algo

palpável, da pessoa que fui nesse lugar.

— Vais com frequência à quinta?

— Não. A primeira e última vez foi contigo.

— Não entendo… — Ela franze o sobrolho e crava-me um daqueles olhares persistentes que parecem querer mergulhar nas profundezas.

— Foi um pouco casual. Conhecia aquele caminho, sabia que por ali mal passavam carros. Mas não esperava que chegássemos tão longe; depois, bem… tu consegues sempre distrair-me e foi como se aparecesse do nada.

— Então, decidiste entrar.

— E tu acompanhaste-me.

— E se eu não tivesse ido?

— Provavelmente não o teria feito — confesso, e abraço-a com mais força enquanto inspiro profundamente. — De qualquer forma, não se passou nada. Não tive nenhuma revelação. Não encontrei aquilo de que andava à procura. Ali só havia escombros e nostalgia.

— E de que é que andavas à procura?

— De quem sou — sussurro. — Não é disso que se trata tudo afinal, Grace? Não tens consciência de que «O Mapa dos Desejos» tem a mesma meta?

— É possível, mas…

— É a chave. É mesmo.

A Grace remexe-se um pouco e levanta-se. Gosto do facto de não se dar ao trabalho de pegar no lençol nem ficar corada com facilidade. Quero voltar a mergulhar dentro dela, mas depois de vários assaltos durante a noite, sinto o corpo frouxo, tão relaxado que não me lembro da última vez que me senti assim. A luz do amanhecer já começa a penetrar na caravana.

— Tens alguma coisa para comer? Estou a morrer de fome.

Levanto-me e encontro uma caixa de barritas de cereais que a Grace aceita com prazer. Visto a roupa interior e coloco a cafeteira ao lume. Ela observa cada um dos meus movimentos como o faria uma ave de rapina.

— Tenho mais perguntas, Will.

Sorrio porque ambos sabíamos que isto aconteceria. Apoio-me ao lado do fogareiro com os braços cruzados. É justo. É o que faria no lugar dela.

— Força.

— Porque é que o Tayler não te reconheceu?

— A sério que isso te surpreende? Já passaram muitos anos desde que me fui embora e, naquela altura, era um miúdo e tinha um aspeto muito diferente. Além disso, a pessoa que recebe o dano costuma ter uma recordação muito nítida, mas

quem o inflige…

— Nem por isso — conclui ela.

— Exato. — Apago o lume.

— Sabes disso por experiência própria?

— Um bocado — admito, e tento não pensar naqueles rostos desfocados que ficaram desvanecidos na minha memória.

— A noite em que o Tayler foi ao *pub* e te chateou com aquilo das cervejas, lembro-me do que disseste naquele beco.

— Humm. — Finjo estar distraído.

— «Não sou assim. Não sou como ele.»

— Eu disse isso? — Vou buscar uma chávena.

— Sim. E agora percebo. É isso que te dá medo, não é? E precisas de saber quem és para conseguir respirar.

Ela tem um arco na mão e vai lançando uma flecha atrás de outra, todas direitinhas ao centro do alvo, mas não percebo como é capaz de o fazer, porque tem os olhos fechados.

— Não vou contestar isso, mas depois de passar a noite em claro não me apetece refletir sobre a vida e suas profundidades. Queres leite no café?

— Sim, por favor.

Ela senta-se na cama com a chávena quente nas mãos e permanecemos os dois em silêncio: a Grace a contemplar o dia que abre caminho através da janela e eu a olhar para ela. Enquanto o faço, não paro de pensar nos buracos que escavei no caminho para que não existisse um «nós» e também em todos os que esquivei. Não acredito que seja a pessoa ideal para alguém que está a organizar a sua vida e que tem o mundo aos seus pés, à sua espera. Sei o que a sua irmã desejava, o potencial que via nela e que agora também reconheço, e pergunto-me se não acabarei por ser um estorvo.

— Já estão quase a acabar as casas — digo-lhe.

— Seria bonito que o final do jogo coincidisse com o final do verão — comenta a Grace, e abraça os joelhos. — Ainda há tempo.

— Sim. De quem era a morada para onde te levei?

— Ah, isso. — Ela lambe os lábios, pensativa, e depois sorri. — Uma amiga. Uma amiga verdadeira. Chama-se Olivia, conhecemo-nos desde pequenas, mas tivemos um desentendimento… Lembras-te do que aconteceu com o Sebastien?

— Sim.

— Pois estava relacionado.

— Nem sei se quero saber.

— Provavelmente, não.

Termino o café, lavo a chávena e seco-a com um pano antes de a guardar. Sinto os olhos da Grace cravados em mim e, depois, as suas mãos rodeiam-me a cintura.

— Gosto disso em ti — diz ela.

— O quê?

— Seres tão metódico, tão minucioso. Eu nunca limpei uma chávena depois de acabar de beber. Penso sempre que posso fazer isso «depois», tudo para depois.

— E o que é que pensas quando chega esse «depois»?

— Quem me dera tê-lo feito antes.

Ela ri-se e eu sinto um formigueiro no peito que só pode ser felicidade. A maneira como se descontrai quando permite que uma gargalhada lhe suba pela garganta é perfeita e soa como um instrumento musical que se agita fora de controlo. Devia fazê-lo sem parar. Eu também acabo por me rir quando ela trepa para se pendurar nas minhas ancas e damos um beijo que sabe ao café do pequeno-almoço. Caímos na cama. A Grace acaricia-me a linha da mandíbula, sobe pelo queixo, desce pelo queixo… Andou a noite toda a analisar cada centímetro do meu corpo como se estivesse numa aula de Anatomia.

— Quero contar-te uma coisa — sussurra, e eu olho para ela e aguardo. — Quando regressei a casa na outra noite depois da feira, estava… confusa.

— Confusa. — A palavra surpreende-me porque, por esta altura, sei que a Grace costuma ser bastante precisa no que toca a escolher cada uma delas.

— Sim. Talvez tenha sido porque acabava de fazer vinte e três anos e nas datas importantes é fácil cair no disparate de fazer um balanço da vida ou porque o dia foi um cúmulo de emoções depois de ficar a saber tudo sobre ti…

— Ou por causa dos meus beijos — gracejo.

A Grace semicerra os olhos e ri-se.

— Continuas a ser arrogante.

— Essa doeu — brinco.

— A questão, Will, é que, sim, estava confusa. Por isso, quando cheguei a casa, peguei em papel e caneta e comecei a escrever uma carta de candidatura para entrar na universidade.

— O que é que disseste?

— É uma loucura, não é? Além disso, a carta não fazia sentido. Sempre ouvi dizer que é algo em que tens de aproveitar para expor os teus dotes, mas no meu caso fui sincera, disse a verdade: que me sinto perdida na maior parte do tempo e que nem sequer o facto de ter consciência de que estou a morrer, de que todos o fazemos com o passar do tempo, é capaz de fazer com que me levante e decida fazer algo útil ou

interessante com a minha vida. E escrevi sobre a minha irmã. Contei que tinha nascido para a salvar, mas que agora ela já não estava entre nós e eu… às vezes sinto que, em qualquer momento, me vou diluir no vazio até desaparecer.

Demasiada informação. Quando a Grace fala do coração, quando cospe as palavras uma atrás da outra com aquela sinceridade avassaladora, sinto sempre que me ultrapassa e preocupa-me não estar à altura.

— Não vais diluir-te. Acredita em mim. Tenho-te aqui mesmo entre as minhas mãos e és a pessoa mais sólida que conheço. Quanto à outra questão… — Afasto-lhe o cabelo da cara porque a quero ver melhor. — Acho que é a prova de que alguma coisa começou a mudar em ti.

— Eu sei.

— Boa.

— Mas…

— Diz.

— É a pior carta de candidatura alguma vez escrita.

— De certeza que não é. Para que era?

— História da Arte.

— Devia ter adivinhado.

— Porquê?

— Já falaste sobre isso antes; mas, além disso, é a tua cara estudar algo do passado que perdura na atualidade. Não olhes assim para mim, é mais um conceito, percebes? Como as pessoas que dedicam a sua vida a aprender latim ou grego; há pessoas que não compreendem porque o consideram pouco proveitoso. E a arte é um bocado assim, algo estático, algo que outro ser humano conseguiu criar há centenas de anos e que ainda hoje, tanto tempo depois, achamos…

— Belo — conclui ela.

— Sim. É uma forma de o conservar.

— De qualquer maneira… — Ela traça espirais no meu braço. — Não interessa, porque é óbvio que ninguém no seu perfeito juízo me aceitaria com base naquela carta e não tenho mais nada. A minha média do secundário não é assim tão boa.

Engulo em seco e depois tomo fôlego.

— Onde é a universidade?

— Em São Francisco.

— E porquê lá?

— Não sei. Talvez por ter um clima mais agradável ou porque foi a cidade para a qual ia viajar com a minha família antes de cancelarem os planos. Não pensei muito nisso.

Quando me beija, acredito que ambos temos consciência de que essa cidade, São Francisco, acaba de se transformar num parêntese, não pela distância que nos separaria se ela se fosse embora, mas devido ao facto de a Grace estar a começar a traçar o seu caminho, embora dê dois passos em frente e um atrás, mas eu… estou muito mais atrás.

40

Grace

A razão por que estou agora mesmo com o meu pai num supermercado tem que ver com o que aconteceu há quatro dias, quando apareci em casa pela manhã e encontrei os meus pais na cozinha à minha espera. A minha mãe tinha uma chávena fumegante de café nas mãos e era visível a preocupação no seu semblante quando me perguntou:

— Pode-se saber onde passaste a noite?

— Humm, por aí? — Não estou habituada a dar explicações, tão-pouco tenho idade para o fazer, mas suponho que é uma das consequências de ainda viver em casa dos pais. — Fui ver o Will.

— E sais assim a meio da noite…

— Sim. Foi uma emergência — justifiquei.

A mãe não se mostrou propriamente satisfeita. Dirigiu-me um longo olhar que me fez pensar que, apesar de tudo, dessa distância que às vezes existiu entre nós, as mães têm o superpoder de intuir coisas que o resto das pessoas ignoram.

Depois, virou a cabeça para o meu pai.

— O que é que tu achas, Jacob?

Ele soltou um suspiro e tirou o leite do frigorífico.

— Acho que se calhar o devias convidar para jantar.

— O Will? — perguntei, ainda perplexa.

— Por acaso há mais alguém? — A mãe levantou uma sobrancelha.

— Não.

— Então, sim, referíamo-nos ao Will.

— Andas com esse rapaz? — interveio o pai.

— Suponho que sim — lá consegui dizer.

— Supões ou sabes? — insistiu ela.

— Sei. — Revirei os olhos.

— Gostávamos de o conhecer, não é, Rosie?

— Isso mesmo — concluiu a minha mãe.

Ainda não sei se aceitei porque estava demasiado desconcertada e me apanharam

desprevenida ou porque é a primeira vez que os meus pais se preocupam comigo daquela maneira tão típica e, no fundo, talvez até goste disso, talvez tenha desejado durante anos que me impusessem limites e recolher obrigatório; talvez encontrar os meus pais a tomar o pequeno-almoço juntos na cozinha como num casamento comum e corrente seja tudo o que necessite para sentir que ainda há esperança e que, apesar de tudo, a vida segue em frente.

— Então, queres fazer o teu molho especial para te exibires — digo ao pai conforme o sigo por um dos corredores do supermercado. — Acho que o Will vai gostar.

— Ele tem alguma preferência?

— Adora queijo — lembro-me.

— Está bem, então vamos comprar algum.

Deixamos para trás o corredor dos molhos e dirigimo-nos ao dos lacticínios. Enquanto empurro o carrinho entre as prateleiras de comida, decido desviar-me por um momento.

— Vou buscar cereais, já venho ter contigo à zona do queijo — digo.

O meu pai anui e adianta-se. Há mais de trinta tipos de cereais e não me pergunto como é possível que o homem tenha chegado à Lua ou inventado a televisão, mas sim como raio conseguimos ser tão criativos no que toca a algo tão básico como os cereais. No fundo, agradeço. Meto no carrinho duas caixas, uma de estrelitas de milho banhadas em chocolate e outra de arroz tufado. Depois, retomo o meu caminho.

Avisto o pai ao fundo do corredor dos lacticínios. Está a falar com uma mulher mais jovem do que ele, que deverá ter à volta de trinta e poucos anos. A expressão dele é cautelosa, mas olha para ela nos olhos daquela maneira que as vizinhas costumavam comentar há muito tempo.

— Olá — digo ao alcançá-los.

— Ah, Grace. — O pai dá um passo atrás. — Já foste buscar os cereais? Ótimo. Aqui está o queijo. É melhor não nos demorarmos demasiado.

Há algo frágil no semblante dela quando olha para ele.

— Chamo-me Allison — diz a mulher. — Trabalho com o teu pai.

— Prazer em conhecê-la. E, sim, tenho os cereais.

— Perfeito. Vemo-nos no escritório — despede-se ele.

O meu pai coloca um braço por cima dos meus ombros e convida-me a continuar a caminhar pelo corredor. Procuramos mais algumas coisas que nos faltam antes de nos dirigirmos à caixa, pagar e guardar as compras no porta-bagagens do carro. A seguir, quando entramos e ele arranca, apercebo-me de que já estamos há um bom bocado

sem falar.

— Essa tal Allison parecia simpática.

— Sim, é. — Ele liga o pisca e o *taque, taque, taque* ouve-se no interior do veículo de uma forma esquisita, embora saiba que é o mesmo som de sempre.

— Acho que nunca tinhas falado nela.

— Começou há pouco tempo — comenta.

— Há um mês, dois…? — insisto e, por esta altura, acho que ambos sabemos que a conversa não é completamente trivial.

— Um ano e meio. O que é que se passa?

Sim, isso, o que é que se passa? Não sei. Sacudo a cabeça e já não digo mais nada até chegarmos a casa. Hoje é um dia especial, não quero estragá-lo com as minhas fantasias. A ideia de o Will vir jantar connosco esta noite deixa-me nervosa. Nunca convidei nenhum rapaz para vir cá a casa nem era algo de que sentisse falta, mas com ele… Quero que o conheçam e que gostem dele tanto quanto eu, que lhes pareça igualmente interessante.

Não protesto quando o pai assegura que ele se ocupará de arrumar as compras e subo as escadas. Bato à porta do quarto principal porque me quero certificar de que a minha mãe se lembra de que esta tarde temos de ir à terapia de grupo, razão pela qual o pai se encarregará dos preparativos para o jantar.

— Estou acordada, entra! — responde.

Já não se enfia na cama em pleno dia há umas semanas. Dou com ela sentada diante do toucador a olhar-se ao espelho. Está estranhamente séria.

— O que é que estás a fazer, mãe?

— Nada, estava só a olhar para mim… Há muito tempo que não o fazia.

Sento-me no cadeirão de estampado florido que se encontra no canto ao lado. Observo-a. Tem um vestido solto e cinzento-pérola que não usava há anos, o seu rosto está um pouco envelhecido pela idade e pela dor; não sei o que terá tido maior influência nos sulcos da sua pele. E o cabelo cai solto e sem forma pelas suas costas.

— É bom olharmo-nos de vez em quando — digo-lhe.

— Suponho que sim. Estou diferente, não achas?

«Diferente de quando?» era o que gostaria de lhe perguntar, mas provavelmente a resposta será algo que nenhuma de nós quer ouvir, como «Diferente de quando conheci o teu pai», «Diferente de quando era a melhor da empresa» ou «Diferente de quando a Lucy ainda estava viva».

— Estás muito gira.

— Não tenho a certeza…

— Estás. — Sorrio e levanto-me. — Embora não te fizesse mal nenhum um corte

de cabelo para te livrares das pontas secas. Eu posso fazê-lo, se quiseres. Até tenho jeito para isso.

Não é mentira. Já retoquei a franja várias vezes e, certa vez, a Olivia deixou-me mexer no cabelo dela, não sei muito bem porquê, na verdade. Até a Lucy aceitou passar uma vez pelas minhas mãos e isso é dizer muito, tendo em conta que era demasiado vaidosa para se arriscar com algo do género.

— Calhava bem. Amanhã tenho uma reunião.

— E essa reunião é sobre o quê?

— O projeto da Anne. Ela convenceu-me. É interessante. As casas são perfeitas, não muito grandes, de boa qualidade… só precisam de alguns ajustes. Um dia, gostaria de te levar lá para as ires ver.

— Adorava. Então, vou buscar uma tesoura?

— Agora?

— Sim! Porque não?

Ela deixa-se contagiar pelo meu entusiasmo e colocamos um banco alto em frente do lavatório da casa de banho. Humedeço-lhe o cabelo com um difusor e desembaraço-o. Depois, não penso muito antes de começar a dar tesouradas aqui e acolá. Surpreende-me que a minha mãe confie nas minhas habilidades sem ter garantias, mas mostra-se serena enquanto as madeixas vão cobrindo o chão da casa de banho; por vezes, até fecha os olhos e não consigo evitar perguntar-me em que estará a pensar.

Corto-lhe um pouco mais, escadeando à frente, e são precisas várias tentativas para igualar os dois lados. Quando termino, as pontas do cabelo mal tocam nos ombros e os fios prateados ficam-lhe bem; a mudança dá-lhe uma sensação de ligeireza.

Continuo atrás dela enquanto olhamos para nós durante uns segundos através do espelho. Demorei muitos anos a entender a minha mãe. É fácil deixar-me levar pelo primeiro impulso, pensar que sempre gostou mais da minha irmã do que de mim, porque o facto de ela e a Lucy serem mais unidas era algo tão óbvio que me doía como se me espremessem os pulmões. Mas, no fundo, compreendo-a. Consigo perceber que nos amava de maneiras diferentes. E admiro-a por ter sido capaz de escolher entre a sua carreira profissional e cuidar dos seus, por dar tanto aos outros que até se esqueceu de dar a si mesma e por enfrentar a situação mais dura que existe: perder uma filha.

Ela pega-me na mão que tenho apoiada no seu ombro e sorri. É um sorriso muito triste e está cheio de palavras não ditas, mas transmite esperança.

— Estás maravilhosa — digo-lhe.

— Muito obrigada, Grace.

Mais tarde, quando chegamos à terapia de grupo, todos lhe garantem que o corte a favorece e ela parece mais do que satisfeita em receber os elogios. Comemos rosquilhas com um toque de laranja que a Jane trouxe e tomamos café acabado de fazer até a Faith começar a sessão. O Adrien diz algo que nos surpreende a todos:

— Conheci alguém.

Há um silêncio prolongado.

— Uau, isso é maravilhoso. — A Faith dirige-lhe um dos seus olhares amabilíssimos, mas isso só faz com que o Adrien se afunde mais na sua cadeira.

— Não posso sair com ela. Sinto-me…

— Péssimo — intervém a Matilda, a mulher que ficou viúva e tem um filho pequeno. — Só de imaginá-lo faz-me sentir culpada.

— Queres contar-nos os pormenores? — pergunta a Faith.

— Aconteceu no parque de estacionamento do centro comercial. Uma senhora tinha perdido o seu título de estacionamento e vi que estava à procura dele, por isso dei-lhe uma mãozinha. Percorremos o parque juntos para nos certificarmos de que não o tinha deixado cair no chão e, entretanto, falámos. Depois, antes de nos despedirmos, a Rita deu-me o seu número e assegurou-me de que adoraria sair um dia para tomar alguma coisa.

— E? — Olho para ele com impaciência.

O Adrien vira-se para mim de testa enrugada.

— E nada. Não posso telefonar-lhe. Não posso.

— Não podes, mas queres? Ou não podes porque a ideia te horroriza? — insisto.

— Grace, deixa o Adrien explicar-se.

Aguardo em silêncio, mas o que quero mesmo é dizer-lhe que salte para o vazio sem pensar, que ligue a essa tal Rita e a convide para comer tacos nalgum restaurante mexicano e que a leve a dançar, porque a vida são dois dias, ou melhor, meio dia! Mas, por experiência própria, sei que, embora pareça fácil visto de fora, não é tão simples.

— Gostava de sair com ela, foi agradável poder passar um bocado divertido com uma mulher, mas não o posso fazer. Sinto que estou a trair a minha Kate.

— Percebo-te. — A Matilda assente com a cabeça.

— Eu continuo de luto pelo meu marido desde que faleceu e já passaram mais de trinta anos — intervém a Jane com a voz tremida. — E permites-me dizer-te uma coisa, querido? — Ela vira-se para o Adrien, que está sentado ao seu lado.

— Sim, claro.

— Devias telefonar-lhe.

— Mas acabas de dizer que…

— Precisamente por isso. Sei do que estou a falar. A vida… A vida pode tornar-se muito longa se não tiveres amigos e amores com quem a partilhar.

Dá-me vontade de me levantar e abraçar aquela mulher, mas não o faço, porque a próxima pessoa do grupo a falar é a minha mãe.

— A Jane tem razão, embora seja compreensível o teu medo — acrescenta com prudência. — Eu também me senti assim de vez em quando, apesar de a minha situação ser bastante diferente. Às vezes a ideia de fazer alguma coisa com a Grace, de partilhar um momento com a filha que me resta, torna-se mais difícil do que deveria ser, porque me faz pensar em como nunca poderei fazer o mesmo com a Lucy…

Não digo nada enquanto o resto do grupo continua a falar sobre a culpa e a traição. Nunca me tinha passado pela cabeça que a minha mãe se sentiria assim em relação a nós, à Lucy e a mim, e reconforta-me que o tenha querido partilhar comigo.

Regressamos a casa ao terminar a sessão. A minha mãe repara que estou nervosa devido ao iminente jantar com o Will e isso parece diverti-la, já que a vejo sorrir um pouco antes de dizer:

— Com que então, gostas mesmo desse rapaz.

— Sim. Um pouco. Muito. Imenso.

— Estou a ver que tens as ideias claras.

— Nunca tive dúvidas no que se refere ao coração. — Digo-o sem pensar porque é a verdade. Não me lembro de ter confundido o sexo sem compromisso com algo mais, ou de ter imaginado o que não existia ao envolver-me com alguém, nem sequer de ter sentido por alguém o mesmo que sinto pelo Will. Sempre tive as coisas claras porque não acredito na tibieza das emoções.

— E como é que ele é?

— Vais conhecê-lo em menos de uma hora…

— Sim. Mas quero saber como é que tu o vês.

— Bem… é inteligente.

— Isso é bom.

— E divertido. Faz-me rir.

— O que não é nada fácil.

— Certo. — Viro o volante. Apeteceu-me conduzir de regresso a casa. O céu possui um suave tom rosado com toques alaranjados. — E, mesmo que soe frívolo, é muito atraente. Além disso, é capaz de seguir o meu ritmo numa conversa, tem respostas para tudo e não me sinto a falar sozinha como me acontece com a maioria das pessoas.

— Só por isso já tem a minha admiração — brinca ela.

— Que engraçada. — Mas não consigo evitar sorrir.

— Gosto de te ver apaixonada, Grace. Toda a gente devia apaixonar-se pelo menos uma vez na vida — acrescenta, e eu pergunto-me se estará a pensar na Lucy e nas coisas que ela não viveu nem viverá. — Fazes-me lembrar um pouco a mim…

— Quando conheceste o pai?

— Hum, sim. Mas também antes.

— Antes? — Desvio o olhar.

— O teu pai não foi o primeiro homem por quem me apaixonei. Andei um ano e meio com outro rapaz, um inglês que conheci na universidade. Foi muito intenso.

— Também não é preciso entrares em pormenores.

— O que te estou a tentar dizer, Grace, é que até os amores que são fugazes, aqueles que duram meses ou anos, valem a pena ser vividos apaixonadamente. Às vezes, parece que só se valorizam os «para sempre», mas, na minha opinião, isso é uma estupidez.

Sei que tem razão, mas limito-me a continuar a conduzir.

Nunca gostei dos finais. Quando termino um livro, noto sempre um formigueiro na ponta dos dedos porque desejo continuar a passar páginas que não existem. Pergunto-me o que acontecerá depois, o que será daquelas personagens, e parece-me injusto testemunhar apenas um mero troço das suas vidas. Nos filmes, não me mexo ao aparecerem as linhas dos créditos e, por vezes, rebobino uma e outra vez para desfrutar daquela última cena e penso: *Quem me dera poder fazê-lo na vida real.* E, quando gosto muito de uma canção, ouço-a tantas vezes que acabo por me fartar dela, mas até nessa altura me agarro a ela. Não, não gosto de finais.

Deixo o carro em frente da garagem sem o meter lá dentro porque chegámos um pouco tarde e não quero perder tempo. A casa cheira a carne acabada de cozinhar e a mel e a ervas aromáticas. Encontramos o pai diante do fogão da cozinha.

— Olá. Cheira tudo tão bem — digo-lhe.

Ele olha por cima do ombro e sorri.

— Saltitona, tens uma surpresa na sala. Ou duas, aliás. Vai lá ver.

Giro nos calcanhares e dirijo-me para onde me indicou. Ouço as vozes antes de abrir a porta e encontrar o Will sentado no sofá ao pé de um homem de faces enrugadas, olhos de um cinzento que me faz lembrar o aço e cabelo de neve.

— Avô! — E lanço-me a ele.

41

Will

Basta ser testemunha deste abraço para perceber que o laço que une a Grace e o Henry vai muito além do sangue. Ela fecha os olhos ao abraçar o seu corpo porque se sente segura e respira fundo em busca do odor familiar. Ele ri-se e dá-lhe umas palmadinhas nas costas com aparente desconforto, mas na realidade está emocionado.

— O que é que estás aqui a fazer?

— Já estava na hora de regressar e parece que o fiz no momento perfeito, embora ninguém me tenha enviado um convite para jantar — disse, brincalhão, e logo apontou para a mala pousada à entrada. — Vim direto do aeroporto.

— Já conheces o Will, pelos vistos.

— Sim. Já o interroguei — graceja ele.

— Só me ameaçou com um *taser*, nada de grave — intervenho, apertando os lábios para evitar desatar-me a rir. — Ainda tenho todos os membros.

— Por agora — acrescenta o avô.

— Avô!

Lanço à Grace um olhar tranquilizador porque, na verdade, a conversa foi precisamente o contrário: reconfortante. Falámos sobre a sua viagem à Florida, do seu trabalho na oficina, da caixa que construiu para o jogo da Lucy e dos dias que passei junto dela naquela sala de café do hospital.

Mas esta calma desvanece-se assim que a senhora Peterson entra na sala. Primeiro, cumprimenta o pai e, depois, os seus olhos cravam-se em mim. No instante em que o faz, sei que me reconhece. Franze o sobrolho, visivelmente confusa.

— Tu és o Will?

— Sim — respondo.

— Já nos vimos antes.

— Eu sei.

A senhora Peterson olha para a sua filha.

— O que é que se está a passar aqui?

O avô Henry deixa escapar um suspiro e olha para a neta com uma expressão dúbia,

mas serena, talvez por saber que chegou o momento e que já não há volta a dar.

— Ainda não lhe contaste, Grace?

— Não — responde ela, baixinho.

— O que é que tens de me contar?

Não é preciso mais nada para eu e o Henry sairmos da sala e as deixarmos a sós. Vamos para a cozinha e o Jacob dirige-nos um olhar interrogativo após desligar o forno.

— Passa-se alguma coisa? — pergunta.

— A Rosie está prestes a descobrir que «O Mapa dos Desejos» existe — murmura o Henry. — E eu preciso de um copo de vinho para aguentar melhor esta chegada triunfal.

— Ia mesmo abrir uma garrafa agora — disse o Jacob. Depois desarrolha-a, serve dois copos e olha para mim. — Preferes bebê-lo num copo de pé alto?

— Não, obrigado. Bebo água.

— Bom rapaz — diz o Henry.

A inquietação reina na cozinha. Imagino que o Jacob e o avô Henry temam que a Rosie não reaja bem à existência do jogo, embora a Grace tenha comentado várias vezes que a sua mãe parece mais serena. Eu sinto-me um pouco deslocado. Há muito tempo que não assisto a uma reunião familiar, nem sequer quando se trata da minha própria família. No último ano, decidi passar o Natal aqui e, quando os meus pais desistiram e pararam de insistir, foram para o Canadá para celebrar as festividades com os meus tios e o resto da família. Mas, quando a Grace me convidou, e mesmo tendo de pedir ao Paul para me dar a noite de folga, não pude recusar. No entanto, não tenho a certeza do que os Petersons esperarão de mim e a ideia de ter de estar à altura das expectativas paralisa-me um pouco, pois faz-me lembrar aquela versão de mim mesmo que estou a tentar deixar para trás.

— A Grace contou-me que estudaste Direito — diz o Jacob, imagino que para quebrar o silêncio desconfortável e arranjar algum tema de conversa.

— Sim. — Bebo a água.

— Mas não exerces.

— Não.

O Jacob inspeciona a carne para se certificar de que está no ponto perfeito de cozedura e depois limpa as mãos ao avental que tem vestido.

— Já pensaste em fazê-lo? Porque se tiveres algumas noções de Direito imobiliário, acho que na empresa andavam à procura de pessoal…

— Ainda não sei bem o que vou fazer.

— Ah, compreendo. Estás num daqueles anos sabáticos? Eu tive um quando

terminei a universidade. Mas que época. Foi fantástico, não me arrependo.

O Jacob começa a triturar umas amêndoas e o Henry olha para mim depois de dar um gole no seu copo de vinho. Acho que o avô da Grace é capaz de perceber que não, não estamos a falar exatamente da mesma coisa, mas não corrijo o pai dela. Também não me parece muito promissor admitir diante deles que não faço a mínima ideia do que vou fazer com a minha vida e que sinto um nó na garganta só de pensar que terei de seguir uma direção em algum momento, porque me aterroriza voltar a errar.

Esperamos mais quinze minutos a falar de trivialidades. Na realidade, o Jacob empenha-se em quebrar o silêncio, mas o Henry, pelo contrário, não parece absolutamente nada incomodado. Está ali, tranquilo e pensativo, com o copo de vinho na mão quando a Grace aparece na cozinha com os olhos brilhantes e o rosto pálido.

— Como é que correu? — pergunto.

— Bem, muito bem. Já está sentada à mesa à espera de que o jantar seja servido.

A Grace esquiva-se do avô e pega num molho de guardanapos e nos talheres. Eu avanço para a ajudar e tratar dos copos e dos pratos. Não sei porque é que parece tão afetada se é suposto ter corrido tudo bem, coisa que confirmo assim que entro na sala de jantar e vejo a senhora Peterson. Não há sinais de fragilidade no seu rosto.

Quando nos sentamos, ela olha para mim fixamente.

— Obrigada pelos momentos que passaste com a Lucy no hospital. Pelo pouco que a minha filha me contava sobre aquele rapaz com quem jogava, sei que eras importante para ela. Valorizava muito a tua amizade.

— Eu também valorizava a sua — garanto-lhe.

— Bem. Pois brindemos todos. — Ela ergue o copo que o Jacob acaba de encher e sorri, olhando para nós. — À Lucy. Brindemos a ela.

O suave tilintar preenche a sala antes de começarmos a jantar. A comida está deliciosa, ou então sabe-me assim tão bem porque não comia um prato quente e elaborado há muito tempo, com a carne tão suave que se desfaz na boca e o molho e o acompanhamento perfeitos. Mas, enquanto os pratos se vão esvaziando, enquanto a Rosie tenta arrancar palavras ao seu pai sobre a viagem e enquanto o Jacob torna a encher o copo de vinho com demasiada frequência, a atitude da Grace inquieta-me, pois permanece calada.

— Então, não pensas contar-nos mais nada sobre a tua estadia na Florida? Vais ser tão conciso como nas chamadas telefónicas?

— Humm. — O Henry mastiga e engole. — As melgas eram uma chatice.

— E isso é tudo? — A filha dele arqueia as sobrancelhas. — Espero que o ponham nos programas turísticos da Florida. «Algo a destacar: as melgas.»

— Rosie, o que é que queres saber? Só me levantava, ia pescar, comia, passeava e dormia. Umas férias a sério, daquelas que as pessoas tinham antigamente, quando não era preciso ver nem provar tudo o que se possa imaginar no menor espaço de tempo possível.

— Soa repousante — opina o Jacob.

E a Grace não participa na conversa, algo raro nela. Fito-a. Está a remexer as verduras assadas no seu prato, mas quando repara que a estou a observar sorri-me e espeta uma cenoura com o garfo.

Ao contrário do que esperava, afinal o jantar foi bastante agradável. O Jacob esforça-se por me deixar à vontade, apesar de isso o levar a fazer demasiadas perguntas, e a Rosie é muito amável. Os silêncios do avô Henry, longe de me incomodarem, são de agradecer. Conto-lhes que nasci ali e que depois a minha família se mudou para Lincoln, mas não se lembram de ter conhecido nenhuns Tuckers com uma quinta nos subúrbios. Tornam a perguntar-me sobre os meus estudos e eu salvo a situação sem entrar em demasiados detalhes. Quando termino de comer a sobremesa, sinto que a tensão do acontecimento dá lugar ao cansaço. A isso e a uma nostalgia inesperada, porque estar ali com aquela família faz-me lembrar da minha, das vezes em que a mãe preparava uma quantidade desmesurada de comida e nos reuníamos à mesa para pôr a conversa em dia. Recordo os olhares orgulhosos dos meus pais quando lhes contava o que andava a fazer e os planos que tinha, uns olhares que se foram espaçando cada vez mais, mesmo antes do acidente, conforme começaram a intuir que o filho que acreditavam conhecer não existia.

O final do serão é marcado pelo Henry, quando se despede para ir para casa descansar. Então, os pais da Grace asseguram que se ocuparão de recolher os restos do jantar e eu inclino-me e digo-lhe ao ouvido que adoraria ver o seu quarto, porque é verdade, quero saber como é esse recanto tão seu, mas também dispor de alguma intimidade.

Subo as escadas atrás dela.

Ela fecha a porta atrás de mim quando entramos. Ali está, um lugar bastante parecido com o que tinha imaginado. A cama com uma colcha de um tom claro de lilás, o candeeiro com uma base de madeira que parece feito por mãos de artesão, provavelmente as do seu avô, a secretária caótica cheia de bugigangas, livros empilhados aqui e acolá, roupa em cima da cadeira e, mais adiante, uma parede a abarrotar de pequenos papéis, postais com fotografias e obras de arte, um canto repleto de beleza e enigmas no qual se destaca um papel que tem escrito «-PORQUÊ?» em letras maiúsculas. Tenho a sensação de que cada peça é uma paragem no caminho para chegar à alma da Grace. Respiro fundo e desvio o olhar

para a sua mesa de cabeceira. Vejo o postal com a obra de Klimt, aquele beijo que dorme em Viena, e também, junto a alguns anéis e rebuçados de mentol, o livro que está a ler.

Pego nele e ergo-o na direção dela.

— *Expiação* — digo.

— Devias lê-lo, Will.

— Isso é uma indireta?

Vejo-a sorrir devagarinho.

— Quem sabe?

— Só para que saibas, já o fiz. — Pouso-o no seu sítio. — Não foi mau, mas pareceu-me um bocado pretensioso e aborrecido.

— Não! Como é que podes pensar isso? É um dos meus romances preferidos. É a segunda vez que o leio, por acaso. Há algo profundamente vulnerável entre as suas páginas.

— Se tu o dizes…

A Grace deixa-me observar o seu mundo à vontade, sem restrições. Concentro-me em cada pormenor insignificante como só pode acontecer quando estamos tão deslumbrados por uma pessoa que tudo o que a rodeia nos parece transcendental.

— Foi estranho, sabes? Convidar-te para jantar. É a primeira vez que acontece. Também é a primeira vez que um rapaz sobe para vir ao meu quarto.

— Estás a falar a sério? — Aproximo-me dela.

— Porque é que te surpreende tanto?

— Tens um lado rebelde. Imaginava que tinhas sido daquelas que na adolescência acabavam por obrigar algum rapaz a sair pela janela do quarto e a saltar do telhado.

— É mais provável que isso te acontecesse a ti.

— Culpado. — Sorrio e afago-lhe a face.

— Embora admita que estive do outro lado.

— A saltar por uma janela?

— Sim. Em cuecas. Nada que queiras saber.

— Oh, acredita em mim, quero muito saber.

— Mas vai ficar para outro dia. A questão, Will, é que este é o meu reino. E custa-me deixar entrar qualquer um no meu território, já te disse.

— Mas eu não sou qualquer um.

— Exato. Por isso, não estragues nada.

— Não o farei. Até ando em bicos dos pés se for preciso.

A Grace curva os lábios lentamente e eu roubo-lhe o sorriso com um beijo lento e suave que não consegue apagar o que quer que seja que a está a inquietar esta noite.

— Vais contar-me o que é que se passa contigo?

— É que não sei… — Ela afasta-se e suspira enquanto abre a janela. — Às vezes nem sequer me entendo a mim mesma, por isso como é que tu poderias entender?

— Deixa-me tentar.

Ela coloca um pé no parapeito da janela e fita-me por cima do ombro. Apesar da escuridão da noite, o ar que penetra no quarto é quente.

— Vens comigo?

— Claro.

Sigo-a. Segui-la-ia para onde quer que fosse. Há um espaço entre a janela e as telhas que se inclinam para baixo. Sentamo-nos muito juntinhos porque o espaço é tão reduzido que não sobra nem um centímetro. Pego-lhe na mão direita e acaricio-lhe os dedos com vagar, examino as suas unhas retas e curtas, o anel com uma pedrinha roxa que tem no dedo anelar e a forma do osso do seu pulso. Nunca tinha sentido a necessidade de estudar alguém assim. Acho que o fazemos mutuamente. Qualquer um pensaria que somos os primeiros seres humanos recém-chegados à Terra e que estamos a reconhecer-nos como iguais.

— Algum problema com a tua mãe?

— Não, nada disso. Aceitou tudo muito bem. Disse: «A minha Lucy, sempre a brilhar até ao fim» e abraçou-me. Nem sequer perguntou se lhe tinha deixado uma carta como o meu pai fez.

— Então, o que foi?

— Quando estava a falar com ela, disse-lhe que só faltavam duas casas…

— Ah. — Inspiro profundamente.

— Não quero que acabe.

— Eu sei, Grace.

— Quando terminar…

— Ela já não estará por cá. Não dessa maneira, pelo menos. Mas sim de outras.

— A Lucy tinha razão, preciso dela. O que é que vou fazer sem ela?

— Eu acho que ela te abriu o caminho.

— Sim.

— E que vais saber continuar a andar…

— É possível. Mas adorava que «O Mapa dos Desejos» durasse para sempre, até ao fim dos meus dias, que nunca acabasse e que a vida fosse um jogo. Já alguma vez te disse que não gosto nada dos finais?

— Acho que não.

— Pois odeio-os, mas só quando gosto muito de alguma coisa, mesmo muito. E, quando não é assim, acontece-me o contrário, quase nem me lembro do que quer que

tenha passado pela minha vida. Tens à tua frente o ser humano mais contraditório do mundo.

— Vem cá. — Abraço-a e colo a minha bochecha à dela antes de suspirar. — Vai correr bem, Grace. Sei que sim.

Tenho a certeza absoluta disso e não deixa de ser irónico poder dar-lhe conselhos que não aplico, acreditar piamente neles e ver o seu futuro tão claramente.

Afinal, quem não é contraditório?

42

Grace

— Vai buscar um fato de banho, uma toalha e depois compramos alguma coisa para comer pelo caminho. — Foram essas as palavras exatas do Will quando apareceu de surpresa no sábado de manhã à porta de minha casa.

— A caminho de onde? — perguntei.

— Isso não é importante. Anda, vamos.

E, após mais de duas horas de viagem, agora estamos diante de um rio de água cristalina sob o resplandecente céu azul e rodeados de natureza.

— Tu primeiro — repito.

— A ideia não me convence.

— Tu é que escolheste o sítio. É justo.

O Will solta um suspiro resignado. Ao que parece, a água está gelada, sei disso porque metemos os pés lá dentro e, em vez de entrar, ambos demos um passo atrás. E aí continuamos, a ter a conversa mais estúpida sobre quem deveria atirar-se em primeiro lugar.

— Está bem — acede ele.

— Adoro quando és razoável.

— Mas…

— Sim?

— Odeio sentir-me sozinho.

— Mas que raio…? — E não termino a frase, porque ele me apanha e carrega-me sobre o ombro esquerdo. — Will! WILL! Não!

Mas é demasiado tarde. Ele salta. E voamos, quase parece que ficamos suspensos no ar durante uns segundos, e a seguir caímos. O frio deixa-me sem fôlego. É agudo e intenso. Agarro-me ao corpo dele quando regressamos à tona da água gélida. Quero bater-lhe e beijá-lo, tudo ao mesmo tempo. Quando lhe digo isto, o Will tosse enquanto tenta, em vão, não se rir. Solto-o e dou algumas braçadas contra a corrente.

— Qual é o teu objetivo?

— Aquecer — respondo.

Ele sorri e segue-me.

— Consigo pensar em maneiras mais divertidas de aquecer.

Viro-me para ele com os braços esticados e a água a correr em meu redor, seguindo a trajetória do rio, sempre para baixo. Ao contrário de nós e do resto do mundo, tem uma direção fixa. Mordo o lábio e sorrio.

— Falas muito, Will, mas…

Ele alcança-me por trás e abraça-me contra o seu peito. Beija-me o ombro direito e sobe até à nuca, detendo-se precisamente na minha orelha.

— Ias dizer que falo muito e demonstro pouco?

— Talvez. — Tenho os olhos fechados.

— E continuas a pensar isso?

Ele move as ancas e sinto a sua excitação contra o meu rabo. O calor irrompe com força, pois há algo nele, na sua maneira de se mexer, na voz profunda, na forma como me toca, que me faz derreter. A imagem da manteiga a derreter numa frigideira acorre-me à mente e lembro-me de lhe dizer que gostava disso na noite em que nos encontrámos à hora de encerramento do bar. Sinto-me exatamente assim. Ele é a frigideira, aquela que sempre soube que queimava. E eu sou a manteiga inconsciente.

— Só um bocadinho — digo, só para o chatear.

— A sério? — A sua mão enfia-se na parte de baixo do biquíni e alcança com facilidade o lugar preciso e exato que faz com que as pernas me tremam. — E agora? — Ele continua, pressionando-se mais contra as minhas costas.

— Humm, bem…

Ele para de repente. Os seus dedos permanecem dentro do biquíni, mas ele não os mexe. Roça-me o lobo da orelha com os dentes. Quero matá-lo lentamente.

— Medita sobre isso, Grace — murmura.

— És um idiota. — Tenho um nó no estômago, de antecipação, de desejo e de emoção contida. — Um idiota que fala tão bem como demonstra as coisas.

— Assim está muito melhor.

Beija-me o pescoço enquanto os seus dedos voltam a mover-se em círculos lentos, muito lentos. Não consigo acreditar que a água que flui entre nós continua gelada, pois estou a arder. Apoio a cabeça no peito dele quando o prazer se torna mais intenso e acaba por me atravessar o corpo inteiro. Gemo baixinho e noto o seu sorriso contra a minha face.

Abro os olhos. O céu continua a ser azul-celeste.

Viro-me para ele com um sorriso travesso.

— E agora, o que é que fazemos contigo?

— Deixo à tua escolha. Sou teu.

— Obrigada, mas já tenho o suficiente comigo própria. Imagina a carga que seria ter de puxar pelos dois da maneira que gostamos de complicar a vida. Mas…

— Continua. — Os olhos dele estão brilhantes.

— Ocorreu-me que podias tirar os calções de banho. Se te atreveres. Ou se não te importares que em qualquer momento apareça por aqui uma família feliz para desfrutar de um piquenique e te apanhe a sair da água tal como vieste ao mundo.

O Will sorri e, pouco depois, atira os calções de banho para a margem. Rio-me, porque adoro isto. Adoro passar um bom bocado com ele. Adoro sentir que neste momento não preciso de mais ninguém. Adoro comportar-me de forma estúpida ao seu lado.

— Bora escandalizar famílias felizes — diz ele.

Na verdade, duvido que alguém apareça, embora seja difícil garanti-lo. Estamos numa zona afastada das mais turísticas e rodeados de árvores.

Aproximo-me dele para me pendurar no seu pescoço e beijá-lo.

— Continuas a ser um menino mau — sussurro.

— Não. — E ele afasta-se. Fica sério.

— Will, era só uma brincadeira.

Ele mergulha o rosto no meu pescoço e permanece aí uns segundos até eu começar a acariciá-lo sob a água e reparar que todo o seu corpo fica tenso em resposta. Sinto-o duro ao rodeá-lo com a mão e o Will murmura algo ao meu ouvido que não chego a ouvir. Instantes depois, desaperta-me o laço da parte superior do meu biquíni e o tecido cai na água.

Movemo-nos para nos aproximarmos da margem.

Não paramos de nos beijar. Há algo único na maneira como duas pessoas se beijam quando acabam de se apaixonar. Parece que o mundo começa e termina nos lábios do outro, e um ato tão simples e primitivo torna-se viciante, como se fosse a tentativa frustrada de ter mais, de sentir mais, de conhecer mais.

Ele tira-me a última peça de roupa que me resta e eu envolvo-lhe a cintura com as pernas. E balouçamo-nos simplesmente assim, nus, tão juntos um do outro que a água nos circunda para poder seguir o seu curso. O sol quente afaga-me as costas e sinto-me bem, tão bem que me aterroriza pensar que isto seja uma miragem.

Acaricio-o outra vez quando os nossos lábios se encontram. Toco-lhe como ele fez comigo antes, devagar ao início, mais depressa à medida que a sua respiração acelera e acaba a grunhir contra a minha face quando se deixar ir, como se a rapidez com que o prazer surge e desaparece lhe parecesse frustrante.

Continuamos abraçados durante mais algum tempo, até o calor se começar a dissipar e o frio da água ganhar a batalha.

— Devíamos sair.

— Vamos — responde.

Ele levanta-me com suavidade para que possa alcançar a margem e depois impulsiona-se com os braços. Procuramos os fatos de banho, vestimo-nos e deixamo-nos tombar sobre as toalhas. Sinto a pele fresca e elástica enquanto me seco ao sol e o Will, ao meu lado, tem os olhos fechados e respira fundo uma e outra vez.

— O que é que estás a fazer?

— Nada — responde ele.

— Estavas a respirar de maneira estranha.

— Só profundamente. Era um daqueles momentos… um daqueles momentos em que me sinto agradecido por poder respirar. — Vira a cabeça e fita-me com uma centelha de diversão. — Talvez tenhas algo que ver com isso.

— E a que devo tal honra?

— Digamos que me fazes feliz.

Nunca ninguém me tinha dito algo tão simples ou grandiloquente, dependendo da perspetiva. Devia sentir-me lisonjeada, mas reparo numa sensação borbulhante na barriga que não sei nomear; assemelha-se a um peixinho irrequieto a abrir a boca. Talvez seja medo ou angústia ante a ideia de a felicidade de outra pessoa depender de mim.

— A felicidade é demasiado efémera, quase uma miragem. Não pode durar porque, nesse caso, deixaríamos de ter consciência de que nos sentimos assim. É como apaixonarmo-nos. Algo tão intenso está destinado a estabilizar; caso contrário, enlouqueceríamos.

— Faz sentido — responde ele.

— A felicidade é uma assíntota.

— O que é que queres dizer com isso?

— Então, o óbvio. Sempre gostei dessa palavra: «assíntota». Algo que se deseja e do qual nos aproximamos de maneira constante, mas que nunca se chega a cumprir.

O Will assente, a sua mão roça a minha e volta a fechar os olhos. Estudo-o em silêncio e imagino que é uma antiga escultura grega, ali deitado ao sol, com as linhas perfeitas do seu corpo talhadas em pedra. Se tivesse de o desenhar, sei que começaria pela mandíbula, porque todo ele parece partir desse osso que lhe dá um distinto ar masculino, e em seguida subiria pelas maçãs do rosto, com a pele marcada em algumas zonas pelos rastos do acne juvenil, e o traço do nariz seria limpo e preciso antes de me deter no espaço entre as sobrancelhas, justamente onde se encontram todas as preocupações do Will.

Sei que continuam ali. Sei que sim. Não sou capaz de as ver, mas apercebo-me

delas. Os problemas do Will não se vão solucionar só por ter decidido contar-me sobre eles. Não sei bem que perceção terá em relação a si mesmo depois de mudar de cidade, de amores, de amizades, de família, de trabalho e de sonhos e, o mais importante, de coração. Às vezes, gostava de aprofundar mais o assunto e, outras vezes, prefiro nem lhe tocar, caminhar em bicos dos pés e aferrar-me ao que temos como se o amor fosse a cura para tudo, uns mililitros ao dia de oito em oito horas. É, provavelmente, o que temos feito durante as últimas semanas: deixarmo-nos levar. Passar dias perfeitos como este ou como a noite em que celebrámos o aniversário dele a ver as Perseidas e a comer esparguete com muito queijo. Desfrutar apenas do presente depois de enterrar o passado e evitar pensar demasiado no futuro.

— A felicidade é viajar sem bagagem — sussurro.

— Sim. — Ele abre os olhos. — E sentirmo-nos livres.

— E um gelado de chocolate enorme.

O Will boceja, relaxado, e estica os braços.

— A felicidade é mandar à merda a felicidade.

— Sem dúvida. Estou completamente de acordo.

E passam alguns segundos antes de eu dizer:

— Mas quero ser feliz.

— Eu também.

Comemos o que comprámos pelo caminho na estação de serviço. Uns pacotes de batatas fritas, sanduíches e duas latas de *Coca-Cola*. A seguir, damos um passeio pelos arredores. Fazemo-lo de mãos dadas e é perfeito, como todas as coisas simples do mundo, os botões das flores que nos rodeiam, amarelos e brancos, ou a ausência de nuvens. Não falamos. E não é preciso. Não, não quero falar, não quero quebrar este precioso silêncio que nos abraça. Não sei o que será de nós, do Will e de mim, mas sei que, quando pensar num dia de verão daqui a muitos anos, lembrar-me-ei deste momento.

Já começou a anoitecer quando reconheço o caminho, pois falta pouco para chegar a casa. Passei metade do trajeto a dormitar e a ser a pior companheira de viagem que alguém poderia desejar.

— Ressonas — diz o Will.

— És um mentiroso.

— Gravo-te para a próxima.

Toca uma melodia aguda proveniente do seu telemóvel, é uma musiquinha insignificante e imagino que a use por defeito. O Will desvia o olhar da estrada por um segundo para ver quem é e ignora-o como se não o ouvisse. Diviso o nome no ecrã: Lena.

— Não estás a pensar atender?

— Não.

— Vou repetir a pergunta: está a ligar-te a mulher com quem te ias casar e não pensas atender? — Engulo em seco. Inquieta-me que não tire o telemóvel do descanso.

— Não.

— Podes ser menos conciso? Fazes-me lembrar o Will que conheci há meses, aquele que só comunicava com monossílabos. — E odeio falar dele assim, separando as suas versões como se o estivesse a desmembrar. Sei que é provável que isso o magoe, mas não consigo evitá-lo porque é ele o primeiro a não se aceitar no seu todo e que marca linhas divisórias que não deveriam existir.

— Já sei o que me quer dizer. — Continua a olhar para a frente com as mãos firmemente agarradas ao volante. — Vai mudar-se com o seu namorado porque está grávida e o apartamento em Upper East Side só tem um quarto e acaba por ser pequeno.

— E o que é que isso tem que ver contigo?

— Nunca regressei. As minhas coisas continuam lá.

— Estás a falar a sério?

— Sim. Porque é que te surpreende tanto?

— Porque é necessário concluir etapas para começar outras.

O Will abana negativamente a cabeça.

— Essa etapa da minha vida está bem concluída, acredita em mim.

— Custava-te assim tanto ir a Nova Iorque buscar as tuas coisas? Podia ser… Até podia ser algo bonito, sabes? Como despedires-te da cidade.

O Will lança-me um olhar cheio de consternação.

— Estás a falar a sério? — pergunta ele, e eu levanto as sobrancelhas. — Oh, merda, estás mesmo a falar a sério. Olha, está bem, se isso te deixa mais descansada, vou responder-lhe ao *e-mail* que me enviou na semana passada, dou-lhe os parabéns e digo-lhe que pode mandar fora as minhas coisas todas.

Durante um longo minuto, ficamos os dois calados.

— Will, o que acho é que tens medo. Não sei se de enfrentares o que foste ou de te mostrares tal como és agora. Mas tenho a impressão de que te estás a esconder.

Ele revira os olhos e suspira, mas isso não me faz mudar de ideias, não. E tão-pouco que, justamente quando cruzamos a entrada de Ink Lake, me diga algo que me faz esquecer o assunto anterior e dá-lo por encerrado, pois sabe que não conseguirei resistir.

— Queres abrir o penúltimo compartimento?

Sinto um pequeno puxão na barriga por causa dos nervos. Como será a vida quando o jogo chegar ao fim, quando já não restar nada «vivo» da Lucy no mundo, nada por descobrir? Lembro-me da pessoa que era quando isto começou, tão estagnada na monotonia, tão aborrecida com a minha própria existência; e surpreende-me ver que, embora nada tenha mudado, tudo mudou. Sim, continuo sem um trabalho estável, sem expectativas claras para o futuro e sem ser independente, mas noto que estou diferente ao olhar-me ao espelho e vislumbro algumas possibilidades ao longe. Ainda me sinto cheia de fendas, mas em vez de as tomar como vazios insondáveis, começo a pensar que talvez lá dentro possa crescer algo num futuro não muito longínquo.

— Está bem. Vamos fazer isso.

O Will faz um desvio para o parque de caravanas. Caminhamos pela gravilha, entramos e ele tira o jogo de baixo da cama. Ao lado, distingo uma quina de papel brilhante que parece ser de um presente, mas ignoro-o assim que ele abre o compartimento e saca de lá um papelinho que indica a carta correspondente. Dá-ma e senta-se na cama, à espera. Acomodo-me junto dele, abro-a e quase consigo ouvir a voz da minha irmã a sussurrar-me ao ouvido com aquele seu tom risonho e doce.

Pequena Grace:

Lembras-te quando chegava o Natal e os tios e o avô nos davam dinheiro? Tu gastava-lo uma semana depois porque sempre foste impaciente e eu… bem, eu guardava-o. Não sei ao certo para quê, mas é que tudo o que é material sempre me pareceu trivial e nunca precisei de grandes coisas, tu sabes. E aquele verão em que trabalhei com a Marge no café? Pois também poupei tudo o que ganhei. Por isso, sim, esse dinheiro é teu, ofereço-to. Vais encontrá-lo na tábua solta do meu quarto, tu sabes qual é. Não te vou dizer em que deverias gastá-lo, mas espero e confio que valerá a pena.

O jogo está a chegar ao fim.

Quem me dera poder ver-te agora.

Com amor, Lucy.

Sinto uma aflição no peito que não desaparece quando o Will me abraça e me dá um beijo na testa. Fico ali um momento a tentar recuperar o fôlego e deixar que o nó que tenho entalado na garganta se desfaça, mas isso não acontece.

Continua lá dentro, bem apertado.

O Will leva-me a casa. Encontro os meus pais na sala a ver as notícias; ela está no sofá e ele, no cadeirão. É uma cena familiar bastante quotidiana e é por isso que me surpreende parecer-me tão estranha, como se algo não encaixasse; mas ali estão eles, juntos.

Subo as escadas e, em vez de entrar no meu quarto, vou ao da Lucy.

Afasto um pouco a secretária com um empurrão e agacho-me no chão. Engano-me à primeira tentativa, mas a segunda tábua já se mexe e consigo levantá-la. Vejo uma bolsinha de tecido e sorrio porque adoro imaginá-la a idealizar o jogo, a pensar em cada detalhe. Abro-a. Está cheia de dinheiro. Muito dinheiro. Quase o que deve ter ganho no total naquele verão a trabalhar, mais anos e anos a ser uma formiguinha.

E não tenho nenhuma dúvida em relação ao que farei com ele.

43

Grace

— Uma viagem pela Europa?

— Uma viagem pela Europa, sim.

— Mas isso soa… incrível! — A Olivia sorri com a cara toda, porque não o sabe fazer de outra maneira.

— Dá-me um bocado de vertigens, mas acho que a Lucy teria gostado da ideia. Ainda não pensei muito nos pormenores, mas gostava de ir em breve, assim que terminar o verão, e provavelmente vou estar fora vários meses…

Alço a vista quando ouço as campainhas da porta e vejo o Will a entrar no café. Está a usar umas calças de ganga, uma *T-shirt* escura e, pela maneira como o seu cabelo descai desordenadamente pela testa, é evidente que acaba de tomar banho. Pedi a ele e à Olivia para virem porque queria que se conhecessem. Ele esboça um sorriso pequeno ao ver-me, daqueles que lhe desenham uma covinha na bochecha direita, embora não chegue a curvar completamente os lábios. Aproxima-se com a sua passada segura e dá-me um beijo suave nos lábios. Ainda me surpreende o gesto, que me cumprimente assim todos os dias ou a ideia de poder fazer o mesmo quando me apetecer.

Depois, olha para a Olivia e apresenta-se.

— Prazer — diz ela. — Ouvi falar muito de ti, mas não te imaginava assim. Agora que te estou a ver, acho que já consigo perceber porque é que a Grace te acha tão fascinante…

Consigo dar-lhe uma pisadela por baixo da mesa, mas ela tem umas botas militares amarelas calçadas que interferem com o meu objetivo.

— Já pediram? — pergunta o Will.

— Não, íamos mesmo agora pedir.

— Eu vou lá. O que é que querem?

— Bolo de cenoura — diz a Olivia.

— Duas fatias. E café com leite — acrescento.

— Dois cafés com leite e duas fatias de bolo — conclui a Olivia.

O olhar do Will passa de uma para a outra até que volta a sorrir e sacode a cabeça, como se dissesse «Já sei porque é que se dão bem». Dirige-se ao balcão e nós continuamos a comentar as possíveis alternativas para a viagem. Quando regressa, deixa o nosso pedido na mesa e senta-se ao meu lado.

— De que é que estão a falar?

— Da viagem — diz a Olivia.

— Ah, isso. Já decidiste por onde começar?

Ele foi o primeiro a quem contei o que pensava fazer com o dinheiro, depois partilhei-o com o avô quando o fui visitar e o encontrei na oficina da garagem e, por último, informei os meus pais e a Olivia. Todos parecem estar de acordo em como é uma boa decisão, mas até à data nem sequer sei ao certo o primeiro destino e devia começar a planificar em breve, porque tenho de tratar do visto e de outras papeladas.

— Ainda não tenho a certeza. *Temos* — acrescento.

— Não, a decisão é tua — apressa-se a insistir o Will, fazendo um gesto com as mãos. — Eu só vou ser um fiel escudeiro, mas esta viagem depende de ti.

Ele tem razão. Quando perguntei ao Will se gostaria de vir comigo, não hesitou nem um segundo antes de aceitar, mas a viagem continua a ser minha. Demorei este tempo todo a aperceber-me de que desejava coisas que não sabia que desejava e talvez seja o mais triste de tudo, que não cuidava de mim o suficiente para conseguir ver o que tinha cá dentro. Sim, a vida em Ink Lake é bastante agradável, mas quero ver mais, muito mais. Quero viajar para me conhecer longe de casa, para me ver no reflexo de outras águas e contemplar o meu lar de uma perspetiva diferente, mais aberta, quando decidir que me apetece regressar.

A Olivia pega-me no queixo para me obrigar a encará-la.

— Responde sem pensar. Que cidades queres ver?

Fecho os olhos com força, sentindo-me parva, e digo:

— Amesterdão, Florença, Roma, Paris, Londres…!

— Nada mau. — A Olivia solta-me, leva um pedaço de bolo à boca e permanece meditativa, sem parar de mastigar. — Quanto tempo vai durar a viagem?

— Ainda não sabemos — admito.

— São muito precavidos — ironiza ela.

— Eu estou a deixar-me levar. — O Will sorri.

Ficamos mais algum tempo a falar. A Olivia diz que, dependendo das cidades que decida visitar, devia ir à biblioteca buscar alguns guias de viagem. «À moda antiga, nada de ver tudo na Internet.» E, na realidade, gosto do plano, poder abrir um daqueles livrinhos e submergir noutro lugar, saboreando cada página. Por isso, digo que é provável que o faça quando tomar uma decisão sobre os sítios a visitar.

Depois do café, despeço-me rapidamente dos dois para ir passear o *Mr. Flu*. Como de costume, a Anne recebe-me com um sorriso amável e convida-me a entrar.

— Acabo de tomar café — digo-lhe quando me oferece um.

— Perfeito. Então, não te tomo mais tempo.

Prendo a trela à coleira do cão e, antes de transpor a porta, viro-me para ela, que ainda está ali parada, tão elegante como sempre, com uns sapatos de salto alto de veludo verde, vestido preto de gola oval e meias, apesar de estarmos no verão. Maravilha-me a sua capacidade de estar sempre impecável.

— Senhora Rogers…

— Trata-me por Anne.

— Anne, agradeço-lhe o que fez pela minha mãe.

— Oh, que disparate, eu não fiz nada…

— Estou a falar a sério — interrompo-a, porque não quero andar com rodeios nem subtilezas e ambas sabemos a verdade. — Acho que ela precisava de uma amiga que lhe estendesse a mão, alguém que não fosse eu, o avô ou o meu pai. E quase toda a gente já se tinha esquecido dela, mas a Anne… bem, deu-lhe a oportunidade de escolher.

A Anne aperta os lábios. Está visivelmente emocionada.

— Foi um prazer, Grace.

Então, sim, sorrio-lhe e desço os degraus com o *Mr. Flu* a puxar a trela. Dirigimo-nos ao mesmo parque de sempre e sentamo-nos no banco de sempre e olhamos para as folhas de sempre. Há uns meses, sentia-me entorpecida entre uma monotonia semelhante, mas tudo mudou, embora me seja difícil assinalar o quê com precisão. Talvez seja eu. Talvez a verdade resida nas respostas mais simples.

Ao cair da noite, vou ter a casa do avô para jantar.

— O que é que cozinhaste? — Tiro a tampa da panela.

— Um guisado. Tinha de aproveitar o que havia no frigorífico.

— Cheira muito bem — comento, e pego num prato para me servir.

Sentamo-nos à mesa e partilhamos uns minutos de silêncio enquanto levamos à boca uma garfada atrás da outra. A comida quente reconforta-me sempre e faz-me sentir bem, principalmente quando é cozinhada por ele. Termino tudo e suspiro.

— Era capaz de sair a rebolar daqui. — Deixo o prato no lava-louça e volto a ocupar o meu assento à frente dele, que descasca uma maçã com parcimónia. — Não estás a pensar dizer nada?

— Sobre o quê? — Ele enruga a testa.

— O que haveria de ser? O Will.

— Hummm. — Para ser precisa, é uma mescla entre um murmúrio e um

grunhido, que usa com frequência e que o seu interlocutor deve traduzir, coisa que agora mesmo não me apetece fazer.

— Avô… — protesto.

— Gostei dele. — No entanto, pela maneira como o profere, sei que há algo mais a dizer, embora não me pareça disposto a deitá-lo cá para fora facilmente.

— Qual é o «mas»? — insisto.

O avô olha para mim e suspira.

— Bom coração. Cabeça enredada.

— E a quem é que não acontece o mesmo?

— Sim. — Ele assente e deixa cair na mesa a casca da maçã em forma de espiral. — Há sempre lascas na madeira.

Não indago mais sobre o tema, talvez porque, apesar de concordar com o avô, o que lhe disse é verdade: às vezes a vida de uma pessoa fica de tal maneira enredada que parece impossível encontrar o princípio e o fim da linha. Sei disso melhor do que ninguém. Continuo a sentir-me uma confusão na maior parte do tempo; o que acontece é que estou a apanhar o jeito nisto de observar os meus próprios nós e tentar desfazê-los com um pouco de habilidade e paciência, mas sem pressas, passo a passo.

A única coisa que me inquieta em relação ao Will é se ele é capaz não de desfazer os seus próprios nós, mas de se atrever a olhar para eles de perto sem medo.

— Já têm a viagem planeada?

— Não. — Pego no pedaço de maçã descascada que ele me oferece, como se continuasse a ser uma criança a quem se dá a fruta pronta a comer. — Mas acho que Amesterdão devia ser o ponto de partida.

Ele assente com a cabeça e já não dizemos mais nada. Mas estamos bem assim, calados, a fazer companhia um ao outro.

Quando saio de casa do avô, dirijo-me ao centro de Ink Lake. Faço-o de bicicleta e desfruto do prazer de sentir o ar ameno na cara e os pulmões a arder e de pedalar com todas as minhas forças até notar as pernas trémulas. Sinto que, após muito tempo, o meu corpo e a minha cabeça estão em sintonia. E é nesse preciso instante de libertação, ao inspirar uma golfada de ar, que uma ideia parece ganhar forma no meu interior, arreigando-se lá dentro, presa atrás das costelas. Já sei que não a vou conseguir tirar dali.

Prendo a bicicleta ao poste junto ao bar onde o Will trabalha e empurro a porta. Há bastantes clientes. O Paul passa ao meu lado com uma bandeja na mão cheia de copinhos de licor.

— Grace! Como estás?

— Menos ocupada que tu — gracejo.

O Paul ri-se e abana a cabeça, seguindo o seu caminho até uma das mesas. Aproximo-me do Will, que está atrás do balcão, e ocupo um dos tamboretes livres.

— Não sabia que vinhas.

— Eu também não — admito. — Tive uma ideia a caminho daqui.

Ele ergue as sobrancelhas e pega numa garrafa.

— Devo ficar preocupado?

— Não, não. Pelo contrário. É sobre a viagem.

— Se é importante, quero prestar-te atenção. Espera uns minutos, trato deste pedido e do seguinte e depois…

— Na boa. Serve-me um refresco com muito gelo e falamos mais tarde.

— Está bem.

Portanto, durante a seguinte hora e meia, dedico-me a beber golezinhos do meu copo enquanto leio o livro que trouxe na mala. De vez em quando, levanto os olhos das páginas e observo o Will, pois gosto de comprovar uma e outra vez quão meticuloso é; a sua maneira de servir as bebidas sem derramar nem uma gota, como tem tudo organizado atrás do balcão e como limpa com o pano regularmente.

Ao dar o dia de trabalho por terminado, quando todos os clientes já se foram embora, fico ali com ele e com o Paul, que está a contar o dinheiro da caixa. Parece satisfeito ao fechá-la.

— Uma boa noite? — pergunto.

— Bastante aceitável, sim — responde.

— Importas-te que saia um bocadinho antes? — pergunta-lhe o Will.

— Não. Eu trato de arrumar o que falta. — O Paul dá-lhe uma palmada nas costas e continua a atarefar-se enquanto o Will dá a volta ao balcão para vir ter comigo.

Uma vez lá fora, abro o cadeado da minha bicicleta. Embora ele tenha trazido o carro, decide acompanhar-me a casa dando um passeio com a desculpa de que lhe apetece mexer as pernas. Caminhamos devagar, eu a empurrar a bicicleta e ele ao meu lado, a olhar para o céu escuro de vez em quando como se estivesse à procura de alguma coisa.

— O que é que me querias dizer antes?

— Ah, sim, sobre isso… — Faço uma pausa e volto a refletir sobre o assunto. — Acho que seria uma boa ideia começarmos a viagem em Amesterdão. Daí, partimos para Londres, Paris, Florença e Roma.

— Parece-me perfeito.

— Mas isso pode tudo variar.

— Sim. Nas viagens deste estilo surgem sempre imprevistos, por isso é bom que vás com a mente aberta…

— Exceto uma coisa — interrompo-o. — Há algo que gostava que fosse inamovível. Pensei prolongar a viagem até ao dia vinte e nove de novembro e, quando esse dia chegar, preciso de estar em Viena.

— Devia saber porquê?

— É o aniversário da morte da minha irmã. E não quero que seja triste, recuso-me a ir ao cemitério para lhe deixar flores. Gostava que esse dia fosse o mais belo do mundo para o caso… para o caso de ela me estar a ver. Soa estúpido?

— Não.

— Boa. Porque quero ver a obra de Klimt e caminhar por Viena e sorrir.

— Parece-me perfeito. — O Will inclina-se sem parar de andar e dá-me um beijo na têmpora. — Vamos fazer isso tudo. Prometo.

44

Grace

Estimada senhora Grace Peterson:

É com prazer que recebemos a sua candidatura para iniciar os seus estudos na Academy of Art University, mas devemos comunicar-lhe que não foi selecionada para fazer parte do curso que começará em breve. A razão é bastante óbvia, mas, dada a excecionalidade do seu caso, queríamos recordar-lhe que o prazo para as inscrições terminou um mês antes da chegada da sua carta ao nosso departamento.

Não obstante, a título pessoal, vou tomar a liberdade de lhe dizer que a sua carta me pareceu tão desastrosa como sincera. A sua média dista muito de ser excelente e há um intervalo de anos em branco que poderia colocar em questão a sua consistência, mas, apesar de tudo isso, não consigo ignorar que cada palavra me emocionou e, afinal, a arte não se trata precisamente disso? Se, no ano que vem, continuar a desejar prosseguir com os seus estudos, sugiro-lhe que envie a sua candidatura dentro do prazo estabelecido, pois, nesse caso, estou bastante confiante de que lhe atribuiremos com todo o gosto uma vaga no curso correspondente. Confio que assim será.

Cordialmente, Tally Fisher.

Secretaria de admissões da Academy of Art University.

45

Grace

A sessão de grupo desta semana foi intensa porque o Adrien nos contou que, afinal, decidiu sair com a mulher que conheceu no parque de estacionamento e foi um encontro maravilhoso. A Faith aplaudiu, a Dona desmanchou-se a rir e a Jane e a Matilda debulharam-se em lágrimas. Depois, houve muitos abraços por entre os restos de limonada e bolinhos de coco recheados com morango. Foi inusitadamente alegre e triste ao mesmo tempo.

Quando saímos de lá, a mãe posicionou-se em frente do volante e, em vez de se dirigir a casa, virou ao chegar à avenida principal e trouxe-me a este lugar em que agora nos encontramos, um bairro que fica nos arredores de Ink Lake, com várias fileiras de casinhas idênticas que alguém deixou semiconstruídas. Faltam as janelas, os últimos acabamentos e a maioria das fachadas estão grafitadas.

— O que é que te parece? — pergunta, quando termina de me contar em que ponto se encontra o projeto e qual será exatamente o seu objetivo.

— São bonitas. É uma pena estarem abandonadas.

— Foi mesmo isso que eu pensei quando as vim ver…

Suspira e ergue a vista para uma das casas. Fica a olhar para ela um bom bocado e eu pergunto-me se se dará conta de que estar neste lugar, com umas calças beges que já não usava há muito tempo e com o olhar cheio de esperança, é uma vitória inesperada, porque nem sequer eu, que sempre desejei que a minha mãe fosse minha mãe no sentido mais clássico da palavra, teria apostado que aconteceria e sinto-me afortunada por poder testemunhá-lo.

— Toda a gente diz que eras a melhor…

— Bem… — Ela baixa o olhar para mim e vejo-a hesitar, mas depois o seu semblante muda e ela assente. — Pois era. A verdade é que era, sim senhora!

— Isso. Bem dito.

E sorrimos antes de regressar ao carro.

Já é tarde, mas peço-lhe para me deixar na biblioteca. Ela anui e muda de direção para me levar até lá. Explico-lhe que estou a planear o percurso da viagem e que

quero ir buscar uns guias de várias cidades e lê-los com calma, passando as páginas, nada de pesquisar na Internet só os lugares mais emblemáticos ou as visitas pré-organizadas. Quero ir por conta própria, mas com alguns conhecimentos prévios.

Ela trava diante da porta ao chegarmos ao meu destino.

— Voltas sozinha? — pergunta.

— Sim, faz-se bem a pé. Não te preocupes.

Saio do carro e entro no edifício. Não é demasiado grande. Os livros estão no andar de cima e cá em baixo há várias salas de reuniões. Subo as escadas, cumprimento a rececionista e vou direita à secção de viagens. Percorro as fileiras de guias e livros com o dedo indicador, tocando nas lombadas; é algo que faço sempre que vejo uma estante a abarrotar e adoro porque é como cumprimentá-los: «Já cheguei», quero dizer-lhes, «já vou descobrir o que escondem entre as páginas».

Vejo, revejo, abro, fecho, tiro, meto, leio.

Uma hora mais tarde, a biblioteca está prestes a fechar e eu levo sete livros que consigo enfiar na mochila milagrosamente. Conto os degraus ao descê-los, não sei muito bem por que razão, e, ao chegar ao último, detenho-me inesperadamente porque ouço uma voz familiar.

— Eu também, Allison.

Só isso, três palavras que poderiam não significar nada e tratar-se apenas da resposta a um comentário trivial como «Adoro ervilhas com cebola», mas não é o caso. Não é porque quem o diz é o meu pai, que se encontra precisamente ao pé de uma das salas de reuniões, e a sua mão, aquela mão que me susteve durante toda a minha vida, está agarrada à da Allison com uma mistura de ternura e desejo que me destroça.

Ela é a primeira a ver-me. Os seus olhos arregalam-se.

Depois, ele vira-se para ver o que é que lhe chamou a atenção e dá de caras comigo ali, ainda paralisada naquele último degrau, a observá-los como se fossem um retrato em miniatura de Jean-Baptiste Weyler e tivesse de esforçar muito a vista para distinguir como deve ser a cena que representam. Neste caso, é uma cena bastante desagradável. Revolve-me o estômago.

— O que é que estás a fazer? — E é a minha voz que grita, mas não tenho a sensação de que assim seja, como se tivesse deixado de me pertencer.

— Grace, posso explicar. Não é o que…

— Oh, merda. Nem te atrevas a dizer essa frase.

E desço o maldito degrau. Estou zangada. Estou desiludida. Estou contrariada. Como é possível que isto esteja a acontecer quando finalmente parecia que as peças se estavam a encaixar, que tudo corria bem, que os meus pais se estavam a reaproximar?

— Saltitona, espera, por favor.

— Não me chames isso. A sério, não o faças.

Abro a porta da biblioteca com um forte puxão e saio. Já é quase de noite. Caminho rua abaixo depressa, muito depressa, embora saiba que ele me está a seguir. Inspiro profundamente e tento acalmar-me, mas só vejo aquelas duas mãos unidas e não paro de pensar na mãe, em como não é justo depois de tudo o que sacrificou pelas filhas e por ele. Metade da vida. Metade da vida e um coração. E é isto que recebe em troca? Parece uma piada de mau gosto do destino.

— Grace! — chama-me. — Para. Vamos falar.

Estaco de repente e dou meia-volta.

— Sim? Queres tomar um café para me contares como te entretinhas com essa mulher enquanto nós atravessávamos o pior momento das nossas vidas? Queres convencer-me de que não significou nada e isso tudo?

Não responde. Em vez de o negar, de lutar ou insistir, fica ali plantado no meio da rua e, por fim, eu viro-me e afasto-me sem olhar para trás, um passo após outro. Noto o peso da mochila nas costas, ardem-me os pulmões e tenho comichão no nariz. Não é por mim. É por ela. É porque me dói ter de lhe contar isto e apavora-me que a derrube outra vez, depois do muito que lhe custou levantar-se.

Quando chego a casa, o carro do meu pai está na garagem. Foi mais rápido. Enfio a chave na fechadura com o coração a bater a mil à hora.

Não se ouve nada. Isso surpreende-me.

Vou para a sala. A mãe está sentada no sofá com um livro na mão, que fecha assim que me vê. Ele está no cadeirão e não para de esfregar as têmporas, mas ergue os olhos ao ouvir os meus passos. Deixo as chaves na prateleira da chaminé.

— O que é que se está a passar?

— Sabes, o que aconteceu antes…

— Eu e o teu pai vamos divorciar-nos — interrompe-o ela, e o tom da sua voz é seco e contundente. — Começámos a tratar do processo há umas semanas.

Estou confusa. Tão confusa que continuo ancorada ao último degrau, às mãos a acariciarem-se e ao tom baixo da voz dele a dizer «Eu também, Allison».

— A mãe sabe de tudo ou és assim tão cobarde que nem sequer lhe foste capaz de dizer? — pergunto, olhando para ele.

— Eu… — murmura ele com a voz tremida.

— Que há outra mulher? — Ela levanta-se e vem ter comigo. Faz-me uma festa na bochecha e vejo tanto dor como alívio nos seus olhos. — Sim. Já sei há muito tempo, Grace. Calma.

— Mas como é possível? Depois de tudo aquilo por que passámos…

Ela sacode a cabeça e diz:

— Agora… está tudo bem.

Ele põe-se de pé. Mostra-se perdido e tem os olhos brilhantes, como se estivesse a reter as lágrimas. De repente, parece mais pequeno, mais velho, mais débil. Ou talvez seja só a minha perceção, porque o homem que acreditava conhecer, aquele que pensava que estava a regressar aos poucos, acaba de se esfumar de uma só vez. Não tenho a certeza de quem é neste momento e custa-me olhar para ele, pois ao fazê-lo sinto uma guinada de desilusão.

— Acho que devia ir-me embora esta noite. Volto amanhã de manhã bem cedo.

— Agradeço-te, Jacob. — A mãe dirige-lhe um olhar afetuoso que me custa aceitar e eu permaneço ali, sem me mexer, até ouvir a porta a fechar.

— Não compreendo… — sussurro.

— Anda, Grace, vamos tomar alguma coisa.

A mãe envolve-me os ombros com um braço e encaminhamo-nos para a cozinha. Ela aquece água no micro-ondas e, em seguida, acrescenta um saquinho de camomila. Depois coloca a chávena à minha frente, senta-se do lado oposto e mexe a colher no seu chá com vagar.

— Desde quando é que sabes?

— Desde há uns meses… — Suspira fundo. — Mas suponho que suspeitei quase desde o início. Ele não se atreveu a contar-me na altura, custou-lhe tanto aceitar os seus sentimentos como ganhar coragem para ser sincero, e talvez não me importasse o suficiente para me dar ao trabalho de procurar respostas.

— Não posso acreditar…

— Na verdade, há muito tempo que eu e o teu pai já não caminhamos na mesma direção. Pelos vistos, quis resolver tudo antes, mas depois a Lucy morreu e… bem, não tem sido fácil. Ele pensou que eu não conseguiria suportar outra facada.

— É que não é justo para ti…

— A questão é que sou forte, sempre fui. E sinto-me capaz de seguir em frente sem ele. Acho que é o melhor para os dois, a nossa relação melhorou bastante desde que tomámos a decisão de nos divorciarmos.

Então, era isso. Quando achava que estavam melhor do que nunca, que começavam por fim a partilhar espaços e momentos, a entenderem-se e a encontrarem-se, na realidade tinham optado por acabar com o seu casamento e seguir por caminhos diferentes. Daí a paz em casa.

— Porque é que ninguém me contou?

— Íamos fazê-lo em breve. Mas andavas tão bem que não queríamos ser uma preocupação para ti depois de tudo por que passámos neste último ano. E começaste

há pouco a andar com aquele rapaz… E estás prestes a ir de viagem… para tão longe… Minha pequenina. — Ela estende a mão por cima da mesa e aperta a minha com ternura. — Eu pedi-lhe para esperar.

Tenho um nó na garganta, não sou capaz de beber a infusão.

— Em que momento se deixa de gostar de uma pessoa?

— Não sei, eu e o teu pai não deixámos de gostar um do outro…

— Mas… isto… — Faço um gesto com as mãos e, por fim, deixo-as cair. — Como é que o podes defender?

— És jovem. Sei que agora não compreendes. E também sei que, quando nos apaixonamos, parece tudo tão perfeito ao início que nos perguntamos se o resto do mundo terá experienciado algo igual ou se o que nós sentimos é único e diferente. Mas, quando esse amor fugaz passa, o que resta são duas pessoas de carne e osso, com as suas fraquezas e forças. Eu e o teu pai passámos por muito juntos. Muito mesmo, Grace. Só nós sabemos o que resta cá dentro… e o que já não existe. Percebes?

Assinto com a cabeça, mas não estou tão segura.

— E tu… estás bem? — sussurro.

— Sim, estou mesmo. Foi complicado… — Os olhos enchem-se-lhe de lágrimas e, ao escorrerem, ela limpa-as com as costas da mão. — Passei tantos anos a viver para a Lucy que agora me custa viver para mim. Ela era todo o meu mundo…

Levanto-me para ir até ao seu lado e sento-me no colo dela como se ainda fosse uma criança, talvez porque, às vezes, ainda me sinto como uma. E preciso dela. Se alguma vez disse o contrário, menti. Preciso da minha mãe e ela precisa de mim. O abraço que lhe dou diz: «Fica ao meu lado para sempre e eu farei o mesmo por ti.»

— Mete-me medo ir viajar e deixar-te aqui.

— Deixa-te de coisas. Vou ficar bem. Tenho o grupo de terapia, que é fantástico. E o avô já cá está, ele nunca falha. E a Anne; por acaso combinei jantar com ela na sexta-feira num restaurante que acaba de abrir.

— Mas…

— E quero que sejas a protagonista da tua própria vida, Grace. Quem sabe se o poderás fazer noutra altura? É possível que estejas a estudar naquela escola de arte para o ano que vem. Ou que tu e o Will já não consigam conciliar-se por terem compromissos…

Digo-lhe que sim, que tem razão, embora sinta há dias algo pegajoso por dentro, mas não sei explicar porquê. Tornou-se algo incomodativo. Uma pedrinha no sapato. E tem que ver com ele, com o Will, mas não sei o que é, não sei o que é…

— Devias comer alguma coisa — diz-me ela.

— Mais tarde, talvez. Agora não me apetece.

No meu quarto, tiro os guias de viagem e deixo-os espalhados sobre a cama. Visto o pijama e fecho a janela, porque setembro surge no horizonte e começa a ficar fresco à noite. Passo algum tempo perdida entre as ruas de Amesterdão enquanto leio, mas acabo por desistir, pois não me consigo concentrar. Não paro de pensar naquela mão, naquele gesto doce que partilhavam, no olhar da Allison, nos começos.

Como é possível que tudo mude tanto com o passar do tempo? Houve uma época, aquela em que a Lucy mal tinha recaídas e que durou um par de anos, em que fomos felizes. No álbum de fotografias que está na sala, aparecemos os quatro disfarçados no Halloween, junto à árvore de Natal ou em Sunken Gardens. A Lucy sorri com a boca toda, mostrando os dentes. Eu faço caretas. A mãe envolve-nos com os seus braços. E o pai olha para ela e não para outra mulher que eu nem sequer conheço. Em teoria, tudo é perfeito.

Pergunto-me se o resto das pessoas sentem o mesmo tipo de nostalgia desagradável ao olhar para fotografias antigas e fazer um balanço do que ganharam e do que perderam.

Agora a Lucy está morta. E a mãe é ela mesma, mas também outra. E o pai está longe.

Eu estou a abrir os olhos. Ainda tenho remelas. Não conheço todos os desvios e acho que vou ter de aprender a improvisar, mas sinto que me encontro no caminho correto e estou decidida a continuar a seguir em frente.

É precisamente o que me faz refletir sobre o que disse ao Will dias antes: é necessário concluir etapas para começar outras. E é por isso que preciso de terminar «O Mapa dos Desejos». Sim, preciso.

46

Will

— Com que então, vais deixar o trabalho — repete o Paul.

— Desculpa. Se calhar devia ter-te avisado com mais antecedência…

— Não, não te preocupes com isso. — Ele acaba de limpar o balcão com o pano e depois põe-no de parte e olha para mim. — Quando é que disseste que iam partir?

— Daqui a umas semanas.

— Vão estar fora um mês ou dois? Porque se calhar consigo encontrar ajuda temporária até regressares e guardar-te o lugar entretanto.

Continuo a colocar os copos na estante, todos perfeitamente alinhados.

— É que não sei quando vou regressar.

— Como é que não sabes?

Encolho os ombros.

— Isso depende da Grace.

— E a ti tanto faz não saber?

Levanto os olhos para ele, ainda com um dos copos na mão. A verdade é que não tinha parado para pensar nisso. Que não quero pensar nisso, sinceramente. Está tudo bem assim. É a primeira vez que sinto por uma pessoa uma mistura de admiração, confiança e desejo. A Grace é um refúgio. Um raio de luz entre as minhas próprias sombras.

— Sim, não me importo. Gosto de viajar sem grandes planos. E a Grace precisa de o fazer, por isso vou estar simplesmente ao lado dela. Além disso, é a primeira vez que viaja para longe de casa.

Ficamos calados durante um bocado enquanto terminamos de arrumar. Pego na vassoura e varro entre as mesas e as cadeiras. O Paul ocupa-se da caixa. Ao terminar, depois de anotar a contagem do dia num bloco de notas, fecha-a e solta um suspiro longo.

— E o que é que vais fazer quando a viagem terminar?

— Ainda não sei bem — admito.

— Estás indeciso entre várias opções?

— Humm… — Não me apetece continuar a falar sobre o tema, mas como conheço o Paul, já que trabalhamos juntos há bastante tempo, sei que não vai deixar passar esta e digo-lhe: — Talvez vá para São Francisco se no próximo ano a Grace entrar na universidade.

O Paul levanta as sobrancelhas e enruga a testa com lentidão.

— Devo supor que a tua ocupação atual é seguir os passos da tua miúda? Não há nada que te apeteça fazer independentemente dela?

Não penso nisso. Não reflito. Não analiso. Não quero.

— Não — respondo secamente, e visto o casaco.

A Lua brilha no alto do céu à medida que caminho pelo parque de caravanas e entro na minha. Nunca imaginei que acabaria por ganhar tanto carinho por este lugar, mas gosto da sua simplicidade avassaladora. Não posso acumular coisas, vejo-me obrigado a ir ao supermercado diariamente e passo horas a ler na lavandaria. Mas tem tudo o que uma pessoa como eu possa necessitar: um teto, paredes, água, luz.

Tiro a roupa e visto algo mais confortável.

Quando me deixo cair na cama, reparo que cheira a ela. O cheiro da Grace é bastante específico, porque usa um perfume de amoras silvestres com um toque adocicado; vi-o na mesa de cabeceira quando estive no seu quarto. Viro-me, acendo uma vela e suspiro antes de me agachar e espreitar para debaixo da cama. É neste lugar que guardo a grande parte dos meus pertences. Ali está «O Mapa dos Desejos», o presente de aniversário que nunca dei à Grace e o livro de que andava à procura e do qual me esqueço instantaneamente, pois a minha mão decide puxar com suavidade o laço do presente. O embrulho desliza pelo chão. Pego nele. Devia ter-lho dado naquela noite, mas foi impossível. E depois não encontrei o momento certo. A verdade é que já não sei se o encontrarei. Não resta muito tempo.

Acabo por o deixar sobre o banco, ao pé das pilhas de romances. Pego no livro e deito-me. Leio durante meia hora até, subitamente, alguém bater com violência à porta da caravana.

47

Grace

Volto a bater com força.

O Will abre e um sorriso desenha-se-lhe no rosto. E é tão arrebatador e perfeito que quero que continue ali a curvar os lábios até me fartar dele, algo que está longe de acontecer. Ele afasta-se para me deixar entrar e fecha a porta atrás de mim.

— Admito que estou a tomar o gosto a isto de apareceres de madrugada.

— Desculpa…

— Não me ouviste? Não tens nada por que pedir desculpa.

As suas mãos estão quentes ao pousarem nas minhas faces e ele debruça-se para me beijar lenta e profundamente. Sinto os joelhos bambos. Por um instante, rendida ao beijo, esqueço-me da razão por que o tinha ido ver e deixo-me levar, perco-me na suavidade da sua língua e no calor da sua boca, mas logo tudo me atinge de uma só vez: a ausência da minha irmã, o divórcio dos meus pais, a minha própria inconsistência…

— Will. — Apoio as mãos no seu peito.

— Diz — murmura ele contra o meu pescoço.

— Eu vim cá ter porque… — Estou um pouco zonza, tanto devido às suas carícias como ao meu propósito. — Preciso de abrir o último compartimento.

Ele afasta-se nesse momento e olha-me fixamente.

— Tens a certeza?

— Sim, a certeza absoluta. Só faltam algumas semanas para embarcarmos na viagem e quero acabar «O Mapa dos Desejos» antes — digo atropeladamente. — Mete-me medo. Tenho medo de ficar vazia quando tudo terminar, mas por acaso a vida não consiste nisso mesmo? Em enfrentar esses medos e os vazios e as arestas? Não estou a falar de os superar nem de os ignorar, mas simplesmente ser capaz de olhar para eles de frente.

O Will observa-me em silêncio durante uns segundos. Não sei o que lhe estará a passar pela cabeça, não consigo decifrá-lo porque tem o dom de fazer com que o seu rosto se mostre inexpressivo quando não me quer deixar entrar. Não responde. Não

como esperava que o fizesse. Limita-se a anuir e agacha-se para tirar o jogo de debaixo da cama.

— Está bem, se é isso que queres…

Ele deixa-o nas minhas mãos. Como tudo o resto.

E sei que é algo a que deveria prestar atenção, porque a sensação pegajosa regressa, mas ignoro tudo ao abrir o compartimento correspondente à última casa. Há um papelinho enrolado com o número da carta que o Will me dá. Sento-me na cama. Tiro o bilhete do envelope. Respiro fundo.

Pequena Grace:

Esta será a última carta que te vou escrever. Quero pensar que, se estás a ler isto, significa que completaste o jogo e que não desististe a meio, seguindo diretamente para o final; mas, se escolheste esse desvio, não faz mal. Eu compreendo. Sei que era um desafio, pois às vezes é tão difícil enfrentar o que tememos como o que desejamos.

Tenho tantas coisas para te dizer que não sei por onde começar. Talvez pelo princípio. A tua chegada ao mundo mudou a minha vida, Grace. E não o digo no sentido literal, não me refiro a essas tuas células que logo se tornaram minhas, não, refiro-me a ti. Sou incapaz de imaginar a minha existência sem te ter à minha volta. A mãe diz sempre que, quando éramos pequenas, adormecias a fazer-me festinhas na unha do polegar e, se ficasse internada no hospital e não estivesse em casa, choravas e choravas até te renderes por causa da falta de ar. Ser tua irmã mais velha foi muito fácil, Grace. Fazer-te a vontade quando te lembravas de fazer travessuras, rir-me das tuas piadas, ser testemunha dos contratempos e das vitórias. E de como crescias. Pois cresceste. Muito. Agora que acho que o fim chegará em breve, passo os dias a imaginar o que será da tua vida quando eu já cá não estiver. Por quem te apaixonarás? Como será a casa em que vais viver? Qual será o teu trabalho? Com que pessoas te encontrarás para tomar qualquer coisa? Às vezes, vou mais além e fantasio, pensando em como serás quando envelheceres, se continuarás a usar o mesmo penteado curto de sempre ou se o terás mudado, se cultivarás plantas às janelas ou se terás aprendido a fazer pão de banana ou se terás um gato que ronrone quando o coçares atrás das orelhas… Entristece-me pensar nas coisas que vou perder, porque, sabes uma coisa?, és o mais parecido a uma companheira de vida que se pode ter, passo a passo, lado a lado. Os pais e os filhos movem-se em dimensões diferentes, mas tu és a minha irmã, nascemos como iguais. Nunca nos devíamos separar. Mas…

O «mas» é a pior palavra do mundo, não achas? Aparece sempre para uma pessoa voltar a pôr os pés no chão e destrói tudo à sua passagem. «Amo-te, mas…», «Gostámos muito do seu currículo, mas…», «Adorava, mas…» ou, no meu caso, «Não me quero despedir de ti, mas vou morrer».

Todos seríamos mais felizes se baníssemos essa palavra, mas não é possível. Vês? Aí está ela.

E, no entanto, vou pedir-te esse impossível: gostava que vivesses como se não existisse. Grace, não desperdices os teus dias a pisar o travão ou a queixar-te de ninharias. A vida é um tabuleiro de xadrez; se te ofereceram um, não fiques aí parada a olhar para os jogos dos outros, porque às tantas, em algum momento, roubam-te as peças e aí já é tarde. Prepara uma boa defesa, mas joga. Joga, mesmo que não saibas sempre qual será a melhor jogada. Não se trata de ganhar, mas de tentar. Confia na tua intuição e sê compassiva contigo mesma. Lembras-te do que te disse sobre a dor? Permite-te estar triste. Permite-te chorar. Permite-te cair e dá-te tempo para te retemperares. Sempre acreditei que há que atravessar a dor, não rodeá-la. Há que ter respeito pela dor e tratá-la com carinho e paciência.

Suponho que deves imaginar, mas pensei muito na morte durante toda a minha vida. Demasiado, talvez. Houve alturas em que me aterrorizou. Sonhava que estava dentro de um caixão, que não conseguia sair e partia a unhas a arranhar a madeira. Tive outros momentos em que a apatia e a indiferença se apoderaram de mim, não me importava morrer porque estava cansada de lutar e lutar. Foi só há pouco tempo que decidi limitar-me a fluir como um rio. E chegou a placidez.

Compreendi que a morte é constante e que está sempre presente, porque morrem os momentos que vivemos e deixamos para trás, morrem os sonhos e as pessoas que fomos, morre a infância e a inocência, morrem as cidades que vão mudando com o passar do tempo, morre até o ódio. Tudo morre. Tudo. Mas há beleza nisso. É uma beleza eterna.

E tu, que andas há anos à procura da beleza, devias vê-lo dessa maneira. Gostaria que o fizesses. Que atravessasses a dor e encontrasses a beleza neste adeus, porque se estou aqui a escrever-te significa que vivi, que tivemos a sorte de ser irmãs e que, algum dia, quem sabe?, talvez nos voltemos a encontrar. Se isso acontecer, Grace, espero que tenhas muitas coisas para me contar. Coisas maravilhosas. Coisas que nos façam rir juntas.

Com amor, Lucy.

Levanto a cabeça quando as lágrimas começam a esborratar as letras e só então ganho consciência de que estou a chorar. Não, não choro. Soluço. Um gemido alquebrado escapa-se-me da garganta e sinto que me estou a afogar, que estou sob as ondas no meio do oceano e não consigo respirar, não consigo. O Will envolve-me com os seus braços, embala-me contra o seu peito, beija-me as lágrimas com tanta delicadeza que choro com mais vigor. E sei que me diz alguma coisa ao ouvido, palavras de consolo, talvez, mas não ouço nada, não vejo nada, não sinto nada exceto esta dor asfixiante que me espreme os pulmões ao pensar que tudo terminou, que, agora sim, a Lucy se foi, não só o seu corpo, mas também os pedacinhos da sua alma que deixou para mim nestas cartas. Já não me resta nada da minha irmã e sinto a falta dela como se me tivessem mutilado.

Então, abandono-me e continuo a chorar.

Não é fácil regressar da dor, esse lugar que imagino como o covil de uma aranha no meio de um bosque denso. A dor possui um certo encanto, porque podemos deixar-nos ir e tudo o resto se torna trivial, sentimo-nos quase etéreos e leves ao parar de lutar e aceitar o abraço da tristeza. E é fácil desejar permanecer na teia de aranha a balançarmo-nos suavemente, mas, se o fizermos, se decidirmos ficar, corremos o risco de perdermos a formosura selvagem e avassaladora do resto do bosque. *Atravessa a dor. Atravessa-a.* Ouço a voz dela na minha cabeça. E agora compreendo que é precisamente isso o que tenho andado a fazer durante os últimos meses da minha vida. Que comecei na teia de aranha, presa e rodeada de pessoas que não me acrescentavam nada, e depois libertei-me, toquei no chão com os pés e caminhei devagarinho, muito devagarinho, entre fetos e raízes e flores.

Continuo dentro do bosque. Continuo ali. Mas os ramos das árvores mais altas são menos frondosos e veem-se pedaços do céu azul. Às vezes, até me alcançam alguns raios de sol.

— Grace… — A voz dele é uma carícia invisível. — O que é que eu posso fazer?

— Nada. Ninguém pode caminhar por mim.

— Ao que é que te referes?

Sacudo a cabeça com o rosto ainda afundado no seu peito. Cheiro-o. Cheiro-o porque, quando o faço, continuo a evocar cascatas e frio e violetas. E escuto o seu coração a bater com força contra a minha orelha direita, *pum, pum, pum*. O Will está vivo e eu também. E esse facto absurdamente vulgar depressa me parece insólito. Respiramos. Fazemo-lo em simultâneo. O seu corpo e o meu funcionam na perfeição como duas máquinas recém-oleadas, cada célula a cumprir a sua função específica, somos capazes de ver e ouvir e de nos cheirar e saborear e tocar. Podemos amar-nos.

— Will…

— Diz.

— Vou ter tantas saudades dela…

— Eu sei. — Ele beija-me o nariz, limpando o rasto de lágrimas.

— Obrigada por me acompanhares durante o jogo todo. Fizeste com que fosse ainda melhor do que seguramente a minha irmã imaginou.

— Porra, Grace. — Ele afaga-me a bochecha.

Tenho quatro palavras presas na língua: «Acho que te amo.» Não, não acho, sei. Porque o Will tornou-se o amigo de que tanto precisava, um amante, um confidente, aquela pessoa capaz de me fazer rir enquanto tiramos a roupa ou de debater intensamente sobre qualquer tema que pareça insignificante ao resto da humanidade. E gosto do seu coração. Não é perfeito, não, algumas zonas passaram demasiado

tempo à sombra, mas é um coração que sabe arrepender-se.

No entanto, não as profiro. Engulo-as com força.

— Achas que a tristeza pode ser infinita?

O Will olha para mim e afasta-me o cabelo da cara.

— Depende do tipo de tristeza.

Vejo tudo desfocado quando ele se move para pegar na caixa do jogo. Tira as cartas que restam, aquelas que têm cores diferentes e que vi da primeira vez que ele me mostrou «O Mapa dos Desejos». Uma é vermelha, outra é roxa e duas são azul-pálidas.

— São para o teu pai, a tua mãe e o teu avô — explica ele, virando a roxa na mão e suspirando profundamente. — E esta é para mim.

Ficamos calados durante uns segundos.

— Vais abri-la agora?

— Acho que o vou fazer mais tarde.

Assinto e o silêncio regressa. É estranho que o que nos uniu, um jogo que há meses me pareceu uma loucura sem sentido, tenha chegado definitivamente ao fim. Passo a vista pelo interior da caravana. Há um livro diferente junto da cama, porque duram pouco com o Will, a roupa está dobrada num monte e, ao lado, junto da pilha de livros, vejo uma prenda. É a mesma que estava no banco de trás do carro na noite da feira. Esteve ali aquele tempo todo e não sei como é possível não lhe ter prestado atenção antes, mas imagino que estava tão concentrada no que tinha ido ali fazer que não vi mais nada.

— Will.

— Sim?

— O que é aquele embrulho?

Ele vira a cabeça para olhar para o aludido.

— Ah, isso. Ia ser o teu presente de aniversário, mas o final da noite deu para o torto e, bem, não encontrei o momento certo para to dar. Ou talvez não tivesse a certeza se o devia fazer. — Ele parece nervoso. — É possível que não gostes.

Adoro presentes. Adoro-os de uma maneira absurda e infantil. Há poucas coisas mais emocionantes do que descobrir o que outra pessoa pensa que poderíamos gostar, aquilo que a fez lembrar-se de nós de entre todos os objetos que temos diariamente ao alcance, e desfazer o laço, rasgar o papel de embrulho…

É mesmo disso que preciso esta noite. Uma distração.

— Posso abri-lo?

— Claro. Espera.

O Will pega no presente e oferece-mo.

Faço deslizar a ponta do dedo pelo contorno do laço dourado e penso uns segundos antes de puxar uma das pontas. Não preciso de erguer os olhos para saber que o Will permanece quieto, porque está a esfregar o queixo enquanto espera que o acabe de abrir. E assim faço. Tiro a tampa da caixa de cartão. E ali estão eles.

Dois patins lilás. Os mais bonitos que alguma vez vi.

Sinto-me voltar a entrar na espiral emocional da qual tentava escapar minutos antes. Os olhos enchem-se-me lentamente de lágrimas.

— Merda, Grace. Desculpa, desculpa…

— Não.

— Foi um erro… Pensei… Não sei o que pensei…

Ele abraça-me, tentando consolar-me. Eu demoro uns instantes a entendê-lo e afasto-me um pouco para apoiar a minha testa na sua. Faço-lhe festas nas bochechas.

— São perfeitos, Will.

— A sério?

— Sim. A sério. É que tenho as emoções à flor da pele e não consigo parar de chorar. Mas os patins são o melhor presente do mundo.

— Fico feliz por ouvir isso. Encontrei um rinque de patinagem em Lincoln e pensei que talvez um dia pudéssemos passar por lá…

O Will fala em sussurros e sem parar de me limpar as lágrimas com os polegares. Embora lhe tenha assegurado que estou bem, uma ruga de preocupação sulca-lhe a testa. Agora mesmo, só quero que desapareça. E que ele me beije. Que me beije e que o resto do mundo se silencie com a mesma facilidade que a luz ao carregar num interruptor. Lâmpadas. A minha cabeça está atulhada de lâmpadas acesas e quero que o Will as apague uma a uma até tudo ficar às escuras e cheio de calma e paz.

48

Will

— Gostava que me beijasses sem parar. Só isso. Um beijo e depois outro e mais outro. E, quando nos dermos conta, já esteja a amanhecer.

— Acho que isso consigo fazer — garanto-lhe.

Os seus lábios procuram os meus e eu deixo-me levar.

Beijar é como voltar a ler um livro. Apesar de sabermos o final, de conhecermos todos os movimentos e cada centímetro da boca um do outro, não queremos parar de o fazer. Há uma emoção contida no ato de folhear, de marcar a pele beijo a beijo.

A Grace puxa a minha *T-shirt* com força para ma tirar. Em seguida, procura o elástico das calças e tenta baixar-mas. Tenho a respiração entrecortada enquanto lhe pego nos pulsos e a olho nos olhos. Continua a chorar. As lágrimas são silenciosas, mas perseverantes. Beijo-lhe as maçãs do rosto, levando comigo o rasto salgado. Ela encontra o nó do cordão das calças de fato de treino e desaperta-o.

— Não acho que isto seja o melhor…

— Preciso de ti agora, Will — diz ela.

— Humm… — Fecho os olhos quando a sua mão me acaricia sobre a roupa interior e tento acalmar-me. — Tens a certeza? Porque podíamos… abraçar-nos. Ou sair para ir ver as estrelas. É quase melhor isso — acrescento, com a intenção de colocar distância entre nós.

Ela pega-me no rosto para que olhe para ela.

— Por favor, Will. Por favor.

E faço o que me pede. Deixo que me tire a roupa e ajudo-a a livrar-se da sua, que acaba no chão. Deito-me por cima dela. Estamos os dois nus e, apesar da diferença de alturas, cada parte dos nossos corpos parece estar unida: os pulmões, os umbigos, o meu membro sobre o sexo dela, as pernas e os joelhos. As nossas bocas. Temos os lábios inchados, húmidos, avermelhados. E, mesmo assim, não parece suficiente. Beijo a Grace no pescoço, nos seios, no osso da anca, entre as pernas, até a ouvir gemer e arquear-se, pedindo mais. Pouco depois, afundo-me dentro dela. É fácil sentir-me seguro assim, justamente assim, enquanto o resto do mundo dorme e eu só

vejo o seu rosto e não penso em mais nada. Não há culpa, dúvidas ou receios. Só existe a Grace. Ela e as suas pernas a envolverem-me. Ela e a satisfação a desenhar-lhe uma careta no rosto. Também a outra cara. A dela e o desejo de querer congelar este momento, porque já aprendi após várias quedas que todos os começos têm o seu fim, que não há árvore que não acabe em lenha, que a felicidade são clarões que deslumbram tanto quanto aturdem.

É como o prazer que nos sacode. Esmagador e efémero.

Fico um minuto sem me mexer antes de me levantar para ir à casa de banho. Quando regresso, ela continua na mesma posição, com a vista cravada no teto. Deito-me ao seu lado e abraço-a suavemente. *Todo o meu corpo parece feito para encaixar no dela*, penso, apesar de ter consciência de que se trata da típica pirosice em que só podemos acreditar quando estamos tão loucamente caidinhos por alguém que não vemos mais nada à frente.

— Estás bem, Grace?

— Sim. Um pouco triste. Um pouco satisfeita.

— E agora é a parte em que peço um jóquer para a resposta longa.

Reparo no seu riso através da palma da mão que mantenho apoiada sobre a sua barriga.

— Estou triste porque me custa assimilar que tudo chegou ao fim, mas satisfeita porque o consegui fazer e foi… revelador. Pergunto-me se a minha irmã me conhecia melhor do que cheguei a conhecer-me a mim mesma um tempo atrás…

— É possível.

— Acho que temos uma imagem distorcida do que *somos* porque, na verdade, mudamos um pouco todos os dias. É possível que o coração seja mais elástico do que o cérebro? Isso explicaria por que razão nos agarramos a um par de adjetivos e andamos com eles às costas durante grande parte das nossas vidas. Talvez aceitar que se é «caótico» ou «introvertido» seja mais fácil do que se redefinir constantemente. Lembras-te do que te disse uma vez sobre as cores? Que para mim eras roxo, mas, no fundo, todos somos arco-íris.

A Grace vira-se e apoia a cabeça sobre o meu peito. Pergunto-me se conseguirá ouvir os batimentos do meu coração. E também se terá consciência dos meus silêncios, porque, por vezes, não sou capaz de a acompanhar e sinto que segue em frente, cada vez mais rápido, e se afasta cada vez mais. Não consigo correr porque estou preso. Eu próprio coloquei as algemas e agora já não me lembro de onde deixei a chave.

Cerro os olhos. O sono aproxima-se num vaivém que ela interrompe com o movimento dos seus dedos. Concentro-me na ponta do indicador que desce pelo meu

umbigo, o rodeia, traça uma espiral, sobe-me pelo peito…

— Grace, o que é que estás a fazer?

Ela demora uns segundos a responder.

— Estou… a patinar.

— O quê?

— A patinar pela tua pele.

Desanuvio a mente e presto atenção ao desenho que cria com os dedos. Reparo na ponta da sua unha a cravar-se com suavidade na carne antes de deslizar para baixo devagar. Respiro fundo. Não sei porque é que este momento me parece tão transcendental, mas não consigo parar de olhar para a mão da Grace a deixar a sua marca na minha pele eriçada.

— Will…

— Hum.

— Quero usar os patins. Se não fosse uma da manhã, pedir-te-ia que fôssemos agora mesmo a essa pista que encontraste.

Soergo-me e observo-a.

— A sério?

— Sim — sussurra ela.

— Então, vamos.

— Quando?

— Agora. Vamos.

Levanto-me e pego na *T-shirt* que está aos pés da cama. A Grace fita-me com incredulidade.

— Passaste-te?

— Veste-te só.

Ela assim faz, apesar de não me parecer muito convencida, e pega na caixa com os patins. A humidade da madrugada abraça-nos ao sairmos da caravana para nos encaminharmos para o carro e, antes de poder pensar com calma no que estou a fazer, já estamos a caminho de lá. Quando viro a cabeça para a Grace, descubro que adormeceu com o meu casaco por cima, e logo me concentro na estrada e nada mais. Não tenho a certeza do que espero conseguir, nem sequer estou habituado a deixar-me levar por impulsos sem ter tudo bem calculado primeiro, sobretudo porque são o tipo de ações que não costumam terminar bem. Mas continuo em frente. Continuo a conduzir a meio da noite.

A pista de gelo encontra-se dentro de um centro comercial.

O lugar está deserto. Só há dois carros no estacionamento quando desligo o motor. Fico a olhar para o enorme edifício à minha frente, cujas portas, como é óbvio, estão

fechadas. Não tenho nenhum plano quando me debruço para a Grace e sussurro o seu nome para a despertar. Ela abre os olhos lentamente.

— Já chegámos — informo.

Ela olha para mim na escuridão do carro durante uns instantes antes de sorrir e tirar o casaco de cima, embora eu a incentive a vesti-lo ao sairmos.

Avançamos até ao centro comercial.

Paramos à porta. Não há campainha. Não há nada. Recuo alguns passos, olho para cima e solto um suspiro. A Grace ergue as sobrancelhas e sorri.

— Will Tucker, estás a calcular se é possível saltar o muro?

— Sim.

— E eu que pensava que eras o mais sensato de nós os dois…

— O que é que achas? Consegues subir para os meus ombros?

— Não pensaste que a porta do rinque de patinagem também poderá estar fechada?

— Tudo a seu tempo, Grace.

— Merda, estás a falar a sério?

— Porra, claro. Queres patinar ou não?

— Sim. Sim, quero.

— Então, bora.

Agacho-me e ela trepa pelo meu corpo. Coloca os pés nos meus ombros e eu amparo-lhe as pernas. Agarra-se à parte superior do muro, mas nesse momento eu mexo-me um pouco para a direita e ela perde o equilíbrio. Solta um grito. Um grito que devem ter ouvido em todo o país.

E meio minuto depois…

— Quem anda aí?

Uma lanterna oscila pelo muro.

— Olá! Estamos aqui! — exclamo, e a Grace olha para mim como se me tivesse passado completamente dos carretos, coisa que é bastante provável. — À porta. Pode abri-la, por favor?

Um silêncio indeciso dá lugar ao chocalhar do ferrolho. O homem aparece quando a porta se abre e é jovem, de cabelo louro e ondulado, com um rosto ligeiramente ovalado. Aponta-nos a lanterna como se fosse uma arma e eu mostro-lhe o melhor dos meus sorrisos enquanto a Grace permanece calada ao meu lado, algo inusitado.

— Lamentamos roubar-lhe um minuto do seu tempo — começo. — Mas viemos de longe. Muito longe — acrescento, para enaltecer a história.

— São três da manhã — diz o homem.

— Sim. Estávamos a perguntar-nos se poderíamos entrar um minutinho na pista

de gelo. Compreendo que isto tudo pareça estranho, mas não somos ladrões nem nada do género, só… — Como se procurasse intimidade, aproximo-me mais dele, que está completamente estupefacto. — A rapariga com quem vim é minha namorada e ela precisa de voltar a patinar. Adorava fazê-lo quando era pequena, mas depois…

— Depois…? — Ele está intrigado.

— O seu sonho desfez-se — respondo.

Ele olha para mim durante uns segundos e abana a cabeça.

— Voltem mais tarde. Abrimos às dez.

Ele dá um passo atrás e agarra-se à pesada porta com o intuito de a fechar quando me interponho no seu caminho. Não parece achar muita piada, pelo que me acalmo um pouco e deixo escapar o ar sustido. Faço um esforço por recordar aquele Will que era capaz de convencer metade da universidade a mudar o lugar onde se ia celebrar a festa de fim de ano ou de se apresentar numa entrevista de trabalho e parecer imprescindível para a empresa, tão seguro e eficiente que ninguém duvidava de que acabaria a liderar no escritório.

— Nunca cometeu uma loucura por amor? — pergunto-lhe, e antes que tenha tempo de pensar nisso, continuo: — Se o que quer é dinheiro, posso pagar-lhe. Se não, abra uma exceção só desta vez. Pense nisso: vai poder contá-lo aos seus netos um dia. Vai lembrar-se deste momento e, em vez de se perguntar durante anos porque não deixou entrar aquele casal, transformar-se-á num episódio da sua vida. Por favor. Suplico-lhe.

Ele hesita e eu já sei que ganhei.

— É o meu trabalho que está em jogo.

— Nunca ninguém vai saber disto, prometo.

— Dez minutos — diz ele.

— Vinte — arrisco.

— Quinze. Nem mais um minuto.

Olha para os dois lados da rua antes de abrir as portas e deixar-nos passar. A Grace continua sem dizer nada enquanto ele nos conduz à pista de gelo, procura a chave correta no seu cinturão e enfia-a na fechadura. Acende um par de luzes, mas o recinto está praticamente às escuras. Faz-me um gesto na direção do relógio que significa que o tempo não para e que não temos muito. Assinto e agradeço-lhe.

— Não consigo acreditar — sussurra ela quando ele desaparece.

— Rápido, calça os patins. Anda, eu ajudo-te.

A Grace mostra-se um pouco aturdida enquanto lhe tiro os ténis e retiro os patins da caixa. Mal sinto o frio que faz aqui dentro porque a adrenalina tolda tudo.

Acompanho-a quando baixa a cabeça para ultrapassar a vedação e entrar na pista.

— Estás bem, Grace?

— Acho que sim. Acho… que estou melhor do que nunca.

Sorri-me e eu sinto-me o homem mais sortudo à face da Terra quando a vejo deslizar pelo gelo. Ela mexe as pernas, primeiro devagar, quase trémula, e depois impulsiona-se com mais força. E é… é como se voasse. Parece um pássaro que acaba de escapar de uma gaiola depois de anos aprisionado, sem poder estender as asas. Todo o seu corpo se arqueia com graciosidade, o rosto relaxa-se, ela levanta os braços e ri-se. Se não fosse impossível, pensaria que o seu riso entra dentro de mim e ali fica, demorado e borbulhante. Olhar para ela é hipnótico e não consigo parar de o fazer. Enquanto permaneço apoiado à vedação que limita o perímetro da pista, tenho consciência de que contemplá-la é um presente e custa-me crer que os meus atos tenham conduzido a este momento.

Mas aqui estou. Aqui estamos.

— Anda comigo. — A Grace aproxima-se de mim com as bochechas geladas e avermelhadas. Os patins lilás nos seus pés fazem com que fique quase da minha altura quando avanço sobre o gelo com ela. — O que fizeste esta noite… foi a estupidez mais perfeita que alguma vez alguém fez por mim. Nunca o vou esquecer.

Ela abraça-me e ficamos os dois em silêncio na pista. Ela dá-me um par de beijos rápidos antes de se afastar a rir como uma estrela cadente que deixa uma centelha de luzes à sua passagem. Durante os dez minutos seguintes, gira em meu redor, desliza, impulsiona-se, ganha velocidade, abranda pouco a pouco…

— Quem me dera não ter de dizer isto, mas temos de ir.

— Eu sei. Eu sei. — Ela aproxima-se, ofegante, e, sem perder o sorriso, tira os patins e enfia-os na caixa mesmo quando o homem aparece e fica a olhar para nós.

— Está na hora — comenta ele.

Acompanhamo-lo até à porta do centro comercial. A Grace despede-se dele com tanto entusiasmo que até parece deixá-lo um pouco atordoado, e eu aperto-lhe a mão.

— Obrigado. Do fundo do coração.

Ele assente e fecha ao sairmos.

Dirigimo-nos ao carro. A noite cerca-nos e eu ligo o motor para ligar o aquecimento, mas não nos mexemos. Permanecemos no estacionamento às escuras, cada um a pensar nas suas coisas com as nossas mãos a acariciarem-se a meio caminho de forma distraída, até que a Grace diz:

— Os meus pais vão divorciar-se.

— Merda. Não sabia que estavam mal, na outra noite pareciam estar a entender-se bem.

— São amigos. Ou acho que são. — Ela para de olhar para as nossas mãos e ergue a vista para mim. — Fiquei a saber hoje. Quero dizer, ontem à tarde. Afinal, ele está apaixonado por outra mulher.

— Lamento — digo em voz baixa.

Ficamos calados uns segundos.

— Não quero que esta noite termine.

— Eu também não.

— Então, bora falar até ao amanhecer.

— Está bem. — Apoio melhor a cabeça no assento.

— Sabes uma coisa, Will? Tinha-me esquecido de que um dia tive uma revelação enquanto estava a patinar e hoje, ao voltar à pista, lembrei-me. Foi estranho, como um vaipe. Naquela tarde, não parava de cair de cara no gelo, uma vez atrás da outra, e percebi que o êxito é formado por pequenos fracassos. Mas, principalmente, que, quando perder o equilíbrio e cair já não nos mete medo, tudo muda. A vida muda.

Nesse momento, devia responder perguntando-lhe «E como é que se deixa de ter medo?», porque talvez a Grace possa oferecer-me a resposta adequada. No entanto, não o faço. Limito-me a continuar a entrelaçar os nossos dedos com o coração desenfreado.

Depois, falamos entre sussurros de qualquer coisa que nos ocorre. Voltamos a tocar no assunto dos pais dela, em como a inquieta muito a incerteza de não saber o que se seguirá. Também mencionamos as cartas da Lucy, aquelas que deixou para a sua família e que a Grace deverá repartir quando achar que chegou o momento certo. E a viagem acaba por se impor como tema principal: revemos as possibilidades, ela quer ler os guias de viagem da biblioteca apesar de ter a rota bastante clara, e fantasiamos com todas as aventuras que viveremos juntos.

— Quando formos a Itália vais poder comer massa com queijo sem parar — diz-me ela à medida que a primeira luz da alvorada começa a despontar.

— É uma coisa em que penso diariamente — brinco.

A Grace move-se e aconchega-se no meu regaço. É um espetáculo maravilhoso, mesmo encontrando-nos num estacionamento qualquer. Porque os pores do sol são mágicos e estão repletos de nostalgia, mas ver o amanhecer é assistir a um começo, uma folha em branco, um punhado de oportunidades. E a luz é suave, meras pinceladas cor-de-rosa e amarelas um pouco aguadas. Em redor, tudo permanece calmo, em paz.

Nós também, até decidirmos que chegou a hora de regressar. Arranco e digo à Grace para dormir um pouco se lhe apetecer, mas ela nega com a cabeça. Conduzo para uma avenida. Estou convencido de que todos os carros à nossa volta têm como

destino o trabalho dos seus proprietários ou a escola dos filhos destes. Viro para uma reta de vivendas idênticas.

— Conheces esta zona? — pergunta-me a Grace.

— Sim. A casa onde vivia não fica muito longe.

— A sério? Adorava vê-la.

Quero recusar-me. É a última coisa que me apetece fazer e não só por estar cansado após conduzir e passar a noite sem dormir, mas porque não me entusiasma que a Grace entre nessa parte do meu mundo que só me relembra as más decisões que tomei. Simplesmente, não encaixa. São duas partes distintas da minha existência.

Mas cedo. Faço-o porque acho que será só por um momento e depois vamo-nos logo embora e regressamos a Ink Lake.

Deixamos para trás vários bairros até chegar àquele onde cresci. A casa dos meus pais fica quase numa esquina. Ao lado, encontra-se a da família do Josh. Paro uns metros mais atrás, mas não desligo o motor. Aponto.

— É aquela ali.

— A da trepadeira?

— Sim. — Dou uma vista de olhos rápida às janelas e às árvores do jardim. Nada parece ter mudado, mas tenho uma sensação estranha de distanciamento.

— Será que os teus pais estão em casa?

— Suponho que sim. Porquê?

— Devias entrar para os cumprimentares. É a desculpa perfeita para eu poder conhecê-los. Podíamos tomar o pequeno-almoço com eles, o que achas?

— Não.

— Mas…

— Não, Grace.

E pressiono o acelerador para me afastar o quanto antes deste lugar. Não demoramos a deixar o bairro para trás, a cidade inteira. Não dizemos nada durante vinte longos minutos e tão-pouco é necessário para compreender que a Grace está chateada com a minha reação, mas o que esperava ela? Entrar ali e comer ovos, torradas e sumo com os meus pais como se fosse uma coisa supercomum? Isso faz-me lembrar que não comemos nada e sou o primeiro a render-me nesta batalha sem sentido.

— Tens fome? Queres parar?

— Não, obrigada. Estou bem.

— Como quiseres.

Já não digo mais nada até estacionar diante da sua casa. Consigo perceber a tensão a flutuar em nosso redor e incomoda-me que ali esteja quando, há poucas horas, com a

Grace a deslizar pelo gelo, tudo era perfeito.

— Não tens razões para estar chateada.

O olhar dela é uma navalha recém-afiada.

— Achas mesmo que não? Olha, o que fizeste esta noite por mim, como tudo o resto, foi maravilhoso. Seria fácil deixar-me cegar por isso, mas não posso ignorar o resto, Will. Não posso. Porque és mesmo importante para mim.

— Nem sequer sei do que estás a falar.

— Sabes, sim. Evitas enfrentar tudo o que te incomoda. És incapaz de tomar as rédeas e responder à mulher com quem te ias casar ou de te abrires com os teus pais e lhes demonstrar quem és agora. Não podes evitá-lo eternamente.

— Porra, Grace. Não é assim tão simples.

Ela engole em seco e morde o lábio antes de levantar a cabeça para procurar os meus olhos. Há um brilho distinto no seu olhar que me desconcerta.

— Posso fazer-te uma pergunta?

— Sabes que sim.

— Porque é que me queres acompanhar na viagem?

Pensava que me ia perguntar sobre algo relacionado com a minha família ou a Lena. Mas não. E as palavras levitam no ar uns instantes até eu encontrar uma resposta.

— Porque gosto de te fazer feliz.

— Merda, Will.

Ela vira a cara e deixa escapar o ar que susteve.

— Qual é o problema?

— A sério que não percebes?

— Não, porra. Ouve…

Mas, antes de conseguir dizer mais alguma coisa, a Grace inclina-se para mim e dá-me um beijo nos lábios como despedida. Abre a porta do carro e sai. Eu fico ali uns segundos a tentar decifrar o que acaba de se passar, mas não chego a nenhuma conclusão, pelo que arranco e conduzo rua abaixo com as mãos fincadas no volante.

Ao chegar à caravana, deixo-me cair na cama.

E adormeço. Adormeço a vê-la a girar no gelo.

49

Grace

Depois de me despedir do Will, subi até ao meu quarto, peguei num papel e escrevi «confrontar». O verbo andou à roda na minha cabeça. Nunca tinha estado tão consciente de me encontrar no meio de duas situações antagónicas. A venda com a qual tento tapar os olhos deu de si e já não há maneira de a voltar a apertar. Poderia fazê-lo se não me importasse o suficiente, como acontecia com o Tayler, ou se fosse a rapariga que era há meses.

Mas não com ele… Não com ele e agora…

Continuo fixada na mesma palavra dois dias mais tarde. Refugiei-me em casa do meu avô porque precisava de me afastar do ruído; da preocupação com a minha mãe, da conversa pendente com o meu pai, dos enredos do Will.

Ensimesmada, vejo o avô mover a goiva redonda para talhar a madeira. Está a fazer um pequeno guarda-joias para a vizinha que vive no fundo da rua e imagino que seja de tília, pois é a madeira que mais gosta de manusear devido à sua textura fina. Também costuma usar madeira de cerejeira e nogueira, choupo e carvalho. Já vi o avô a trabalhar tantas horas na sua oficina que conheço cada um dos seus movimentos: a maneira como usa a grosa para desbastar as gretas, a sua precisão com o formão nos cortes retos ou a delicadeza ao usar a lixa ou a esponja.

— Até quando é que vais ficar aí a olhar para mim?

Não respondo. Limito-me a suster a chávena de leite fumegante que me aquece as mãos. Separam-nos alguns metros; o avô está sentado diante da mesa de trabalho e eu, numa cadeira encostada à parede.

— Grace…

— Estou a pensar.

— Agora?

— Não, desde que aqui cheguei.

— Andas há dois dias a pensar?

— Sim.

O avô suspira e muda de ferramenta.

— Queres falar sobre isso?

Sei que lhe custou formular aquela pergunta, porque ele não é dos que sacam informação, mas dos que esperam por ela. A última vez que tivemos uma conversa importante tive de insistir com ele para que me dissesse que impressão tivera do Will durante o jantar em que se conheceram. «Bom coração, cabeça enredada», disse ele. E acho que tinha razão, embora nessa altura ainda estivesse a tentar ignorar os sinais de néon.

— É que estou confusa.

— Porquê?

— Porque gostava que as coisas fossem diferentes, mas acho que se continuar a ignorar a realidade só vou conseguir que tudo piore ainda mais.

— Parece-me que estamos a falar do Will.

— Não quero meter a pata na poça. É uma decisão importante.

O avô continua a trabalhar no guarda-joias.

— O que é que te preocupa?

— Que ele fique comigo pelas razões erradas.

— Tem assuntos pendentes — adivinha ele.

— Alguns. Devia ter tratado deles enquanto eu fazia o mesmo com os meus, seguindo «O Mapa dos Desejos», mas…

— Coincidir no caminho é complicado.

— Sim.

Fico a observar as aparas de madeira que cobrem o chão da garagem, alheias ao facto de que, no momento mais inesperado, uma vassoura acabará com tudo. É um símile da vida, quem diria. E do amor. O que o avô disse é verdade, não deve ser fácil duas pessoas encontrarem-se no mesmo lugar, à mesma hora, com os mesmos propósitos. E o que é que acontece então? O que se passa quando estamos apaixonados por alguém que não avança ao mesmo ritmo que nós? Tratando-se do Will, digamos que fez uma paragem pelo caminho, mas não sei se será para ganhar balanço ou porque não quer seguir em frente.

— Avô, nunca tiveste dúvidas?

— Continuamos a falar do amor?

— Sim, continuamos a falar do amor.

— Claro que tive, Grace. E nem sempre foi fácil. Enganei-me várias vezes e discutíamos quando não estávamos de acordo, como acontece em todos os casamentos…

— Arrependes-te? — pergunto.

Ele pousa a peça em que está a trabalhar e fita-me. Está sério e conheço as suas

expressões quanto baste para adivinhar que me vai dizer algo importante.

— De me enganar? Suponho que sim, mas não seria humano de outra forma. De não coincidir sempre? Não. Sei que seria mais bonito dizer-te que, se pudesse voltar atrás no tempo para ver a tua avó e ela me dissesse que o céu é verde, lhe daria a razão, mas, se pensares bem nisso, será que lhe estaria a fazer um favor ou precisamente o contrário? Ser o companheiro de vida de alguém não é simples, porque cada um se transforma na pessoa que melhor conhece o outro e isso implica deixar à vista as forças e as fraquezas. Os momentos bons são fáceis, mas os maus… revelam se o vínculo é forte ou se se tem a confiança suficiente para assumir as imperfeições.

Provavelmente, foi a maior resposta que o avô alguma vez proferiu. Aperto a chávena entre as mãos, embora já tenha arrefecido.

— Obrigada — sussurro.

— De qualquer maneira — ele torna a pegar na goiva —, preciso mesmo de saber se pensas ficar cá em casa mais dias, porque logo vou às compras.

Nego com a cabeça e sorrio.

— Vou-me embora em breve. Pelo menos acho que sim.

— Está bem. Se mudares de ideias…

— Serás o primeiro a saber.

Levanto-me e beijo-lhe a face suave e enrugada. Depois, procuro no bolso de trás das calças de ganga a carta em que peguei antes de o vir visitar. Tiro o envelope azul-pálido e ofereço-lho. O avô observa-o, primeiro com estranheza, mas o seu rosto altera-se em apenas alguns segundos: adoça-se como se alguém acabasse de lhe untar a pele com uma camada de merengue. As comissuras da sua boca descaem, os olhos brilham-lhe e para de mover as mãos, pois já se esqueceu do que estava a fazer.

— É para mim? — Tem a voz rouca.

— Sim. Acabei o jogo. A Lucy deixou esta para ti.

A mão treme-lhe ao pegar na carta. Está tão emocionado… tão nervoso… Digo-lhe que o vou deixar a sós para ter alguma privacidade, mas ele já não me ouve, está demasiado ocupado a abrir o envelope com vagar. Sorrio e abandono a garagem.

O dia está cinzento-pérola. Entro na casa, subo até ao quarto que o avô fez para mim e guardo as poucas coisas que trouxe comigo numa mochila.

Acho que está na hora de acabar de pôr a minha vida em ordem.

Não está ninguém em casa quando regresso. Tomo um duche longo e seco o cabelo enquanto me observo ao espelho, fixando-me bem naquelas partes do meu corpo para as quais por vezes não quis olhar. Depois, desço para a cozinha. Há uma piza no frigorífico, que meto no forno, pois ando há quase dois dias sem conseguir comer

como deve ser por causa da inquietação, pelo que estou cheia de fome.

Acabo de a tirar do forno quando o meu pai aparece.

— Grace… — Ele ainda tem as chaves na mão quando me vê na cozinha. — Fico feliz por teres voltado. Estava preocupado contigo.

— Em que sentido?

— Não quero que sofras.

E depois cai por terra tudo aquilo em que andei a refletir. Em vez de me mostrar compreensiva, digo simplesmente:

— E a mãe?

— Idem.

— A sério?

— Sim, Grace. Gosto da tua mãe. Não exatamente da mesma maneira que gostava há anos, mas como se gosta das pessoas importantes da nossa vida. Mesmo que não acredites nisso, gostava que tudo tivesse corrido de maneira diferente. Mas, às vezes…

Não diz mais nada. Eu também não. Fico especada a olhar para a piza que tenho à minha frente: o tomate triturado, as azeitonas cortadas, os cogumelos laminados, o queijo ralado; suponho que, às vezes, para que algo termine de encaixar é preciso cortar e moldar.

Solto um suspiro e olho para o meu pai.

— Disseste que a mãe, para ti, era como um farol no meio de uma tormenta.

— Pois foi. E continua a ser, embora haja coisas que mudaram e ela também o sabe. Sei que seria mais fácil pensar que tudo se deve a uma terceira pessoa, mas isso não é verdade. Há anos que estamos… esgotados. Quando a vida nos passa por cima, chega um momento em que a pessoa que temos ao lado nos faz lembrar demasiado o que perdemos. A tua mãe precisa de começar do zero e eu também.

Assinto com a cabeça, embora me invada a melancolia e a saudade de tudo o que nunca vivi. Consigo imaginar os meus pais a conhecerem-se naquela festa: ela com um vestido espetacular, ele a epítome da elegância e da beleza. Dançam e riem e falam sem parar. Vejo-o a mudar de cidade para estar ao lado dela. E, a seguir, a barriga da minha mãe a crescer e a crescer até a Lucy chegar ao mundo, um bebé diminuto e perfeito. De certeza que foram muito felizes. Pelo menos até se verem obrigados a trazer-me a mim ao mundo, porque o cancro da minha irmã e o meu nascimento foram dois acontecimentos que andaram sempre de mãos dadas. Depois, a vida a fazer das suas. Vejo momentos doces misturados com outros mais azedos. Infeções urinárias, pneumonias, descamação, icterícia. Trabalho e hospitais e um cansaço tão extremo que me surpreende que tenham sido capazes de o suportar com

firmeza até ao fim, esse dia em que enterrámos a minha irmã e tivemos de permanecer ali de pé, a contemplar com impotência a lápide na qual se podia ler: «Lucy, hoje as estrelas brilham mais contigo no céu.»

— E agora? — pergunto-lhe.

— Não sei. Vamos dar um passo de cada vez. Tu vais para a Europa, a mãe acaba de recomeçar a trabalhar… — Ele sorri levemente, e eu sei que está feliz por ela.

— Tudo mudou muito — digo.

— Sim, tudo mudou. — E assente com a cabeça.

Não dizemos mais nada, mas empurro o prato de piza na sua direção e ele aceita a oferta, pegando numa pequena porção. Eu imito-o. Cada fatia parece aproximar-nos mais de uma espécie de tréguas definitivas. Quando deixo de ter apetite, peço-lhe que espere um bocado e subo até ao quarto para ir buscar o envelope vermelho que a Lucy deixou para ele. O pai continua sentado na cozinha quando lho vou entregar.

A expressão do seu rosto é muito diferente da do avô. Não é doce. É desoladora. Os olhos inundam-se-lhe de lágrimas que acabam por se precipitar pelas faces em silêncio. Não abre o envelope de imediato, mas passa a ponta do dedo sobre as letras maiúsculas que a Lucy escreveu, os dois pês e os dois ás que formam um «PAPÁ».

Não me vou embora e ele também não me pede para o fazer. Permaneço em silêncio, sentada à sua frente até que ele decide abri-lo e sacar de lá a carta. É longa. Ele lê-a em silêncio sem parar de chorar, mas a angústia no seu rosto vai-se transformando em algo parecido com serenidade. Não sei o que diz exatamente a carta, mas sei que se mostra mais calmo e estoico com cada palavra que deixa para trás. Quando termina de a ler, guarda-a com enorme delicadeza e olha para mim.

— Estás bem? — lá consigo perguntar.

— Sim. A tua irmã era muito especial…

— Eu sei.

— Tu também és.

— Bem…

— Anda cá, saltitona.

Não me mexo, mas ele adianta-se. Levanta-se para me abraçar contra o seu peito que, apesar de tudo, continua a ser sólido. As recordações chegam como uma tromba-d'água: o pai a brincar com as duas no chão da sala, o pai a cozinhar enquanto trauteia, o pai junto à cama da Lucy com o baralho de cartas na mão, o pai a plantar as flores preferidas da mãe no jardim, o pai a discutir ao telefone com as pessoas do seguro médico, o pai a levar-me ao rinque de patinagem…

E acho que é verdade o que o Will me disse um dia.

Todos somos versões de nós mesmos.

50

Grace

Tornou-se um hábito percorrer o caminho de gravilha à noite para chegar até ele. Talvez porque, quando a Lua está no topo do céu, o mundo fica em silêncio e a minha cabeça começa a dar voltas e voltas a tudo até que tenho de sair porque já não consigo conter os pensamentos.

Não o vejo desde que me deixou em casa depois de cometermos juntos uma loucura e contemplar o amanhecer no estacionamento do centro comercial. Arranjei desculpas. Que estava com o avô. Que tinha combinado encontrar-me com a Olivia. Ou que tinha de ultimar os preparativos da viagem. E é tudo verdade, mas também é verdade que o andei a evitar porque sabia o que aconteceria quando nos encontrássemos.

O que está prestes a acontecer agora.

Bato à porta da caravana com uma sensação incómoda no peito. Sustenho o fôlego quando ele abre a porta e me sorri, porque sei como seria confortável ficar a viver nesse maravilhoso e quente sorriso, mas igualmente que o conflito continua ali, latente, e uma das partes ganhou terreno em relação à outra, pelo que não consigo continuar a ignorá-lo.

O Will pega-me na mão e puxa-me para eu entrar.

Os seus dedos sustêm-me o queixo quando me beija e, por um momento, esqueço as minhas intenções. Esqueço tudo e só existe a sua boca e o torvelinho de emoções que sinto quando o tenho ao pé de mim. O mundo ganha um tom roxo mágico e brilhante.

A sua língua brinca com o lobo da minha orelha.

— Espero nunca perdermos este costume.

— Qual? — A minha voz é um murmúrio.

— Apareceres aqui de madrugada.

E é como se, de repente, o feitiço se quebrasse. Já não há carruagem nem vestido, somente uma abóbora que se interpõe entre os dois. Por isso, coloco as mãos sobre o seu peito e afasto-me. O Will compreende de imediato a magnitude desse gesto tão

pequeno. Dá um passo atrás e percebo a dor que lhe atravessa o rosto antes de se conseguir mostrar imperturbável. Pela primeira vez, o silêncio entre nós é desconfortável.

— O que é que se passa, Grace?

— Eu… — balbucio e fecho a boca. Ando há dias a ponderar as palavras que lhe haveria de dizer, mas agora parecem ter-se esfumado todas. E dói-me o flanco. Dói-me como quando se bate em alguma coisa e se fica momentaneamente sem fôlego.

O Will suspira e vira-se como se quisesse mexer-se para aliviar a tensão, mas a caravana é tão pequena que somos obrigados a enfrentar-nos cara a cara.

Inspiro profundamente para ganhar coragem.

— Comprei um bilhete de avião.

— Um — particulariza ele.

— Sim. Só um.

— *OK*. Tudo bem.

O Will morde o lábio inferior e assente com a cabeça. A expressividade regressou-lhe ao rosto. Dá-me vontade de o abraçar ao vê-lo tão vulnerável, mas sei que isso seria apenas dar um passo atrás e adiar o que tem de acontecer.

— É que tenho de fazer esta viagem sozinha.

— Está bem. Eu compreendo. Fico à tua espera.

— Não estás a perceber, Will.

Ele olha-me fixamente e engole em seco.

— Estás a acabar comigo?

— Acho que sim.

— *Achas.*

— Não é fácil. — Sinto comichão nos olhos e no nariz e faço um esforço para manter a compostura. — Mas percebi logo quando te perguntei porque é que querias acompanhar-me na viagem e tu disseste que me querias fazer feliz.

— Mas que grande atrocidade — replica, sarcástico.

— E é. Só que contra ti mesmo.

— Mas que raio é que querias ouvir?

— Que te fazia feliz *a ti*.

O Will levanta as sobrancelhas e sacode a cabeça.

— Mas que estupidez. Queres acabar com tudo o que temos só por uma questão de semântica?

— Não. Quero acabar com tudo o que temos porque preciso que pares de te refugiar em mim e que saias lá para fora e assumas a realidade.

— Tenho a realidade bastante assumida, Grace.

Aproximo-me dele. Não se mexe quando lhe amparo a bochecha na palma da minha mão, mas consigo notar a tensão que lhe assenta sobre os ombros. Os seus lábios são uma linha fina e apertada e, por um instante, a única coisa que desejo é beijá-lo até que os relaxe.

— Estou a fazer isto porque te amo.

— Porra, Grace. Não. Assim não.

Ele dá um passo atrás para se afastar e sacode o cabelo. Sei o que ele quis dizer. Sei que o incomoda o facto de o meu primeiro e último «amo-te» surgir num momento assim, tão feio e triste. Mas é o mais próximo da verdade que lhe vou dizer hoje.

— Para mim, seria mais fácil fingir que não se passa nada e desfrutar da viagem contigo ou incentivar-te a vires para São Francisco comigo no próximo ano, sem parares nem um segundo para pensar no que isso implicaria para ti. Mas não o posso fazer, Will. Não posso permitir que me sigas, porque talvez agora não, mas daqui a algum tempo, meses ou anos, vais aperceber-te de que te deixaste levar pela corrente em vez de nadar e que perseguiste os meus sonhos porque não eras capaz de pensar nos teus. Não quero que me escolhas pelas razões erradas. Quero que me escolhas sem renunciares a ti. Por isso, sim, estou a fazer isto porque te amo, embora seja a última coisa que te apetece ouvir agora. Mas também é por mim, porque estou convencida de que só assim teremos uma oportunidade.

Os olhos do Will estiveram colados aos meus durante este tempo todo. Verdes, abrasadores, cortantes. Gostaria que dissesse algo que mudasse tudo. Um «Tens razão», talvez. Ou «Prometo que vou tentar». Mas isso não acontece. Está zangado. É fácil zangarmo-nos com as pessoas que gostam de nós, porque costumam ser elas a dizer-nos o que não queremos ouvir.

— Então, isso é tudo… — sussurra ele.

A minha visão fica desfocada por causa das lágrimas. Aterroriza-me não saber se será um ponto e parágrafo ou um ponto final, mas estou convencida de que, se o arrastar comigo, estaremos destinados a fracassar. Porque o Will não está livre. O Will anda com uma mochila cheia de pedras às costas e eu não posso obrigá-lo a esvaziá-la. Posso relembrá-lo, mas, no fundo, ele é o único capaz de tirar cada pedra lá de dentro. Requer esforço. Sei disso por experiência própria. Abrirmo-nos a nós mesmos com um bisturi é muito mais difícil do que abrir os outros, porque corremos o risco de tocar em órgãos vitais e pontos fracos.

Se ele nunca decidir fazê-lo, é possível que isto seja o fim. E, se for, se o vínculo que construímos ao longo destes meses se vai romper agora, odeio a ideia de que seja assim, com ele de testa franzida e a desejar que eu saia da caravana.

— Will… — Engulo em seco. — Pensa nisso.

Ele abre a boca, mas volta a fechá-la e sacode a cabeça.

— Vieste de carro?

— Sim.

— Ótimo. — Vira-se e parte-me a alma ver que a sua preocupação por mim continua acima de tudo o que esteja a sentir. Vejo-o pegar nuns papéis. — Toma.

Ele encurta a distância que nos separa e dá-me várias folhas cheias de apontamentos. A sua caligrafia é alongada e fina. Paro de respirar quando o tenho tão perto de mim que refrear-me para não lhe tocar se transforma em toda uma façanha.

— O que é isto?

— Algumas notas que estava a tomar para a viagem. Há sítios interessantes e também coisas práticas que talvez te sirvam de ajuda em algum momento.

Apercebo-me de que estou a chorar quando o Will me limpa as lágrimas com os polegares. A sua expressão zangada dá lugar ao carinho.

— Vai, Grace. É o teu momento.

— Também podia ser o teu.

— Podia. — E ele fica por ali.

O silêncio é esclarecedor. Avanço até à porta, abro-a e olho para ele uma última vez. Lembro-me do que pensei no dia em que o conheci, aquela melancolia púrpura que parecia flutuar atrás dele e que agora é mais evidente do que nunca. Quero arrancar-lha, mas não posso.

Há algo horrível na expressão «romper com alguém». Quando penso na palavra «romper», imagino uma lancheira estragada ou um jarrão a cair ao chão e a desfazer-se em pedaços. Ao romper-se o que se partilha com outra pessoa, não podemos ir a uma loja para comprar um substituto ou limitarmo-nos a recolher os cacos espalhados pela alcatifa. Quando se abre uma fenda que marca duas metades partidas, ficamos com tudo: com as recordações, as perguntas e a maldita fenda. E é como voltar a andar de bicicleta; não nos esquecemos, não, mas, ao princípio, custa-nos um pouco encontrar o equilíbrio. Talvez seja por isso que não lhe digo adeus. Por isso e porque não me quero despedir: esta é uma situação que me faz relembrar o quanto odeio os finais. Se fosse um filme, rebobiná-lo-ia para usufruir das conversas que partilhámos, do sabor do algodão-doce nos seus lábios, de nos sentarmos juntos no parapeito da minha janela, de tomarmos banho no rio…

Mas, como não é um filme, a fita continua a gravar.

51

Grace

Quando entrei no quarto, ela pareceu-me mais pequena do que da última vez, apesar de saber que tal era impossível. Tinham-na trazido para o andar de baixo depois de passar duas semanas intubada. Tinha os lábios gretados, o rosto pálido, as olheiras como duas meias-luas sob aqueles olhos que pousaram em mim de imediato. E, apesar de tudo, a Lucy sorriu ao ver-me.

— Desculpa. O autocarro atrasou-se.

Sentei-me ao pé dela na cama e a mãe levantou-se do cadeirão para nos deixar a sós, com a desculpa de descer para ir à cafetaria do hospital. Peguei na manta disposta aos pés da Lucy e puxei-a para a tapar mais um pouco.

— Tenho calor — queixou-se ela.

— Mas está frio. Não vás apanhar outra constipação…

— Grace, a sério, estou a suar.

— Como queiras. — Baixei a manta.

— Perdi alguma coisa nestas últimas semanas? Há novidades?

Gostaria de lhe contar alguma história apaixonante, mas a verdade é que não tinha acontecido absolutamente nada. Enquanto ela estava nos cuidados intensivos, eu andara a trabalhar com a esperança de não acrescentar mais um despedimento à longa lista e encontrara-me com o Tayler algumas noites só para esquecer por um instante quão sozinha me sentia e o medo que tinha de perder a minha irmã.

— Nada — disse-lhe. — Fico feliz por estares de volta.

A Lucy assentiu, mas havia algo diferente no seu rosto.

— Pensava que desta vez não ia superar.

— Como assim?

— Estava preparada para…

— Lucy! Não digas… Não digas isso.

— Mas é verdade. E não tinha medo. Já não.

Encontrei a sua mão sob o lençol e apertei-a com força. Ela devolveu-me uma apertadela muito mais fraca. Olhei-a nos olhos com o coração a bater com imensa

força contra as costelas. Pensei que gostava tanto dela, que ela era tão fundamental na minha vida, que não podia sequer suportar ouvi-la dizer que estava pronta para abandonar este mundo. «PORQUÊ?», a pergunta da minha vida. Que os outros partissem, mas ela não. A Lucy merecia muito mais, porque tinha um coração bondoso e uma cabeça cheia de ideias fascinantes. Ainda não se tinha apaixonado. Nem tinha viajado. Nem tinha aprendido a andar de *skate* ou a tocar piano. Ainda tinha muitas coisas por fazer.

— Não devias partir antes do tempo — sussurrei.

— O que é muito ou pouco tempo quando se trata de viver? Para uma borboleta, devo ter tido uma existência infinita. No outro dia, pousou à janela uma amarela e laranja que estava moribunda e eu disse-lhe: «Vai-te lixar, eu ganhei. Tu só viveste cinco dias e eu, anos.»

— Para de dizer parvoíces — pedi-lhe, embora soubesse que não eram parvoíces nenhumas.

— Sabes uma coisa, Grace? Afinal tenho frio. — Fiz menção de ir buscar a manta, mas ela apertou-me a mão outra vez. — Deita-te comigo um bocadinho.

Acomodei-me ao seu lado, tentando ocupar o menor espaço possível. Comprovar que a Lucy continuava a cheirar a Lucy acalmou-me. Enquanto anoitecia, falámos em sussurros; ela contou-me que imaginava o além cor-de-rosa, com uma textura semelhante a algodão e um sabor parecido ao de uns rebuçados de nata e morango que comprávamos quando éramos pequenas. E, em algum momento, devo ter adormecido e, por entre sonhos, soube que a mãe nos aconchegava com ternura.

A Lucy viveu mais um ano, mas quando penso nesse final que até agora nunca me atrevera a aceitar, vem-me à memória essa noite em que dormimos juntas. Na manhã seguinte, quando nos debruçámos na janela, descobrimos que tinha caído a primeira nevada do ano e entreolhámo-nos, sorridentes e com os olhos brilhantes como quando, na nossa infância, encontrávamos os presentes debaixo da árvore.

E é assim, assim mesmo, que a quero recordar.

52

Grace

O alvoroço do aeroporto perturba-me por um momento. Há muita gente, muitos ecrãs, muitas indicações, muito movimento. O pânico é uma emoção do mais escorregadio que há, é difícil prendê-la e mantê-la sob controlo. A mãe parece dar-se conta disso e apoia uma mão no meu ombro enquanto avançamos até ao primeiro controlo.

— Vai correr tudo bem, vais ver.

— Sim. Assim espero — murmuro.

— E, se surgir algum problema, tens um telemóvel.

— Certo. — Relaxo um pouco.

Ao chegarmos à fila, viro-me e olho para a minha mãe, que me está a sorrir, e também para o pai e o avô. Os três quiseram acompanhar-me para se despedirem. Vou estar fora algum tempo e suponho que vai ser estranho para todos. Talvez, quando regressar, as coisas tenham mudado ainda mais. Apercebi-me de que, na realidade, o pilar principal das nossas vidas era a Lucy. Por isso, quando ela se foi, as paredes que sustinha começaram a desmoronar-se. O avô cumpriu o seu desejo de ir à Florida, o pai e a mãe decidiram divorciar-se para seguir rumos diferentes e, quanto a mim, sinto que estou dentro de uma crisálida, mesmo quase, quase a levantar voo.

Apesar dos nervos e do vazio que o Will deixou.

Apesar das dúvidas e das questões em aberto.

Apesar de tudo aquilo que ainda tenho de aprender.

Aceito os abraços e beijos até decidir que chegou a hora de partir. Mas, antes de o fazer, retiro a carta que faltava, a última, e entrego o envelope azul à minha mãe. Ela sorri. Não é um sorriso triste, mas sim aprazível.

— Estava à espera dela. Obrigada, Grace.

Não me surpreende. Talvez, durante todo este tempo, quando pensava que a mãe estava adormentada e não se apercebia de nada, na verdade via mais do que eu achava.

— Tem cuidado. E telefona-me.

— Eu telefono, prometo.

— E mais um conselho. Só um. — Ela abraça-me e sussurra-me ao ouvido: — Não te esqueças de que cada instante da tua vida é único e irrepetível.

E é assim que me vou embora. Com três pessoas a dizerem-me adeus, uma ausência que me aperta o coração e um punhado de palavras que guardo comigo para sempre.

A HISTÓRIA DA GRACE E DO WILL

53

Will

Setembro enche os passeios de folhas douradas e avermelhadas que estalam com cada pisada. Os dias tornam-se tão monótonos como eram antes de a Grace entrar na minha vida, transformada num parêntese inesperado. De manhã, leio, penso demasiado e vou ao supermercado. Costumo lavar a roupa à tarde e, enquanto a máquina de lavar anda à roda, rememoro cada palavra que ela disse antes de se ir embora, como se entre as vogais e as consoantes pudesse encontrar a resposta que procuro. Ao cair da noite, vou para o trabalho e o tempo corre um pouco mais depressa quando há clientela e estou ocupado.

Os dias do calendário vão ficando para trás assim, um atrás do outro.

Ao princípio, o Paul fez perguntas depois de ficar a saber que os planos da viagem tinham sido cancelados. Mas, no final, quando compreendeu que eu não estava disposto a falar no assunto, parou de insistir. Todos os dias de trabalho abrimos o *pub* juntos e, ultimamente, quando chega a hora de fechar, incentivo-o a ir andando mais cedo, porque não me importo de ficar a limpar e deixar tudo pronto para o dia seguinte. Quase agradeço ter algo de útil para fazer.

— Tens a certeza? — pergunta-me ele, hesitante, quando me ofereço.

— Claro. Já sabes que sim. Não andavas a encontrar-te com uma rapariga?

— Sim — confirma ele, enquanto pega no casaco.

— Então, vai ter com ela e diverte-te.

Ela veio várias noites tomar algo com umas amigas. É simpática e ri-se muito. Quando a vejo, relembro-me das noites em que a Grace vinha ter ao bar sem avisar e, se me deixar levar pela imaginação, quase me convenço de que entrará pela porta a qualquer momento. Mas, no fundo, sei que isso nunca vai acontecer.

Cheguei a conhecer bem a Grace Peterson durante os últimos meses.

Sei as coisas de que gosta e aquilo que não suporta. Sei que tem um sinal por baixo da clavícula que eu adorava beijar e que fecha os olhos quando faz amor. Sei que lhe treme o queixo quando chora e que o seu riso me faz lembrar um instrumento musical. Sei que tem muitas fraquezas, mas que é igualmente a pessoa mais forte que

já conheci. E, por isso, precisamente por isso, sei que lhe custa tomar decisões; porém, quando o faz, no dia em que finalmente faz a sua jogada, já não há volta a dar.

A Grace não vai regressar. Não vai.

Estou a pensar justamente nisso quando, apesar de ter baixado um pouco a persiana, a porta se abre e o vejo entrar. Tem o mesmo aspeto de sempre. É como se a vida não lhe causasse prejuízos além dos inevitáveis sinais de idade.

— Lamento, mas o bar está fechado.

O Tayler ignora-me e senta-se num tamborete. Deixo a vassoura de lado e posiciono-me atrás do balcão e à frente dele. Fitá-lo é como enfiar-me numa máquina do tempo e regressar ao passado, só que já não me sinto tão pequeno nem me mete medo.

— Ainda estás a arrumar as coisas, pelos vistos.

— Está fechado — repito secamente.

— Vá lá, serve-me uma cerveja.

Não sei porque o faço, mas as minhas mãos movem-se sozinhas, pegam numa garrafa e tiram-lhe a tampa. Não lhe ofereço um copo e ele tão-pouco o pede.

— Ouvi dizer que a Grace se foi embora.

— Há semanas — confirmo.

— Afinal, nenhum de nós ganhou.

Olho para ele inexpressivamente, embora esteja cheio de raiva e frustração por dentro. Terei sido, em algum momento, parecido com ele? É possível que tenha estado próximo de me transformar no tipo de pessoa que odiei tantos anos antes?

— Nunca se tratou de ganhar ou perder.

— Oh, não me digas que estavas apaixonado — troça ele e, depois, ergue as sobrancelhas e solta um assobio. — Que previsível. Como é que disseste que te chamavas?

Nunca lho disse. Ele não sabe.

— Will Tucker — respondo.

Espero uma exclamação de surpresa, a compreensão a transparecer-lhe no rosto, a estranheza de se aperceber de que é a segunda vez que os nossos caminhos se cruzam. Mas não ocorre nada disso. O Tayler não me reconhece. Por um instante, enquanto o vejo terminar a cerveja com um longo trago, considero dizer-lhe que, quando éramos crianças, me fodeu a vida. Também medito seriamente em dar-lhe um murro no nariz. Mas logo compreendo que não serviria de nada, porque ele não vai mudar.

E isso relembra-me de que as nossas posturas são parecidas.

Eu também podia mudar. Mas não o faço.

Ele levanta-se pouco depois e deixa um par de notas em cima do balcão. Meto-as na caixa registadora enquanto ele se encaminha para a porta. Antes de sair, diz:

— Ei, Will, sem ressentimentos, está bem? — Ele estala a língua. — E dá-me ouvidos: esquece a Grace. É demasiado complicada, não vale a pena.

A porta fecha-se atrás de si e eu fico especado a olhar para aquele ponto durante um bom bocado. É curioso existirem pessoas que podem marcar a nossa vida de uma maneira tão profunda e que nem sequer se lembrem de nós anos mais tarde. Devia estar chateado, mas só me sinto vazio. E penso que, de certo modo, o Tayler recebeu o que merece: ter de passar o resto da sua vida consigo mesmo.

Quando acabo de limpar e me encaminho para o carro, encontro um papel de propaganda preso no limpa-para-brisas. Pego nele e entro porque o vento está a soprar com força.

«Compra e venda de automóveis usados. Quer vender o seu automóvel velho ou procura um novo? Venha visitar-nos, pode encontrar-nos na seguinte morada.»

Em vez de o deitar fora, guardo-o no bolso do casaco.

54

Grace

Despedir-me de Amesterdão não é apenas deixar para trás esta cidade, mas também a rapariga que fui entre os canais e as casinhas estreitas. Nunca tinha conhecido essa versão de mim mesma; uma versão que é capaz de se perder entre as ruelas e manter a calma até conseguir regressar ao *hostel*, uma versão que desfruta sentando-se a ler sozinha em qualquer sítio enquanto contempla os barquinhos coloridos a oscilarem na água, uma versão que começou a escrever um diário porque precisa de falar consigo própria.

Escrevermo-nos é a melhor maneira de nos conhecermos. Na folha em branco podemos guardar as palavras que não nos atrevemos a dizer em voz alta. Começo cada dia assim: «Hoje sinto-me…» e tento fazer o esforço de me ver por dentro e organizar as minhas emoções.

Amesterdão está tão repleto de queijo que me parece quase obsceno. Em qualquer lojeca que se entre, oferecem uma pequena degustação. E não paro de pensar no quanto o Will teria gostado disso. Podíamos ter alugado um apartamento, cozer esparguete numa caçarola e adicionar-lhe toneladas de queijo.

Mas, neste momento, separa-nos um oceano, tanto metafórica como literalmente. E tenho saudades dele de uma maneira tão intensa que às vezes me surpreende que me consiga sentir assim em relação a outra pessoa. Suponho que foi por isso que li as suas notas dois dias depois de chegar. Pensei que essas palavras me consolariam, mas na realidade foram quase dolorosas. Havia alguns sítios de interesse geral, como um restaurante conhecido por fazer as melhores batatas fritas do mundo, mas a maioria eram assuntos práticos, como o contacto telefónico das diferentes embaixadas de cada país ou temas médicos.

Há algo de reconfortante no facto de outra pessoa se preocupar connosco nesses aspetos quotidianos a que às vezes nós mesmos não prestamos atenção: uma massagem nas costas quando temos uma contratura, uma tigela de sopa quente ou aquela mão na testa para verificar a temperatura. É a maneira física sob a qual se revela o amor.

O Will é perfeito para mim, mas não é perfeito para ele.

Renunciar a alguém com a esperança de que regresse a nós é um grande ato de fé. Pensei muito nisso enquanto passeava pelos jardins de Vondelpark; o chão estava coberto de folhas amarelas, vermelhas e castanhas, e, por um instante, assombrou-me dar-me conta de que essas árvores despidas tornariam a vestir-se de verde na primavera.

Suponho que a esperança consiste em confiar.

Assim sendo, Amesterdão transforma-se nisso, em esperança, no prazer de me descobrir, de me embebedar com a beleza pós-impressionista de Van Gogh e dos autorretratos de Rembrandt, em aprender a estar sozinha e voltar a andar de bicicleta e pedalar sem parar em linha reta.

55

Will

Não sei bem como é que acabei aqui, mas à minha frente há duas dúzias de carros usados e atrás de mim o vendedor do concessionário que anunciava no meu limpa-para-brisas contempla, ensimesmado, o *Audi* do qual estou prestes a desfazer-me.

Para dizer a verdade, surpreende-me não o ter feito antes.

Não é que tenha nada contra este carro, mas não me sinto confortável nele. Em vez disso, com os pés assentes neste sítio, os meus olhos desviam-se para um velho *Jeep* que tem pinta de ter percorrido muitos quilómetros. Viro-me para o homem.

— Quanto é que custa aquele carro ali?

— Bem, esta semana temos uma promoção especial…

E depois repete o mesmo discurso que provavelmente diz todos os dias e que inclui frases como «Estamos em liquidação», «Há outras duas pessoas interessadas nele» ou «É uma oportunidade única». Mas não me importa. Já decidi que o vou comprar mesmo antes de o experimentar. Quando o confirmo ao vendedor, os seus olhos esbugalham-se com entusiasmo. Pelo *Audi* oferece-me bastante menos do que sei que conseguiria ganhar se me desse ao trabalho de o levar a outros concessionários, mas, de repente, tenho tanta vontade de me livrar dele que não penso duas vezes antes de aceitar as suas condições.

Portanto, chego ali com um *Audi* elegante e saio com um *Jeep* escangalhado, que na realidade se pode traduzir como chego com apatia e saio mais contente do que esperava.

Ao princípio, sinto-me um pouco esquisito enquanto o conduzo. Deixei os meus pertences na parte de trás, embora já tenha decidido que vou doar a maioria dos livros à biblioteca. Piso o acelerador com cuidado, conduzo pelas ruas da pequena cidade, deixo para trás o parque de caravanas e sigo em direção aos arrabaldes. Ligo o rádio. Está a tocar *All We Ever Knew*, e parece uma mensagem certeira quando se ouve: «Now I'm trying to wake up from this. I'm trying to make up for it.»

Estou tão concentrado na letra da canção e na sensação de liberdade que me invade ao conduzir este carro que não sei dizer se sigo por este caminho de forma

inconsciente ou porque, na realidade, sei exatamente onde quero ir. Avanço devagar à medida que me aproximo. O sol não tardará a esconder-se sob o horizonte quando chego à quinta e paro o carro. É o que me impulsiona a sair antes que a escuridão me impeça de o fazer. Fecho a porta e guardo as chaves no bolso.

O edifício em ruínas recebe-me com o seu silêncio.

Lembro-me do dia em que vim aqui com a Grace e como me pareceu importante voltar com ela ao meu lado, embora nem sequer o pudesse ter imaginado. E gostei do que disse, aquilo sobre ser perturbador entrar na intimidade de uma família e não saber o que seria dela. Visitar casas abandonadas é viajar para o passado. Se tivesse sido sincero com ela sobre quem era, ao encontrar a fotografia ter-lhe-ia tirado as dúvidas dizendo: «Os pais continuam juntos e adoráveis, a avó morreu enquanto dormia e, quanto ao menino, bem… perdeu-se um pouco. Mas, sabes, a Terra é muito grande, tem um diâmetro considerável, por isso como é que não se haveria de perder alguma vez?»

Se não lhe contei desde o início que eu e a irmã dela fomos amigos de infância foi porque, na altura, teria de explicar tudo o resto. E acho… acho que, no fundo, queria que a Grace me conhecesse verdadeiramente, sem preconceitos, sem me julgar. Não pensei que seria impossível descobrir o estado de um edifício contemplando apenas a fachada.

Dirijo-me à casa e entro.

Tudo continua igual à última vez, mas o lugar parece-me mais decadente. Deixo para trás a sala em que a minha avó costumava ler e tricotar e contar-me histórias, avanço até às escadas e subo com cuidado. Tenho um nó na garganta. O meu quarto é a primeira porta à direita. Só resta um estrado, alguns quadros velhos, papéis e o tecido puído de uma manta antiga. Planto-me ali no meio e tento recordar, lembrar-me de mim.

Às vezes, sinto-me como se tivesse o cérebro cheio de fendas e este é um desses momentos. O que diria ao meu eu de há oito ou nove anos? Provavelmente repetiria as palavras que a avó me disse naquele aniversário solitário: «Não mudes, não deixes que eles ganhem. Um dia, estarás rodeado de pessoas que te amarão por quem tu és, só tens de ter um bocadinho de paciência e manter-te forte.»

A avó tinha sempre razão.

Fico ali mais um bocado antes de descer. Quando saio da quinta, já está a anoitecer e invade-me uma estranha melancolia, pois sei que não regressarei. Neste lugar, só restam fantasmas.

Entro no *Jeep*. Ligo o aquecimento e permaneço diante do volante enquanto o sol se esconde e as estrelas começam a salpicar o céu.

De entre todos os lugares do mundo, porque decidi regressar a Ink Lake? Podia ter começado do zero em alguma cidade desconhecida ou ter viajado até outro continente, embarcar numa aventura diferente. E, no entanto, acabei por voltar. Talvez tenha sido porque encontrar a Lucy no hospital me fez lembrar este lugar, esta etapa da minha vida, essa inocência perdida. Ou talvez fosse porque, ao fim e ao cabo, nós, os seres humanos, somos animais. E para onde iria um rato assustado e ferido? Para a sua toca.

Quando chego à caravana, nem sequer me dou ao trabalho de tirar o casaco antes de pegar no envelope roxo que a Lucy deixou para mim. Ainda não o abri. Passei semanas a olhar para ele, mas não fui capaz de ler a sua carta. Envergonha-me pensar que, provavelmente, todos os Petersons já o fizeram. Talvez seja um cobarde, sempre fui, ou talvez precisasse de encontrar o momento certo.

E sei que é este.

Querido amigo:

Se tens esta carta nas tuas mãos, significa que acompanhaste a Grace pelo seu mapa particular de desejos esquecidos. Fico-te agradecida por isso. Imagino que, tendo chegado a este ponto, já saberás porque te escolhi a ti para seres o seu guia: pensei que era um percurso que tu também precisavas de percorrer. Espero que tenha sido satisfatório e que tenhas desfrutado de cada passinho juntamente com a Grace. Já te deves ter apercebido de que ela é uma pessoa incrível, com as suas peculiaridades, sim, mas uma pessoa que, com o passar dos anos, se dá conta de que a normalidade não existe, todos somos maravilhosamente únicos.

Tu também, Will.

O tempo que partilhámos juntos foi um presente inesperado. Talvez tenha significado mais para mim do que para ti, mas é que é fácil sentirmo-nos sozinhos quando estamos doentes, a vida vê-se através de um filtro acinzentado. Por isso é que fugi do meu andar naquele dia, num ato estúpido de rebeldia, e te vi naquela cama. Nunca esqueço uma cara; quando o futuro é incerto, refugiamo-nos entre as recordações. E ali estavas tu. Pareceu-me um sinal. A verdade é que pensei muito em ti quando voltei à escola e descobri que te tinhas ido embora. E pareceste-me tão difuso e vazio que pensei que tu também precisavas de uma amiga. A boa notícia, Will, é que tudo o que é difuso pode tornar-se claro e todos os vazios se podem preencher.

Espero que tenhas conseguido perdoar-te.

Agarrarmo-nos à boia salva-vidas é fácil. O que é verdadeiramente complicado vem a seguir, quando temos de nadar e nadar no meio do oceano.

Desejo-te sorte na vida, Will.

P. S.: Lembras-te de que te prometi que te mostraria as fotografias do baile de finalistas? Deixo-te uma delas. Se alguma vez pensares em mim, recorda-me assim, com esse vestido

vermelho e um sorriso.

Com carinho, Lucy.

Solto o ar que sustive enquanto contemplo a fotografia. A Lucy está radiante em frente das escadas da casa dos Petersons. À sua direita, posa uma amiga com um vestido longo e azul. E, à esquerda, está a Grace, imagino que por os seus pais lhe terem pedido que também fizesse pose para a fotografia; tem umas calças de ganga e uma *T-shirt* que deixa o umbigo à mostra. Fico a observá-la durante tanto tempo que, quando afasto a vista, me sinto enjoado. Enjoado e mais seguro do que estive em muito tempo, como se, de repente, as coisas se tivessem colocado magicamente no seu lugar.

A Lucy tem razão. O que é lixado é nadar.

56

Grace

Detesto Londres nos primeiros três dias e, a partir do quarto, começo a apaixonar-me pela cidade. Sim, parece-me fria e um pouco hostil, mas é mais fácil apreciá-la quando nos rendemos e nos habituamos a ela. Tornamo-nos mais uma das muitas pessoas que a habitam e que se movem todos os dias pelas suas ruas com o olhar virado para a frente e passos seguros, como se soubessem claramente para onde se dirigem. Eu também finjo fazer isso. E, no final, pergunto-me se não estaremos todos a fingir.

Em Londres, fico um pouco em baixo, em contraste com a maneira confortável como me senti em Amesterdão. Mudo de pensão após passar as primeiras noites a partilhar a casa de banho do corredor com um grupo de rapazes belgas que não atinavam a mijar dentro da sanita. Opto por pagar mais para ter uma casa de banho privativa e mudo-me para a outra ponta da cidade, dando de caras com um quarto minúsculo de chão alcatifado pelo qual as baratas correm à vontade de um lado para o outro. É o seu reino, não tenho dúvidas. Choro. Faço-o em cima da cama e penso em ligar aos meus pais, ao avô ou até ao Will; com ele, isto teria sido muito mais divertido, algo anedótico para contar anos mais tarde. Consigo conter-me. Nos dias seguintes, como hambúrgueres, comida indiana, libanesa, chinesa, coreana… A coisa boa de Londres é que, de certo modo, tem tudo. Passeio por Hyde Park e St. James's Park; os jardins transmitem-me algo romântico e melancólico e gosto de escrever aí no meu diário. Na terceira noite que durmo no quarto, faço um esforço mental para racionalizar o meu medo de baratas; ao fim e ao cabo, são só insetos inocentes, não têm culpa da sua fealdade, é provável que também estejam assustadas e me considerem uma intrusa. Durmo melhor. Visito a National Gallery. Começo a frequentar a zona de Camden. Compro um casaco de penas porque o frio chega intensamente à cidade e me apanha desprevenida. À noite, antes de dormir, costumo contar minuciosamente o dinheiro que me sobra e rever a planificação da viagem. Sonho com o Will e acordo com os olhos cheios de lágrimas, mas, por mais que tente, não consigo recordar aquilo com que estava a sonhar. Vou a feiras de todo o

tipo de coisas e compro uma câmara analógica em segunda mão que é linda. Visito Notting Hill e lembro-me das vezes em que vi o filme da Julia Roberts e do Hugh Grant com a minha irmã. Faço amizade com um senhor de chapéu que se senta todos os dias a ler no mesmo banco. E, a cereja no topo do bolo, encontro uma pista de gelo onde vou patinar várias vezes.

Quando me despeço de Londres, já quase me afeiçoei às baratas.

57

Will

Regresso a casa numa terça-feira qualquer sem avisar. A minha mãe pestaneja, confusa, quando me vê à porta e, ato contínuo, como se acabasse de receber uma descarga elétrica, afasta-se para me convidar a entrar e acolhe-me com as suas amabilidades. «Queres tomar café?», «Mas que bom aspeto tens, filho», «Apetece-te uns bolinhos de abóbora?», «Podes ficar para jantar, estava a pensar fazer frango no forno com batatas».

— Está bem, eu fico — digo-lhe.

Ela abre muito os olhos, como se não pudesse acreditar, e eu sinto-me tão mal que se me revolve o estômago. Encontro o meu pai na sala com uma água tónica na mão a ver um jogo dos Nebraska Cornhuskers. Ela não tarda em anunciar-lhe as boas notícias e ele observa-me com uma certa desconfiança. Não o culpo.

— Precisas de dinheiro? — pergunta, quando ficamos a sós.

— Não.

— Então, porque é que estás aqui?

— Apetecia-me vir ver-vos.

O meu pai alça as sobrancelhas e assente.

— Ah. Está bem.

O jantar não é propriamente desconfortável, mas sim estranho. A mãe não para de falar em momento algum e é demasiado óbvio que se está a esforçar para não deixar buracos por onde possa entrar o silêncio. É difícil seguir-lhe o ritmo e dou por mim a responder a todas as suas perguntas para a tentar agradar. O pai mantém-se calado, embora me olhe com atenção quando lhes falo do *Jeep* que comprei e da caravana em que vivo. Já sabiam disso, mas nunca tinha entrado em pormenores.

— E como é que vão as coisas em Ink Lake?

— Não mudou muito. É tranquilo.

— Estás a pensar ficar por lá mais tempo?

— Não sei bem…

É a verdade. Não sei muito bem o que estou a fazer em casa dos meus pais e para

onde irei depois, mas abandonei o trabalho no *pub* e só paguei adiantado o aluguer deste mês da caravana.

Quando terminamos de jantar, a mãe insiste em ir buscar os bolinhos de abóbora e sentamo-nos na sala. A lareira está acesa, apesar de ainda estarmos em meados de outubro. Acho que nenhum dos três sabe o que dizer, pelo que nos limitamos a entreolhar-nos, a pigarrear e a perguntar coisas óbvias.

A minha relação com os meus pais nem sempre foi assim. Houve uma altura em que fomos muito unidos. Com ela, tinha sempre a confiança suficiente para lhe falar de coisas que a maioria dos adolescentes não contavam às suas mães, íamos ao cinema juntos ao domingo e, à saída, bebíamos um batido num sítio que tinha um repertório de sabores inimaginável. Com ele, as palavras escasseavam mais, mas usávamos juntos o telescópio e eu escutava com atenção quando me falava do céu ou dos negócios de família.

Não me lembro em que momento esses afetos começaram a romper-se, mas provavelmente foi quando fui para a universidade. Via-os menos vezes, só quando regressava uns dias pelo Natal ou durante o verão, se não estivesse de viagem. Conforme os anos foram passando, a relação desgastou-se. Quando vivia em Nova Iorque e o ecrã do telemóvel piscava porque a minha mãe me estava a telefonar, estava sempre a fazer algo mais interessante que me impedia de atender nesse momento e dizia a mim mesmo que lhe ligaria mais tarde, mas, metade das vezes, a intenção caía no esquecimento.

E depois deu-se o acidente. O auge de todas as desilusões.

Quando o dinheiro que tinha na conta diminuiu consideravelmente devido aos custos do processo judicial, os meus pais trataram do assunto. Contrataram os melhores advogados, assistiram às reuniões com eles e lutaram até ao fim, quando pagaram a indemnização que foi determinada para o Josh.

A lógica dita que o agradecimento me deveria ter transformado num filho melhor, mais atento e carinhoso, mas aconteceu exatamente o oposto. Afastei-me. Arrastava a vergonha e o desconforto do fracasso. Ao vê-los, essa sensação asfixiante tornava-se mais intensa. Por isso, fiz o mais fácil: esconder-me de tudo o que me magoava, começando por eles.

E, agora, aqui estou. No ponto de partida.

— É tarde, Will — diz a minha mãe.

— Pois é. — O meu pai olha pela janela.

— O teu quarto continua como tu o deixaste.

— Devias ficar — acrescenta ele.

Nem sequer intervenho, apenas assinto com a cabeça e deixo que eles organizem

tudo, embora isso me faça lembrar a razão pela qual me distanciei. No entanto, mesmo sendo um adulto, por um momento é agradável sentir que os outros tomam as rédeas e que não tenho de me esforçar para sobreviver. Suponho que seja por isso que o período mais feliz da existência é a infância, pela ingenuidade e pela falta de responsabilidades.

Penso nisso quando me deixo tombar na cama. Daí, vejo a janela em frente, aquela pela qual assomava o Josh todos os dias. Engulo em seco e viro-lhe costas. Demoro uma eternidade a adormecer. Sinto-me estranho neste quarto que já não sinto como meu e pergunto-me o que será que pretendo ao regressar aqui, mas não obtenho nenhuma resposta sólida à qual me agarrar. Recordo que li algures que duvidar é para os corajosos e, em seguida, quando as palavras me assentam no peito, adormeço.

Amanhece um dia chuvoso.

Dormi até tarde e, ao descer até à cozinha, a minha mãe já tem algo no forno que não consigo discernir e está sentada à mesa com uma chávena de café.

— Bom dia, Will.

— Bom dia. — Sento-me ao seu lado.

— Apetece-te torradas, um sumo, ovos mexidos, salsichas…?

— Só café, mas obrigado.

Ficamos a contemplar as gotas de chuva que batem contra o vidro da janela. O vento sopra com força e sacode as árvores do jardim.

— Está um tempo terrível, não devias sair.

Assinto com um ar distraído.

E é nesse momento que compreendo que não me vou embora, que voltei para ficar; não sei se será durante uns dias ou umas semanas, não sou capaz de planear algo mais além das próximas horas, como se tivesse o cérebro dormente e só me conseguisse concentrar no aqui e agora. Então, é isso mesmo que faço. Presto atenção à minha mãe quando me fala de uns vizinhos novos na rua, o problema com a luz do frigorífico (que prometo verificar quando terminar de tomar o pequeno-almoço) e a surpreendente notícia de que, pelos vistos, o meu pai está a pensar reformar-se.

— Não fazia ideia — digo-lhe.

— Também não é como se falassem muito…

Ela reprime um suspiro e procura migalhas do tamanho da cabeça de um alfinete que vai apanhando com a ponta do dedo indicador. Respiro fundo enquanto a observo. Já sabia que este momento chegaria: o das explicações e das desculpas…

— Desculpa, mãe…

— Não, Will. Não faz mal.

— Estou a falar a sério. Devia ter-vos ligado mais vezes, mas… não conseguia. Estava paralisado. Continuo paralisado — esclareço, e ela ergue os olhos.

— Sabes que nós não nos importamos com isso.

— Com o quê? — pergunto, confuso.

— Pois, com isso. Estares paralisado. — Ela alisa o avental e fita-me com os olhos brilhantes. — Gostamos de ti da mesma forma. És o nosso filho. O nosso único filho, Will.

Mexo a cabeça numa espécie de assentimento que fica a meio do caminho. Não sei se mereço todo este amor incondicional, não fiz nada durante os últimos anos para o merecer, por isso custa-me decidir o que fazer com ele.

No fim, acabo por aceitá-lo.

É fácil. É… simples.

Não trouxe muita roupa, mas chega para desenrascar. Tenho alguns livros no carro que me dedico a reler à noite durante os dias seguintes. As manhãs são passadas com a minha mãe. Torno-me uma pessoa muito esquisita e que mal reconheço, que se dedica a acompanhá-la nas idas às compras, a ajudá-la na cozinha e a consertar todos os pequenos defeitos que existem pela casa, apesar de ser muito mais fácil ligar a alguém especializado.

Ao final de cada dia, encontro-me com o meu pai. Partilhamos um momento na sala e pomos a conversa em dia sem entrar em pormenores. Não sei como, um dia acabamos a falar da sua reforma, de como quer usufruir dos anos que lhe restam; talvez viajar para a Islândia para ver as auroras boreais. E, à conta disso, abrimos a caixa de Pandora.

— Se quisesses o meu posto na empresa… — começa ele a dizer. — De certeza que os restantes sócios iriam aprovar. Terias o voto do teu tio.

— Obrigado, pai, mas acho que não.

Talvez aceitasse noutro momento. É o passaporte para um futuro confortável: um bom emprego muito bem pago. Mas acho que não é para mim.

— Tens algum plano melhor?

— Não sei bem… — Hesitante, penso nas minhas opções. É claro que este ano está perdido, mas acho que devia tomar uma decisão quanto ao próximo ano. — Se calhar vou procurar emprego e depois… talvez peça um empréstimo para tirar um mestrado.

— Um empréstimo? Mas nós…

— Eu sei, pai. É por mim — clarifico.

Ele demora algum tempo, mas, quando finalmente assente, parece satisfeito. Acho que compreende que não quero continuar a depender do seu dinheiro, não por não

agradecer a oferta, mas porque preciso de retomar o controlo da minha vida a todos os níveis.

— E em que é que te queres especializar?

— Propriedade Intelectual. Era algo de que gostava. Acho que seria bom seguir nessa direção e depois… depois logo se vê.

58

Grace

Passo tantos dias no interior do Louvre que, quando uma manhã decido tomar café numa pequena praça, me surpreende o facto de estar em Paris. É como se, ao refugiar-me na arte convencional, me tivesse esquecido de que, essencialmente, toda a cidade é um quadro maravilhoso que está vivo; todos os traços de tinta mudam e se misturam.

A beleza de Paris, com as suas luzes e sombras, é avassaladora.

Deixo-me conquistar pelas ruas empedradas, pelo cheiro a *croissants* acabados de sair do forno, pelos pintores na margem do Sena e pelas barracas de livros em segunda mão, pelo queijo derretido que me servem em crepes, pelo pão crocante e torrado e pelo bairro de Saint-Germain-des-Prés, onde se ergue a igreja mais antiga de Paris, com as suas ruas repletas de galerias que conduzem ao Museu de Orsay, famoso pelos seus quadros impressionistas.

Nesta cidade, é tão fácil perdermo-nos como encontrarmo-nos.

Todos os dias descubro um recanto novo e não me quero ir embora, pelo que decido improvisar e prolongar um pouco mais a minha estadia ali, arriscando ter de reduzir o percurso por Itália. Neste momento, estou deslumbrada e logo pensarei no «amanhã» quando ele chegar.

Desfruto destes últimos dias a visitar palácios, jardins e a vaguear pelas ruas. Tomo algo no Café des Deux Moulins, só porque aparecia em *O Fabuloso Destino de Amélie*, que é, sem dúvida, um dos meus filmes favoritos; a Lucy costumava gozar, dizendo-me que me parecia com ela por causa do corte de cabelo e das minhas manias. Como típica apaixonada por Monet, vou ao Museu Marmottan. Também visito a Sainte-Chapelle, a Catedral de Notre-Dame e as catacumbas de Paris. Percorro Montmartre juntamente com todos os transeuntes, porque adoro ter-me transformado em mais uma turista, com a câmara analógica que comprei na feira de Londres pendurada ao pescoço. Fotografo um menino que sobe e desce as escadas da Basílica do Sagrado Coração e depois fico a observá-lo até ele e os seus pais se irem embora.

Não sei o que me impulsiona a ir ao cemitério de Père-Lachaise, mas passear por

entre esses túmulos entristece-me de uma maneira inesperada; o lugar é tão lindo como melancólico. Quando saio de lá já é tarde e apanho o metro. Compro um pouco de pão e queijo para jantar no quarto que aluguei. A senhoria vive mesmo em frente, deve ter uns noventa anos, mas sobe os degraus do edifício mais depressa do que eu.

Bato à sua porta com os nós dos dedos.

— *Que veux-tu?*

— Eu tenho de… ir, *je me'n va*… hum…

— *Quand pars-tu?*

— *Demain* — anuncio.

— *D'accord, pas de problème. Bonsoir.*

Depois, fecha-me a porta na cara. Admito que gosto do carácter dos franceses. São muito senhores do seu nariz, como acho que todos devíamos ser.

No quarto, meto a fatia de queijo no pão e como, distraída. Através da minúscula janela, contemplo os telhados de Paris e sei que é a lembrança perfeita para a minha última noite na cidade. Concentro-me nas diminutas luzes acesas que parecem pirilampos pendurados nos edifícios e penso em toda a gente desconhecida com quem divido este espaço no mundo. Sinto, então, a mordidela da solidão, mas é pequenina, quase delicada. Ao fim e ao cabo, passar tempo com esta versão de mim mesma é gratificante: entendo o meu sentido de humor peculiar, que é um pouco sarcástico, as minhas ideias divertem-me e sinto-me cada vez mais confortável na minha própria pele.

Estou bem. Estou comigo.

59

Will

Estou há um par de semanas em casa dos meus pais e tudo parece tão perfeitamente normal que é óbvio que em breve algo quebrará esta monotonia, porque a vida é assim no geral: um gráfico cheio de altos e baixos, que volta à estaca zero.

Estou a podar uma das árvores do jardim quando se me esgota a paciência e atiro a tesoura ao chão. Não está afiada e a ferrugem alastrou-se pelas lâminas de metal; é impossível cortar os ramos mais grossos com isto, pelo que decido pegar no *Jeep* e ir comprar uma ferramenta decente.

Digo-o à minha mãe, que está a falar ao telefone na sala, e ela assente distraidamente sem me prestar atenção. Pego no casaco e entro no carro.

Deixo para trás o bairro residencial onde vivemos, mas não me adentro na cidade. Dirijo-me à estação de serviço mais próxima porque sei que ali vendem ferramentas de jardinagem. Entro no estabelecimento e percorro os corredores em busca do meu objetivo. A loja é grande. Afinal, como não encontro o que quero, aproximo-me de um dos repositores, que está agachado diante das garrafas de refrigerantes. Espero até ele se virar.

Uma careta cruza-lhe o rosto antes de a conseguir dissimular.

É o George Dannis, sei disso porque costumava ser o alvo das brincadeiras do Josh. Numa ocasião, na aula de Educação Visual, esvaziou um tubo de tinta azul na sua cabeça e os risos de quase toda a turma difundiram-se em redor. Lembro-me de uma sensação estranha me trepar pelo corpo: náuseas e desconforto. Mas não fiz nada. Permaneci ao lado do Josh, fiel e inseparável, porque pensava que estar naquele extremo era melhor do que me encontrar no outro. Quase me sentia… sortudo.

— Em que é que o posso ajudar? — pergunta com profissionalismo.

— Eu… — Este é o momento em que lhe devia pedir perdão. Sei disso. Estou tão plenamente ciente disso como de o céu ser azul. E, no entanto, fico aparvalhado e digo: — Estou à procura de uma tesoura.

— Curta ou longa?

— Curta. Para cortar.

— São todas para cortar — murmura, e noto uma certa irritação na sua voz, que, em vez de me incentivar a tomar a iniciativa, me faz acobardar de repente.

— Sim, claro. Queria dizer podar. Onde estão?

— Segundo corredor, ao fundo.

— Obrigado.

Quando olho para ele pela última vez, o George está a alinhar com cuidado as garrafas de refrigerantes e parece ignorar-me de propósito. Não o culpo. Afasto-me dele, consigo encontrar a ferramenta e pago-a na caixa. Depois, ao entrar no carro, fico algum tempo a fitar a porta da loja até decidir arrancar e ir-me embora.

À noite, não consigo adormecer.

Quando me canso de dar voltas na cama, acendo o candeeiro e procuro um caderno e uma caneta na primeira gaveta da mesa de cabeceira. Rabisco um pouco até a tinta começar a sair e, em seguida, penso em todas as pessoas que magoei ao longo da minha vida, seja de forma direta ou por não ter mexido um dedo.

Quantas vezes não nos damos conta dos sentimentos de alguém? Quantas vezes agimos de maneira egoísta? Quantas vezes magoamos pessoas de quem gostamos ou dizemos palavras que na realidade não sentimos? Quantas vezes nos enganamos, cometemos erros, metemos a pata mesmo no fundo da poça…?

Penso que a coisa mais próxima de fazer marcha-atrás e viajar no tempo é fazer esta lista. Assim sendo, começo pelo mais básico, os meus pais, a minha família, que ando a ignorar há vários Natais, e a Grace; continuo a recordar as pessoas que passaram pela minha vida: antigos colegas, ex-namoradas, amigos que deixaram de o ser… e termino com a Lena, a rapariga a quem parti o coração.

E só quando dobro aquela lista e a guardo na minha carteira é que consigo adormecer.

Mergulhar no passado é toda uma aventura.

Começo pelos colegas do básico e do secundário; é fácil encontrar a maioria porque tenho o anuário à mão e estão lá discriminados os nomes e os apelidos. Por isso, como a ideia de ir de porta em porta é disparatada e impossível, uso as redes sociais para escrever vários pedidos de desculpa. Um rapaz que jogava na esquipa de futebol responde-me quase de imediato com amabilidade e até me pergunta como me estão a correr as coisas. Pelo contrário, a resposta da Laura Hells, a quem deixei de falar do nada depois de andar com ela alguns meses, é: «És um imbecil, Will Tucker.» Quem poderá culpá-la? A maioria, simplesmente, não responde, apesar de lerem as mensagens.

Ao longo da semana, vou umas oito vezes à estação de serviço. Compro cereais,

limonada, acendalhas, pastilhas de menta, uma garrafa de *Kool-Aid*, pensos rápidos, um livro de bolso sobre extraterrestres e barritas energéticas.

Não sei ao certo o que me impele a pegar no carro e a aproximar-me dali sempre que preciso de alguma porcaria, mas assim faço. Cruzo-me com o George um par de vezes e, quando compro o livro, é ele quem mo cobra. Fá-lo com calma, pressionando cada número na máquina e enfiando o romance num saco com delicadeza.

Mas não diz nada. E eu também não o faço.

Os dias passam um atrás do outro.

A minha mãe depressa se habitua a dar-me ordens na cozinha. O meu pai não tarda em presumir que os jogos de futebol são para vermos juntos e, certa noite, até me encoraja a sair com ele para o jardim, pois o céu está cheio de estrelas.

— Lembras-te de quando olhávamos pelo telescópio?

— Sim. Onde é que ele está? — pergunto.

— No sótão. Já ninguém o usava.

— Tu também não?

— Não. — E suspira.

Ficamos ali mais algum tempo a contemplar a imensidão do Universo. Olhar para as estrelas é um ato fascinante em si mesmo, porque são magníficas e atrativas, mas, se pensarmos bem nisso, é ainda mais impressionante porque estamos a ver o passado, a luz que chega até nós. Ao observar a Lua, vemos como era há um segundo; quando recebemos a luz do Sol, sabemos que a emitiu há uns oito minutos; e, no caso da Andrómeda, a galáxia mais próxima da Terra, o que vemos numa noite limpa é como era há mais de dois milhões de anos.

— Devíamos voltar a montá-lo — digo-lhe.

— Sim. — O meu pai assente. — Talvez um dia…

*

Regresso à estação de serviço.

Já não sei o que raio hei de comprar.

Percorro os corredores durante um bom bocado até decidir pegar num pacote de batatas fritas com sabor a churrasco. Nem sequer sei se serão comestíveis, mas não me importa. Encaminho-me para a caixa e atende-me o George, que pega na nota que lhe estendo e me dá o recibo.

Não é assim tão difícil. Só tenho de dizer «desculpa», mas não consigo pronunciar a palavra. Com o pacote de batatas na mão, saio da loja. Acho que tenho receio de que pense que sou estúpido, algo de que sem dúvida já suspeitará, tendo em conta as

minhas múltiplas visitas, ou de que não se lembre da razão por que peço desculpa ou de que me peça para enfiar esse pedido de desculpa num certo sítio.

Regresso a casa e a minha mãe manda-me descascar umas maçãs para fazer compota.

Acho que devia ir pensando em abandonar o ninho.

O sótão está cheio de bugigangas.

Há um montão de brinquedos velhos que duvido que alguém vá voltar a usar: bonecos, trotinetas, uma bicicleta com as rodas esvaziadas, *puzzles*…

Encontro o telescópio quase ao fundo. Resmungo ao ver que está desmontado e tento encontrar as peças todas. Pego no tripé, no suporte, no tubo e saio dali para o jardim. Encontro as partes mais pequenas, como a ocular e o buscador, numa caixa.

A minha mãe aparece quando estou a apertar os últimos parafusos.

— Há quanto tempo. Gostavas muito quando eras pequeno.

— Gosto — clarifico, conjugando o verbo no presente.

Pensei muitas vezes na razão por que a Lucy pediu à Grace para escrever num papel tudo aquilo que adorava, suponho que porque o guardei e o li tantas vezes que já o sei de cor e salteado, e acho que era um exercício de autoconsciência. Quase todas as casas do jogo derivavam em ações que nem sempre permitiam encontrar respostas de forma clara. Se não tivesse sido tão subtil, talvez não tivesse funcionado. E cheguei à conclusão de que, neste caso, era uma espécie de lembrete, um toque para chamar a atenção para si própria.

Quantas vezes pensamos que gostamos de alguma coisa só porque assim foi durante anos? Ou, ao contrário, recusamo-nos a voltar a experimentar coisas que descartámos há uma eternidade quando nós já não somos os mesmos e a pessoa que tomou essas decisões vive somente no passado, como as estrelas que vemos todos os dias?

Parar e avaliar todo o nosso mundo não é fácil. Continuas a gostar da mesma decoração ou da roupa que compraste há cinco anos? Tens os mesmos interesses de então? Preocupam-te as mesmas coisas? O que é que te define agora, não há um ano nem ontem?

— Acho que o teu pai vai ficar muito feliz — diz a minha mãe.

— Sim, pensei que iria gostar. — Sacudo as mãos.

— Isso significa que te vais embora em breve? — adivinha ela.

Assinto com a cabeça. Ela sorri e dá-me uma palmadinha nas costas antes de voltar a entrar em casa. Está frio. Novembro chegou com o seu ar gélido para retirar as últimas folhas que balouçavam nos ramos das árvores e, apesar de ser precoce, já se começa a anunciar em algumas lojas a venda de árvores de Natal. Tenho a sensação

de que está na hora de me mexer antes que o frio congele todas as minhas boas intenções.

E não paro de pensar na Grace. Imagino-a em Amesterdão, em Londres, em Paris, em Roma ou em Florença. Vejo-a a percorrer as ruas, descobrindo o mundo enquanto também se descobre a si mesma, e pergunto-me quanto a marcará esta aventura, porque já vivi o suficiente para saber que uma pessoa não regressa igual depois de uma viagem dessas.

Entro na maldita estação de serviço.

Dou uma volta pelos corredores. Por esta altura, se me contratassem para trabalhar ali, não teria problema nenhum em repor um produto porque sei exatamente onde cada coisa se encontra. No fim, como não pego em nada, vou diretamente ao balcão. O George está ali. Olha para mim com aquela expressão neutra que usa com todos os outros clientes, como se não me conhecesse. Aponto para os dónutes que estão do outro lado do vidro.

— Dá-me um par desses.

— De chocolate?

— Sim. E também um de morango.

— Está bem.

Vejo-o pegar nos dónutes com uma pinça e a enfiá-los num saco de papel. Lembro-me do George na secundária, com a cara cheia de acne e uns óculos parecidos aos que tem postos neste momento. Os sinais próprios da puberdade desapareceram, mas à primeira vista não mudou muito; no entanto, parece mais seguro de si mesmo, não encolhe os ombros nem baixa a cabeça quando alguém lhe dirige a palavra. Tem uma aliança de casamento na mão e pergunto-me como será a sua vida, se terá filhos ou se será feliz.

Respiro fundo enquanto ele pressiona uma tecla da caixa registadora.

— Ouve, George… — Ele ergue os olhos, surpreendido por usar o seu nome para me dirigir a ele, apesar de o ter escrito no crachá do uniforme. — Desculpa.

Um meio-sorriso desenha-se no seu rosto.

— Não era assim tão difícil, hem?

— Pois.

— Toma, uns rebuçados de oferta.

Ele deixa um punhado em cima do balcão.

— Isto… Obrigado — respondo.

— De nada. Seguinte!

E desvio-me para o lado para que a senhora que se segue na fila avance. Fico um

pouco confuso durante uns segundos, enquanto me afasto e dirijo ao *Jeep*. Ligo o aquecimento, apesar de ter descoberto que falha mais vezes do que funciona, uma das consequências de comprar um carro por impulso. Mas não me importa. Continuo a sentir-me confortável nele. Conduzo com calma pelas ruas residenciais e, ao chegar ao meu destino, vejo sair da casa do lado um tipo alto que destila arrogância ao caminhar. Está a olhar para o telemóvel e não lhe distingo bem o rosto, mas teria reconhecido o Josh em qualquer lugar mesmo que só o visse de costas. Considero pisar o acelerador para me aproximar dele. E depois o quê? Talvez dizer-lhe algo do género: «Como é possível que a amizade que tínhamos desde crianças te importasse tão pouco?» Estou prestes a fazê-lo quando reconsidero. Piso o travão. Não faz sentido perguntar-lhe isso, porque agora compreendo que nós nunca fomos amigos, apenas «associados»; encontrámos um no outro aquilo de que andávamos à procura, segurança ou adulação, vai dar ao mesmo. Não tenho nada para lhe dizer. Não há nada para discutir. É um beco sem saída que não penso percorrer.

— Olha agora. Vê-se perfeitamente. Está muito límpido.

Debruço-me para me aproximar do telescópio. Ali está Saturno com os seus majestosos anéis. A noite está tão clara que acho que consigo ver a Divisão de Cassini. Por um instante, volto a sentir-me como quando era pequeno, com uma paz imensa a disseminar-se pelo meu peito ao recordar que estou vivo.

Passamos assim um bom bocado, o meu pai com uma cerveja na mão e eu com uma lata de *Dr. Pepper*. Conseguimos ver a Nebulosa de Órion, que à vista desarmada parece uma mancha de algodão, e contemplamos, concentrados, a superfície irregular da Lua.

Já é quase de madrugada quando guardamos o telescópio.

Passamos a vida a medir tudo. Desde que nascemos, a primeira coisa que consta de nós é o nome e algumas medidas: cinquenta centímetros, três quilos e cem gramas de peso. E crescemos assim. As estatísticas demonstram que a posição social da família é um fator determinante para o futuro; quanto mais tens, mais vales. Ambicionamos «mais» de forma instintiva. Desejamos mais dinheiro, mais amigos, mais engates, mais viagens, mais experiência, mais recompensas. Invocamos a frustração. Porque um dia batemos com a cabeça e descobrimos, assombrados, que não conseguimos medir a nossa riqueza interior, a amizade, o amor, a esperança ou a tristeza. Perdemo-nos. Como é possível manter o controlo quando tudo aquilo em que acreditávamos se desvanece? As regras foram quebradas. Temos de começar do zero: página em branco e toca a escrever.

Se não podemos organizar o nosso mundo medindo tudo o que nos rodeia, de que

maneira haveremos de o fazer? Começo a imaginar que a minha cabeça está cheia de pequenas gavetas em que fui compartimentando a minha vida, separando isto daquilo, como se algumas partes fossem cães e outras, gatos. Tiro tudo cá para fora. Guardado, doía menos, mas só assim posso organizar o caos. Vou-me vendo a pouco e pouco, conforme o passado e o presente se entrecruzam. Limpo o pó. Deito fora coisas como a desilusão ou a culpa. Puxo o lustre.

Ordeno a cabeça.

60

Grace

Está a acontecer o que tinha temido: vou ter de encurtar uma parte da viagem por falta de tempo e recursos. Decido ir a Roma porque dediquei mais tempo a ler o guia dessa cidade que trouxe da biblioteca. Ali, quando me sento em frente do Coliseu depois de andar tanto que sinto as plantas dos pés dormentes, penso em como o meu mundo é pequenino, como eu sou pequenina, como os meus sonhos são pequeninos. Ink Lake, aquele pedaço de terra no qual condensava toda a minha existência, é tão anedótico no planeta Terra que, de repente, sinto uma ternura irracional ao recordar o meu lar. Viajar também oferece isso: a nostalgia do que se deixou para trás, apreciar o próprio de forma diferente. E medito sobre os cheiros, sobre o facto de sempre ter pensado que a nossa casa não tinha nenhum aroma. Talvez não fosse bem assim. Talvez sejamos incapazes de perceber o que temos colado à pele, porque rapidamente me convenço de que, quando regressar, serei capaz de o distinguir assim que cruzar a ombreira da porta.

Em Roma, perco-me de igual forma entre as suas ruas, museus e edifícios. Uma pessoa pensa que, depois de tanta beleza, ficaria anestesiada em relação a tudo o resto, mas a mim acontece-me justamente o contrário. De repente, encontro também a beleza nuns *bucatini* com tomate, na decadência de algumas ruelas, num grafíti reivindicativo na parede ou num casal a partilhar um gelado nos arredores da Fontana di Trevi.

Afinal, a vida é bela e pronto.

É o lugar onde me sinto mais segura, porque perdi o medo de me desorientar ou de me fazer entender num idioma que não domino, mas, ao mesmo tempo, também começo a notar o cansaço após mais de dois meses de viagem e a solidão nem sempre é simpática; por vezes, torna-se lancinante.

Por isso, penso frequentemente na minha casa. E no Will.

Pergunto-me a toda a hora o que andará a fazer e sinto o desejo de partilhar cada coisa com ele. Esta comida, esta paisagem, esta curiosidade, esta reflexão, esta dúvida, este olhar, esta piada, este sorriso, esta parvoíce, esta sensação. E, se isso não

é amor, então já não sei nada.

Esforço-me por ignorar a sua ausência.

Falo assiduamente com os meus pais e com o avô. Envio uma ou outra fotografia à Olivia, que responde da mesma forma. O meu diário transformou-se numa das minhas posses mais valiosas e está a rebentar pelas costuras. Nele, guardo não só o que sinto, mas também recibos de comida, bilhetes de museus, folhas secas de árvores de cada cidade e pacotes de açúcar vazios. Imagino o que acharei de mim, desta rapariga que sou agora, quando o ler, quiçá, daqui a dez, vinte ou quarenta anos. E gosto da ideia de me expressar nas páginas para poder regressar a esta versão da Grace sendo outra diferente.

Compreendo que amadurecer não é saber logo aquilo a que nos queremos dedicar para o resto da nossa vida nem é concederem-nos uma hipoteca para comprar um apartamento. Amadurecer é deixar de viver para fora e começar a viver para dentro. Quando nos apercebemos de que somos um ser humano único e adquirimos uma consciência profunda da nossa própria existência.

Ao despedir-me das ruas de Roma e daquela luz que só vi em Itália, sinto-me em paz. E é assim que me dirijo ao meu último destino. É assim que quero pôr o ponto final no meu próprio mapa dos desejos.

61

Will

A lembrança que guardava da cidade era distinta. Costumava sentir-me confortável enquanto passeava pelas ruas de Nova Iorque, quase em casa, mas agora tenho a impressão de que sabe que sou um intruso e que só estou de passagem. O ambiente ruidoso atordoa-me por um momento e tomo fôlego antes de virar na última esquina e esperar diante de um sinal vermelho. Continuo a caminhar quando muda para verde e todos os demais retomam o passo.

A porta do edifício está exatamente igual. O vestíbulo também. Até o porteiro é o mesmo homem. É estranho regressar a um lugar que não mudou quando nós mudámos bastante. O chão alcatifado de vermelho abafa-me os passos enquanto avanço. Indico ao homem o número do apartamento ao qual me dirijo e ele assente e abre-me a porta do elevador. Entro na pequena caixa de metal. Engulo em seco com força. Subo diretamente até ao último nome da minha lista: Lena Sawn.

Toco à campainha do que antes foi o meu lar. Lembro-me de encaixar a chave na fechadura e tenho a sensação de que tal ocorreu há uma eternidade, quase noutra vida.

A Lena abre a porta.

Tem o mesmo penteado que da última vez que nos vimos, uma cabeleira castanha que lhe chega a meio das costas. Tem os óculos postos, embora nunca saia de casa com eles, pois usa lentes de contacto lá fora, e a barriga arredondada destaca-se no seu corpo pequeno.

— Uau… — digo. — Estás estupenda.

— Anda, entra. — Ela suspira profundamente.

A casa não está tão intacta como o edifício. A mudança mais evidente é que alguns móveis já cá não estão, imagino que sejam aqueles que a Lena decidiu levar consigo para o seu novo apartamento, mas há pequenos pormenores materiais da história que partilhámos juntos. Comprámos o quadro do corredor numa galeria de arte em Brooklyn, o tapete grená da sala fui eu que escolhi e decidimos renovar os radiadores que agora permanecerão neste andar para que outras pessoas usufruam deles. É

curioso o rasto inevitável que os humanos deixam à sua passagem. É como caminhar pela neve: há sempre pegadas.

— As tuas coisas estão ali. — Ela aponta para um quarto ao fundo no qual foi guardando bugigangas aleatórias; entre elas, as minhas.

— Obrigado por guardares tudo, Lena.

— Claro. Eu… — Ela esfrega o braço. — Não tinha a certeza.

Viro-me para ela. O seu desconforto é tão palpável que, por um instante, me imobiliza, mas logo me lembro do que aconteceu e imagino aquilo por que deve ter passado. Vejo-a a falar com os seus pais exigentes e a contar-lhes sobre o sucedido. Vejo-a a cancelar o casamento na igreja, as encomendas de flores, o copo-d'água, o vestido e tudo o resto. Vejo-a a dar as explicações que eu não tive de dar, porque na minha cabeça a cidade de Nova Iorque e tudo o que ali deixei simplesmente deixaram de existir. Enterrei-a.

— Lena… — Tenho a voz rouca.

— Não é preciso dizeres nada. Vai só… ver das tuas coisas, por favor. Os meus pais querem pôr o apartamento a arrendar no próximo mês, por isso…

— Claro.

Ela assente e afasta-se pelo corredor.

Entro no quarto e dou uma vista de olhos aos meus antigos pertences, mas trata-se apenas de uma forma de fazer tempo, porque sei que não vou levar nada comigo. Há uma pasta com relatórios e relembro alguns casos em que trabalhei ao revê-los por alto; não sei exatamente o que me reserva a vida, mas sei que continuo a gostar de Direito e acho que, agora que finalmente estou a pôr tudo em ordem, devia resgatar o pouco que ainda resta de valor dessa versão do passado, como aquilo que estudei.

Saio dali dez minutos depois sem ter visto tudo.

A Lena está na sala, sentada numa cadeira de linhas modernas, com os olhos cravados numa lareira que serve apenas como adereço. Todo o seu corpo parece estar tenso. Respiro fundo e rodeio-a para me posicionar à sua frente. Ela sobressalta-se ao ver-me.

— Já acabaste? — pergunta ela.

— Sim. Deita tudo fora. Ou doa. Como quiseres.

— Tudo? — Ela põe-se de pé. — Há roupa, coisas de valor e…

— A verdade é que só queria vir aqui pedir-te desculpa.

A Lena pestaneja com incredulidade e, a seguir, leva uma mão aos rins, como as grávidas costumam fazer. Atinge-me a ideia de que este poderia ter sido o meu futuro se tudo tivesse prosseguido como planeado e é estranho estar plantado à sua frente, pois tenho a sensação de ter vivido várias vidas. Talvez todos o façamos; é

provável que cada pessoa tenha centenas de «o que poderia ter sido e não foi».

— Apanhaste um avião para Nova Iorque para me dizer isso?

— Suponho que sim. — Inspiro profundamente e sacudo a cabeça. — Olha, fui um imbecil. Tu eras incrível e eu… bem, digamos que não estive à altura.

— Não vou discordar.

Encaramo-nos fixamente durante uns segundos, enquanto os seus olhos se embaciam de lágrimas. Vejo-a lutar em vão para evitar chorar à minha frente. Quando me aproximo, ela afasta-se. Respira fundo e tenta acalmar-se.

— Estava apaixonada por ti — sussurra. — E foi… duro.

— Lamento imenso, Lena. Se pudesse voltar atrás… — Não lhe digo que a nossa relação estava destinada a fracassar de uma maneira ou de outra, mas acho que ela percebe. Porém, teria mudado tudo o resto. O que fiz. Cada ato egoísta.

Ela encolhe os ombros e limpa as lágrimas.

— Enfim, suponho que, se tivesse continuado contigo, nunca teria conhecido o futuro pai da minha filha. Foi o homem com que tive de discutir acaloradamente para anular a reserva da propriedade rústica onde se serviria o copo-d'água. Uma coisa levou à outra…

— Uau. — Sorrio.

— Sim, uau. O meu pai odeia-o.

— Isso só pode significar que estás com o homem certo.

Escapa-se-lhe um sorriso pequeno e depois ela suspira e fita-me.

— Sempre tiveste o dom de escapar à tangente.

— A verdade é que estou a tentar seguir em linha reta.

— É um primeiro passo.

Não temos muito mais para dizer um ao outro. A Lena acompanha-me à porta e voltamos a entreolhar-nos em silêncio. Ambos sabemos que será a última vez que o faremos.

— Cuida-te — sussurro.

— Tu também, Will.

O estalo da fechadura ressoa no corredor vazio e marca o final definitivo da nossa história juntos e, em parte, da minha vida em Nova Iorque. Enquanto o elevador desce os dezassete andares que me separam do solo, sinto-me mais leve. Ao sair para a rua, apesar de estar rodeado de arranha-céus, tenho a sensação de que estou a flutuar.

A Grace tinha razão.

Para seguir em frente, devemos fechar as portas que fomos deixando abertas; caso contrário, corremos o risco de enfrentar correntes de ar imprevistas.

O peso diminui à medida que avanço. As emoções mais negras diluem-se como

aguarelas em água. O futuro adivinha-se estranho e incerto, mas cheio de possibilidades.

Seguindo a tradição anual, a cidade começou a vestir-se com enfeites natalícios; as montras competem entre si para chamar a atenção dos visitantes, o céu nublado anuncia chuva ou, porventura, talvez acabe por nevar ao anoitecer. O frio é intenso, mas, longe de me incomodar, satisfaz-me senti-lo a beliscar-me a pele.

Estamos em finais de novembro e, pela primeira vez em muito tempo, sei exatamente para onde vou.

62

Grace

Perguntei-me muitas vezes como me sentiria quando chegasse este dia e em nenhuma das minhas fantasias estava a correr desesperadamente pelas ruas de Viena.

É dia vinte e nove de novembro. Passou um ano desde que a Lucy respirou o seu último fôlego e fechou os olhos para sempre, desde que sustive a sua mão inerte entre as minhas enquanto sentia uma centena de insetos a devorar-me por dentro, desde que o mundo se alterou porque ela partiu, embora esse mundo não o saiba. Mas é mesmo assim. Sempre que alguém morre e nasce, tudo se repõe; é uma engrenagem que gira, se quebra e se torna a encaixar. Parece que não aconteceu nada, mas tenho a certeza de que, de perto, se conseguem ver pequenas fissuras e entalhes que simbolizam a tristeza e a felicidade.

Consigo apanhar um táxi e indico o meu destino ao condutor: o palácio Belvedere.

Após dez minutos de trajeto, em pleno coração de Viena, surge o edifício barroco rodeado de jardins. É inevitável ficar sem fôlego ao vê-lo. Não só devido ao seu esplendor, mas porque sei o que alberga numa das suas galerias.

Pago ao taxista, espero, consigo entrar, desloco-me com vagar pelas salas e tento decifrar o mapa do folheto em que peguei. É tarde. O palácio encerrará em breve as suas portas e eu encontro-me perdida na sua imensidão. Se, durante estes últimos meses, as cidades que me acolheram não me tivessem posto à prova uma e outra vez, teria desistido. Mas não o faço. Consigo acalmar-me, pergunto a uma mulher que não fala o meu idioma, mas que consegue fazer-se entender através de alguns gestos.

E avanço até ao lugar indicado.

Há mais pessoas ali dentro, mas todas se tornam invisíveis assim que os meus olhos pousam no quadro que se ergue, imponente, na sala. É enorme, com quase dois metros de altura e de largura. O icónico beijo de Gustav Klimt reina em todo o seu esplendor.

Admiro-o em silêncio. Absorvo a imagem e concentro-me em cada detalhe; a maneira de combinar as duas e as três dimensões, que a roupa dela tem motivos florais e arredondados, mas que a dele está estampada com formas retangulares. O

uso do ouro como pigmento, o seu brilho ligeiro, e também a prata. A delicadeza que desprende o jardim aos pés dos amantes e eles, a abandonarem-se nos braços um do outro. Sempre pensei que o amor é tão instável como o clima, mas a ternura e a intimidade são resistentes.

E é então que me apercebo da sua presença.

Move-se devagarinho, como o faria um gato a meio da noite, mas sinto-o. Sinto-o porque lhe reconheço o cheiro, a maneira como o seu corpo se eleva ao meu lado, a distância exata entre a sua cabeça e a minha e a rigidez dos seus ombros.

O Will está aqui.

Depois de quase três meses sem nos vermos, encontramo-nos diante de *O Beijo*. Não viro a cabeça, não digo nada, quase nem respiro. Por fora, transformo-me numa estátua, embora por dentro todo o meu ser pareça tornar-se líquido e instável. Não sei durante quanto tempo permanecemos calados até a sua voz chegar como uma cascata e me inundar.

— Pensei no que me disseste naquela noite na roda-gigante.

— Não me lembro — minto.

— Sobre como, essencialmente, todos estamos a morrer e que, se tivéssemos um cronómetro onde poder ver o tempo que nos resta, não saberíamos o que fazer.

— Sim.

Não quero olhar para ele. Não quero. Pior ainda: não consigo. Tenho a sensação de que ele se esfumará se o fizer, que deixará de ser real e confirmarei que não passa de uma ilusão.

— Já descobri há muito tempo com quem gostaria de partilhar esse tempo.

As palavras conseguem desentorpecer-me e atrevo-me a virar a cara para o fitar.

Está o mesmo de sempre e, simultaneamente, diferente. Cortou o cabelo e tem vestida uma camisa clara sob o casaco preto. Nos seus olhos há… mais luz. Esperança. A bruma dissipou-se. E tudo nele continua a parecer-me tão fascinante como me lembrava.

O Will aproxima-se mais um pouco. E eu tremo. Tremo por causa dos nervos e da antecipação. Tremo porque a sua presença, o que isto poderia significar, me impressiona. Quando perdemos algo e o encontramos no momento mais inesperado, compreendemos que estamos diante de um presente. E queremos abri-lo. Eu quero abri-lo.

— Não penses que o que te vou dizer é algo improvisado. — Ele parece saborear cada palavra antes de a deixar ir. — Refleti muito antes de me dar conta de que, de entre todas as coisas que poderia fazer ou todas as pessoas com quem poderia estar, só queria passar este tempo ao teu lado. É assim tão simples e complicado.

— Will…

— Espera, deixa-me acabar. — Ele faz uma pausa e desvia os olhos do quadro que temos à nossa frente. — Tinha de voltar a encaixar as peças da minha vida. Tu tinhas razão. Devia aceitar quem fui para poder decidir quem quero ser, porque continuar a fugir ou esconder-me era só coser remendos. E não vou negar que enfrentar as partes mais feias e escuras de mim mesmo é duro, porque reconhecê-las as torna reais, mas agora percebo o que me tentavas dizer naquela última noite na caravana e agradeço o que fizeste por mim. Precisava… de um empurrão. Um empurrão na direção certa.

Quando dirijo a vista para ele, compreendo que um olhar pode significar tudo. As palavras são efémeras, os gestos podem ser teatrais, mas os olhos… os olhos não mentem. Um olhar pode ser demolidor e deixar-nos ver num só instante o que alguém esconde no mais fundo do seu coração.

— Espero que não seja demasiado tarde.

— Chegaste mesmo a tempo — garanto-lhe.

Não quero chorar, mas *O Beijo* começa a distorcer-se lentamente; as cores misturam-se, o dourado funde-se com o manto de flores. E aquela visão desfocada é linda em si mesma. Recupero o fôlego e, mal me mexendo, estendo a mão e encontro a dele. O seu calor contrasta com o frio do qual nunca me consigo desprender. Reconheço os seus nós dos dedos, a forma das unhas, a textura suave da sua pele. Vi estas mãos folhearem as páginas de um livro e acariciarem todo o meu corpo. E senti profundamente a falta delas. A falta dele.

— Não penso soltar-te.

— Está bem. — O Will sorri.

Entrei sozinha na galeria, mas saio com ele, juntos.

Durante uns minutos, afastamo-nos em silêncio do palácio, para nos embrenharmos na monumental cidade nas margens do Danúbio. As suas ruas estão preparadas para a chegada do Natal, acabam de acender as luzes e as pessoas passeiam entre as barracas, os cafés e os estabelecimentos abertos.

— E agora? — pergunto.

— Agora está a anoitecer em Viena.

— Não era uma pergunta literal — digo.

O Will sorri sem me soltar a mão. A avenida que transitamos cheira a algo doce que não sei identificar e sinto-me um pouco enjoada com tantas emoções.

— Devíamos conhecer-nos — propõe ele, e eu arqueio as sobrancelhas. — Sim. Imagina que nos vimos pela primeira vez naquela sala da galeria. Chamaste-me a atenção porque… gosto do teu casaco novo. É um padrão com libelinhas?

— Sim, comprei-o numa loja em segunda mão em Londres.

— És uma rapariga aventureira, portanto.

Teria respondido que não quando os nossos caminhos se cruzaram pela primeira vez na primavera passada, mas agora, alguns meses depois, dou por mim a assentir e a sorrir.

— Pois sou. Adoro viajar.

— Eu também gosto.

Paramos de caminhar e olhamos um para o outro.

— Chamo-me Grace Peterson.

— Will Tucker. Prazer.

Ele traça espirais no dorso da minha mão. É um gesto pequeno que me parece enorme e me faz encolher a barriga.

— Tens tudo esclarecido na vida?

— Só o que é importante — responde.

— Bem, há que deixar espaço para a improvisação. — Estamos muito próximos, as pessoas avançam em nosso redor e sei que é provável estarmos a atrapalhar, mas não me importo porque, de repente, ao fitá-lo, o resto deixa de existir. — Gostava de te fazer mais algumas perguntas antes de passar voluntariamente o serão com um completo desconhecido. Acho que é compreensível — brinco.

— Claro. Força.

— Doce ou salgado?

— Salgado.

— Cor preferida?

— Hum… Roxo.

— De onde és?

— Nebrasca. Nasci numa pequena cidade chamada Ink Lake.

— Acreditas em fantasmas?

— Não.

— Alguma vez te apaixonaste?

O Will levanta uma sobrancelha e depois sorri lentamente sem parar de olhar para mim.

— Não é um bocadinho atrevido perguntar uma coisa dessas a um desconhecido?

— Responde só — rogo-lhe.

— Já sabes, Grace. Tu sabes.

— Mas quero que mo digas.

Ambos nos esquecemos do jogo quando o Will se inclina para mim. Por um momento, acho que me vai beijar, mas passa ao lado e sussurra-me ao ouvido:

— Sim. Apaixonei-me por uma rapariga que gostava de perucas coloridas, as

grainhas das uvas, o cheiro dos marcadores e as escadas em caracol…

— Não a devias deixar escapar. Parece interessante, essa rapariga — retruco.

— E é. Roubou-me o coração.

Dá-me vontade de rir e ele envolve-me a cintura com os braços. Tem piada o facto de soar tão piroso e também o de acabarmos a falar na terceira pessoa, quase uma tradição entre nós. Sinto o nariz vermelho devido ao frio. Ele estica a mão para fazer abanar o pompom do gorro de lã colorido que tenho na cabeça e ouve-se tilintar, porque lá dentro se encontra um diminuto guizo.

— Will, acho que a tua rapariga só quer que te esqueças do seu gorro e a beijes de uma vez por todas.

— Hum. Achas que sim?

Está a dar-me cabo do juízo de propósito. Sei que sim. Conheço-o.

— Sem dúvida.

Ele ainda sorri quando os seus lábios roçam os meus tão suavemente que a impaciência me impulsiona a pôr-me em bicos dos pés para aprofundar este beijo sob o céu de Viena. Ficamos ali parados a reconhecer-nos na boca um do outro. Se isto fosse um filme, a câmara começaria a afastar-se dos protagonistas e, pouco a pouco, confundir-se-iam com o resto das pessoas que passeiam pela cidade. Qualquer um diria que são mais um casal no meio de um mar de pessoas, mas neste momento sentem-se únicos, pletóricos de felicidade. Afinal, é precisamente essa a magia do amor.

Epílogo

Querida Lucy:

Talvez gostasses de saber que, após uns dias inesquecíveis a percorrer a bela Viena (quando conseguíamos abandonar o quarto), estou num comboio com destino incerto, porque ainda não decidimos em que estação vamos sair.

É tarde e, à minha frente, o Will está a dormir.

Se esticar o braço, consigo tocar-lhe na bochecha. E isso faz-me sentir sortuda. Não paro de pensar que, de certo modo, tu entrelaçaste os nossos caminhos tanto através do jogo como no final, quando ele me encontrou em frente do quadro porque sabia que nesse dia estaria na galeria.

Não sei o que será das nossas vidas. Não sei se me vão aceitar na universidade no próximo ano ou se ele fará aquele mestrado que lhe interessa enquanto trabalhamos no que encontrarmos e pedimos um empréstimo estudantil. Não sei se viveremos os dois em São Francisco, talvez partilhando um apartamento, ou se teremos de manter uma relação à distância durante algum tempo. Não sei se envelheceremos juntos ou se acabaremos por seguir caminhos separados, mas o que sei é que, neste preciso momento, ele é a minha pessoa favorita e quero viver intensamente com ele cada segundo.

Durante este ano, aprendi muito graças a ti e às tuas ideias mirabolantes.

Fizeste-me compreender a diferença entre olhar e ver, ouvir e escutar, rir e ser feliz, perder e esquecer, atrever-se e ser corajoso, existir e ser.

E compreendi que sou o resultado de tudo o que me aconteceu, do que ganhei e do que perdi, mas também das coisas que não vivi. Por isso, não sei quem serei amanhã, depois de amanhã ou daqui a um ano. Mas tenho o pressentimento de que, seja o que for que decida fazer, fá-lo-ei apaixonadamente. Decidi que, se chorar, chorarei até me desafogar; se rir, que seja até me doer a barriga; e se amar, penso fazê-lo apostando tudo num só número e de coração aberto.

Somos tempo. Ossos, carne e tempo. E tudo o resto são só adereços desta obra de teatro chamada vida. Portanto, vou desfrutar de cada instante pelas duas, por ti e por mim, e, se alguma vez tiver a sorte de te voltar a ver, vou contar-te tudo como me pediste, prometo.

Lucy, adoro-te até ao infinito e mais além.

Com amor, Grace.

Agradecimentos

Escrever *O Mapa dos Desejos* não foi fácil, mas tenho a sorte de estar rodeada de pessoas que contribuíram para que as palavras fluíssem umas atrás das outras até acabar por se transformar neste romance que tens nas tuas mãos.

Quero agradecer à Editorial Planeta e a todas as pessoas maravilhosas que trabalham todos os dias para podermos continuar a sonhar com histórias e embrenhar-nos noutros mundos. Em especial, não podia estar mais agradecida à Lola Gulias, que depositou a sua confiança neste livro desde que lhe falei sobre a Grace Peterson; à Raquel Gisbert, que me apoia a cada passo que dou; e à Laia Manchón, que sempre defendeu os meus romances com carinho e dedicação. O resto da equipa é igualmente incrível.

Ao Pablo Álvarez, o meu agente, que é um perito em cartografia no que toca a escolher um caminho e que me acompanha neste mundo das letras.

À minha mãe, que trabalhou durante muitos anos em Oncologia Pediátrica e que, juntamente com várias colegas, me ajudou a informar-me para escrever esta história. Se houver algum erro, sem dúvida que é culpa minha e peço desculpa de antemão.

À Bea, que desde o início me lê com tanto carinho.

À Julia, porque as nossas conversas sobre livros fazem-me sempre pensar.

À Abril Camino, que aceitou ser minha revisora, apesar dos prazos apertados, e que me oferece a sua amizade todos os dias. À Neïra, porque coincidirmos na hora de escrever é a coisa mais terapêutica que há. À Saray, porque sei que posso contar sempre com ela. À Dani, que é aquele abraço cálido que reconforta apesar da distância. À María Martínez, à Cherry Chic, à Alexandra Roma e muitas outras colegas que conseguem que este ofício tão solitário e íntimo seja ainda melhor (e mais divertido, já agora).

À minha família, que me apoia em tudo.

Às minhas leitoras, por me acompanharem história após história e confiarem que ainda tenho mais alguma coisa para dizer, inclusive quando sou assaltada pelas inseguranças.

E ao Juan, porque a vida é infinitamente melhor desde que avançamos pela mesma rota no nosso mapa dos desejos particular. Daqui até ao fim.